



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GIRLLAYNNE GLEYKA BEZERRA DOS SANTOS MARQUES

**IRONIA COMO ESTRATÉGIA DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS
DE 2018**

Recife

2024

GIRLLAYNNE GLEYKA BEZERRA DOS SANTOS MARQUES

**IRONIA COMO ESTRATÉGIA DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS
DE 2018**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como instrumento de avaliação e requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras – Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Ríos Barreto Filho

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Marques, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos.

Ironia como estratégia de (im)polidez nos debates presidenciais de 2018 / Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos Marques. - Recife, 2024.

310f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

Orientação: Maria Medianeira de Souza.

Inclui referências.

1. Ironia; 2. (Im)polidez; 3. Debates eleitorais; 4. Gerenciamento do rapport. I. Souza, Maria Medianeira de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

GIRLLAYNNE GLEYKA BEZERRA DOS SANTOS MARQUES

**IRONIA COMO ESTRATÉGIA DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS
DE 2018**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutora
em LINGUÍSTICA em 01/03/2024.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira de Souza
Orientadora – LETRAS – UFPE

Prof.^a Dr.^a Kazue Saito Monteiro de Barros
LETRAS – UFPE

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio
LETRAS – UFPE

Prof.^a Dr.^a Giselda dos Santos Costa
LETRAS – UESPI

Prof.^a Dr.^a Lilian Noemia Torres de Melo Guimarães
LETRAS – UFRPE

Recife
2024

À Mainha, linguagem que me constitui e me atravessa.

Agradecimentos

Difícil dar conta numa página da vida que corre e nos rouba da gente...
Principalmente quando o tempo passa rápido demais e de menos.
Foram curtos-longos quatro anos, quatro cidades, muitos afetos.

Assim, agradeço ao mundo que não parou para que eu pudesse escrever essa tese.

Ao PGLetras, servidores, docentes e discentes com quem aprendo tanto.

Ao CNPq, que me sustentou quando nem a si sustentava.

A orientadores e membros da banca examinadora, pela descoberta de que caminho se conhece andando e, então, vez em quando é bom se perder.

Ao meu amor, por nossa singularidade de ser margens dentro de rios.

Aos amores que me são pausas de mil compassos.

Aos afetos que são presentes até nas ausências.

E aos desafetos também. Sobretudo, aqueles que ilustram essas páginas e me possibilitaram atestar que achar graça na desgraça é uma graça.

“Em geral, costuma-se encontrar a ironia concebida idealmente com seu lugar indicado como um momento evanescente no sistema e, por conseguinte, descrita muito brevemente; por esta razão não se pode conceber tão facilmente como é que toda uma vida pode ser levada aí, dado que o conteúdo desta vida tem de ser encarado como nada. Mas a gente não se lembra que este ponto de vista jamais se encontra na vida de maneira tão ideal como está no sistema; a gente não se lembra que a ironia, como qualquer outro ponto de vista na vida, tem suas provações, suas lutas, seus recuos, suas vitórias. Assim, no Sistema a dúvida também é um momento evanescente, mas na realidade efetiva, onde a dúvida se realiza naquele conflito constante com tudo o que quer levantar-se e subsistir contra ela [...], ela tem muito conteúdo, num outro sentido. Esta é a vida puramente pessoal, com a qual decerto a ciência nada tem a ver, se bem que um conhecimento um pouco mais próximo dela libertaria a ciência daquele *idem per idem* tautológico que atinge seguidamente tais concepções. Mas seja lá como for, ainda que a ciência tenha razão em ignorar tais coisas, quem quiser compreender a vida individual não pode fazer o mesmo.”

(Kierkegaard, 2013, p. 174-175)

“We have to teach intelligence that error itself is the source of truth.”

(Bergson, 1892 [2016], p. 8)

RESUMO

O uso de estratégias jocosas, entre as quais se destaca a ironia, para expressar discursos ofensivos tem sido frequente na contemporaneidade, sobretudo em contextos políticos, pela capacidade de se normalizar essas expressões (Wodak; Culpeper; Semino, 2021). Diante desse contexto, o presente trabalho investiga o papel da ironia na (im)polidez a partir dos debates presidenciais de 2018, por serem práticas simbólicas para outras ações políticas e serem afeitas à ironia (Aristóteles, 2007) e à (im)polidez (Tracy, 2017). No quadro investigativo, adota-se um conceito de ironia como uma estratégia discursiva, caracterizada por aresta crítica (Hutcheon, 2000) e associada ao dissenso e conflito (Culpeper; Hardaker, 2017). Já polidez e impolidez são vistas num *continuum* da (im)polidez (Eelen, 2001; Watts, 2003; Culpeper, 2011a), enquanto ações discursivas e seus efeitos de promover harmonia e/ou desarmonia da relação, o que vincula a (im)polidez aos quadros teóricos do gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005) e do trabalho de face (Goffman, 2011). Amplia-se ainda o conceito de ironia para integrar os efeitos interacionais, como sua função de ofensa, elevação de *status*, controle emocional e humor (Dews; Kaplan; Winner, 2007), que podem coexistir, sobrepor-se num processo de tingimento (Colston, 2007) ou se cancelar (Tselika, 2015). Atenta-se que a multifuncionalidade é viabilizada pelo aspecto ambíguo oriundo da circunlocução irônica (Hutcheon, 2000), numa conjunção de traços cruciais que elucidam o papel da ironia na (im)polidez. Assim, aponta-se que, devido a multifuncionalidade, ambiguidade e circunlocução, a ironia se constitui como um recurso útil para os candidatos gerenciarem seu relacionamento com os demais participantes do debate profusamente e de acordo com seus interesses particulares. Então, a pesquisa analisa o papel da ironia como estratégia discursiva e seus efeitos de (im)polidez nos debates presidenciais de 2018. Para tanto, o *corpus* mais amplo se constituiu dos debates presidenciais televisionados de 2018, construindo uma amostra das 113 interações com usos de ironia, que foi, inicialmente, tratada quantitativamente para sistematizar a conexão da ironia e (im)polidez. Em seguida, para associar as funções da ironia a seus efeitos no gerenciamento do *rapport*, sucedeu-se à análise interpretativa, situada e interacional de 16 interações irônicas, baseando a discussão em pistas de contextualização, reações e discursos presentes na interação e sugestivos de como a ironia foi compreendida e avaliada em termos de (im)polidez. A pesquisa recorreu a abordagens discursivas e pragmáticas da ironia e (im)polidez, notadamente a Sociolinguística Interacional, refletindo ainda sobre aspectos da comunicação na política. Os resultados indicam que um uso mais frequente de ironia em interações conflituosas, o que atesta sua associação a situações de dissenso. Foi notável ainda o papel de ironia no trabalho de face, pois, mesmo casual, a ironia foi usada em contextos harmoniosos, evidenciando a importância das demais

funções da ironia, como o humor e a elevação de *status*. Dessa forma, a ironia atuou, nos debates eleitorais de 2018, como um recurso de crítica, catalisando ocorrências de impolidez, mas desempenhou papel relevante para o trabalho de face, em situações conflituosas e equilibradas, demonstrando sua relevância para o gerenciamento do *rapport* em diversas direções.

Palavras-chave: Ironia. (Im)polidez. Debates eleitorais. Gerenciamento do *rapport*.

ABSTRACT

The use of jocular strategies, among which irony stands out, to express offensive speeches has been frequent in contemporary times, especially in political contexts, due to the ability to normalize these expressions (Wodak; Culpeper; Semino, 2021). Given this context, this paper investigates the role of irony in (im)politeness based on the 2018 presidential debates, as they are symbolic practices for other political actions and are prone to irony (Aristotle, 2007) and (im)politeness (Tracy, 2017). In the investigative framework, a concept of irony is adopted as a discursive strategy, characterized by a critical edge (Hutcheon, 2000) and associated with dissent and conflict (Culpeper; Hardaker, 2017). Politeness and impoliteness are seen on a continuum of (im)politeness (Eelen, 2001; Watts, 2003; Culpeper, 2011a), as discursive actions and their effects of promoting harmony and/or disharmony in the relationship, which links (im)politeness to the theoretical frameworks of rapport management (Spencer-Oatey, 2005) and face work (Goffman, 2011). The concept of irony is also expanded to include interactional effects, such as its function of offense, elevation of status, emotional control and humor (Dews; Kaplan; Winner, 2007), which can coexist, overlap in a dyeing process (Colston, 2007) or cancel each other out (Tselika, 2015). It is important to note that multifunctionality is made possible by the ambiguous aspect arising from ironic circumlocution (Hutcheon, 2000), in a conjunction of crucial features that elucidate the role of irony in (im)politeness. Thus, it is pointed out that, due to multifunctionality, ambiguity and circumlocution, irony constitutes a useful resource for candidates to manage their relationship with the other participants in the debate profusely and according to their particular interests. Therefore, the research analyzes the role of irony as a discursive strategy and its effects of (im)politeness in the 2018 presidential debates. To this end, the broader corpus consisted of the 2018 televised presidential debates, constructing a sample of 113 interactions with uses of irony, which was initially treated quantitatively to systematize the connection between irony and (im)politeness. Then, to associate the functions of irony with its effects on rapport management, an interpretative, situated and interactional analysis of 16 ironic interactions followed, basing the discussion on contextualization clues, reactions and discourses present in the interaction and suggestive of how irony was understood and evaluated in terms of (im)politeness. The research used discursive and pragmatic approaches to irony and (im)politeness, notably Interactional Sociolinguistics, also reflecting on aspects of communication in politics. The results indicate a more frequent use of irony in conflictual interactions, which attests to its association with situations of dissent. The role of irony in face work was also notable, as, even casually, irony was used in harmonious contexts, highlighting the importance of other functions of irony, such

as humor and status elevation. Thus, irony acted, in the 2018 electoral debates, as a resource for criticism, catalyzing occurrences of impoliteness, but it played a relevant role in face work, in conflicting and balanced situations, demonstrating its relevance for managing rapport in several directions.

Keywords: Irony. (Im)politeness. Electoral debates. *Rapport* management.

RESUMEN

El uso de estrategias jocosas, incluida la ironía, para expresar discursos ofensivos ha sido frecuente en la época contemporánea, especialmente en contextos políticos, debido a la capacidad de normalizar estas expresiones (Wodak; Culpeper; Semino, 2021). Dado este contexto, este trabajo investiga el papel de la ironía en la (des)cortesía de los debates presidenciales de 2018, ya que son prácticas simbólicas para otras acciones políticas y están vinculadas a la ironía (Aristóteles, 2007) y la (des)cortesía (Tracy, 2017). En el marco investigativo se adopta como estrategia discursiva un concepto de ironía, caracterizado por un filo crítico (Hutcheon, 2000) y asociado al disenso y al conflicto (Culpeper; Hardaker, 2017). La cortesía y la descortesía se ven en un continuo de (des)cortesía (Eelen, 2001; Watts, 2003; Culpeper, 2011a), como acciones discursivas y sus efectos de promover la armonía y/o la falta de armonía en la relación, que vincula al (im) cortesía con los marcos teóricos de la gestión de la relación (Spencer-Oatey, 2005) y el trabajo facial (Goffman, 2011). El concepto de ironía también se amplía para integrar efectos interaccionales, como su función ofensiva, elevación de estatus, control emocional y humor (Dews; Kaplan; Winner, 2007), que pueden coexistir, superponerse en un proceso de tinción (Colston, 2007) o cancelar (Tselika, 2015). Cabe señalar que la multifuncionalidad es posible gracias al aspecto ambiguo que surge del circunloquio irónico (Hutcheon, 2000), en una conjunción de rasgos cruciales que dilucidan el papel de la ironía en la (des)cortesía. Así, se señala que, por su multifuncionalidad, ambigüedad y circunloquios, la ironía constituye un recurso útil para que los candidatos gestionen sus relaciones con otros participantes en el debate de forma profusa y de acuerdo con sus intereses particulares. Así, la investigación analiza el papel de la ironía como estrategia discursiva y sus efectos de (des)cortesía en los debates presidenciales de 2018. Para ello, el corpus más amplio se conformó con los debates presidenciales televisados de 2018, construyendo una muestra de 113 interacciones con usos de la ironía, que inicialmente fue tratada cuantitativamente para sistematizar la conexión entre ironía y (des)cortesía. Luego, para asociar las funciones de la ironía con sus efectos en la gestión del rapport, se realizó un análisis interpretativo, situado e interaccional de 16 interacciones irónicas, basando la discusión en pistas de contextualización, reacciones y discursos presentes en la interacción y sugerentes de cómo funciona la ironía. fue entendido y evaluado en términos de (des)cortesía. La investigación utilizó enfoques discursivos y pragmáticos de la ironía y la (des)cortesía, en particular la sociolingüística interaccional, reflexionando también sobre aspectos de la comunicación en la política. Los resultados indican un uso más frecuente de la ironía en las interacciones conflictivas, lo que atestigua su asociación con situaciones de disenso. También fue notable el papel de la ironía en

el trabajo facial, ya que, incluso de manera casual, la ironía se utilizó en contextos armoniosos, destacando la importancia de otras funciones de la ironía, como el humor y la elevación de estatus. De esta manera, la ironía actuó, en los debates electorales de 2018, como recurso para la crítica, catalizando ocurrencias de descortesía, pero jugó un papel relevante para el trabajo presencial, en situaciones conflictivas y equilibradas, demostrando su relevancia para la gestión del rapport en diversas situaciones. instrucciones.

Palabras clave: Ironía. (Des)cortesía. Debates electorales. Gestión interrelacional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PERSPECTIVAS DE ESTUDO SOBRE A IRONIA	31
2.1	PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E ORATÓRIAS SOBRE A IRONIA	31
2.2	PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS SOBRE A IRONIA	36
2.3	PERSPECTIVAS SOCIODISCURSIVAS SOBRE A IRONIA	47
3	PERSPECTIVAS DE ESTUDO SOBRE A (IM)POLIDEZ	55
3.1	PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE A (IM)POLIDEZ	55
3.2	PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS SOBRE A (IM)POLIDEZ	58
3.3	PERSPECTIVAS SOCIODISCURSIVAS SOBRE A (IM)POLIDEZ	64
4	DEBATE ELEITORAL E SUA RELAÇÃO COM A IRONIA E A (IM)POLIDEZ	83
4.1	DEBATE ELEITORAL: ENGAJAMENTO, EMOÇÃO E IMAGEM	83
4.2	IRONIA E (IM)POLIDEZ COMO TRABALHO DE FACE NO DEBATE ELEITORAL	94
5	ASPECTOS METODOLÓGICOS	112
5.1	PANORAMA DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS	112
5.2	OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	115
6	ESTRUTURAÇÃO DO DEBATE ELEITORAL E AS ORIENTAÇÕES DE <i>RAPPORT</i>	124
6.1	A OCASIÃO SOCIAL ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018	125
6.2	OS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018 COMO AJUNTAMENTOS	130
6.3	ENCONTROS OU TROCAS INTERACIONAIS	139
6.3.1	Considerações finais	140
6.3.2	Perguntas institucionais	146
6.3.3	Confrontos diretos	156
7	IRONIA E EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018	178
7.1	PANORAMA DO USO DE IRONIA E SEUS EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018	178

7.2	FUNÇÕES DA IRONIA NO GERENCIAMENTO DO <i>RAPPORT</i> E SEUS EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES ELEITORAIS	183
7.2.1	Ironia com função de controle emocional	184
7.2.1.1	Em <i>rapport</i> de aprimoramento	184
7.2.1.2	Em <i>rapport</i> de desafio em confronto direto	187
7.2.1.3	Em <i>rapport</i> de desafio em perguntas institucionais	196
7.2.1.4	Em <i>rapport</i> de negligência	201
7.2.2	Ironia com função de elevação de <i>status</i>	206
7.2.2.1	Em <i>rapport</i> de aprimoramento	207
7.2.2.2	Em <i>rapport</i> de desafio	213
7.2.2.3	Em <i>rapport</i> de manutenção	221
7.2.2.4	Em <i>rapport</i> de negligência	227
7.2.3	Ironia com função de humor	235
7.2.3.1	Em <i>rapport</i> de aprimoramento	236
7.2.3.2	Em <i>rapport</i> de desafio	240
7.2.3.3	Em <i>rapport</i> de manutenção	249
7.2.3.4	Em <i>rapport</i> de negligência	255
7.2.4	Ironia com função de ofensa	262
7.2.4.1	Em <i>rapport</i> de aprimoramento	266
7.2.4.2	Em <i>rapport</i> de desafio	266
7.2.4.3	Em <i>rapport</i> de manutenção	276
7.2.4.4	Em <i>rapport</i> de negligência	282
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	293
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	299

1 INTRODUÇÃO

“Como toda Filosofia inicia pela dúvida, assim também inicia pela ironia toda vida que se chamará digna do homem”
(Kierkegaard, 2013, p. 21).

A presente pesquisa reflete sobre como as pessoas recorrem à ironia verbal quando se encontram em situações de tensão (Chambers, 1990; Hutcheon, 2000) e de que forma a ironia permite que os indivíduos interajam de modo mais estratégico, embora a própria ironia possa ser subvertida (Hutcheon, 2000; Marques, Barros; Costa, 2015; Marques, 2022). Para tanto, investigamos os usos da ironia feitos por candidatos nos debates presidenciais de 2018, e analisamos qual o papel da ironia nos efeitos de (im)polidez, ou seja, como o uso de ironia atua no gerenciamento de situações de consenso e/ou dissenso, contribuindo para que os participantes realizem seus objetivos interacionais. Notamos, em nossas análises, que a ironia foi relevante para elaborar críticas e causar ofensas, num funcionamento condizente com a concepção da ironia dotada de aresta crítica e de viés avaliativo (Hutcheon, 2000; Brait, 2008). Por outro lado, destacamos que a ofensa não foi a única função exercida pela ironia, pois, nas interações analisadas, identificamos outras funções, que contribuiriam principalmente para o trabalho de imagem que os participantes buscaram construir sobre si e sobre o outro.

Admitindo que a questão de pesquisa versa essencialmente sobre os sentidos que os interactantes produzem sobre como interagem conjuntamente (Arundale, 2006), concebemos a língua e as práticas de linguagem como formas de interação e assumimos que sentidos são construídos de forma cooperativa e negociada pelos participantes (Marcuschi, 2008). Nessa direção, a ironia é concebida como recurso da linguagem em uso (Hutcheon, 2000; Brait, 2008), assim, embora o ironista – como é chamado quem usa a ironia como estratégia discursiva (Hutcheon, 2000) – projete em sua fala certos significados irônicos, esses sentidos são passíveis de disputas interpretativas (Hutcheon, 2000; Marques, 2022). Portanto, nossa perspectiva é de que o sentido irônico se efetiva na interação, sendo um sentido potencial, o que nos distingue de teorias tradicionais da ironia como antífrase, ou seja, oposto do que foi dito, embora outros aspectos das abordagens tradicionais sejam oportunos à nossa pesquisa, como a aresta crítica e o vínculo da ironia com a polêmica, o conflito e emoções negativas.

Assim, para nosso conceito de ironia são princípios sua construção ambígua e sua natureza dissimuladora, o que caracteriza o sentido irônico como fluido e qualquer efeito irônico como estabelecido apenas de forma situada na interação. Admitimos, então, que um

texto pretendido como uma crítica irônica pode ser interpretado de forma distinta, se, por exemplo, o interlocutor enfatizar o humor, em vez da crítica, o que atenuaria a ofensa. Por isso, julgamos pertinente a proposta de Dews, Kaplan e Winner (2007), que enfatiza as múltiplas funções da ironia, como controle emocional, elevação de *status*, humor e ofensa, argumentando ainda essas funções podem se sobrepor. Isso manifesta a possibilidade de um enunciado irônico desempenhar mais de uma função, reforçando a necessidade de abordar os sentidos irônicos contextualmente. Assim, para discutir efeitos da ironia, sobretudo de causar e atenuar ofensas, recorreremos aos estudos de (im)polidez, tomada aqui como processo de avaliação subjetiva que os falantes fazem sobre os comportamentos uns dos outros (Spencer-Oatey, 2005).

No termo (im)polidez, o prefixo (*im-*) busca demarcar o caráter não dicotômico do fenômeno, sua ocorrência em um *continuum* de modo dinâmico e negociável entre os interactantes (Barros, 2017; Watts, 2003). Articulamos à discussão ainda a noção de *rapport*, formulada por Spencer-Oatey (2005) para se referir à harmonia e/ou desarmonia durante um encontro particular, principalmente pelo quadro teórico e analítico proposto pela autora sobre os parâmetros que os falantes mobilizam para gerenciar o *rapport*, o qual permite evidenciar as bases relacionais do processo de avaliação da (im)polidez. Spencer-Oatey propõe que o *rapport* pode ser conduzido em quatro orientações: desafio, negligência, manutenção e aprimoramento, que também são processuais e dinâmicas (Spencer-Oatey, 2005). A autora ainda destaca a relevância da relação entre os indivíduos para a avaliação de (im)polidez, pois o relacionamento impacta sensivelmente como eles compreendem e avaliam suas ações (Spencer-Oatey, 2005; Culpeper, 2011b; Culpeper; Hardaker, 2017), inclusive, aquelas permeadas por ironia.

Sabemos também que a ironia pode modificar o *status* de relações estabelecidas pelos falantes previamente, a exemplo de estudos tradicionais de polidez (Brown; Levinson, 1985; Leech, 1983) que consideraram a ironia uma forma positiva de socialização, por estar atrelada a certo grau de presunção de conhecimento compartilhado entre os falantes e ao pertencimento de ironista e interpretador a um mesmo grupo social (ver Hutcheon, 2000). Além disso, estudos da ironia têm focado seu viés desafiador, em âmbito filosófico (Platão, 1965; Kierkegaard, 2013) ou discursivo (Hutcheon, 2000; Brait, 2008), argumentando que a indiretividade socializa certos sujeitos, mas exclui outros, sobretudo aqueles alvos da aresta crítica. Diante da natureza multifacetada da ironia, consideramos que ambas as posições parecem plausíveis, o que reitera a necessidade de analisar o funcionamento irônico em usos reais, considerando características da prática discursiva e delineando situadamente seus efeitos interacionais, se mais ofensivos e/ou amigáveis, e os aspectos envolvidos na construção desses sentidos.

Dessa forma, delimitamos nossa investigação sobre a relação entre ironia e (im)polidez a partir de interações dos debates presidenciais de 2018, que ocorrem numa ocasião social mais ampla, as eleições gerais¹. A relação entre ironia e debate já foi elaborada por Aristóteles (2007), sendo a ironia uma estratégia efetiva em debates por explorar o ridículo do oponente, mas, ofendendo de forma indireta e evasiva, proteger o ironista de eventuais retaliações (Hutcheon, 2000; Tselika, 2015). De fato, explorar o ridículo do oponente condiz com a natureza competitiva das eleições, o que torna o debate uma atividade propensa ao conflito (Tracy, 2017; Blas-Arroyo, 2011; Martino; Marques, 2022), em que derrotar o adversário é um objetivo típico. Por outro lado, os debates são vistos como espaços para os candidatos discutirem suas propostas (Blas-Arroyo, 2011), consoante com um ideal racional da disputa política e da escolha eleitoral baseada em propostas (Habermas, 2022). Isso demarca a relevância democrática dos debates, associando-os ao contexto jornalístico e justificando, inclusive, a participação dos candidatos, apesar dos riscos envolvidos. Isso porque o clima de tensão já instaurado pela disputa eleitoral se intensifica nos debates diante do contato direto entre adversários, que interagem face a face, podendo intervir sobre as condutas uns dos outros (Martino; Marques, 2022; Blas-Arroyo, 2011) e se colocando mais vulneráveis diante de um potencial jogo de causar danos reciprocamente (Blas-Arroyo, 2011).

Em resumo, notamos que nos debates, enquanto discurso político, os candidatos buscam informar ao eleitor suas propostas e se apresentarem como a melhor escolha eleitoral, porém é fundamental atentar que os debates também são práticas midiáticas, o que implica a participação de atores midiáticos, que buscam engajar a audiência despertando o interesse do telespectador. Para tanto, esses atores maximizam elementos do entretenimento, sobretudo o viés competitivo, sendo pertinente explorar certo grau de antagonismo (Habermas, 2014; Martino; Marques, 2022), o que aciona as emoções da audiência permitindo cativá-la. Além disso, esses aspectos do entretenimento associados à midiatização dotam os debates de um teor espetaculoso (Martino; Marques, 2022), sobretudo por seu alcance e registro serem relevantes na conduta dos participantes, dada sua organização por emissoras de televisão e sua transmissão em redes de televisão e internet.

Presumimos que os debates sejam organizados para contemplar esses objetivos; assim, notamos que, para discutir as propostas eleitorais, têm sido elaboradas perguntas por jornalistas

¹ O termo “eleições gerais” se refere, no contexto eleitoral brasileiro, às eleições que ocorrem a cada quatro anos em todo o território nacional para eleger representantes políticos, em nível estadual para o Governo e Câmaras Estaduais e em nível nacional para a Câmara Federal, o Senado Federal e a Presidência da República.

aos candidatos sobre programas de governo; já para promover o entretenimento, constrói-se um enquadre do debate como duelo e dos candidatos como rivais (Martino; Marques, 2022), o que se materializa pelos confrontos diretos entre candidatos, notadamente conflituosos. É válido ressaltar, porém, que esse é apenas um arranjo prévio, passível de mudanças, sobretudo, diante do objetivo principal dos candidatos de conquistar afeição e voto do telespectador e eleitor. É esse fim, inclusive, que leva candidatos a avaliarem sua participação em debates, pois, apesar de arriscados, os debates ampliam a comunicação dos candidatos com os eleitores por causa do alcance midiático, distribuição mais equânime de tempo e visibilidade e apelo popular (Martino; Marques, 2022).

Diante da complexidade do debate, pelos diversos interlocutores e objetivos, é crucial que os candidatos tenham clareza de seu interlocutor preferencial, por isso sinalizamos que os candidatos agem, ou deveriam agir, considerando, sobretudo, o eleitor, atentando como suas ações são julgadas por ele, se o atingem negativamente, geram efeitos diversos do pretendido (Blas-Arroyo, 2011; Goffman, 2011) e levam a impactos indesejáveis na imagem pretendida. Desse modo, torna-se produtiva a noção de face enquanto “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 2011, p. 14), pois, nesse processo de autorrepresentação e de construção de imagem, os candidatos acionam na interação recursos expressivos para se vincular a certos valores e/ou papéis (Goffman, 2014, p. 34). Mas, além disso, monitoram como seu interlocutor almejado estima essas ações, no que se convencionou chamar de trabalho de face (Goffman, 2014). É a partir da percepção da audiência, então, que os candidatos buscam ajustar sua conduta para estabelecer com o eleitor um *rapport* adequado a seus objetivos, ou seja, um *rapport* harmonioso, o que reitera o viés relacional do trabalho de face e evidencia como o teor avaliativo do *rapport* se relaciona ao conceito de (im)polidez (Eelen, 2001; Spencer-Oatey, 2005; Culpeper, 2011a; 2011b).

Dessa forma, no cenário interpessoal do debate, os candidatos devem conciliar a disputa com os adversários, marcada por ofensas e conflitos, com um trabalho de face e *rapport* harmonioso com e para o eleitor, evitando que suas ações danifiquem a própria face, sobretudo que as ações ofensivas sejam avaliadas como inadequadas e impolidas pela audiência. Para tanto, a ironia tem se mostrado um recurso discursivo eficaz (Hutcheon, 2000), pois permite sobrepor à crítica outros efeitos de sentido, dando à crítica irônica, por exemplo, uma expressão de espirituosidade, o que pode mascarar o viés ofensivo (Dews; Kaplan; Winner, 2007). Por outro lado, não se pode esquecer que a ironia é uma estratégia de crítica e, como tal, uma ação potencialmente ofensiva e associada a eventos de impolidez, mas sua natureza dissimuladora,

sua indiretividade da ironia e sua compreensão baseada em inferência a tornam um recurso para mascarar a crítica, sendo simultaneamente disfarce e comunicação (Hutcheon, 2000, p. 141). Isso permite ao ironista preservar a própria face e tem, dessa forma, papel relevante no trabalho de face (Kiss, 2015), articulando-se ambivalentemente ao gerenciamento do *rapport*.

Considerando essa dinâmica da ironia, investigamos qual o seu papel nos debates eleitorais, sobretudo para os candidatos atingirem seus objetivos interacionais, o que envolve noções de face (Goffman, 2011; Dews; Kaplan; Winner, 2007; Kiss, 2015) e (im)polidez (Culpeper, 2011b; Culpeper; Hardaker, 2017), apoiando a discussão na teoria de gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005). Algumas de nossas perguntas foram: como as características da ironia, particularmente a indiretividade e sobreposição de funções, operam nesse funcionamento ambivalente? Como a ironia, enquanto crítica, tem sido abordada nos estudos de (im)polidez, ora como recurso de polidez, ora como recurso de impolidez? Que efeitos a ironia pode ter no gerenciamento do *rapport*, especificamente em situações de conflito e no trabalho de face? De que forma aspectos dos debates presidenciais televisionados podem interferir nesse funcionamento? Que funções e efeitos interacionais a ironia assume nos debates presidenciais, em termos de gerenciamento do *rapport* e trabalho de face? Portanto, o objetivo geral da pesquisa é analisar de que modo a ironia, em suas múltiplas funções, é usada por candidatos como estratégia discursiva nos debates eleitorais, e, para tanto, examinamos seus impactos em relação ao gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005), aos efeitos de (im)polidez (Culpeper, 2011b; Culpeper; Hardaker, 2017) e ao trabalho de face (Goffman, 2011; Dews; Kaplan; Winner, 2007; Kiss, 2015).

Partindo desse objetivo geral, estabelecemos como objetivos específicos discutir as principais teorias sobre a ironia, para compreender como a estratégia irônica de crítica pode agir de modo ambivalente em relação à ofensa e para elucidar que aspectos linguísticos oportunizam essa multifuncionalidade; e, em seguida, examinar os estudos sobre polidez e (im)polidez, para ilustrar que aspectos os interactantes acionam no processo de avaliação sobre comportamentos uns dos outros, em especial sobre aqueles que causam e/ou mascaram ofensas. Outro objetivo é ampliar a noção de ironia e abordá-la como recurso do trabalho de face, pela autoproteção, e de impolidez, pela aresta crítica; e, a fim de analisar o fenômeno plano da interação, buscamos incorporar em nossa reflexão teórica e analítica a noção de gerenciamento do *rapport*, que, sendo “mais o estudo das relações interpessoais do que a análise das estratégias linguísticas [...], oferece uma perspectiva mais ampla e multidisciplinar do que muitos outros

modelos da teoria da polidez”² (Spencer-Oatey, 2015, p. 4). Os dois objetivos específicos finais se referem à análise e, inicialmente, buscamos descrever e analisar como os debates eleitorais televisionados se organizam e que efeitos essa organização causa no comportamento interacional dos participantes, sobretudo no gerenciamento do *rapport*, por causa dos distintos níveis de interação que complexificam estrutura de participação, recursos e características interacionais associadas a esta prática. Por fim, buscamos discutir o papel da ironia como estratégia discursiva para expressar crítica e elaborar trabalho de face nos debates eleitorais, e analisar os usos irônicos e seus efeitos interacionais, em termos das funções da ironia e orientações do *rapport*, guiando a discussão pela compreensão de que o sentido irônico é construído na interação e seus efeitos interacionais bem como suas avaliações em termos de (im)polidez são situados e dinâmicos

Portanto, o trabalho discute como a ironia possibilita aos interactantes gerenciarem difusamente suas relações em interações, sobretudo as de potencial conflituoso, o que se mostra um objeto de investigação relevante e atual, pela crescente recorrência, no panorama político mundial e brasileiro, de comportamentos ofensivos, de natureza verbal e não verbal. No contexto internacional, temos como exemplos dessa intensificação de condutas ofensivas o ataque à prefeita Patricia Guzman por opositores, na Bolívia, em 2019; a invasão ao Capitólio por radicais republicanos, nos Estados Unidos, em 2021; o ataque com arma de fogo à vice-presidente Cristina Kirchner por simpatizante nazista, na Argentina, em 2022; e as agressões físicas à presidenta Dina Boluarte, no Peru, em 2024. O contexto político brasileiro tem também apresentado essa tendência, sendo espaço para fatos ofensivos e violentos, como a homenagem ao torturador Ustra feita durante votação do *impeachment* de Rouseff (2016) pelo, até então, deputado federal Bolsonaro; o homicídio da vereadora carioca Marielle Franco (2018), ainda não efetivamente elucidado; o ataque ao então candidato à Presidência Bolsonaro durante as eleições de 2018 por fundamentalista religioso; assassinatos de eleitores petistas nas eleições de 2022; e, finalmente, a invasão aos principais prédios dos três poderes no 8 de janeiro de 2023 por radicais bolsonaristas. Nesse panorama, julgamos pertinente analisar os debates presidenciais, pois são uma oportunidade singular de observar como candidatos à Presidência interagem uns com os outros durante uma disputa ancorada num cenário social tão conflituoso. É relevante investigar a conduta de candidatos à Presidência devido à representatividade social

² No original: “The starting point of the RMM is the study of interpersonal relations rather than the analysis of linguistic strategies, and it thereby offers a broader and more multidisciplinary perspective than many other politeness theory models” (Spencer-Oatey, 2015, p. 4).

e política desses atores em âmbito nacional, cujos comportamentos são observados atentamente e podem influenciar a conduta de outros atores, inclusive, os próprios eleitores.

Dessa forma, cientes de que a ironia, em sua ambiguidade, estabelece uma relação dúbia com a ofensa e oportuniza formas multiorientadas de gerenciamento do *rappport*, consideramos que ela pode operar efeitos diversos e opacos de (im)polidez, sendo um recurso do trabalho de face importante em situações conflituosas, o que torna pertinente investigar seu teor ofensivo. Isso ocorre porque, como sabemos, com a ironia o ironista pode comunicar uma ofensa de forma indireta (Hutcheon, 2000), o que permite, se for conveniente, cancelar o sentido crítico (Tselika, 2015). Ou seja, com a ironia o falante pode reivindicar o sentido literal e negar a crítica irônica, se eximindo da responsabilidade da ofensa formulada indiretamente e preservando ainda a própria face. Além disso, a ironia assume diversas funções interacionais, indo da ofensa ao humor, o que remete a certas estratégias de normalização do comportamento ofensivo, como a ênfase a seu caráter autêntico e lúdico e a reivindicação de seu viés expressivo (Wodak; Culpeper; Semino, 2021; Marques, 2021). Dessa forma, investigar o uso da ironia como uma estratégia de crítica em um contexto propenso à ofensa, como o debate presidencial, pode esclarecer a partir de que mecanismos linguísticos comportamentos ofensivos e violentos são promovidos e, sobretudo, normalizados (Wodak; Culpeper; Semino, 2021), contribuindo para a compreensão do porquê de esse tipo de conduta passar a ser tolerado.

Além de sua relevância social, o trabalho contribui teoricamente por investigar como os debates presidenciais, um tipo de interação política marcada por um viés desafiador, têm sido abordados nos estudos de (im)polidez. Alguns estudos em diferentes contextos sociais (Berti-Pinto; Guaranha, 2017; Cunha; Braga, 2016; Blas-Arroyo, 2011; Tracy, 2017) têm se dedicado ao aspecto conflituoso do debate, contudo ainda são raras pesquisas sobre o papel de formas indiretas de causar ofensa nesse tipo de interação. Assim, a presente pesquisa colabora com o campo ao examinar o papel da ambiguidade irônica em situações conflituosas, especificamente o debate eleitoral, delineando os valores postos em jogo em interações políticas de notável impacto e apelo social. Além disso, dedicamo-nos a uma questão ainda em aberto nos estudos da (im)polidez: *a ironia seria uma estratégia de polidez para fazer críticas que, se feitas diretamente, soariam mais agressivas? Ou a ironia seria apenas uma fachada polida de elaborar críticas, o que não minimizaria a ofensa e serviria apenas para, de acordo com a conveniência, o ironista se eximir da responsabilidade do ataque, sendo, então, um recurso de impolidez?*

Já apontamos que as primeiras menções à ironia no campo da polidez a abordaram como forma de socialização, desconsiderando seu viés crítico e a origem do fenômeno como uma forma de escarnecer e, portanto, de excluir. A relação entre a ironia e a (im)polidez só voltou a ser explorada no campo recentemente, a partir da publicação de trabalhos, como os de Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017) sobre mensagens mistas, de Tselika (2015) sobre a ironia como uma estratégia de polidez e de Kiss (2015) sobre a ironia como um recurso de trabalho de face. Dessa forma, ainda se faz necessário explorar se a ironia, com sua aresta crítica e construção ambígua, atua causando ou atenuando ofensas, e de que forma. Essa é nossa preocupação central, o que aponta a pertinência e relevância do trabalho, principalmente por ter como ponto de partida o conceito de ironia, que marcada por objetivo crítico e por estrutura ambígua se mostra como um recurso para ora causar, ora atenuar ofensas, o que requer uma abordagem interacional e condizente com os pressupostos da (im)polidez como um processo avaliativo.

Dessa forma, concebemos a ironia e a (im)polidez como fenômenos da linguagem em uso, como ações conjuntas, cooperativas e coorientadas de produção de sentido (Arundale, 2006), abordando-as de forma situada e indutiva, o que torna a construção dos dados uma etapa primordial da própria pesquisa. Compreendendo o debate presidencial como uma prática discursiva eleitoral constituída na intersecção entre a política e o entretenimento, atentamos, então, para as especificidades dos debates em que analisamos o papel da ironia nos efeitos de (im)polidez. Assim, destacamos que as eleições presidenciais de 2018 ocorreram em dois turnos, mas só foram realizados debates entre os presidenciáveis no primeiro turno das eleições, totalizando sete debates. Conforme previsto na legislação eleitoral (Lei 9504/1997), os debates ocorreram de acordo com agendamento prévio e foram organizados por empresas de mídia, isoladamente ou em parceria com outras entidades midiáticas, como jornais e *sites* de notícias. Para fins de nomeação, ao longo do trabalho, referimos esses debates pelos nomes das empresas de mídia televisiva envolvidas na organização, sendo realizados os debates na seguinte cronologia: Debate Band; Debate RedeTV; Debate TV Gazeta; Debate TV Aparecida; Debate SBT; Debate Record e Debate Globo.

Além da transmissão televisiva, os debates presidenciais de 2018 foram veiculados na internet, particularmente no *site* de rede social YouTube³, sendo ambas as formas de transmissão retratadas de modo semelhante, com recursos audiovisuais de alta definição. A transmissão via internet gera um arquivamento on-line dos debates, permitindo acesso posterior a esses registros

³ Apenas o Debate Globo não foi transmitido no YouTube, sendo sua transmissão via internet feita através do *site* do Portal G1, o que não inviabilizou o registro permanente dessa transmissão.

por internautas, o que amplia o alcance da audiência, a repercussão dos debates e a atenção sobre a conduta dos candidatos. A partir desses registros on-line, analisamos os debates presidenciais cientes de que qualquer transmissão midiática impõe certas limitações à análise, por limitar o foco de observação ao foco dos registros feitos pelas empresas de mídia, a partir de certos recursos e de determinados objetivos discursivos. Contudo, defendemos a pertinência desse ponto de vista, pois coincide com o ponto de vista da audiência, interlocutor presumido na comunicação realizada durante os debates presidenciais, o que caracteriza nossa investigação sobre a ironia em práticas discursivas políticas e midiáticas. Por fim, embora esses registros estejam disponíveis na internet, realizamos cópias físicas dos registros de transmissão dos debates, através do recurso de *download* dos arquivos disponíveis on-line, mantendo-as arquivadas em pastas de *hardware*, para assegurar o acesso posterior aos dados.

Um primeiro movimento da observação é focalizar como os debates se estruturam, atentando para: empresas organizadoras; data de realização; mediação; divisão em blocos; delimitação do tempo para contribuições de participantes; e dinâmica dos blocos em relação a formas de participação (se há perguntas pré-definidas ou não e que critérios definem quem pergunta e quem responde) e a sequência de trocas interacionais, identificando participantes e orientação de *rapport* estabelecida. Elaboramos a noção **trocas interacionais** com base na concepção de Goffman para **encontro** ou **engajamento de face**, enquanto unidade da interação em que participantes mantêm um único foco de atenção e se revezam na fala (Goffman, 2010). Usamos esse termo para nomear a sequência de ações relacionais adotadas pelos participantes e articuladas na interação, coincidindo, em certa medida, com estruturas definidas previamente pelos organizadores para os blocos dos debates. A partir dessa observação, discutimos como os debates promovem formas específicas de interação entre os participantes, a exemplo de: confronto direto entre candidatos; perguntas institucionais de jornalistas para candidatos; e considerações finais de candidatos para audiência. Analisamos como os participantes gerenciam o *rapport* diante dessas estruturas interacionais, percebendo que os participantes, nos debates, conduzem suas ações discursivas tendo como referência dois planos de interação e dois interlocutores: na dimensão face a face, eles interagem uns com os outros; já no plano midiático, mais relevante dadas as circunstâncias sociodiscursivas, eles priorizam suas ações para a audiência, buscando interagir com o telespectador, interlocutor privilegiado. Ponderamos de que forma esse duplo direcionamento influencia o modo como os candidatos interagem, gerenciam o *rapport* e, conseqüentemente, recorrem à ironia. Assim, consideramos provável que, durante as trocas do tipo confronto direto, o *rapport* seja propenso ao desafio, pelo diálogo

ser estabelecido diretamente entre candidatos em disputa; nessa mesma direção, esperamos que as considerações finais, sendo uma interlocução direta com o telespectador, incline-se a um *rapport* de aprimoramento.

Traçado o cenário interacional dos debates, focalizamos os usos de ironia, adotando de início uma metodologia quantitativa, a fim de estabelecer padrões de recorrência sobre o uso de ironia. Para tanto, examinamos nas trocas interacionais a presença ou ausência de estratégias irônicas e, a partir desses registros, identificamos que funções a ironia desempenha (ofensa, humor, elevação de *status* e/ou controle emocional), considerando a possível sobreposição. Nessa categorização da ironia e suas funções, focamos que efeitos de sentido os enunciados potencialmente irônicos desencadeiam na interação, analisando a partir das pistas apresentadas pelos participantes durante a troca interacional como eles avaliam esses enunciados, ou seja, baseando a análise na perspectiva dos falantes. Essa postura se mostra compatível com nossa visão de que a ironia é um acontecimento discursivo (Hutcheon, 2000) e a (im)polidez é um processo avaliativo, auxiliando-nos também a analisar a orientação do *rapport* adotada pelos envolvidos durante a interação. Então, relacionamos esses dados às informações gerais sobre a interação, como debate, bloco, horário, tipo de dinâmica interacional e participantes envolvidos. Essa etapa analítica foi fundamental para estabelecer generalizações sobre o uso de ironia, possibilitando, por exemplo, averiguar a associação comum entre ironia e interações conflituosas, como veremos adiante.

Por fim, aprofundando os achados iniciais, analisamos, de modo detalhado e em amostra restrita, que processos os interactantes acionam para dar sentido às ações que realizam durante esses encontros específicos. Para tal, elegemos uma amostra de dezesseis trocas interacionais que ilustrassem a relação entre usos de ironia e efeitos de (im)polidez, especificamente entre as quatro funções da ironia e as quatro orientações do *rapport*. Então, efetuamos uma análise interpretativa dos aspectos interacionais para elucidar o papel da ironia no gerenciamento do *rapport* e os efeitos de (im)polidez causados. Descrevemos essas trocas interacionais a partir da observação dos registros audiovisuais disponíveis na *web*, indicando informações gerais sobre a troca interacional, a ocorrência irônica e o *rapport* já pontuadas na etapa anterior, e atentamos para outros elementos capazes de adquirir no fluxo da interação sentido para os envolvidos. Desse modo, recorreremos a pressupostos de transcrição da Análise da Conversação, notadamente as convenções de transcrição de Jefferson (Loder, 2008), e examinamos recursos de expressão facial e corporal, reproduzindo quando necessário para a discussão analítica esses aspectos multimodais. A relevância desses recursos verbais e não verbais decorre de sua atuação

enquanto pistas de contextualização (Gumperz, 1998) de como os participantes compreendem suas ações, seja num viés da produção – que sentidos o ironista projeta com seu enunciado, seja num viés da interpretação – como os outros envolvidos se assimilam esses usos. Portanto, observar esses indícios nos auxilia a elucidar as expressões avaliativas sobre o uso de ironia trazidas à tona e, conseqüentemente, como a (im)polidez emerge diante desses funcionamentos da ironia, viabilizando nosso objetivo principal de analisar o papel da ironia como estratégia de (im)polidez nos debates eleitorais.

Com o presente trabalho, aliamos reflexões sobre ironia aos estudos de (im)polidez e podemos alargar a visão sobre os mecanismos indiretos de evitar ou causar ofensas, sobretudo ao discutir o funcionamento da ironia na crítica indireta e circunlocução (Hutcheon, 2000), no fingimento (Clark; Gerrig, 2007), na cancelabilidade do sentido irônico (Tselika, 2015), e na sobreposição das funções irônicas (Dews; Kaplan; Winner, 2007). Essa abordagem permite relacionar a ironia mais intimamente à (im)polidez e, além da crítica, vê-la como recurso do trabalho de face (Kiss, 2015), pois devido a sua ambigüidade constitutiva um mesmo enunciado irônico pode ser avaliado como polido e/ou impolido (Hutcheon, 2000), se tornando útil para o ironista salvaguardar sua face. Explorar essa relação amplia a compreensão sobre o papel da ironia na interação, em termos de (im)polidez e trabalho de face, sobretudo pela investigação ocorrer em debates presidenciais, em que candidatos se ofendem, mas enaltecem a si mesmos (Bertipinto; Guaranha, 2017), sendo, então, uma interação marcada pela disputa, mas também pela autorrepresentação positiva, em que a face é central para o êxito dos objetivos interacionais de conquistar a confiança e o voto do público. Por fim, discutimos, através da pesquisa sobre a ironia nos debates presidenciais, os seus potenciais de atenuar e/ou acentuar conflitos, contribuindo para aclarar situações interacionais em que a ironia pode ser acionada para causar ofensa e ainda em que circunstâncias esse uso minimiza ou maximiza a ofensa inerente à ironia.

A discussão é, portanto, apresentada em oito seções, incluindo essa introdução, na qual delimitamos tema, objeto e problema de pesquisa, objetivos e procedimentos metodológicos, e justificamos a relevância do estudo, apresentando ainda alguns pressupostos teóricos. Ainda na introdução, decidimos também detalhar a pesquisa, devido à amplitude dos fenômenos investigados, ironia e (im)polidez, e à complexidade da interação analisada, os debates eleitorais. Como demonstrado, a tradição teórica sobre a ironia e (im)polidez são amplas e produtivas, apresentando várias abordagens e noções, assim, julgamos importante sinalizar de início quais noções teóricas são fundamentais para o estudo, para que a discussão sobre esses conceitos se destaque ao longo da revisão teórica. Além disso, abordar a ironia e a (im)polidez

implica discutir como as pessoas compreendem o que fazem conjuntamente, requerendo uma abordagem situada, o que torna necessário refletir, do ponto de vista teórico e metodológico, o que é interação e como os fenômenos discutidos se articulam na dimensão da interação, pontos discutidos previamente nessa introdução.

Assim, a segunda seção apresenta algumas perspectivas teóricas sobre a ironia, desde a Filosofia, passando pela Pragmática griceana e até as propostas discursivas, na Linguística e na Literatura. Da Filosofia, destacamos a visão da ironia como atitude no método socrático (Platão, 1965), como postura ou negativo, na abordagem existencialista (Kierkegaard, 2013), pontuando ainda conceitos da ironia como ridicularização (Aristóteles, 2007), antífrase (Quintiliano, 2010) e expressão do inconsciente (Freud, 2017), importantes para compreender por que a ironia causa riso. Dos estudos linguísticos, mostramos as discussões da Pragmática, inicialmente o conceito da ironia como uma implicatura gerada a partir da violação do Princípio Cooperativo (Grice, 1982), que se estabeleceu como uma referência para propostas seguintes, como a teoria da menção ecoante (Sperber; Wilson, 1981) e da ironia como dissimulação e pretensão (Clark; Gerrig, 2007). Além do processamento, estudos pragmáticos têm discutido como a ironia funciona, interessando-nos a teoria da ironia como inadequação relevante (Attardo, 2007) e as propostas das funções da ironia, de Dews, Kaplan e Winner (2007) e de Colston (2007a). Por fim, abordamos discussões sobre a ironia feitas por estudos literários, especificamente por Hutcheon (2000) e Brait (2008), cujos pressupostos teóricos da estética da recepção e da teoria dialógica reivindicam a construção do sentido irônico na interação, o que torna crucial o papel do interlocutor e é estruturante para nossa abordagem teórica e metodológica da ironia como um recurso da linguagem em uso.

A terceira seção discute o conceito de (im)polidez e, retomando sua acepção filosófica de aparência de virtude (Leighton, 2021; Comte-Sponville, 1999), traça um quadro de teorias linguísticas sobre (im)polidez. Inicialmente, apontamos que também se abordou a polidez como uma violação do Princípio Cooperativo griceano, como forma de evitar conflito (Lakoff, 1973) e ataque à face (Brown; Levinson, 1987), sendo, então, incorporada por Leech (1983) à sua teoria da retórica interpessoal, como princípio usado pelos falantes para calcular custos e benefícios de seus comportamentos linguísticos, adequando-os. Na sequência, mostramos que outros estudos sobre polidez revisitaram a noção de face de Goffman, defendendo a polidez como parte do trabalho de face, não só uma violação do Princípio Cooperativo. Desse quadro, consideramos produtivos os conceitos de avaliatividade inerente à (im)polidez (Eelen, 2001) e de (im)polidez como comportamento avaliado inapropriado, positiva ou negativamente, em

contraponto à noção de comportamento político (Watts, 2003). Por fim, discutimos um quadro teórico-metodológico da (im)polidez como comportamentos e avaliações de comportamentos, em termos positivos e/ou negativos, num *continuum* Culpeper (2011a; 2011b). Essa teoria parte da noção de trabalho relacional de Spencer-Oatey (2005) e postula que os participantes avaliam comportamentos como (im)polidos tendo em vista uma interação particular, com seus objetivos e expectativas, o que torna imprescindível uma abordagem interacional do fenômeno e permite contemplar comportamentos impolidos em seus próprios termos, não só como casos desviantes.

Após revisão sobre ironia e (im)polidez, a quarta seção discute os aspectos dos debates presidenciais de 2018 para relacionar ironia e (im)polidez nessa interação. Apresentamos os **debates presidenciais** como um tipo de interação política e midiática típica das eleições presidenciais, em que candidatos à Presidência se encontram reunidos num mesmo espaço e tempo, assemelhando-se à noção de **ajuntamento** (Goffman, 2010). Atentamos ainda que os debates se vinculam às **eleições presidenciais de 2018**, enquanto **ocasião social** (Goffman, 2010) com especificidades político-eleitorais e marcada pela midiatização das práticas políticas (Habermas, 2014; Martino; Marques, 2022). Além disso, diante das peculiaridades dos debates presidenciais em relação a outros ajuntamentos eleitorais, analisamos como aspectos dos debates presidenciais de 2018 promovem certos tipos de **engajamento de face** (Goffman, 2010), identificando três padrões interacionais: **perguntas institucionais**, **confrontos diretos** e **considerações finais**, que são influenciados pela organização prévia dos debates. Esse exame dos debates nos permite compreender como, a partir de certos recursos, os participantes orientam suas condutas e, particularmente, realizam trabalhos de face, ponto central na relação entre debate, ironia e (im)polidez, justificando nossa análise sobre ironia e (im)polidez nos debates. Para tanto, relacionamos a ironia e (im)polidez ao trabalho relacional (Locher; Watts, 2005) e gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005), definindo a ironia como estratégia discursiva de múltiplas funções (Dews; Kaplan; Winner, 2007) e hábil em expressar ofensas difusamente. Assim, a ironia se associa ainda ao trabalho de face (Kiss, 2015) e à (im)polidez (Tselika, 2015), mas discutimos que sua estrutura indireta e ambivalente pode ser desafiadora para a (im)polidez enquanto atitude avaliativa dos indivíduos sobre seus comportamentos (Spencer-Oatey, 2005; Culpeper, 2011a); então, interessa-nos elucidar como a indiretividade da ironia pode acentuar ou atenuar seu teor ofensivo, explorando seus aspectos estruturais para compreender como eles podem interferir no processamento e significação da crítica irônica e, conseqüentemente, nos efeitos de (im)polidez.

A quinta seção apresenta a metodologia, iniciando com panorama de pesquisa e caracterização de dados, depois objetivos e procedimentos de análise, pontos já discutidos nessa introdução. De início, mostra-se a relevância da pesquisa sobre o papel da ironia na (im)polidez diante da normalização de condutas violentas (Wodak; Culpeper; Semino, 2021), justificando a pesquisa em debates por apresentarem traços discursivos propensos à ironia e à (im)polidez. Isso viabiliza a análise conjunta desses fenômenos e contempla nossa pergunta de pesquisa: qual o papel da ironia, enquanto estratégia discursiva indireta, nos efeitos de (im)polidez em situações de tensão. Descrevemos a construção do *corpus* a partir dos debates do primeiro turno da eleição presidencial de 2018, que, disponíveis e atuais, permitem pensar como condutas ofensivas são toleradas no âmbito político, demarcando ainda a contribuição social da pesquisa. Elencamos os objetivos específicos para analisar o papel da ironia em efeitos de (im)polidez, baseando nossa análise na perspectiva dos falantes, pois concebemos que ironia e (im)polidez se referem a como falantes interpretam e avaliam seus comportamentos. Aliamos à análise interpretativa e indutiva aportes teóricos cruciais na construção das variáveis de análise: ironia e suas funções, e (im)polidez e orientação do *rapport*. Como unidade de análise, adotamos a noção de encontro (Goffman, 2010), concretizada no *corpus* como: confronto direto, pergunta institucional e consideração final. Partindo desse aporte metodológico, analisamos, de início, os dados quanto à troca interacional e orientação do *rapport*, tratando-os quantitativamente para identificar padrões de recorrência e formular generalizações sobre a ironia e (im)polidez nos debates presidenciais. Notando certa relação entre recursos interacionais e orientações do *rapport*, analisamos, então, o papel da ironia como estratégia de (im)polidez, aferindo sua presença ou ausência nos dados, categorizando suas funções e relacionando-as a orientações do *rapport* e às trocas interacionais.

A seção seis apresenta as análises sobre a relação entre recursos interacionais e orientações do *rapport*, discutindo como a constituição do debate eleitoral entre o universo político e midiático pode impactar as características discursivas dos debates presidenciais de 2018 e o modo como os participantes interagem. Partindo da noção de ocasião social (Goffman, 2010), traçamos o contexto dos debates presidenciais de 2018, focando fatos relativos à eleição presidencial e de expressiva repercussão midiática. Em seguida, descrevemos os debates enquanto ajuntamentos (Goffman, 2010), por serem reuniões entre presidenciáveis, indicando suas características principais, como suas regras e dados básicos (data de realização, organizadores e participantes). Analisamos como esses ajuntamentos permitem aos candidatos se reunirem num mesmo tempo e espaço, estando acessíveis e disponíveis para interagirem uns

com outros. Ponderamos, então, se o fato de esses candidatos serem, *a priori*, adversários e projetarem no telespectador o interlocutor privilegiado pelo *status* de eleitor pode impactar como os candidatos interagem entre si e com a audiência; em síntese, examinamos como candidatos conduzem suas ações e gerenciam o *rapport* diante dessa interlocução dupla e dos objetivos interacionais. Além disso, averiguamos como a organização dos debates contempla essa dupla interlocução, podendo influenciar as ações dos candidatos, restringir ou estimular certos comportamentos. Disso, destacamos como certas sequências interacionais dos debates são propostas e definidas, como confrontos diretos, perguntas institucionais e considerações finais, e, reconhecendo-as como estruturantes da interação, nomeamo-las de trocas interacionais e analisamos seus aspectos composicionais e funcionais. Por fim, para elucidar como essas trocas impactam como os participantes compreendem suas ações e interações e como realizam o gerenciamento do *rapport*, analisamos a conduta comportamental e a orientação do *rapport* dos candidatos diante das especificidades dessas trocas, relacionando recursos estruturais (trocas interacionais) a aspectos funcionais (o *rapport* e a (im)polidez).

Na sétima seção, interpretamos como a ironia atua no gerenciamento do *rapport* entre os interactantes dos debates, ou seja, qual papel da ironia nos efeitos de (im)polidez nos debates presidenciais de 2018. De início, traçamos um panorama de caráter quantitativo sobre como a ironia foi acionada em nosso *corpus* enquanto estratégia discursiva com funções variadas. Assim, tendo a troca interacional como unidade de análise, investigamos a proporção da ironia nessas interações, ou seja, em quantas trocas interacionais os participantes recorreram à ironia. Examinamos ainda que funções enquanto efeitos interacionais têm esses usos irônicos, cientes do viés interpretativo dessa categorização e da multifuncionalidade da ironia. Com esses dados, investigamos a relação entre usos irônicos, trocas interacionais e orientações do *rapport*, elaborando evidências sobre o funcionamento da ironia em relação à (im)polidez. Isso permitiu estabelecer um quadro geral sobre usos de ironia e suas funções em relação às interações dos debates presidenciais e às orientações do *rapport*, guiando a discussão posterior sobre o papel da ironia no gerenciamento do *rapport*. Por fim, sabendo que o estudo foca o papel da ironia na (im)polidez nos debates, a análise descritiva partiu das funções da ironia e, relacionando-as às diferentes orientações do *rapport*, estruturou-se em quatro blocos relativos às quatro funções da ironia, que contemplam também as quatro orientações do *rapport*, ilustrando como a ironia atua e se relaciona a cada uma orientação do *rapport*. Essas análises, baseando-se em princípios metodológicos da análise da conversação, descrevem, de forma coerente e sistemática, como os interactantes interagem, em suas ações verbais e não verbais, respaldando nossa interpretação

sobre os efeitos de sentido construídos da ironia a partir dos indícios apresentados nas ações dos interactantes, o que nos permite, de fato, compreender que papel a ironia desempenha nos efeitos de (im)polidez para os envolvidos numa interação particular.

Por fim, na oitava seção, apresentamos as considerações finais, em que retomamos o propósito principal da tese e sintetizamos os resultados que obtivemos com a pesquisa, discutindo os principais achados em relação à sua contribuição para o campo. Na ocasião, destacamos nossas contribuições tanto em relação à elucidação sobre os mecanismos interacionais dos debates presidenciais, prática discursiva analisada, quanto em relação às descobertas sobre os fenômenos analisados e suas relações.

2 PERSPECTIVAS DE ESTUDO SOBRE A IRONIA

“A ironia, enquanto infinita e absoluta
negatividade, é a indicação mais leve e mais
exígua da subjetividade”
(Kierkegaard, 2013, p. 21).

Na presente seção, apresentamos o conceito de ironia como formulado pelos diversos campos que têm se dedicado ao fenômeno. Inicialmente, na seção 2.1, esboçamos um panorama de estudos das principais áreas de investigação sobre a ironia, quais sejam Filosofia e Retórica. Em seguida, na seção 2.2, apresentamos estudos desenvolvidos no campo da Pragmática que exploram como a significação irônica decorre de relação de implicatura estabelecida sobre o texto. Por fim, na seção 2.3, buscamos articular as contribuições dos vários estudos sobre a ironia dentro de um viés que considere a situação de uso como lugar privilegiado para a construção do sentido, uma vez que, para uma abordagem interacional do fenômeno irônico é necessária a inclusão dos diversos olhares sobre a ironia sem perder de vista seu uso.

2.1 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E ORATÓRIAS SOBRE A IRONIA

A formulação inicial do conceito de ironia ocorre no campo da Filosofia no contexto da Antiguidade Clássica, sendo formulada por Platão em relação a Sócrates. Dessa forma, a Filosofia se torna um ponto central para a reflexão sobre a ironia, sendo relevante observar que os aspectos apontados nos estudos filosóficos elucidam a concepção da ironia como estratégia discursiva. Aqui reunimos as discussões sobre ironia como atitude de Platão (1965), como estratégia retórica de Aristóteles (2007), como figura de Quintiliano (2010), como o negativo de Kierkegaard (2013), e, por fim, como uma forma de distensão de Freud (2017), tentando relacionar essas reflexões ao estudo linguístico da ironia.

O primeiro registro do termo ironia é encontrado em *A República* de Platão, e o termo, utilizado para se referir a Sócrates, advém do termo grego *eironeia* (εἰρωνεία) cujo significado etimológico é “a ação de perguntar fingindo ignorar” (Miotti, 2010, p. 119), o que está intimamente relacionado ao método maiêutico socrático. Sobre essa relação da ironia com Sócrates, Brait (2008) pondera que, embora seja uma figura histórica, Sócrates é dentro da obra platônica uma personagem instaurada por Platão. Desse modo, a ironia deveria ser compreendida mais como uma construção discursiva atribuída por Platão a Sócrates (ironia verbal) do que uma característica do próprio Sócrates (ironia filosófica, socrática). À parte dessa

especificidade, a associação da ironia a Sócrates está bem consolidada tanto no senso comum quanto nos estudos teóricos sobre o fenômeno, a exemplo da tese de Kierkegaard (2013). Inclusive, nessa associação são contempladas tanto a materialidade linguística da ironia, especificamente pelo recurso da pergunta irônica, quanto a postura irônica socrática.

O conceito de ironia é discutido posteriormente por Aristóteles no Livro III da Retórica, em que o autor discorre sobre estratégias de organização do discurso. Associada nesse caso à estratégia discursiva da interrogação, essa concepção de ironia reforça a compreensão da ironia como ação de perguntar fingindo ignorar. Aristóteles, porém, acrescenta à sua explicação que a ironia teria também a função de explorar o ridículo, permitindo “desfazer a seriedade dos oponentes com a ironia e a ironia com a seriedade” (Aristóteles, 2007, p. 295). Assim, parece que Aristóteles incorpora de modo mais claro o componente linguístico ao fenômeno irônico enquanto uma atitude, pois, em Aristóteles, a “*eironeia* é atualmente uma figura retórica: censurar por meio de um elogio irônico ou elogiar mediante uma censura irônica.” (Muecke, 1995, p. 31), o que demanda que a comunicação da ironia por meio de uma forma linguística seja reconhecida, levando ao conhecimento do intento irônico. Essa aceção tem sido a base para o foco investigativo de estudos posteriores sobre a materialidade linguística da ironia, particularmente aqueles desenvolvidos pela Oratória, dentre os quais destacamos Quintiliano.

Duas contribuições dos estudos oratórios sobre a ironia têm sido destacadas: primeira é a de que a ironia é algo intencional e instrumental, ou seja, “alguém que realizava um propósito usando a linguagem ironicamente” (Muecke, 1995, p. 55), e a segunda é a de que a ironia é uma construção de linguagem, ou, nos termos oratórios, um tropo, ainda que no campo se conceba a ironia tanto como tropo quanto como figura e sempre a associe à prática discursiva. Na obra de Quintiliano, cujo objetivo é estabelecer os parâmetros para a formação do bom orador, as figuras e os tropos seriam duas estratégias de composição do discurso, e a ironia se enquadraria em ambas as categorias, o que tem sido apontado por estudiosos como uma imprecisão conceitual (Seixas, 2006; Brait, 2008). Para Quintiliano, os tropos seriam estratégias em que há “a mutação do significado de uma palavra por outro” (Quintiliano, 2010, p. 177), ou seja, o tropo é “um modo de falar transferido do significado natural e primeiro para outro para o adorno da frase” (Quintiliano, 2010, p. 193). Já as figuras seriam “uma maneira de falar distante do modo comum e mais óbvio”, mas que se forma com próprias palavras em sua própria ordem (Quintiliano, 2010), funcionando como uma ênfase de que “queremos que se entenda o que dizemos, **não ao contrário**, como na ironia (enquanto tropo), senão como **outra coisa oculta e que o ouvinte tem de adivinhar de certo modo**” (Quintiliano, 2010, p. 203). Em síntese, a

diferença entre a ironia como tropo e como figura estaria no grau de ambiguidade mais acentuado na ironia como figura, jogando mais com o dúbio, com o não manifesto, enquanto o tropo seria mais facilmente identificado como significando o oposto do que foi dito. A ironia como tropo tem sido dominante no campo gramatical tradicional e leva a uma abordagem do fenômeno irônico que parece ignorar a gênese da ironia num fingimento.

Sendo assim, a discussão sobre ironia como figura nos parece a parte mais relevante do trabalho de Quintiliano, que destaca o uso dessa estratégia motivado por três fatores: “1º quando é arriscado dizer abertamente o que queremos; 2º quando não convém; 3º apenas por adorno” (Quintiliano, 2010, p. 194), nesse último caso particularmente para despertar afetos na plateia. Através da ambiguidade, a ironia alcança um caráter potencialmente protetivo, que permite que o ironista comunique algo arriscado abdicando da responsabilidade do dizer, ou seja, “as figuras devem cobrir algumas coisas que não se podem provar. Porque algumas vezes sucede que está cravada esta seta oculta, e por isso mesmo que não sendo manifesta, não se pode tirar. Porém se se diz o mesmo claramente, se defendem, e é necessário prová-lo” (Quintiliano, 2010, p. 204). Dessa forma, pontos centrais da reflexão filosófica sobre a ironia reaparecem nos estudos oratórios da ironia enquanto figura, como fingimento, dissimulação, cancelabilidade, evasão e estratégia, e uma contribuição importante da Oratória é a compreensão de que a ironia tem uma capacidade de excitar os afetos, ponto este essencial para o estudo da ironia no entrecruzamento dos estudos de (im)polidez.

Outra investigação sobre a ironia no campo da Filosofia, cujo impacto tem sido relevante, é a reflexão de Kierkegaard (2013), que busca a origem do conceito em referência a Sócrates para elucidar a concepção de ironia dos filósofos românticos do século XVIII, mais especificamente Hegel. Para o autor, o conceito de ironia está intimamente relacionado a Sócrates como um fenômeno filosófico, assim, Kierkegaard, na tentativa de formular tal conceito, empreende uma detalhada investigação sobre o filósofo ateniense, tomando como base particularmente os escritos de Platão (1965), mas também os de Xenofonte (2008) e de Aristófanes (1995), questionando em que medida tais escritos podem ser considerados como um retrato fidedigno de Sócrates – fato esse em si mesmo já considerado irônico pelo autor. Em linhas gerais, Kierkegaard argumenta que a ironia não é apenas uma estratégia retórica, mas se constitui um método filosófico, fundado particularmente na figura de Sócrates enquanto uma personalidade irônica e na dialética enquanto seu principal ensinamento (Kierkegaard, 2013).

Nesse contexto, ainda, Kierkegaard associa a ironia como método à ignorância socrática, cuja expressão clássica pode ser expressa na célebre frase “Só sei que nada sei”;

assim, diz Kierkegaard, na medida em que afirma não saber nada, pressupõe-se que Sócrates sabe algo a saber, o que faz com que sua afirmação, portanto, soe como uma incongruência, pois “era impossível que ele só soubesse que não sabia nada, já que por trás disso necessariamente estava que ele sabia o que era saber” (Kierkegaard, 2013, p. 178). Aqui, a ironia deixa entrever sua construção ambivalente, sendo uma coisa e seu contrário, no entanto, cabe destacar que, enquanto método filosófico socrático, a ambiguidade da ironia é caracterizada como sendo dotada de um ponto de vista negativo, no sentido de que “é apenas apresentado como advertindo e não como dando ordens” (Kierkegaard, 2013, p. 169), o que permite diferenciar Sócrates da figura de Platão, em que a ironia é considerada negativa, mas a serviço de uma ideia positiva (Kierkegaard, 2013).

Enquanto ponto de vista negativo, a ironia encontra sua forma discursiva no método maiêutico, em que o filósofo “auxiliava o indivíduo a um parto espiritual, cortava o cordão umbilical da substancialidade” (Kierkegaard, 2013, p. 198) e, formulando questionamentos, fazia aniquilar as possibilidades de certeza, consideradas como formas de aprisionamento do pensamento (Kierkegaard, 2013). Com efeito,

esta sua atividade não estava tão dirigida para chamar a atenção deste para o que devia vir quanto, muito antes, para arrancar deste o que ele possuía, e realizava isto cortando, enquanto durasse a operação, toda a comunicação com o sitiado, à medida em que ele, com seu questionamento, deixava-o à míngua de opiniões, de representações, tradições consagradas etc. que até ali haviam bastado para o respectivo indivíduo (Kierkegaard, 2013, p. 182).

Assim, Sócrates, com o método maiêutico, permitia ao discípulo vir à luz, à liberdade, porém “não assumia de maneira alguma qualquer responsabilidade pela vida ulterior de seus discípulos” (Kierkegaard, 2013, p. 199), então

Ele libertava assim, decerto, o indivíduo de qualquer pressuposição, libertava-o assim como ele próprio era livre; porém, a liberdade que ele próprio gozava em satisfação irônica, o outro não podia gozar, e por isso ele desenvolvia nos outros nostalgia e desejo. Por isso, enquanto o seu próprio ponto de vista se arredondava em si mesmo, este ponto de vista, assumido na consciência do outro, é apenas a condição para um novo (Kierkegaard, 2013, p. 182-183).

Como consequência, atribuiu-se ao método maiêutico de Sócrates a causa de certa inquietação na juventude ateniense, o que levou o filósofo a ser acusado de, introduzindo novas divindades, não respeitar os deuses reconhecidos pelo Estado e de seduzir a juventude. Essa

postura acaba por ocasionar sua condenação e sua emblemática morte, ponto também explorado na visão de Kierkegaard sobre Sócrates como uma personalidade fundada na ironia, pois, após Sócrates ser declarado culpado pelo estado, Kierkegaard discute que

A questão é então qual a pena que ele mereceu. [...] Para evitar a pena de morte, pedida por Meleto, podia escolher entre uma multa e o exílio. Entretanto ele não consegue decidir-se nesta opção, pois o que deveria movê-lo a optar por uma dessas duas? Seria por temor à morte? Isto seria um absurdo, pois afinal ele não sabia se a morte é um bem ou um mal. A impressão que se tem é de que ele acha mesmo que a morte seria a pena mais apropriada, justamente porque ninguém sabe se ela é um mal, quer dizer, porque aqui a pena, como no caso da multa, se anula a si mesma. [...] Na medida, portanto, que a questão está em saber qual a pena que ele teria merecido, sua resposta é então: aquela que não é nenhuma pena, ou seja, a morte, dado que ninguém sabe se ela é um bem ou um mal (Kierkegaard, 2013, p. 203-204).

Kierkegaard encontra, nessa escolha pela morte como punição, “uma ironia exercida até o extremo que faz o poder objetivo do Estado se quebrar contra a negatividade, firme como um rochedo, da ironia” (Kierkegaard, 2013, p. 204). Portanto, diante da postura irônica de Sócrates, a escolha da morte, um fenômeno sobre o qual o conhecimento humano é limitado e limitadamente é tomado como uma punição, Kierkegaard considera que novamente “Sócrates não afasta a casca para chegar ao cerne, mas sim *esvazia o cerne*” (Kierkegaard, 2013, p. 59), ao esvaziar qualquer sentido de punição, questionando os valores estabelecidos, sem sustentar nenhum, subvertendo a própria lógica estabelecida, ou seja, profanando-a, ironizando-a.

Para nossa investigação sobre a ironia, uma última abordagem importante é a reflexão que Freud (2017) faz sobre o chiste como uma das formações do inconsciente para aliviar a tensão à qual o sujeito é submetido. Dessa forma, compreendemos que, para Freud, o chiste seria mais amplo do que a ironia, vista por ele como uma das técnicas do chiste. À parte dessas e outras distinções entre o chiste e a ironia, interessa-nos particularmente como Freud explica o que no chiste e, portanto, na ironia, provocaria prazer, pois é notável que o riso é um aspecto relevante da ironia, embora nem toda ironia objective o riso. Para explicar o mecanismo de prazer, Freud (2017) distingue os chistes em dois grupos: os inofensivos, que seriam um fim em si mesmo, e os tendenciosos, que serviriam a outras funções, como a hostilidade e a obscenidade. São justamente os chistes tendenciosos que Freud aponta como os mais prazerosos, pois “o chiste tendencioso fornece um meio de reverter a renúncia” (Freud, 2017, p. 146) às possibilidades primárias de prazer, como a hostilidade e a obscenidade, que foram repudiadas no sujeito pelo trabalho de repressão da cultura e pela censura (Freud, 2017).

Nessa direção, o chiste tendencioso é descrito pelo psicanalista como “um processo psíquico envolvendo três pessoas” (Freud, 2017, p. 205): uma “que conta o chiste, uma segunda que é tomada como alvo da agressividade hostil ou sexual e uma terceira em que se cumpra a intenção de o chiste despertar o prazer” (Freud, 2017, p. 143). No entanto, Freud alerta que, diferente do cômico, no chiste “o processo psíquico se completa entre a primeira pessoa, o eu, e a terceira, a pessoa estranha” (Freud, 2017, p. 205), assim, são a essas duas pessoas que o chiste permite readquirir o prazer, embora distintamente. Assim, enquanto o falante se deleita por eliminar as inibições da cultura e poder agredir ou desnudar o seu alvo, o ouvinte, por sua vez, pode se satisfazer ao restaurar antigas liberdades ou se afastar da coerção da educação intelectual (Freud, 2017, p. 182) ou ainda ao decifrar o enigma em que o chiste se estrutura (Freud, 2017, p. 21). De uma forma ou de outra, ao comungar desse prazer, o ouvinte acaba por tomar partido no chiste sem maiores reflexões (Freud, 2017) e o chiste pode “transformar os ouvintes, a princípio indiferentes, em cúmplices do ódio e do desprezo, dando-se com isso ao inimigo um rebanho e opositores onde havia apenas um” (Freud, 2017, p. 190), intensificando, então, o teor da hostilidade.

Sobre essas concepções da ironia em uma perspectiva filosófica, concordamos com Brait (2008, p. 25) de que elas encontram respaldo no senso comum, de uma forma domesticada, razão pela qual nos habituamos a falar não só que enunciados e interações são irônicos, mas também como algumas pessoas têm personalidade irônica, o que demonstra como a concepção da ironia como uma atitude permanece. Além disso, deparamo-nos e usamos as expressões tão comuns como “é irônico que...”, “por uma ironia do destino...”, que apontam para essa compreensão da ironia como o negativo, como o incongruente, cujo sentido buscamos reestabelecer. Além disso, um ponto essencial é como a ironia nos conduz a lidar com as interdições, sendo um recurso eficiente por, através do lúdico, possibilitar aliviar a tensão, ocasionando prazer. Esses funcionamentos da ironia demonstram como ela continua presente nas práticas sociodiscursivas e, conseqüentemente, outras visões sobre o fenômeno sejam propostas, como veremos nas seções a seguir.

2.2 PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS SOBRE A IRONIA

Apesar da larga tradição filosófica e oratória e da natureza essencialmente pragmática (Attardo, 2007), a ironia só se tornou um ponto de interesse para a Linguística após a

conceituação de Grice da ironia enquanto implicatura, o que fez com que a investigação da ironia dentro da Linguística estivesse muito associada ao legado da Pragmática griceana e tenha se ocupado sobremaneira com a estruturação no nível do enunciado da significação irônica. Dessa forma, nesta seção, inicialmente, apresentamos a noção de ironia como implicatura de Grice (1982), seguindo com desenvolvimentos feitos por Sperber e Wilson (1981) da ironia como menção ecoante e por Clark e Gerrig (2007) da ironia como pretensão. Por fim, apresentamos a reflexão de Attardo (2007) da ironia como inadequação relevante, sintetizando a partir dessas discussões aspectos mais centrais para nossa concepção de ironia, principalmente aquele pertinente às funções da ironia (Dews; Kaplan; Winner, 2007; Colston, 2007a).

A ironia passa a ser um objeto de preocupação para a Linguística a partir da teorização do significado natural, em que Grice (1982) busca conciliar os pressupostos da lógica aos usos conversacionais, operando uma mudança significativa no campo de estudos da linguagem. Grice, refletindo particularmente sobre o tipo de conversação cujo objetivo é a “troca de informação maximamente efetiva”, demonstra como, enquanto alguns sentidos são construídos ao seguir os princípios lógicos, outros se constroem justamente pela violação, sendo o significado gerado por implicaturas conversacionais. Dessa forma, Grice reconhece a necessidade de formular um princípio conversacional, estabelecendo esse princípio como o Princípio Cooperativo, sintetizado da seguinte forma:

fundamentalmente, eles [nossos diálogos] são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece nele em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou no mínimo, uma direção mutuamente aceita. [...] Podemos formular, então, um princípio muito geral que se esperaria que os participantes observassem: Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado (Grice, 1982, p. 86).

Para tornar operacional esse princípio, Grice divide-o em quatro categorias (Qualidade, Quantidade, Relação e Modo) com suas respectivas máximas conversacionais, que orientam as contribuições dos participantes dentro da troca conversacional. As máximas, amplamente conhecidas, são elencadas no quadro a seguir:

Quadro 2.1 – Categorias e máximas conversacionais

Qualidade	1ª Não diga o que você acredita ser falso.
	2ª Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.
	1ª Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido.

Quantidade	2ª Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
Relação	1ª Seja relevante.
Modo	Seja claro.
	1ª Evite obscuridade de expressão.
	2ª Evite ambiguidades.
	3ª Seja breve.
	4ª Seja ordenado.

Fonte: Elaborado a partir de Grice (1982)

Eventualmente, embora os participantes continuem aceitando que o Princípio Cooperativo está sendo observado, tais máximas podem ser abandonadas pelos participantes na troca conversacional e isso geraria uma significação por implicatura, ou seja, por uma **sobreposição** de significado ao que está dito. É nesse ponto da discussão que a teoria do significado natural passa a se ocupar da ironia, cujo enunciado é tomado geralmente como uma declaração falsa. Dessa forma, a significação irônica decorreria justamente da implicatura gerada pela violação da primeira máxima de qualidade (“Não diga o que você acredita ser falso”) e estaria “tentando comunicar alguma outra proposição que não a que parece estar dizendo. Tal proposição deve ser obviamente relacionada com a que parece estar dizendo, e a proposição mais obviamente relacionada é a contraditória da que ele parece estar dizendo” (Grice, 1982, p. 96). Aqui destacamos que essa formulação, embora não seja suficiente para explicar a complexidade do fenômeno irônico, avança em relação à conceituação da Oratória ao propor que o significado irônico não é necessariamente o oposto do que foi dito, ainda que Grice considere que mais obviamente o seja, o que foi objeto de críticas posteriores, a exemplo daquelas formuladas por Sperber e Wilson (1981). Cabe, por fim, pontuar que, embora para Grice o mecanismo de construção da ironia seja estritamente a violação da máxima de qualidade, a inobservância de outras máximas conversacionais pode desencadear uma significação irônica, como argumentam Sperber e Wilson (1981).

Sperber e Wilson (1981) partem da provocação griceana de que a explicação da ironia como apenas sentido figurado é uma explicação falha, no entanto, buscam diferenciar sua teoria em alguns pontos. Inicialmente os autores rejeitam a ideia de que a violação da primeira máxima de qualidade seja condição necessária e suficiente para gerar a implicatura irônica, pois tanto há violações que não geram implicatura irônica, a exemplo das mentiras, quanto há sentidos irônicos construídos através de outras estratégias comunicativas. Além disso, os autores,

atribuindo a Grice uma concepção de implicatura em termos de substituição, propõem que a implicatura seria na verdade uma adição de sentido ao que é enunciado literalmente, de tal forma que o enunciado e o implicado precisariam coexistir na significação irônica. Nesse sentido, o enunciado literal da ironia seria relevante para a construção do sentido irônico, de modo que a teoria de Sperber e Wilson focaliza justamente como essa materialidade verbal se constitui ponto de partida para a construção da ironia. Para tanto, os autores, baseando-se na Lógica, estabelecem uma distinção entre menção e uso, em que no uso “uma expressão envolve a referência ao que a expressão se refere”⁴ (Sperber; Wilson, 1981, p. 303) e a menção seria um uso metalingüístico em que “uma expressão envolve a referência à expressão em si”⁵ (Sperber; Wilson, 1981, p. 303). Para os autores, essa distinção é convencionalizada nos usos linguísticos naturais e há formas linguísticas, a exemplo das aspas e entonação, para sinalizar que uma expressão não está sendo usada, mas sendo sim mencionada. Assim, eles esclarecem que o enunciado na significação irônica seria um caso particular de menção em que não se busca “informar ninguém de algum conteúdo de um enunciado anterior”⁶ (Sperber; Wilson, 1981, p. 306) e em que a expressão não tem “a força ilocucionária que teria tipicamente em seu contexto de uso”⁷ (Sperber; Wilson, 1981, p. 303).

Nesse sentido, é necessário que, na interação, seja possível, de alguma forma, distinguir quando uma expressão mencionada busca informar algum conteúdo enunciado antes e mantém sua força ilocucionária e quando não é esse o caso, uma vez que “não é apenas a menção da expressão, mas principalmente a atitude [...] do interlocutor para com a proposição mencionada que irá configurar o caráter irônico da elocução” (Marques, 2016, p. 47). Para Sperber e Wilson, alguns fatores apontam para a presença de atitude irônica, sendo assim “a escolha de palavras do falante, seu tom (duvidoso, questionador, debochado, desprezador, aprovador etc.) e o contexto imediato exercem papel fundamental na indicação de sua própria atitude para a proposição mencionada”⁸ (Sperber; Wilson, 1981, p. 307). Como a ironia está no âmbito da atitude, precisando ser inferida, a noção de implicatura se torna central para a construção do sentido irônico, pois sem o conceito de implicatura não há “como explicar as atitudes de

⁴ No original: “an expression involves reference to what the expression refers to” (Sperber; Wilson, 1981, p. 303).

⁵ No original: “an expression involves reference to the expression itself” (Sperber; Wilson, 1981, p. 303).

⁶ No original: “they are not intended to inform anyone of the content of a preceding utterance” (Sperber; Wilson, 1981, p. 306).

⁷ No original: “it does not have the illocutionary force it would standardly have in a context where it was used” (Sperber; Wilson, 1981, p. 303).

⁸ No original: “the speaker’s choice of words, his tone (doubtful, questioning, scornful, contemptuous, approving, and so on), and the immediate context, all play a part in indicating his own attitude to the proposition mentioned” (Sperber; Wilson, 1981, p. 307).

zombaria ou desaprovação do falante”⁹ (Sperber; Wilson, 1981, p. 308), logo, não há como explicar a ironia. No entanto, a implicatura de ironia decorre do reconhecimento de atitudes mais particulares, quais sejam, daquelas “que carregariam sobretons críticos”¹⁰ (Sperber; Wilson, 1981, p. 313) sobre a expressão mencionada. Assim, é a relação crítica do interactante com a expressão mencionada que faz a ironia acontecer, tornando insatisfatório explicar o fenômeno irônico apenas como sentido figurado por ignorar essa relação do ironista com seu dizer, “aspecto central e óbvio da interpretação do enunciado”¹¹ (Sperber; Wilson, 1981, p. 308).

Por fim, para a teoria da ironia como menção, se a ironia carrega sobretons críticos, existe um elemento que é naturalmente alvo dessa crítica, comumente denominado a vítima da ironia, elemento que nas teorias da ironia tem sido geralmente negligenciado. Dessa forma, a teoria da ironia menção contempla mais objetivamente a vítima da ironia ao propor uma investigação em que “é possível prever que enunciados irônicos têm vítimas e quem serão essas vítimas”¹² (Sperber; Wilson, 1981, p. 314), pois a ironia estruturada através de uma menção terá “um originário específico, reconhecível, [e] ele será a vítima”¹³ (Sperber; Wilson, 1981, p. 314), seja ele real ou imaginário. A teoria da menção tem repercutido fortemente no campo da pesquisa sobre a ironia, dadas as contribuições que traz sobre a natureza do enunciado irônico, aqui, no entanto, consideramos que a menção não define a essência do fenômeno irônico e, ainda que seja um dos recursos de construção da significação irônica, não é o único, sendo necessário investigar outras nuances do fenômeno, como a noção de fingimento focalizada por Clark e Gerrig (2007).

Clark e Gerrig também partem da proposta griceana de que a ironia seria um tipo de implicatura, no entanto diferentemente de Sperber e Wilson, eles mantêm maior alinhamento com a proposta de Grice e buscam desenvolver melhor os aspectos do fingimento e da pretensão envolvidos na ocorrência de ironia e associados ao fenômeno desde a formulação platônica. Os autores argumentam que Grice “não assume que o ironista está, tecnicamente, ‘usando uma

⁹ No original: “there will be no way of explaining the speaker’s attitude of mockery or disapproval” (Sperber; Wilson, 1981, p. 308).

¹⁰ No original: “implicatures which might carry critical overtones” (SPERBER; WILSON, 1981, p. 313).

¹¹ No original: “an account in terms of figurative meaning will necessarily overlook a central and obvious aspect of the interpretation of utterance” (Sperber; Wilson, 1981, p. 308).

¹² No original: “it possible to predict which ironical utterances will have a particular victim, and who that victim will be” (Sperber; Wilson, 1981, p. 314).

¹³ No original: “when there is a specific, recognizable originator, he will be the victim” (Sperber; Wilson, 1981, p. 314).

proposição, a fim de obter toda a sua contraditória”¹⁴ (Clark; Gerrig, 2007, p. 25), mas que, na verdade, “o ironista está fingindo usar essa proposição”¹⁵ (Clark; Gerrig, 2007, p. 25). Como já dito, a associação de fingimento e ironia tem base na própria etimologia do termo ironia (*eironeia*, do grego perguntar fingindo ignorar), portanto, se “ser irônico é, entre outras coisas, fingir (como sugere a etimologia)”¹⁶ (Grice, 1989, p. 54), o conceito de *iron* se torna aspecto central na formulação da teoria da pretensão. Para discutir melhor esse aspecto, os autores partem de uma definição de ironia presente no *Dictionary of Modern English Usage*, em que a ironia é concebida como

uma forma de enunciado que postula uma audiência dupla, composta por uma parte que, presente, deve ouvir e deve não compreender, e uma outra parte que, quando o enunciado tem mais significado do que é perceptível inicialmente, está ciente tanto significado pretendido a mais quanto da incompreensão dos não iniciados. [Ela] pode ser definida como o uso de palavras destinadas a transmitir um significado para a parte não iniciada do público e outro para os iniciados, o prazer dela deitado na intimidade secreta estabelecida entre este último e o falante¹⁷ (Fowler, 1965, p. 305-306 *apud* Clark; Gerrig, 2007, p. 26).

Clark e Gerrig associam essa definição à teorização do *iron* platônico, particularmente no aspecto da constituição dupla do enunciado irônico, que é construído por meio da justaposição no discurso irônico de um outro enunciado, que é apropriado e reproduzido e cujo enunciador o ironista finge ser, num jogo de insinceridade pragmática (Attardo, 2007). Logicamente, essa estrutura enunciativa se estabelece como uma inobservância à máxima de qualidade (ao dizer coisas que acredita serem falsas), cujo objetivo é “refletir um julgamento hostil ou depreciativo ou um sentimento como indignação ou desprezo”¹⁸ (Clark; Gerrig, 2007, p. 26) em relação ao enunciado reproduzido, uma vez que a “ironia está intimamente ligada com a expressão de um sentimento, atitude, ou avaliação”¹⁹ (Grice, 1989, p. 53),

¹⁴ No original: “It does not assume that the ironist is, technically, “using one proposition in order to get across its contradictory” (Clark; Gerrig, 2007, p. 25).

¹⁵ No original: “It assumes, rather, that the ironist is pretending to use that proposition” (Clark; Gerrig, 2007, p. 25).

¹⁶ No original: “to be ironical is, among other things, to pretend (as the etymology suggests)” (Grice, 1989, p. 54).

¹⁷ No original: “a form of utterance that postulates a double audience, consisting of one party that hearing shall hear and shall not understand, and another party that, when more is meant than meets the ear, is aware both of that more and of the outsiders' incomprehension. [It] may be defined as the use of words intended to convey one meaning to the uninitiated part of the audience and another to the initiated, the delight of it lying in the secret intimacy set up between the latter and the speaker” (Fowler, 1965, p. 305-306 *apud* Clark; Gerrig, 2007, p. 26).

¹⁸ No original: “to reflect a hostile or derogatory judgment or a feeling such as indignation or contempt” (Clark; Gerrig, 2007, p. 26).

¹⁹ No original: “irony is intimately connected with the expression of a feeling, attitude, or evaluation” (Grice, 1989, p. 53).

frequentemente crítica. Os autores vão além e, contrapondo-se ao desenvolvimento da teoria da menção, formulam que “o que parece ser crucial é o padrão de conhecimento e crenças compartilhados e não a presença de um enunciado a ser ecoado per se”²⁰ (Clark; Gerrig, 2007, p. 31), o que aponta para o caráter emergente, interpretativo e interacional da construção do sentido irônico e requer um olhar mais atento para a dinâmica interacional envolvida na enunciação irônica.

Portanto, outro aspecto do conceito de *ieron* que parece pertinente à teorização sobre a ironia como fingimento é a constituição também dupla do público da enunciação irônica. Clark e Gerrig (2007) defendem, assim como no conceito de *ieron*, que a enunciação irônica é constituída por dois círculos de interlocutores: uma audiência mais ampla, que está inconsciente do fingimento e considera como verdadeiro o enunciado reproduzido, e uma audiência mais restrita, que, habilitada enunciativamente a reconhecer o fingimento irônico, pode, então, acessar o objetivo discursivo da ironia. Esse reconhecimento do fingimento possibilita que os interlocutores gerem a implicatura irônica, preenchendo discursivamente a lacuna entre o que foi dito e o que se pretendeu comunicar. No entanto, para que haja esse reconhecimento é necessário que os interactantes se compartilhem determinados conhecimentos, tais como o conteúdo convencional da elocução enunciada, as bases engendradas no Princípio Cooperativo, os aspectos do contexto discursivo e fragmentos da informação de fundo partilhados pelos interlocutores (Levinson, 2020, p. 141). Dessa forma, percebe-se a pertinência de abordar os aspectos pragmáticos da ironia, pois a essência do fenômeno irônico reside principalmente nos efeitos de sentido que são construídos cooperativamente na interação, “é o valor pragmático da sequência, e não a sua estrutura semântica, que a faz parecer intuitivamente irônica; ironizar é zombar, em vez de falar em antífrases²¹” (Kerbrat-Orecchioni, 1986, p. 20), tornando relevante investigar os efeitos provocados pelas enunciações irônicas.

A reflexão de Attardo sobre a ironia parte do pressuposto de que o aspecto chave para a construção do sentido irônico seria uma inadequação relevante de um enunciado em relação ao contexto discursivo. O autor estrutura sua discussão em dois pontos centrais: o primeiro referente ao processo de reconhecimento da ironia e o segundo referente ao processo de interpretação do valor da ironia. A respeito do primeiro ponto, o autor defende que “a ironia é

²⁰ No original: “What appears to be critical is the pattern of shared knowledge and beliefs and not the presence of an utterance to be echoed per se” (Clark; Gerrig, 2007, p. 31).

²¹ No original: “to wartość pragmatyczna sekwencji, bardziej niż jej struktura semantyczna, powoduje, że intuicyjnie odczuwa się ją jako ironiczną; ironizować to bardziej kpić, niż mówić przez antyfrazy” (Kerbrat-Orecchioni, 1986, p. 20).

um fenômeno completamente pragmático, sem correlatos semânticos. Como tal, é totalmente dependente do contexto, incluindo, mas não se limitando às intenções e objetivos de S [falante]”, assim, “o significado irônico precisa ser inferido, nunca é ‘dito’²² (Attardo, 2007, p. 155). Attardo, na reflexão sobre o reconhecimento da ironia, parte do postulado griceano de que a ironia decorre de uma violação do Princípio Cooperativo, no entanto, vai além ao argumentar que, para que a ironia seja recuperada interacionalmente, é necessário que essa violação do Princípio Cooperativo seja a menor possível. Dessa forma, o ouvinte se mantém engajado na interação e, o mais importante, deve considerar que “a violação deve de alguma forma referir-se ao contexto e ser significativa”²³ (Attardo, 2007, p. 156), possibilitando que ocorra a determinação de que o enunciado é significativo e, portanto, irônico. Outro ponto de desenvolvimento da teoria de Attardo em relação à teoria griceana é a reivindicação de que a violação do Princípio Cooperativo não ocorre apenas pela inobservância das máximas conversacionais, mas pode ocorrer também por inadequações pragmáticas de diversas ordens, como a inadequação dêitica, sendo essa ampliação das violações ponto central para o desenvolvimento do valor interpretativo da ironia.

Sabendo que o significado irônico deve ser necessariamente inferido, o autor busca “especificar melhor a natureza cooperativa do processo inferencial que determina o valor da ironia”²⁴ (Attardo, 2007, p.157), propondo que dois fatores direcionam o processamento inferencial do valor irônico: a máxima da relevância e a suposição antifrástica. A relação da máxima da relevância com a ironia foi inicialmente traçada por Sperber e Wilson e consiste em apontar como o elemento desviante é ainda assim considerado relevante, particularmente por causa “das informações que transmite sobre a atitude do falante”²⁵ (Sperber; Wilson, 1995, p. 239). Attardo aponta que se tem considerado a relevância do enunciado irônico como direcionada para o significado antifrástico, o que corrobora com o posicionamento amplamente difundido e influente da teoria da ironia como tropo. No entanto, o autor reivindica que se amplie os valores interpretativos da ironia, relacionando a relevância do enunciado irônico à hipótese de saliência graduada (Giora; Fein, 2007). Dessa forma, no lugar da substituição

²² No original: “irony is a completely pragmatic phenomenon, with no semantic correlates. As such, it is entirely dependent on context, including but not limited to, S’s intentions and goals. The ironical meaning needs to be inferred, it is never ‘said’ (Attardo, 2007, p. 155).

²³ No original: “the violation must somehow refer to the context, and be meaningful” (Attardo, 2007, p. 156).

²⁴ No original: “It is necessary, however, to further specify the cooperative nature of the inferential process that determines the value of the irony” (Attardo, 2007, p. 157).

²⁵ No original: “We will argue that verbal irony invariably involves the implicit expression of an attitude, and that the relevance of an ironical utterance invariably depends, at least in part, on the information it conveys about the speaker’s attitude to the opinion echoed” (Sperber; Wilson, 1995, p. 239).

antifrástica do significado literal pelo significado irônico, enfatiza-se como o elemento literal inadequado deve ser considerado, pois sendo imprevisível se torna mais informativo e, portanto, saliente; assim, constitui-se como parte sugestiva da construção do valor interpretativo da ironia ao insinuar quais sentidos, além do antifrástico, podem ser mais pertinentes discursivamente a partir das pistas linguísticas que o enunciado apresenta. Isso posto, percebe-se como a proposta de Attardo busca pôr em relevo a natureza essencialmente pragmática da ironia, ressaltando seu caráter contextual seja no processo de reconhecimento seja no processo interpretativo da ironia.

Como visto nas teorias pragmáticas sobre a ironia aqui revisadas, o foco primordial da investigação recai sobre o processamento do enunciado irônico, o que se coloca como uma contribuição relevante para a compreensão do fenômeno para além da abordagem oratória. No entanto, tendo em vista que a Pragmática busca investigar a linguagem em uso, o questionamento sobre por que as pessoas usam a ironia, ou seja, quais funções a ironia desempenha dentro da interação, parece ser central para a compreensão pragmática do fenômeno. Essa foi a motivação das investigações de Dews, Kaplan e Winner (2007) e Colston (2007a), que abordaremos a seguir. Inicialmente, a abordagem de Dews, Kaplan e Winner sobre as funções da ironia parte do pressuposto de que a ironia desempenharia quatro funções principais: humor, elevação de *status*, controle emocional e ofensa, e o autor relaciona a essas funções o papel da crítica irônica. Enquanto a categoria de humor parece ser menos problemática quanto ao seu funcionamento, permitindo que o ironista seja engraçado ao mesmo tempo que formula uma crítica (Dews; Kaplan; Winner, 2007), as demais categorias propostas por Dews, Kaplan e Winner são mais ambivalentes, demonstrando como a ironia é um fenômeno complexo e dotado de nuances.

Dessa forma, a ironia com função de elevação de *status* pode tanto funcionar elevando o *status* do falante, porque é uma sugestão de “como a vítima deveria ter se comportado em contraste com a forma como ela se comportou”²⁶ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 299), quanto, menos frequentemente, rebaixando o *status* do falante, porque “o falante irônico pode ser visto como uma piada”²⁷ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 299), ao formular uma crítica de modo desproposital. Em relação ao controle emocional, os autores parte do pressuposto de que a ironia demonstra mais controle emocional, pois “a ironia é indireta e espirituosa – duas qualidades que as pessoas provavelmente não transmitem quando estão emocionalmente

²⁶ No original: “how the victim should have behaved in contrast to how he or she did behave” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 299).

²⁷ No original: “because the ironic speaker may be perceived as joking” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 299).

perturbadas”²⁸ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 306), assim, “se as pessoas podem brincar sobre situações ruins, elas deveriam parecer menos zangadas e mais no controle”²⁹ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 315). No entanto, aqui ponderamos, junto com Hutcheon (2000), que a ironia, embora tente minimizar o alto grau de envolvimento do ironista ao demonstrar certo distanciamento e frieza, sempre envolve alto grau de envolvimento emocional. Por fim, Dews, Kaplan e Winner propõem que a ironia, enquanto forma de agressão, tanto pode acentuar a agressividade, enfatizando na sua crítica a distância entre o comportamento de fato e o comportamento esperado, quanto pode, numa posição apoiada em Brown e Levinson (1987), atenuar a agressividade, por transmitir a crítica de forma indireta ou fornecer ao destinatário mais de uma interpretação possível, tornando, assim, a crítica menos ameaçadora do que a crítica literal. Diante desse caráter estratégico dessa ambivalência das funções da ironia, um aspecto relevante para a pesquisa aqui proposta é o papel que a ironia desempenha no trabalho de face e, aqui acrescentamos, no gerenciamento do *rappor*t entre os participantes. Para Dews, Kaplan e Winner (2007), a ironia promoveria uma relação mais harmoniosa ou, no mínimo, menos desarmoniosa do que uma crítica direta. Assim, no trabalho de face,

o orador irônico é visto como não menos crítico, mas como menos zangado e mais no controle do que o orador literal. Os destinatários são tão defensivos quanto quando criticados literalmente, mas ficam menos insultados e mais divertidos com a observação irônica. Finalmente, o relacionamento é menos afetado negativamente quando a crítica é expressa de forma irônica, em vez de literalmente³⁰ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 314).

Colston (2007a) é outro estudioso que reflete quais seriam as motivações para o uso da ironia, ou seja, quais funções desempenhadas pela ironia justificam seu uso. Assim, o autor pressupõe, em direção semelhante à de Dews, Kaplan e Winner, que o humor, a proteção de si mesmo e a demonstração de emoções positivas são finalidades do uso da ironia e, influenciado também por Brown e Levinson (1987), aponta que a ironia verbal seria “usada para reduzir a ameaça e enfatizar o conhecimento compartilhado e as atitudes comuns entre os

²⁸ No original: “because irony is both indirect and witty—two qualities that people are unlikely to convey when emotionally distraught” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 306).

²⁹ No original: “if people can joke about bad situations, they ought to seem less angry and more in control” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 315).

³⁰ No original: “the ironic speaker is seen as no less critical, but as less angry and more in control than the literal speaker. Addressees are just as defensive as when criticized literally, but are less insulted and more amused by the ironic remark. Finally, the relationship is less negatively affected when the criticism is couched ironically rather than literally” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 315).

interlocutores”³¹ (Colston, 2007b, p. 321), promovendo uma interação mais harmônica entre eles. Por outro lado, Colston apresenta outros estudos em que se sustenta que “as críticas irônicas são mais cruéis do que as críticas literais”³² (Colston, 2007b, p. 324), sendo “usada exatamente pelo motivo oposto – para aumentar, em vez de diluir a condenação”³³ (Colston, 2007b, p. 319), conclui, então, que a crítica irônica parece servir “a objetivos pragmáticos opostos – diluir e aumentar a condenação”³⁴ (Colston, 2007b, p. 321).

Colston (2007b) relaciona a essa duplicidade, também presente na teorização de Dews, Kaplan e Winner, a Hipótese do tingimento formulada por Dews, Kaplan e Winner (2007), inicialmente publicado em 1995, em que se argumenta que a ironia ao formular uma crítica negativa através de um enunciado positivo tingiria a crítica com um tom positivo e, assim, diminuiria o potencial ofensivo da crítica. Em busca de elucidar esse funcionamento duplo, o autor formula experimentos a partir dos quais conclui que “a crítica irônica não parece diluir o grau de condenação expresso por um orador em quaisquer circunstâncias”³⁵ (Colston, 2007b, p. 321) e enfatiza que “a crítica irônica também não é inerentemente menos condenatória do que a crítica literal, como afirma a Hipótese do tingimento”³⁶ (Colston, 2007b, p. 335). Dessa forma, a investigação de Colston busca “identificar os fatores que afetariam se a crítica irônica aumenta ou dilui a condenação”³⁷ (Colston, 2007b, p. 321), propondo que se observe os seguintes fatores: quão culpado é o alvo da ironia, se o destinatário e o alvo da ironia coincidem na enunciação e o nível de envolvimento do ironista. De modo geral, Colston conclui que “a crítica irônica é usada para aumentar a quantidade de condenação dirigida ao destinatário da crítica”³⁸ (Colston, 2007b, p. 333), exceto “quando o tópico das observações era um desempenho ruim atribuído ao destinatário que não afetava o orador”³⁹ (Colston, 2007b, p. 335). No entanto, o autor também pondera “imaginar que suavizar ou diluir a condenação

³¹ No original: “verbal irony is used to reduce threat and to emphasize shared knowledge and common attitudes among the interlocutors” (Colston, 2007, p. 321).

³² No original: “Ironic criticisms are rated as more sarcastic than literal criticisms” (Colston, 2007, p. 324).

³³ No original: “used for just the opposite reason—to enhance rather than to dilute condemnation” (Colston, 2007, p. 319).

³⁴ No original: “ironic criticism serves opposing pragmatic goals—to dilute and to enhance condemnation” (Colston, 2007, p. 321).

³⁵ No original: “ironic criticism does not appear to dilute the degree of condemnation expressed by a speaker under any circumstances” (Colston, 2007, p. 321).

³⁶ No original: “ironic criticism is also not inherently less condemning than literal criticism, as the Tinge Hypothesis claims” (Colston, 2007, p. 335).

³⁷ No original: “to identify factors that would affect whether ironic criticism enhances or dilutes condemnation” (Colston, 2007, p. 321).

³⁸ No original: “ironic criticism is used to enhance the amount of condemnation aimed at the addressee of the criticism” (Colston, 2007, p. 333).

³⁹ No original: “When the topic was some offensive behavior on the part of the addressee that did affect the speaker” (Colston, 2007, p. 335).

tornaria a crítica mais pragmaticamente bem-sucedida”⁴⁰ (Colston, 2007b, p. 335), o que torna necessário continuar investigando a ironia e sua complexidade de forma situada, principalmente em relação ao gerenciamento do *rapport*.

Dessa forma, embora o campo tenha se dedicado a abordar a ironia para além da relação antifrástica da oratória, é necessário reconhecer que os desenvolvimentos promovidos pelos estudos pragmáticos ainda são embrionários em relação às situações efetivas de uso, por focalizarem primordialmente a construção e o processamento do enunciado irônico. Assim, ficam ausentes elementos como construção de sentido, contexto e interactantes, tão importantes na abordagem de qualquer fenômeno em situações reais de uso e que precisam ser mobilizados para tornar possível abordar efetivamente a ironia em uma perspectiva interacional. Um dos campos em que o estudo da ironia tem incorporado tais aspectos é o da literatura, particularmente nos estudos que focalizam a ironia como estratégia de construção do discurso literário (Booth, 1983; Hutcheon, 2000; Brait, 2008). Dessa forma, aqui abordando a ironia primordialmente como um fenômeno do uso da linguagem, exploramos a seguir algumas noções desenvolvidas nesse contexto investigativo, tais como estratégia, enquadramento, intento e atribuição.

2.3 PERSPECTIVAS SOCIODISCURSIVAS SOBRE A IRONIA

Tem ficado explícito em nossa abordagem que “uma coisa que a ironia não parece ser é o que ela usualmente é tida como sendo: uma simples substituição antifrástica do não dito (chamado de sentido ‘irônico’) por seu oposto, o dito (chamado de sentido ‘literal’)” (Hutcheon, 2000, p. 29-30). Por outro lado, é preciso reconhecer que a ironia é sim um fenômeno de linguagem, como aponta Brait (2008), seja de uma perspectiva linguística, que concebe a ironia como uma construção de linguagem – a ironia verbal da perspectiva pragmática, seja de uma perspectiva filosófica, que a vê como uma atitude retórico-filosófica – a chamada ironia referencial. Assim, considerando que “há somente a linguagem para estabelecer as relações entre o homem e o mundo, e entre os homens” (Brait, 2008, p. 25), “o elemento que está no centro dos dois caminhos é o processo de enunciação, embora concebido de formas inteiramente diversas” (Brait, 2008, p. 41), fazendo necessária uma abordagem interacional da ironia.

⁴⁰ No original: “one can imagine that softening or diluting condemnation would make the criticism more pragmatically successful” (Colston, 2007, p. 335).

Dessa forma, as reflexões promovidas pelos estudos pragmáticos, responsáveis pela incorporação da ironia à investigação linguística, devem ser tomadas apenas como um ponto de partida para explicar o fenômeno. Isso porque, apesar de preocupados com o processo de construção de sentido dos usos linguísticos, as correntes pragmáticas ainda se centram fortemente no nível do enunciado e seu processamento, baseando-se em situações de interação modelos e sendo insuficientes para elucidar satisfatoriamente ocorrências de ironia desafiantes à teoria, que requerem um olhar focado na pluralidade de sentidos (Hutcheon, 2000; Marques, 2022) e na interação, em sua emergência e incorporação (Marques; Barros, 2020). A seguir, buscando uma concepção de ironia que privilegie seu efeito de sentido como decorrente da interação, articulamos a abordagem de Brait (2008) da ironia como estratégia discursiva com a teoria desenvolvida por Hutcheon (2000) da ironia como um acontecimento discursivo.

É um ponto consensual acerca da ironia vê-la como uma atitude do ironista, atribuindo-lhe um tom avaliativo, seja como valor argumentativo (Brait, 2008) ou acento apreciativo (Volochinov, 2013), baseando-se essa concepção de ironia na intenção do ironista. O caráter intencional se constitui como um elemento central para o fenômeno da ironia, pois “é uma das poucas maneiras que temos de distinguir mentira de ironia” (Hutcheon, 2000, p. 172). Enquanto a mentira tem a intenção de enganar, a ironia tem a intenção temporária ou restrita de dissimular (Hutcheon, 2000, p. 172). Focada ainda no aspecto atitudinal, Hutcheon propõe tratar a ironia “não como um tropo isolado a ser analisado por meios formalistas, mas como um tópico político” (Hutcheon, 2000, p. 17) por ter consequências públicas – das quais trataremos adiante na quarta seção.

Diferentemente de uma abordagem psicologizante da ironia como apenas intenção, a autora argumenta ser importante “entender como e por que a ironia é usada e entendida como uma prática ou estratégia discursiva” (Hutcheon, 2000, p. 18), considerando necessária “uma abordagem da ironia que [...] a tratasse como [...] uma estratégia discursiva que opera no nível da linguagem”, optando pelo discurso como escopo, com “o propósito de levar em conta as dimensões sociais e interativas do funcionamento da ironia” (Hutcheon, 2000, p. 27). Essa visão converge com a concepção de Brait (2008, p. 15) de que “texto e discurso são processos que implicam produção e recepção, ou seja, sujeitos envolvidos em uma interação”, sendo interessante também refletir sobre o

destinatário que, assim como seu parceiro, detém diferentes papéis, aparecendo como receptor, interlocutor, ouvinte, enunciatário, leitor, e cuja função ativa no discurso será participar da dimensão significativa, na medida

em que é o ponto visado pelas estratégias elaboradas pelo produtor (Brait, 2008, p. 15).

Redimensiona-se, assim, o papel, até então marginal, do interlocutor na construção da ironia, pois se a ironia, enquanto sentido, “não é ironia até que seja interpretada como tal” (Hutcheon, 2000, p. 22), “a responsabilidade última de decidir se a ironia realmente acontece numa elocução ou não (e qual é o sentido irônico) é apenas do interpretador” (Hutcheon, 2000, p. 74), levando a uma visão de ironia agora como uma chave de interpretação e até mesmo de atribuição do interpretador. No entanto, Hutcheon pondera que na realidade o que acontece é “uma responsabilidade compartilhada (para ambos) no uso e na atribuição de ironia” (Hutcheon, 2000, p. 173). Assim, é possível supor que o ironista pode ter a intenção de expressar uma atitude irônica sobre o que enuncia e o interpretador pode ter a intenção de atribuir um sentido irônico à interação em que se engaja. Em síntese,

do ponto de vista do *interpretador*, a ironia é uma jogada interpretativa e intencional: é a criação da inferência de *significado* em acréscimo ao que se afirma – e diferentemente do que se afirma – com uma *atitude* para com o dito e o não dito. [...] do ponto de vista do [...] ironista, a ironia é a transmissão intencional tanto da informação quanto da atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente (Hutcheon, 2000, p. 28).

Por fim, Hutcheon pacifica essa discussão sobre o papel da intenção no sentido irônico ao propor que a intenção seja considerada “um efeito textual mais que algo que antecede o texto que determina seu significado” (Hutcheon, 2000, p. 178). Isso possibilita que a autora trate a ironia como “algo que ‘acontece’ mais do que algo que simplesmente existe [...] no discurso, no uso, no espaço dinâmico da interação de texto, contexto e interpretador” (Hutcheon, 2000, p. 90), como um processo e acontecimento discursivo, relacionando-se com a proposta de Brait de que “o conceito de efeito de sentido (irônico) parece pertinente na articulação produção-recepção envolvida por um texto” (Brait, 2008, p. 15). Temos, então, que a ironia acontece na relação entre produção e recepção de um enunciado, ou seja, na relação entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer (Brait, 2008, p. 140), sendo adequado adotar um modelo mais “interagente ou relacional entre ‘condições de produção’ e condições de interpretação dentro do contexto” (Hutcheon, 2000, p. 145). Isso posto, fica “difícil tratar a semântica da ironia separadamente de sua sintaxe ou pragmática, suas circunstâncias (textuais e contextuais) ou suas condições de uso e recepção” (Hutcheon, 2000, p. 30), o que reforça a importância não só de abordar a ironia como interação, mas também de ver o enunciado irônico como dependente do contexto e como uma construção multifacetada em razão de fatores interacionais.

Desde a abordagem pragmática da ironia como implicatura, tem sido consensual dentro do campo compreender a ironia como uma construção de sentido de base inferencial. Assim, ela “não pode ser compreendida separadamente de sua corporificação em contexto” (Hutcheon, 2000, p. 135). Porém, outros desafios se colocam a essa abordagem, pois, além de a noção de contexto poder ser bastante ampla e heterogênea dependendo da filiação teórica que se adota (Hanks, 2008), “o contexto não é uma entidade positivista que existe fora da elocução” (Hutcheon, 2000, p. 209). Assim, Hutcheon (2000) identifica três tipos de contexto: circunstancial – contexto social e físico que compreende “um local institucional, um ambiente físico e um conjunto de expectativas” (Hutcheon, 2000, p. 207); textual – “o ambiente textual imediato [...] que faz a ironia acontecer por meio de um crescente ‘senso dos procedimentos habituais do texto’” (p. 207); e intertextual – “composto de todas as outras elocuições relevantes que se relacionam com a interpretação da elocução em questão” (Hutcheon, 2000, p. 207).

Contudo, a autora defende que “o contexto não é fundamentalmente diferente do que ele contextualiza; o contexto não é dado, mas produzido” (Hutcheon, 2000, p. 209), isso porque se faz “uso consequente dos signos para invocar contextos e, por meio disso, realizá-los” (Hanks, 2008, p. 197), no que se convencionou chamar de processos de contextualização, em que os signos funcionam como pistas de contextualização (Gumperz, 1998). Porém, como Barros aponta, “a identificação de uma marca [como uma pista de contextualização] depende fortemente do exame das condições no momento de produção textual, assim como é sensível à instabilidade da interação” (Barros, 2012, p. 57); assim, se, por um lado, os signos mobilizados na interação contribuem para criar contextos interpretativos, por outro, os contextos interacionais colaboram eles mesmos com a significação dos signos.

Diante dessa relação de interdependência entre o contexto e o texto e considerando que o significado de um contexto é determinado pelos acontecimentos, que precisam ser elucidados tanto quanto os contextos (Hutcheon, 2000), Hutcheon propõe “tentar pensar não em contexto, mas no enquadramento de signos: como os signos são constituídos (enquadrados) por várias práticas discursivas, arranjos institucionais, sistema de valores, mecanismos semióticos?” (Hutcheon, 2000, p. 209). A noção de enquadramento é tomada por Hutcheon de Goffman, e corresponde aos “princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles” (Goffman, 2012, p. 34) e que “emergem de interações verbais e não-verbais e são por elas constituídos” (Tannen; Wallat, 1998, p. 124), sendo, portanto, dinâmicos. Assim, “o que pertence a um contexto é determinado pelas estratégias de interpretação”, ou seja, “os enquadramentos mudam os contextos” (Hutcheon,

2000, p. 209) e tornam “possíveis campos de interpretação de experiência discretos e diferentes que permitem organizar significados (irônicos ou outros)” (Hutcheon, 2000, p. 209). A questão, então, se desloca: não se trata mais de investigar em que o contexto um enunciado pode ser considerado irônico, mas de compreender “como é que o interpretador sabe quando (e como) enquadrar uma elocução dessa maneira (irônica)?” (Hutcheon, 2000, p. 210). Para tanto, alguns aspectos da constituição do enunciado e da enunciação podem ser decisivos na sinalização para o interpretador de que um enquadramento irônico é possível.

O conceito de inadequação relevante (Attardo, 2007), uma contribuição chave da teorização pragmática, nos possibilita compreender algumas das condições em que o enquadramento irônico se torna possível. O sentido irônico se constrói em um tipo de interação de natureza multifacetada, como uma moeda e duas faces: o dito e não dito. Contudo, diferentemente da teorização semântica tradicional, em que o sentido literal é substituído pelo sentido não literal, ou irônico, o sentido irônico numa perspectiva interacional-discursiva precisa ser tomado como “inclusivo e relacional: o dito e o não dito coexistem para o interpretador, e cada um faz sentido em relação ao outro porque eles literalmente interagem para criar o verdadeiro sentido irônico” (Hutcheon, 2000, p. 30). Portanto, a ironia não é “assim, simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples versão ou o oposto do dito: ele é sempre diferente – *o outro do* dito e mais que ele” (Hutcheon, 2000, p. 30), em que esse ‘mais’ abre espaço para a plurissignificação, seja a atitude avaliadora do ironista, a atribuição de ironia pelo interlocutor ou ainda qualquer espaço para dubiedade e até mesmo incompreensão, ratificando a ironia como um fenômeno pragmático.

Hutcheon (2000, p. 216) considera ser importante que o ironista, de acordo com suas conveniências, ponha “o interpretador na trilha das conexões entre o dito e o não dito por meio de pistas que destacam certas normas”, ainda que seja necessário ressaltar que “não há garantias de que o interpretador vá ‘pegar’ a ironia da mesma maneira como foi intencionada” (Hutcheon, 2000, p. 28), nem que ele tem um papel passivo. Assim, “tudo o que o ironista intencionado pode fazer é apresentar um estímulo contextualizado [...] e esperar que sua percepção leve o interpretador a inferir intento irônico, em primeiro lugar, e um significado irônico específico, em segundo” (Hutcheon, 2000, p. 216), do que se conclui que “sinais de ironia não sinalizam *ironia* até que sejam interpretados como tais” (Hutcheon, 2000, p. 216). Então, Hutcheon (2000, p. 210-213) sugere que intento e sentido irônicos podem ser oportunizados pelo contexto textual e/ou pelo sinal irônico e propõe que os recursos linguísticos sejam agrupados de acordo com suas funções: os recursos estruturadores de ironia e os recursos metairônicos. Porém, pondera

a teórica, esses recursos “são feitos para sinalizar a *presença* de ironia, o *intento* de irônico ou talvez simplesmente a possibilidade de a elocução ser *interpretada como* irônica?” (Hutcheon, 2000, p. 215).

Os recursos metairônicos são compreendidos como metapistas e “funcionam como gatilhos para sugerir que o interpretador deve estar aberto a outros significados possíveis” (Hutcheon, 2000, p. 221), assim, servem para metacomunicar intento irônico. Hutcheon considera que esses recursos são principalmente de caráter paralinguístico, ou seja, recursos não verbais que ocorrem necessariamente em associação com a linguagem verbal: recursos gesticulatórios, fônicos e gráficos.

- Gesticulatórios: “um sorriso malicioso, uma piscada, uma sobrancelha levantada” (Hutcheon, 2000, p. 222).
- Fônicos: “limpar a garganta, mudar o registro de voz [...], alterações de velocidade ou ênfase em certas palavras” (Hutcheon, 2000, p. 223).
- Gráficos: “todos eles também têm funções que não são irônicas, e por isso dependem completamente do contexto para um enquadramento apropriado: aspas duplas e simples, itálicos, diacríticos, pontos de exclamação, pontos de interrogação, travessões, elipses, parênteses” (Hutcheon, 2000, p. 223).

Contudo, a partir de pesquisas anteriores (Marques, 2016), podemos ponderar se de fato os recursos metairônicos seriam responsáveis por ‘apenas’ metacomunicar o intento irônico, já estruturado de outra forma. Investigando a ironia em interações digitais (Marques, 2016), foi possível notar como essas novas formas de comunicação surgidas com o advento da internet hibridizam características do oral e do escrito e parecem necessitar das pistas de contextualização (Gumperz, 1998) para construir efetivamente seus sentidos. Nesse contexto, pudemos identificar o uso da expressão ‘só que não’, ou ainda sua abreviação SQN, como um recurso ao mesmo metairônico, dada a sua natureza gráfica, e estruturante do discurso irônico, sendo decisivo para a construção de um contexto em que o sentido irônico pode acontecer.

Já os recursos estruturadores são, de fato, aqueles que funcionam para “sinalizar e estruturar o contexto mais específico no qual o dito pode esbarrar em algum não dito” (Hutcheon, 2000, p. 221), estando assim ligados aos diferentes níveis de contexto (circunstancial, textual e intertextual). Embora possam ser mais sutis, eles “agem para tornar disponível, isto é, para na verdade estruturar uma base na qual se tornam possíveis tanto as

semânticas relacional, inclusiva e diferencial e também aquela aresta avaliadora que caracteriza o significado irônico” (Hutcheon, 2000, p. 222), podendo ser:

- mudanças de registro: “mudanças em socioletos e até dialetos, mas o que importa é que sejam perceptíveis e interpretáveis em contexto” (Hutcheon, 2000, p. 224);
- exagero/abrandamento: “a hipérbole e a litotes representam os dois extremos comuns de sinalização irônica” (Hutcheon, 2000, p. 224). “Com a litotes, está implícito mais do que se diz [...]. A atenuação do pensamento que caracteriza a litotes está na base das ironias que apresentam os fatos relevantes como algo sem importância. [...] a hipérbole consiste em exagerar a verdade, o que também pode causar um efeito irônico”⁴¹ (Gurillo; Marimón; Padilla; Timofeeva, 2004, p. 240);
- contradição/incongruência: “um complexo de coisas agrupadas em torno de noções de contradição, incongruência, contraste e justaposição” (Hutcheon, 2000, p. 225);
- literalização/simplificação: “a semelhança estranha produzida ao tornar literal o figurativo que dispara e estrutura a atribuição de ironia” (Hutcheon, 2000, p. 226); ou
- repetição/menção ecoante: “processo pelo qual os decodificadores identificam pela inferência ecos de outras elocuições e o papel que isso pode ter em criar expectativas de significado e intenção irônicos” (Hutcheon, 2000, p. 226), e pode ser intratextual ou intertextual e ainda explícita, invocada, autoinvocante, indireta ou direta.

Considerando a discussão prévia, podemos ainda listar como recursos linguísticos que estruturam a ironia: a pergunta irônica – já abordada na discussão filosófica sobre a ironia; e a ironia imagética, em que há “a construção de uma imagem, com palavras irônicas ou não, capazes de gerar, no interior da própria imagem, um quadro crítico, de ironia marcante” (Cintra, 2011, p. 70). Portanto, ao observar a natureza da ironia diante desses mecanismos linguísticos, parece claro como ela se estrutura como uma incongruência, ou seja, como é “um discurso que, por meio de mecanismos dialógicos, se oferece basicamente como argumentação direta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva” (Brait, 2008, p. 73). Dessa forma, torna-se central “a ideia de contradição, de duplicidade como traço essencial a um modo de discurso dialeticamente articulado; o distanciamento entre o que é dito e o que o enunciador pretende que seja entendido; a expectativa da existência de um leitor

⁴¹ No original: “Con la litotes se da a entender más de lo que se dice [...]. La atenuación del pensamiento que caracteriza a la litotes está en la base de las ironías que presentan los hechos relevantes como algo sin importancia. [...] la hipérbole consiste en exagerar la verdad, lo que también puede ocasionar un efecto irónico” (Gurillo; Marimón; Padilla; Timofeeva, 2004, p. 240).

capaz de captar a ambiguidade propositalmente contraditória desse discurso” (Brait, 2008, p. 34), distinta, inclusive, de outras formas de contradição por seu valor argumentativo (Brait, 2008, p. 116). Daí decorre o caráter estratégico da ironia, habilitando-a a atuar em práticas discursivas tão distintas, da filosofia ao entretenimento, pois, sendo um recurso de distensão à censura e à repressão,

Sua natureza consiste em enunciar o oposto do que se quer comunicar ao outro, mas poupando-lhe a contradição ao lhe dar a entender – pelo tom de voz, por gestos auxiliares, por pequenos sinais estilísticos (quando se trata de uma apresentação escrita) – que na verdade se quer dizer o contrário do enunciado. A ironia só é utilizável quando o outro está preparado para ouvir o oposto, de modo que não lhe falte a inclinação a contradizer. Em virtude dessa condição, a ironia corre facilmente o risco de não ser entendida. Para a pessoa que a emprega, ela tem a vantagem de permitir contornar facilmente as dificuldades das expressões diretas, como, por exemplo, no caso das invectivas (Freud, 2017, p. 248).

Dessa forma, o jogo será mais ou menos explícito em função do cálculo que o ironista faz sobre os riscos envolvidos ou não na interação em fluxo. Assim, o ironista deve considerar que o uso de convenções de sinalização mais aceitas pelos participantes torna mais provável e mais fácil que uma ironia intencionada seja assim interpretada pelo interlocutor (Hutcheon, 2000). Por outro lado, é inquestionável que “a ironia mais eficaz é a menos abertamente sinalizada, a menos explícita – quando o risco de incompreensão e desentendimento é maior” (Hutcheon, 2000, p. 218), daí seu caráter político, suas consequências públicas “tanto de sua compreensão quanto de seu malogro” (Hutcheon, 2000, p. 18), o que vincula a ironia à (im)polidez, como exploraremos a seguir.

3 PERSPECTIVAS DE ESTUDO SOBRE A (IM)POLIDEZ

“Com efeito, os conceitos, assim como os indivíduos, têm sua história e, tal como eles, não conseguem resistir ao poder do tempo. E no entanto, por isso e apesar disso, guardam mesmo assim uma espécie de saudade da terra onde nasceram.”

(Kierkegaard, 2013, p. 25-26)

Nesta seção, focalizamos o conceito de (im)polidez como formulado dentro da Linguística, retomando a gênese do fenômeno e sustentando o caráter interacional e situado da (im)polidez. Assim, inicialmente, na subseção 3.1, exploramos alguns estudos do campo da Filosofia que se ocupam da polidez e podem suscitar questões relevantes para a reflexão sobre a (im)polidez linguística. Posteriormente, debruçamo-nos sobre a (im)polidez linguística, primeiro, na subseção 3.2, traçando um panorama dos estudos seminais sobre a polidez, dos quais destacamos a proposta de Lakoff (1973) da polidez como evitar ofensa, a de Brown e Levinson (1987) da polidez como forma de preservar a face, e a de Leech (1983) da polidez como parte da retórica interpessoal. Na subseção 3.3, apresentamos abordagens discursivas ou sociopragmáticas, que, embora desenvolvidas em certo horizonte pragmático, incorporam noções de outras áreas, buscam contemplar o fenômeno da impolidez e, por fim, ampliam a abordagem propondo o fenômeno em termos de (im)polidez enquanto um *continuum*. Nesse ponto, destacamos os trabalhos de Eelen (2001) da polidez como avaliação do comportamento, de Watts (2003) da (im)polidez como comportamento para além do político e de Culpeper (2011b) da (im)polidez como avaliação situada de comportamentos.

3.1 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE A (IM)POLIDEZ

Como a epígrafe acima provoca, é de muita serventia, na compreensão de qualquer conceito, retornar à sua gênese, no entanto, diferentemente da ironia, cuja origem epistemológica é bem delimitada, a polidez e conseqüentemente a impolidez parecem, enquanto conceitos, ter uma origem muito recente e firmemente circunscrita ao campo da Linguística. De todo modo, observar como o fenômeno da polidez foi abordado ou pode ser associado a investigações prévias ajuda a elucidar variados aspectos da (im)polidez e ampliar a compreensão sobre o tema.

Inicialmente, encontram-se na Filosofia algumas reflexões que podem se associar à (im)polidez, particularmente, dentro dos estudos sobre ética (Bergson, 2016), as ideias de

virtude e de moral, particularmente, podem ser relacionadas à polidez. Leighton (2021, p. 204) considera que “a polidez compartilha características significativas com as virtudes como entendidas por Aristóteles”⁴², enumerando algumas dessas características como: dizer respeito ao caráter das pessoas, surgir por meio do hábito, exigir uma espécie de sabedoria prática, encontrar expressão em atividades relevantes (Leighton, 2021), concluindo que “a polidez (como a virtude) deve ser encontrada em um nexo de raciocínio (prático) e desejo”⁴³ (Leighton, 2021, p. 205). Por outro lado, o autor atenta que as naturezas das paixões e dos prazeres são distintas na polidez e na virtude, assim, se, para a virtude, a presença do afeto e do prazer é condição necessária para o ato virtuoso, a polidez pode ser realizada sem que nenhum afeto ou prazer esteja associado ao ato polido, ou seja, um ato permanece polido ainda que não tenha prazer ou afeto condizente com a polidez (Leighton, 2021).

No entanto, para Leighton (2021), mais do que as paixões, é a diferença entre estrutura da virtude e da polidez que impede a polidez ser entendida efetivamente como uma virtude nos termos aristotélicos, pois “onde a visão de Aristóteles da atividade virtuosa requer uma estrutura causal específica e exigente, a polidez não exige o mesmo, mas está centrada em saídas comportamentais pertinentes”⁴⁴ (Leighton, 2021, p. 208) e, principalmente, “as virtudes estão de várias maneiras ligadas a várias normas éticas, incluindo o que é bom, belo e digno de louvor. No entanto, não há requisitos semelhantes para polidez ou suas atividades. A atividade polida e a polidez em si podem, mas não precisam, ser boas, boas ou louváveis”⁴⁵ (Leighton, 2021, p. 208).

Tendo esse panorama em vista, parece razoável a reflexão proposta por Comte-Sponville (1999) da polidez como a primeira virtude, mas também aquela que é mais pobre, superficial e discutível. O autor sustenta a relevância da polidez como uma virtude em razão de seu caráter pedagógico, ou seja, ao reconhecer que a polidez “é apenas um começo, mas o é. Dizer ‘por favor’ ou ‘desculpe’ é simular respeito; dizer ‘obrigado’ é simular reconhecimento. É aí que começam o respeito e o reconhecimento” (Comte-Sponville, 1999, p. 11). Assim, citando La Bruyère, o filósofo francês (1999, p. 11), atenta que o valor da polidez consiste em

⁴² No original: “Politeness shares significant features with the virtues as understood by Aristotle” (Leighton, 2021, p. 204).

⁴³ No original: “politeness is to be found at a nexus of (practical) reasoning and desire” (Leighton, 2021, p. 205).

⁴⁴ No original: “Thus, where Aristotle’s view of virtuous activity requires a specific and demanding causal structure, politeness does not require the same, but instead is centered on pertinent behavioral outputs” (Leighton, 2021, p. 208).

⁴⁵ No original: “virtues are in various ways linked to several ethical norms, including what is good, fine, and worthy of praise. There are, however, no similar requirements for politeness or its activities. Polite activity and politeness itself can but need not be good, fine, or praiseworthy” (Leighton, 2021, p. 208).

fazer “o homem parecer por fora como deveria ser por dentro”, embora atente também que essa aparência não é suficiente enquanto valor moral e, assim, ressaltar que “a polidez não é tudo, é quase nada. Mas o homem, também, é quase um animal.” (Comte-Sponville, 1999, p. 14), concluindo, por fim, que “ela é insuficiente no adulto e necessária na criança” (Comte-Sponville, 1999, p. 11).

Tanto em Leighton (2021) quanto em Comte-Sponville (1999), parece coincidir a polidez enquanto um comportamento que busca expressar uma aparência de valores morais, mais do que os próprios valores morais, nos termos do próprio Comte-Sponville (1999, p. 13) assim como “o saber-viver não é a vida; a polidez não é a moral”. Esses pontos, presentes nessas discussões filosóficas sobre a polidez, reaparecem em certa medida nos estudos linguísticos e vão se referir à natureza prática e racional da polidez, sua relação com o caráter e com a autoimagem que o indivíduo tem de si, seu caráter insincero e seu efeito afetivo. Esses são pontos importantes que merecem ser aprofundados para não só compreender melhor a (im)polidez, mas também auxiliar na elucidação sobre questões referentes à relação humana, à civilidade e à moralidade, questões essas que têm no início do século XXI retornado de forma expressiva na arena da comunicação pública.

O campo da Linguística tem sido o espaço mais profícuo de estudo da (im)polidez, e, ainda que tenha uma origem muito ligada à Pragmática, o campo tem se expandido para incorporar nuances mais sociodiscursivas relevantes numa compreensão mais ampla do fenômeno. A conexão dos estudos de polidez com a Pragmática se justifica no fato de que o estudo inicial de maior impacto sobre polidez linguística foi formulado mantendo estreita relação com os postulados de Grice. No entanto, como O’Driscoll (2017, p. 90) destaca, enquanto a pergunta griceana é “como as pessoas se administram para compreender umas às outras quando não falam o que querem dizer”⁴⁶, a pergunta-chave para refletir a polidez é “*por que* as pessoas não falam o que querem dizer em primeiro lugar”⁴⁷ (O’Driscoll, 2017, p. 90), o que naturalmente requer um desenvolvimento teórico e metodológico. Nas discussões desenvolvidas sobre tal ‘disfunção’ pragmática, muitas propostas têm sido feitas e aqui abordaremos duas perspectivas bem expressivas: os estudos pragmáticos e os estudos sócio-pragmáticos sobre a (im)polidez.

⁴⁶ No original: “how people manage to understand each other when they don’t spell out what they mean” (O’Driscoll, 2017, p. 90).

⁴⁷ No original: “*why* they don’t spell out what they mean in the first place” (O’Driscoll, 2017, p. 90).

3.2 PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS SOBRE A (IM)POLIDEZ

O trabalho de Lakoff é considerado o precursor dos estudos modernos da polidez linguística e, filiado teoricamente à Semântica Gerativa e à Pragmática, mais especificamente à Teoria do Princípio Cooperativo de Grice, Lakoff (1990, p. 34) considera a polidez como “um sistema de relações interpessoais designado para facilitar a interação ao minimizar o potencial para conflitos e confrontos inerentes em toda troca humana”⁴⁸. Parte-se do pressuposto de que pessoas são intrinsecamente cooperativas e buscam ser tão informativas quanto possível na comunicação. Por essa razão, adota-se nessa perspectiva a base griceana de que a comunicação humana é constituída sobre o Princípio Cooperativo e as máximas conversacionais, considerados regras do comportamento linguístico que governam a produção e interpretação linguística com objetivo de assegurar a informatividade, enquanto transferência de informação maximamente eficiente.

Desse modo, a teoria do Princípio Cooperativo tenta explicar como se dão os processos de compreensão através de termos falados. Geralmente esses princípios são seguidos, no entanto, como apontado na seção 2.2, quando eles não são seguidos desencadeiam outros processos interpretativos, abrindo possibilidade para a compreensão de mais do que foi dito, ou seja, implicaturas. À compreensão desses processos interpretativos, Lakoff (1973) propõe o conceito de Princípio de Polidez como par do Princípio Cooperativo. Assim, para a autora (1973), o Princípio Cooperativo é gerado em função do conteúdo informativo, e o Princípio de Polidez é gerado em função de questões sociais e de compreensões adicionais ao conteúdo informativo, de modo que, se na comunicação há algum prejuízo ao conteúdo informativo, os interactantes acionam o Princípio de Polidez para tentar explicar a razão desse prejuízo.

Se alguém objetiva comunicar uma mensagem diretamente, se o objetivo principal dele na fala é a comunicação, ele tentará ser claro, para que não haja confusão em sua intenção. Se o objetivo principal do falante é transitar de uma forma ou de outra através dos respectivos *status* dos participantes no discurso, indicando onde cada um está na estima do falante, seu objetivo será menos a realização da claridade do que uma expressão de polidez, como seu oposto⁴⁹ (Lakoff, 1973, p. 296).

⁴⁸ No original: “Politeness is a system of interpersonal relations designed to facilitate interaction by minimizing the potential for conflict and confrontation inherent in all human exchange” (Lakoff, 1990, p. 34).

⁴⁹ No original: “If one seeks to communicate a message directly, if one’s principal aim in speaking is communication, one will attempt to be clear, so that there is no mistaking one’s intention. If the speaker’s principal aim is to navigate somehow or other among the respective statuses of the participants in the discourse indicating where each stands in the speaker’s estimate, his aim will be less the achievement of clarity than an expression of politeness, as its opposite” (Lakoff, 1973, p. 296).

Ou seja, o Princípio de Polidez gerenciaria a interação enquanto uma consideração interpessoal dos participantes, com foco principalmente na minimização de potenciais conflitos. Como desdobramento de sua teorização, Lakoff (1973) indica que existam três regras do Princípio de Polidez: 1) não imponha; 2) dê opções; e 3) faça seu interlocutor se sentir bem, seja amigável. Mas ressalta que diferentes culturas tendem a enfatizar uma ou outra regra e que, portanto, a definição de polidez difere interculturalmente, propondo que a cultura pode ser tida como propensa a estratégia de *distância* (impessoalidade), de *deferência* (hesitação) ou de *camaradagem* (informalidade), dependendo da regra mais importante. Desse modo, podemos compreender que a teoria de Lakoff concebe a polidez como um mecanismo, principalmente, para evitar conflito.

Partindo das reflexões propostas por Lakoff, ou seja, concebendo a polidez como um desvio do Princípio Cooperativo com foco na interação interpessoal, Brown e Levinson (1987) vão expandir o conceito de polidez para relacioná-lo com teoria da preservação de face de Goffman (2011). No entanto, diferentemente de Lakoff, cujo objetivo seria descrever as formas de evitar conflito, Brown e Levinson definem seu trabalho como “uma ferramenta para descrever, de uma forma muito mais precisa, mas ainda assim simples, um fenômeno que tem sido um interesse persistente dos antropólogos: a qualidade das relações sociais”⁵⁰ (Brown; Levinson, 1987, p. 55) e, para tanto, os autores constroem uma Pessoa Modelo, considerando-a dotada de duas propriedades interagentes: racionalidade e face. No entanto, os autores focalizam primordialmente as realizações linguísticas como lugar privilegiado da investigação, de modo que se busca identificar “a construção da mensagem estratégica como o lugar-chave da interface da linguagem-sociedade”⁵¹ (Brown; Levinson, 1987, p. 56), sendo, portanto, uma teoria centrada mais no enunciado do que na interação.

Discutindo as duas propriedades dos interactantes, Brown e Levinson partem do conceito de face de Goffman (2011) para definir a face como “a autoimagem pública que todo membro de uma sociedade quer reclamar para si”⁵² (Brown; Levinson, 1987, p. 61), sendo, portanto, necessário que os demais interactantes ajam de forma que essa face se torne consistente. Os autores relacionam a face à noção de desejos, propondo a face positiva como

⁵⁰ No original: “a tool for describing, in some much more precise but nevertheless simple way, a phenomenon that has been a persistent interest of anthropologists: the quality of social relationships” (Brown; Levinson, 1987, p. 55).

⁵¹ No original: “we identify strategic message construction as the key locus of the interface of language and society” (Brown; Levinson, 1987, p. 56).

⁵² No original: “face”, the public self-image that every member wants to claim for himself” (Brown; Levinson, 1987, p. 61).

referente ao desejo de ser aceito e face negativa referente ao desejo de não ser impedido (Brown; Levinson, 1987). Considerando que esses desejos antagônicos coexistiriam entre os interactantes, ou seja, ao mesmo tempo que se deseja ser aceito, não se quer ser impedido e tampouco se pode impor ao outro a aceitação, pois fazê-lo violaria o desejo do outro de ser não ser impedido e de ser livre, pode-se compreender que toda interação seria potencialmente conflituosa. Nesse sentido, a interação pode ser compreendida como um ataque virtual à face e a polidez funcionaria minimizando esses ataques, atuando como um mecanismo de preservação da face.

É nesse ponto que o conceito de racionalidade enquanto raciocínio prático, tomado de Aristóteles pelos autores, se faz importante enquanto “um modo precisamente definível de raciocínio dos fins aos meios que irão atingir esses fins”⁵³ (Brown; Levinson, 1987, p. 58), pois considerando que a interação é potencialmente conflituosa se faz necessário agir estrategicamente para alcançar os objetivos interacionais em jogo, sendo condição básica a própria manutenção da interação. Cabe, por fim, sinalizar que, como destacam autores, embora a racionalidade permita ao indivíduo agir intencional e deliberadamente, possibilitando-lhe atuar estrategicamente, não é possível controlar por completo a correlação meio → fim, sendo importante, portanto, problematizar o conceito de racionalidade, o que faremos adiante na quarta seção.

Ainda que os conceitos de racionalidade e face sejam de particular importância para a presente pesquisa, o eixo central da teoria de Brown e Levinson é a tipologia que os autores estabeleceram entre a polidez e a teoria dos atos de fala, o que permitiu não só uma maior sistematização da noção, tornando-a mais operacional e familiar em relação aos estudos pragmáticos do período, mas principalmente o que permitiu a ampla difusão da teoria no campo. Nessa direção, os autores definem os atos de fala como aspecto fundamental de sua teoria da polidez, assumindo como ideal central que “alguns atos são intrinsecamente ameaçadores de enfrentar e, portanto, exigem ‘suavização’”⁵⁴ (Brown; Levinson, 1987, p. 24). Os atos ameaçadores da face podem ser categorizados em relação ao tipo de face atingida (positiva ou negativa) e em relação ao alvo da ameaça à face (falante ou ouvinte). Interessa-nos, particularmente, que “no contexto da vulnerabilidade mútua da face, qualquer agente racional procurará evitar esses atos de ameaça à face, ou empregará certas estratégias para minimizar a

⁵³ No original: “a precisely definable mode of reasoning from ends to the means that will achieve those ends” (Brown; Levinson, 1987, p. 58).

⁵⁴ No original: “some acts are intrinsically threatening to face and thus require ‘softening’” (Brown; Levinson, 1987, p. 24).

ameaça”⁵⁵ (Brown; Levinson, 1987, p. 68). Os autores (1987) propõem que três objetivos são considerados nesse cálculo racional: 1) comunicar o conteúdo de um ato de ameaça à face, 2) ser eficiente comunicativamente e 3) manter a face do ouvinte. Considerando esses fatores, Brown e Levinson (1987) pressupõem que os interactantes desejarão minimizar o seu ato de ameaça à face, exceto quando o objetivo de ser eficiente comunicativamente se sobressair. Assim, os autores propõem que os falantes, tendo em vista esse raciocínio meio-fim e a mútua sensibilidade da face, performam seus atos de fala em cinco direcionamentos interacionais, chamados de superestratégias:

1. *Bald on record* (direto): guia-se pelo Princípio Cooperativo, sendo o ato de fala realizado de forma direta.
2. Polidez positiva: há estratégia de reparação da face positiva do ouvinte, ou seja, do seu desejo de ser aceito.
3. Polidez negativa: há estratégia de reparação da face negativa do ouvinte, ou seja, do seu desejo de ser desimpedido, livre.
4. *Off record* (indireto): busca-se a implicatura conversacional, sendo o ato de fala realizado de forma indireta.
5. Sem realizar ato de fala: considera-se que a não realização de qualquer ato de fala é a opção mais segura para preservar a face dos interactantes.

Brown e Levinson discutem principalmente as superestratégias de polidez positiva e polidez negativa, e destacamos que as superestratégias *off record* incluem o caso da ironia, que para os autores seria uma estratégia de polidez, pois seu uso demarcaria conhecimento de certos valores e pertencimento a certo grupo social. A partir das superestratégias, é estabelecido um parâmetro para os interactantes para suas realizações discursivas, ou seja, para a produção linguística, chamada na teoria de Brown e Levinson de estratégias. Nesse ponto, então, a escolha das estratégias é orientada por outros aspectos, tais como as vantagens de cada uma das superestratégias e a ponderação entre essas vantagens e seus riscos, além das variáveis sociológicas, mais especificamente a distância e o poder entre os interactantes, além do grau de imposição do ato de ameaça à face dentro de uma perspectiva cultural. Dessa forma, pode-se notar o foco da teoria de Brown e Levinson na natureza dos enunciados e sua potencialidade ofensiva, ameaçadora à face. Os próprios autores alertam para os limites do modelo formulado e enfatizam que “a interação social é notável por suas propriedades emergentes, que

⁵⁵ No original: “In the context of the mutual vulnerability of face, any rational agent will seek to avoid these face-threatening acts, or will employ certain strategies to minimize the threat” (Brown; Levinson, 1987, p. 68).

transcendem as características dos indivíduos que a produzem conjuntamente; esse caráter emergente não é algo para o qual nossos modelos teóricos atuais estejam bem equipados”⁵⁶ (Brown; Levinson, 1987, p. 48), o que demonstra a relevância de abordagens situadas dos fenômenos interacionais, como é o caso dos estudos discursivos da (im)polidez. Por fim, para os autores, a polidez vai além das rotinas de bons modos, indo ao decoro e sendo, portanto, fundamental para a vida social e a sociedade, por ser a expressão dos nossos relacionamentos sociais. Por essa razão, Eelen (2001, p. 5) considera que essa concepção de polidez “provê um caminho verbal para consolar as tensões interpessoais que surgem das intenções comunicativas que conflitam com necessidades e *status* sociais”⁵⁷.

Outra teorização pragmática sobre a polidez que destacamos é a de Leech (1983), que, assim como Lakoff, também adota o Princípio de Polidez como ferramenta para argumentar por quê o Princípio Cooperativo é insuficiente para explicar alguns fenômenos linguísticos, focalizando particularmente os enunciados indiretos e a relação sentido-força ilocucionária em enunciados não declarativos. A contribuição de Leech se dá na direção de localizar esses dois princípios, além do Princípio de Ironia – sobre o qual falaremos adiante –, dentro de um quadro teórico maior, denominado **retórica interpessoal**, em que se prevê ainda um espaço para a impolidez (Culpeper, 2011a, p. 421). Para Leech (1983, p. 131), “a polidez se refere a relação entre dois participantes que nós podemos chamar de *self* e *outro*”⁵⁸, sendo importante destacar que esse outro pode se referir a uma terceira parte da interação, como por ex. a audiência de um debate televisionado. Para descrever essa relação, o autor propõe o Princípio de Polidez enquanto uma ferramenta descritiva orientada para dois objetivos: “Minimize a expressão de crenças impolidas” e “Maximize a expressão de crenças polidas”, os quais devem ser ponderados à luz das seis máximas do Princípio de Polidez, cada qual com duas dinâmicas interacionais, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 3.1 – Máximas de Polidez de Leech

Máxima	Minimize...	Maximize...
Tato	...custo para o outro	...benefício para o outro
Generosidade	...benefício para si	...custo para si

⁵⁶ No original: “Social interaction is remarkable for its emergent properties which transcend the characteristics of the individuals that jointly produce it; this emergent character is not something for which our current theoretical models are well equipped” (Brown; Levinson, 1987, p. 48).

⁵⁷ No original: “It provides a verbal way to relieve the interpersonal tension arising from communicative intentions that conflict with social needs and statuses” (Eelen, 2001, p. 5).

⁵⁸ No original: “politeness concerns a relationship between two participants whom we may call self and other” (Leech, 1983, p. 131).

Aprovação	...crítica para o outro	...elogio para o outro
Modéstia	...elogio para si	...crítica para si
Concordância	...discordância entre você e o outro	...concordância entre você e o outro
Simpatia	...antipatia entre você e o outro	...simpatia entre você e o outro

Fonte: Elaboração própria a partir de Leech (1983)

O detalhamento das máximas proposto por Leech permite elaborar melhor as nuances, em termos de polidez, das relações entre os interactantes, sendo as máximas associadas a tipos de atos de fala. Entre essas máximas, o autor considera a Máxima de tato, que se relaciona aos atos diretos e comissivos na taxonomia de Searle (2000), como a mais importante no Princípio de Polidez, pois esses enunciados, se referindo a uma ação a ser performada pelo falante ou pelo ouvinte, implicam uma certa relação de custo x benefício para um ou outro (Leech, 1983, p. 107). Dessa forma, “a função da máxima de tato é uma função negativa: ela é um meio de evitar conflito [...] a máxima de tato em sua forma mais absoluta previne tais incompatibilidades [entre os desejos do falante e ouvinte] de emergir, uma vez que ‘minimize o custo para o ouvinte’ carrega a implicação de ‘não (expresse o desejo de) faça o que conflita’”⁵⁹ (Leech, 1983, p. 113). Por fim, pode-se considerar a polidez como mais orientada para o outro do que o *self* e objetivando mais evitar o conflito do que promover a harmonia, tal qual Brown e Levinson (1987). Considerando-se, então, que alguns comportamentos linguísticos são inevitavelmente desfavoráveis para o interlocutor, Leech (1983) aponta para a pertinência de evitar enunciados de fala direta, tornando o uso de enunciados indiretos estratégico, uma vez que quanto mais indireto é um enunciado mais diminuída e facultativa é sua força pragmática e mais se amplia o grau de opcionalidade para o ouvinte, além de atenuar a responsabilidade do falante sobre o sentido construído na interação (Marcuschi, 2008).

Nessa discussão sobre o papel da comunicação indireta, Leech (1983) destaca o fenômeno da ironia, incluindo-o como um princípio da retórica interpessoal, o Princípio de Ironia (PI), ao lado do Princípio Cooperativo e do Princípio de Polidez. O autor enfatiza que o Princípio de Ironia é um princípio de segunda ordem, por estar subjugado tanto ao Princípio Cooperativo quanto ao Princípio de Polidez, no sentido de sua significação decorrer de uma

⁵⁹ No original: “the function of the tact maxim is a negative one: it is a means of avoiding conflict” [...] “the tact maxim in its most absolute form, prevents such incompatibilities from arising, since ‘minimize the cost to H’ carries the implication ‘do not (express the wish to) do what conflict, but on the other hand the avoidance strategy is a recipe for inactivity’” (Leech, 1983, p. 113).

violação aparente do Princípio Cooperativo e/ou do Princípio de Polidez. Assim, o Princípio de Ironia “permite ao falante ser impolido enquanto parece polido; funciona superficialmente quebrando o Princípio Cooperativo, mas no final das contas o mantém”⁶⁰ (Leech, 1983, p. 142), sendo apenas aparentemente disfuncional. Dessa forma, a ofensa irônica é alcançada através de implicatura, ou seja, o que o falante diz é polido com o ouvinte e claramente falso, portanto, o que realmente significa é impolido e verdadeiro, assim o Princípio de Ironia se torna relevante por “permitir que a agressão se manifeste de uma forma verbal menos perigosa do que a crítica direta, insultos, ameaças, etc.”⁶¹ (Leech, 1983, p. 143-144). Por fim, Leech pondera que a força da ironia pode variar, indo do cômico ao ofensivo, ainda que a ofensa através da ironia deva levar a menos conflito aberto por poder ser respondida com ironia, diferentemente da ofensa direta, respondida com ofensa, o que em certa medida aproxima a abordagem de Leech à formulação de Brown e Levinson, ou seja, a ironia sendo uma estratégia de mitigação de ataques à face.

O autor ainda menciona o Princípio de Brincadeira (*banter* no inglês) como um princípio de terceira ordem, que estaria relacionado ao Princípio de Ironia, no entanto, em sentido oposto, assim, de acordo com o Princípio de Brincadeira “o que o falante diz é impolido com o ouvinte e claramente falso. Portanto, o que realmente significa é polido e verdadeiro”⁶² (Leech, 1983, p. 144). Contudo, atentamos que na presente pesquisa não abordaremos a ironia em termos de Princípio de Brincadeira, pois consideramos que a natureza do tipo de interação analisada (debate eleitoral presidencial) e o caráter crítico da ironia constantemente destacado, ausente no Princípio de Brincadeira, dificulta abordar a ironia em termos de brincadeira e pretensão de intimidade, ainda que não descartemos a possibilidade de esses efeitos emergirem nas interações em análise.

3.3 PERSPECTIVAS SOCIODISCURSIVAS SOBRE A (IM)POLIDEZ

Um ponto de virada nos estudos da polidez ocorreu com a publicação de *A critique of Politeness Theories* de Gino Eelen em 2001, inaugurando uma fase de problematizações sobre

⁶⁰ No original: “The IP is a ‘second-order principle’, which enables a speaker to be impolite while seeming to be polite; it does so by superficially breaking the CP, but ultimately upholding it” (Leech, 1983, p. 142).

⁶¹ No original: “in permitting aggression to manifest itself in a less dangerous verbal form than by direct criticism, insults, threats, etc.” (Leech, 1983, pp. 143-144).

⁶² No original: “What *s* says is impolite to *h* and is clearly untrue. Therefore, what *s* really means is polite to *h* and true” (Leech, 1983, p. 144).

os postulados teóricos e metodológicos do campo, uma vez que a abordagem baseada nos pressupostos pragmáticos griceanos ignorava “a pura complexidade do contexto, que abrange não apenas aspectos do mundo relevantes para a comunicação, mas também sua representação cognitiva, sua emergência no discurso dinâmico, diferentes perspectivas dos participantes sobre eles e sua negociação no discurso, e assim por diante.”⁶³ (Culpeper, 2008, p. 21). Culpeper (2011a) agrupa os estudos desenvolvidos nesse movimento em três vertentes: discursiva, relacional e baseada em enquadramentos, embora considere que para investigar a polidez de forma situada é necessário mobilizar pressupostos advindos de campos diversos para tornar possível a compreensão e explicação dos fenômenos interacionais envolvidos.

Sobre a perspectiva discursiva, Culpeper (2011a) destaca que uma contribuição foi atentar para como a definição de polidez é sujeita à luta discursiva, sendo proposto nesse contexto que o aspecto central da polidez é seu caráter avaliativo, assim, as avaliações da polidez estão ligadas mais a normas sociais do que a uma intenção subjetiva, cujo papel é minimizado. Além disso, a perspectiva discursiva postula que o ponto de vista dos participantes é central para a investigação e se dedica a apreender os significados enquanto entidades situadas e emergentes, enfatizando o contexto e optando por investigações qualitativas (Culpeper, 2011a). Alguns dos principais estudiosos desse espectro são Eelen (2001), Mills (2011), Locher e Watts (2005), sendo o trabalho de Locher e Watts sobre o qual vamos nos concentrar. Já a abordagem relacional se estrutura no pressuposto de que a polidez, enquanto trabalho de face, é também uma forma de trabalho relacional, que “compreende todo o continuum do comportamento verbal, desde a interação direta, impolida, rude ou agressiva até a interação polida, abrangendo formas apropriadas e inadequadas de comportamento social”⁶⁴ (Locher; Watts, 2005, p. 11) e envolve pelo menos dois interactantes. Assim, o conceito de face, retomado de Goffman, é compreendido como construído discursivamente em interações situadas e considerado noção central para a compreensão do trabalho relacional. Alguns teóricos que se destacam são Locher e Watts (2005), Holmes e Schnurr (2005) e Spencer-Oatey (1993; 2005; 2015). Denominando o trabalho relacional de gerenciamento do *rappor*t, Spencer-Oatey (2005) propõe, além da face, direitos de socialidade e objetivos interacionais como

⁶³ No original: “This approach ignores the sheer complexity of context, which encompasses not only aspects of the world relevant to communication, but also their cognitive representation, their emergence in dynamic discourse, different participant perspectives on them and their negotiation in discourse, and so on” (Culpeper, 2008, p. 21).

⁶⁴ No original: “Relational work comprises the entire continuum of verbal behavior from direct, impolite, rude or aggressive interaction through to polite interaction, encompassing both appropriate and inappropriate forms of social behavior” (Locher; Watts, 2005, p. 11).

aspectos do trabalho relacional, que, como veremos, pode se direcionar para: aprimorar, desafiar, manter e negligenciar o relacionamento entre os participantes.

Por fim, Culpeper (2011a) menciona a abordagem baseada em enquadramentos, proposta por Terkourafi, em que os quadros são constituídos pela relação entre realizações linguísticas concretas e contextos particulares de uso (Culpeper, 2011a). Assim, o eixo dessa proposta é a ideia de convencionalização, pois, considerando a regularidade, “o destinatário se baseia nessa experiência anterior (representada holisticamente como um quadro) para derivar a proposição de que ‘ao oferecer a expressão x, o falante está sendo polido’”⁶⁵ (Terkourafi, 2005, p. 251), mas destaca não ser só através da regularidade que a polidez ocorre. Para elucidar essas derivações, a análise baseada em enquadramentos ainda retoma da Pragmática griceana a noção de implicaturas, podendo ser generalizadas ou particulares, respectivamente, menos ou mais dependentes do contexto.

Como já dito, a publicação da revisão crítica feita por Eelen (2001) sobre o estado da arte da polidez até então foi um movimento importante para os estudos da (im)polidez. A obra do autor sintetizou os principais estudos das principais correntes sobre polidez, até aquele momento, e sinalizou que aspectos relevantes sobre a linguagem e a interação social estavam ausentes do debate. Tais apontamentos foram primordiais para impulsionar novas nuances teóricas e metodológicas nos estudos de (im)polidez, e Eelen contribuiu para deslocar o foco do estudo de polidez de “por que as pessoas são polidas ou impolidas?” ou “como as pessoas são polidas ou impolidas?” para “por que as pessoas avaliam o comportamento umas das outras como polidos ou impolidos?”. As principais críticas feitas por Eelen (2001) foram sobre o caráter normativo e universalizante presente nas teorizações correntes sobre a polidez, o que poderia impor aos dados analisados a concepção de polidez assumida pelos pesquisadores, sendo essa concepção considerada consensual dentro de uma perspectiva em que a cultura se sobrepõe ao espectro individual. Assim, Eelen (2001) considera que os trabalhos sobre a polidez desenvolvidos até então, apesar de lidarem com um fenômeno social, não articulam adequadamente o contexto social, veem o mundo social desprovido de individualidade e criatividade humanas e focalizam excessivamente o enunciador, acarretando uma desvalorização dos interlocutores enquanto partes ativas do fenômeno em questão. Outro desdobramento desse quadro teórico inicial é a impossibilidade, teórica e metodológica, de essas teorias da polidez abordarem o fenômeno da impolidez, pois, dado o caráter normativo

⁶⁵ No original: “the addressee draws on that previous experience (represented holistically as a frame) to derive the proposition that ‘in offering expression x the speaker is being polite’” (Terkourafi, 2005a, p. 251).

imposto, a impolidez finda por ser concebida apenas em termos de ausência de polidez, visão inconsistente como veremos adiante.

Assim, Eelen (2001), refletindo sobre essas questões, traça alguns parâmetros para a investigação sobre a polidez, sendo o primeiro deles a necessidade de se reconhecer no campo que há uma distinção entre a polidez, como tem sido conceituada pelos mais diversos trabalhos e está particularmente associada a teorias pragmáticas, e a polidez como é experienciada pelos falantes em suas práticas sociodiscursivas cotidianas. Eelen (2001), acompanhando o posicionamento já tomado por Watts (1992), denomina a primeira como polidez 2 e a segunda como polidez 1 e justifica que essa distinção se faz importante se consideramos que muito da teorização sobre a polidez feita até então é tributário de formulações teóricas da Pragmática griceana, como desvio do Princípio Cooperativo, implicatura etc. Assim, não considerar esse tipo de distinção pode confundir os conceitos do senso comum e os conceitos científicos, podendo a pesquisa científica incorrer em erro. Dessa forma, Eelen (2001) parte das definições elaboradas por Watts (1992, p. 4), sobre a polidez2 como “uma noção mais técnica que apenas pode ter valor dentro de uma teoria geral da interação social”⁶⁶, e a polidez 1 como “vários meios pelos quais o comportamento polido é falado pelos membros de um grupo sociocultural”⁶⁷ e propõe, por fim, que a investigação sobre a polidez, enquanto fenômeno social, deve ser pautada na concepção dos interactantes, ou seja, a polidez 1, embora os achados possam e devam ser desdobrados em uma teorização mais abrangente sobre a polidez, resultando em um conceito de polidez mais próximo de uma visão científica, ou seja, seja capaz de conceituar a polidez 2.

Essa proposta torna necessário rever alguns pressupostos teóricos e metodológicos e um primeiro movimento se refere a compreender que aspectos estão envolvidos numa concepção da polidez 1. O autor assume que a polidez 1 é um conceito do senso comum que intermedia a relação entre a consciência individual e o mundo social, influenciando não só o comportamento individual como também a interpretação sobre o comportamento alheio, assim

como uma pessoa pensa e se sente sobre polidez também influenciará quando e como ela se comportará polidamente. Como consequência, quando conceitos como polidez1 são vistos como ferramentas psicológicas ou signos que afetam tanto nossa percepção quanto nossa ação, eles deixam de ser objetos

⁶⁶ No original: “a more technical notion which can only have a value within an overall theory of social interaction” (Watts, 1992, p. 4).

⁶⁷ No original: “the various ways in which polite behaviour is talked about the members of sociocultural groups” (Watts, 1992, p. 3).

(estáticos), mas na verdade devem ser considerados mais como prática (Eelen, 2001, p. 34)⁶⁸.

Enquanto prática, a polidez será caracterizada não só por um conceito leigo, que varia significativamente em relação diversos aspectos, como sinceridade e relação prévia, como também por traços de argumentatividade, normatividade, modalização, reflexividade e, principalmente, avaliatividade. O aspecto argumentativo da polidez se refere a sua função prática e orientada para a produção de efeitos sociais (Eelen, 2001, p. 37), o que dialoga com a natureza modalizadora da linguagem, que possibilita opções de uma ação ser performada, polidamente ou não, dependendo dos efeitos sociais pretendidos (Eelen, 2001, p. 43). A modalização de um ato depende naturalmente de padrões de uso estabelecidos e compartilhados socialmente, suscitando o aspecto da normatividade da polidez, que “está intimamente relacionada a sua associação com a adequação”⁶⁹ (Eelen, 2001, p. 42). Por fim, Eelen (2001, p. 35) reforça que “as noções de polidez e impolidez são usadas para caracterizar o comportamento de outras pessoas e fazer isso, então, julgando”⁷⁰, marcando a polidez não só pela avaliatividade como também pela reflexividade, pois “envolve um momento avaliativo e [...] é inerentemente uma atividade reflexiva, ainda mais se a avaliação é baseada em algum padrão ou norma comportamental”⁷¹ (Eelen, 2001, p. 43).

Por essa razão, para o autor, o foco do trabalho sobre a polidez deve ser abordar como as pessoas produzem a avaliação sobre os comportamentos sociodiscursivos umas das outras na interação social em fluxo, assim, o autor defende que a polidez “deve ser o objeto da investigação, na base, e então o ponto de partida da análise científica”⁷² (Eelen, 2001, p. 252). Um deslocamento que essa perspectiva colocou para o campo foi não mais tentar prever como os interactantes avaliariam os comportamentos uns dos outros, mas em vez disso observar na emergência da interação como ocorriam as avaliações enquanto práticas sociais, pois

⁶⁸ No original: “How a person thinks and feels about politeness will also influence when and how he or she will behave politely. As a consequence, when concepts such as politeness are seen as psychological tools or signs that affect our perception as well as our action, they cease to be (static) objects, but should in fact be regarded more as practice” (Eelen, 2001, p. 34).

⁶⁹ No original: “the normativity of politeness is closely connected to its association with ‘appropriateness’” (Eelen, 2001, p. 42).

⁷⁰ No original: “the notions of politeness and impoliteness are used to characterize (other) people’s behaviour, and to do so judgementally” (Eelen, 2001, p. 35).

⁷¹ No original: “it involves an evaluative and thus metalinguistic or metapragmatic moment, politeness is inherently a reflexive activity, all the more so if the evaluation is based on some behavioural standard or norm” (Eelen, 2001, p. 43).

⁷² No original: “politeness should be the object of investigation, the input, and thus the starting point of the scientific analysis” (Eelen, 2001, p. 252).

quando a polidez é vista como uma ferramenta de avaliação social com a qual o indivíduo pode realizar coisas, e a moralidade não é mais vista como um quadro de alta ordem fixado de regras que determina o comportamento do indivíduo, mas uma coisa que as pessoas fazem para/com as outras, não mais faz sentido tentar prever quais avaliações um indivíduo específico irá fazer.⁷³ (Eelen, 2001, p. 249)

É preciso, então, repensar metodologicamente a relação entre o que as pessoas realmente fazem (prática) e os vários mecanismos de capturar teoricamente esse comportamento (ciência) (Eelen, 2001, p. 30), e alguns caminhos sugeridos por Eelen (2001, p. 254) para essa abordagem são observar a compreensão sobre a polidez e impolidez que emerge da interação e, também, investigar os processos ou circunstâncias que provocam avaliações polidas/impolidas e os propósitos interacionais aos quais tais avaliações servem. Tais apontamentos foram relevantes para que o campo de estudo da polidez buscasse articular na análise situada da interação os padrões que guiam os quadros de expectativas e os padrões de avaliação dos comportamentos linguísticos com as avaliações de fato feitas, como os estudos posteriores têm explorado.

Um segundo teórico sobre a polidez cujas propostas contribuem para aprofundar a compreensão sobre o fenômeno é Richard Watts (2003), que advoga em seu trabalho para uma abordagem da polidez como parte do trabalho relacional e, portanto, como parte da interação. Watts (2003), como Eelen já apontou, é um dos primeiros autores a atentar para a necessária distinção entre a polidez do senso comum, polidez1, e a polidez como constructo teórico, polidez2. O autor defende ser necessária “uma abordagem radicalmente nova que faça um balanço da polidez como uma força mediadora entre o indivíduo e os cursos de ação ‘sociais, motivadores e estruturantes’ sancionados pela sociedade”⁷⁴ (Watts, 2003, p. 115), o que o faz eleger a polidez1 como seu objeto de investigação. Tendo no horizonte uma concepção leiga da polidez, Watts vai alertar que, diferentemente das teorizações clássicas que veem a polidez como uma forma de evitar conflito (Brown; Levinson, 1987; Lakoff, 1973; Leech, 1983), “há noções que estão no cerne da polidez1 e nem sempre implicam harmonia e equilíbrio”⁷⁵ (Watts, 2003, p. 52), o que demonstra que a polidez como um conceito social está naturalmente aberta

⁷³ No original: “When politeness is seen as an argumentative social tool with which the individual can accomplish things, and morality is no longer regarded as a fixed higher-order set of rules that determines the individual’s behaviour, but as something that people do to – or which – each other, it no longer makes sense to try to predict which evaluations a specific individual will make” (Eelen, 2001, p. 249).

⁷⁴ No original: “What is needed is a radically new approach which takes stock of politeness as a mediating force between the individual and the ‘social, motivating and structuring courses of action’ sanctioned by society” (Watts, 2003, p. 115).

⁷⁵ No original: “these are notions that lie at the heart of politeness1, and they do not always imply harmony and equilibrium” (Watts, 2003, p. 52).

à disputa.

Essa vinculação da polidez à sua natureza social é apontada por Eelen (2001) como uma contribuição das perspectivas culturalistas, mais especificamente Blum-Kulka (1992), de quem Watts retoma a noção de normas culturais para propor uma teoria que considere, no jogo das trocas interacionais e, conseqüentemente, na análise da polidez, o quadro de expectativas comportamentais moldadas culturalmente. Porém, enquanto para Blum-Kulka (1992) o comportamento polido era o culturalmente esperado, Watts (2003, p. 76) denomina como comportamento político essa “soma das percepções individuais do que é apropriado de acordo com o *habitus* dos participantes”, que enquanto construção cultural “está sempre aberto na prática social à renegociação”⁷⁶ (Watts, 2003, p. 76). Em outras palavras, Watts define o comportamento político como modos específicos de comportamento que se tornaram canônicos enquanto parte das estruturas objetivadas do campo e enquanto comportamento esperado para a interação, sendo, assim, não salientes e considerados apropriados para um evento interativo (Watts, 2003). Nesse contexto, Watts (2003) considera que a noção de contrato conversacional, como formulada por Fraser e Nolen (1981), pode contribuir, em certa medida, com o desenvolvimento da teoria, ao evocar os direitos e as obrigações negociados localmente e determinantes dos termos da interação.

O autor ainda sustenta que refletir sobre “um comportamento que excede (ou deliberadamente não cumpre) o comportamento político convencionalmente exigido dos participantes na interação verbal permite interpretações diferenciais do termo”⁷⁷ (Watts, 2003, p. 261-262). É nesses termos que Watts vai definir como polidez “qualquer comportamento linguístico que vai além dos limites do comportamento político está aberto à classificação potencial como ‘polido’⁷⁸ (Watts, 2003, p. 161), cuja substância mais básica “consiste em formas mutuamente compartilhadas de consideração pelos outros”⁷⁹ (Watts, 2003, p. 50). Já a impolidez é definida pelo autor como “o comportamento que não faz parte do comportamento

⁷⁶ No original: “Politic behaviour can then be understood as the sum of individual perceptions of what is appropriate in accordance with the habitus of the participants. It is always open in social practice to renegotiation” (Watts, 2003, p. 76).

⁷⁷ No original: “Conceptualising (im)politeness1 as behaviour in excess of (or deliberately not fulfilling) the politic behaviour conventionally required of participants in verbal interaction allows for differential interpretations of the term” (Watts, 2003, p. 261-262).

⁷⁸ No original: “any linguistic behaviour which goes beyond the bounds of politic behaviour is open to potential classification as ‘polite’” (Watts, 2003, p. 161).

⁷⁹ No original: “modern definitions agree on the basic substance of the notion, i.e. that it consists of mutually shared forms of consideration for others” (Watts, 2003, p. 50).

político de um tipo de interação é ‘inapropriado’ e pode ser classificado como ‘impolido’⁸⁰ (Watts, 2003, p. 161). Essa ancoragem na interação torna essencial “avaliar, no contexto da interação social em andamento, qual seria o conjunto mínimo de estruturas linguísticas necessárias para realizar o comportamento político necessário”⁸¹ (Watts, 2003, p. 170), sendo centrais noções como expectativa e adequação (Watts, 2003) e se tornando mais adequada abordar esses fenômenos em um contínuo, razão pela qual assumimos junto com Watts o termo (im)polidez. Ainda sobre esse conjunto mínimo orientador da avaliação do comportamento, Culpeper (2008, p. 23) sugere que “as expectativas sobre apropriação são baseadas em dois tipos muito diferentes de normas, as normas experienciais e as normas sociais, e isso pode levar a diferentes avaliações de comportamento”⁸².

Por fim, o autor resume que seu argumento “é que os participantes da interação verbal são polidos (ou não, conforme o caso), que avaliam seu próprio comportamento e o comportamento dos outros como (im)polido, e que a (im)polidez não reside em um idioma ou nas estruturas individuais de um idioma”⁸³ (Watts, 2003, p. 98), em vez disso, ela “só pode ser reconhecida em instâncias de interação contínua, ou seja, dentro da prática social real”⁸⁴ (Watts, 2003, p. 167). Por essa razão, o estudioso propõe um modelo que seja capaz de “oferecer maneiras de reconhecer quando um enunciado linguístico pode ser aberto à interpretação por interlocutores como “(im)polido”⁸⁵ (Watts, 2003, p. 143) e de “fornecer os meios de avaliar como os participantes leigos em interação verbal em curso avaliam o comportamento social que eles classificaram como enunciados (im)polidos como positivo ou negativo”⁸⁶ (Watts, 2003, p. 143).

⁸⁰ No original: “Behaviour which is not part of the politic behaviour of an interaction type is ‘inappropriate’ and open to classification as ‘impolite” (Watts, 2003, p. 161).

⁸¹ No original: “The researcher (or participant) first needs to assess, within the context of the ongoing social interaction, what would be the minimum set of linguistic structures required to carry out the necessary politic behaviour” (Watts, 2003, p. 170).

⁸² No original: “I will argue that expectations about appropriacy are based on two very different kinds of norm, “experiential” norms and “social” norms, and this can lead to different evaluations of behaviour” (Culpeper, 2008, p. 23).

⁸³ No original: “The argument presented in this book is that participants in verbal interaction are polite (or not, as the case may be), that they assess their own behaviour and the behaviour of others as (im)polite, and that (im)politeness does not reside in a language or in the individual structures of a language” (Watts, 2003, p. 98).

⁸⁴ No original: “linguistic politeness can only be recognised in instances of ongoing interaction, i.e. within actual social practice” (Watts, 2003, p. 167).

⁸⁵ No original: “It tries to offer ways of recognising when a linguistic utterance might be open to interpretation by interlocutors as ‘(im)polite” (Watts, 2003, p. 143).

⁸⁶ No original: “it aims to provide the means of assessing how lay participants in ongoing verbal interaction assess social behaviour that they have classified as (im)polite utterances as positive or negative” (Watts, 2003, p. 143).

Contudo, Watts reconhece que alguns fatores contribuem para que os interactantes avaliem determinados comportamentos como políticos, polidos ou impolidos. Para tentar traçar esses parâmetros, o autor propõe que algumas expressões são “pistas importantes para interpretar se o interagente permanece dentro do escopo do comportamento político ou o viola”⁸⁷ (Watts, 2003, p. 218), as chamadas *expressions of procedural meaning* [expressões de sentido processual] (EPM), cujos significados se efetivam apenas dentro de um cenário relevante, “em combinação com outros enunciados ou partes do mesmo enunciado que ajudam o destinatário a ignorar vários dos passos inferenciais [...] e derivar uma suposição de polidez quase que automaticamente”⁸⁸ (Watts, 2003, p. 199). Assim, “quanto maiores forem os efeitos contextuais para o(s) ouvinte(s) ao processar o enunciado e quanto menos esforço cognitivo tiver sido investido por eles para fazê-lo, maior será a relevância do enunciado”⁸⁹ (Watts, 2003, p. 212), o que acarreta para os participantes uma economia de esforço interacional. Por fim, se “nenhum enunciado pode ser totalmente determinado em relação ao seu significado, [...] o destinatário filtrará o conteúdo proposicional do enunciado e [...] usará as informações do contexto”⁹⁰ (Watts, 2003, p. 210) para, então, derivar inferências relevantes (Watts, 2003, p. 198).

Um último ponto levantado por Watts relevante para as investigações da (im)polidez é sobre a relação com a ideia de racionalidade, em que a polidez seria um recurso estratégico e estaria sob controle do indivíduo (Brown; Levinson, 1987). Watts considera (2003) que nem sempre a (im)polidez é estratégica e está sob controle do indivíduo, pois na troca humana há a comunicação emotiva, “produzida de forma consciente... para influenciar as percepções e interpretações dos outros de eventos de conversação”⁹¹ (Watts, 2003, p. 77), que poderia ser manejada racionalmente, mas há também a comunicação emocional, como “externalizações

⁸⁷ No original: “important clues to interpret whether the interactant remains within the scope of politic behaviour or violates it either” (Watts, 2003, p. 218).

⁸⁸ No original: “most of the means of expressing politeness are not a priori politeness structures but are produced in combination with other utterances or parts of the same utterance which help the addressee to overlook several of the inferential steps s/he might need to make and to derive a politeness assumption almost automatically” (Watts, 2003, p. 199).

⁸⁹ No original: “The greater the contextual effects are for the hearer(s) by processing the utterance and the less cognitive effort has been invested by them in doing so, the greater will be the relevance of the utterance” (Watts, 2003, p. 212).

⁹⁰ No original: “One major principle in RT is that no utterance can ever be fully determined with respect to its meaning. Rather, what happens is this: the addressee will filter out the propositional content from the utterance, then use information from the context” (Watts, 2003, p. 210).

⁹¹ No original: “produced consciously... to influence others’ perceptions and interpretations of conversational events” (Watts, 2003, p. 77).

físicas espontâneas e não planejadas de estados afetivos internos”⁹² (Watts, 2003, p. 77), assim, a (im)polidez pode corresponder tanto a uma expressão consciente quanto a essa externalização espontânea, não planejada. Se por um lado, nem sempre o falante tem controle sobre seu comportamento, por outro, ponderamos junto com Garfinkel (2018, p. 330) que os fatos sociais são governados por algum tipo de racionalidade, o que torna o conceito de racionalidade inevitável na investigação de fenômenos sociais. Preocupado como os pesquisadores impõem uma racionalidade científica aos fenômenos sociais, Garfinkel (2018, p. 330-331) busca definir “racionalidade” a partir da identificação de propriedades racionais da conduta e das condições de um sistema social sob as quais comportamentos racionais ocorrem, ou seja, propriedades explicativas da conduta racional estabelecidas socialmente. Interessa-nos, especificamente, as propriedades racionais da conduta apontadas pelo autor: mecanismos de comparar e categorizar; processos de previsibilidade e cálculo; relações de meios-fins e relações estratégicas, pois, de fato, é perceptível como alguns comportamentos são feitos para causar ofensa.

O último autor que abordamos nessa seção é Jonathan Culpeper (2008; 2011a; 2011b; Culpeper; Hardaker, 2017), que também acompanha a posição de Watts de localizar a polidez e a impolidez dentro do quadro teórico do trabalho relacional, utilizando as categorias de Spencer-Oatey (2005), mas cujo olhar se volta, sobretudo, para o fenômeno da impolidez. Culpeper (2011b), de início, argumenta que a impolidez não pode ser considerada apenas como uma falha da polidez, pois, se a polidez pode ser vista em termos de adequação – como sugerem alguns pesquisadores, descrever a impolidez apenas nesses termos não parece suficiente, sendo também importante falar da impolidez em termos de ofensa, agressão, comportamentos que provocam sentimentos negativos (Culpeper, 2011b). Além disso, alguns desses comportamentos podem ainda ser adequados e continuar impolidos, dado que “as pessoas ainda podem se sentir ofendidas”⁹³ (Culpeper; Hardaker, 2017, p. 214), a exemplo do trabalho de face agressivo sancionado (Culpeper, 2008), ao qual nos dedicaremos adiante na quarta seção. Por outro lado, outros autores argumentam que a impolidez seria atos verbais de ataque à face, como Bousfield (2008), para quem “a impolidez constitui a comunicação intencionalmente de atos verbais de ataque à face conflitivos e gratuitos os quais são propositalmente endereçados: não

⁹² No original: “simply spontaneous, unplanned physical externalisations of internal affective states” (Watts, 2003, p. 77).

⁹³ No original: “people can still take offence” (Culpeper; Hardaker, 2017, p. 214).

mitigados e com agressão deliberada”⁹⁴ (Bousfield, 2008, p. 72).

Culpeper (2011b, p. 15), contudo, retoma de Eelen (2001) o aspecto da avaliatividade e propõe que “a impolidez pode ser considerada uma espécie de esquema de atitude, composto por certas crenças avaliativas sobre certos comportamentos”⁹⁵, abarcando em certa medida alguma noção de adequação, mas também de sentimentos e ofensa. Além disso, considerando que “uma atitude envolve uma reação favorável ou desfavorável a estímulos e possui elementos cognitivos, afetivos e comportamentais”⁹⁶ (Culpeper, 2011a, p. 422) e que também a polidez é subjetiva e avaliativa (Culpeper, 2011a), é possível também conceber a polidez como um esquema de atitude. Em síntese,

Polidez envolve (a) uma atitude composta de crenças avaliativas positivas específicas sobre determinados comportamentos em determinados contextos sociais, (b) a ativação dessa atitude por esses comportamentos específicos no contexto e (c) a descrição real ou potencial daqueles comportamentos em contexto e/ou a pessoa que os produziu como polido, cortês, atencioso etc. A polidez linguística refere-se ao material linguístico ou comportamental que é utilizado para desencadear atitudes de polidez. Estratégias (planos de ação para alcançar efeitos de polidez) e fórmulas de polidez (formas linguísticas/comportamentais para alcançar efeitos de polidez) são convencionalmente associadas em algum grau a contextos nos quais atitudes de polidez são ativadas. A impolidez, embora a sua atuação envolva diferenças significativas, pode ser definida em linhas semelhantes, mas opostas: envolve atitudes negativas ativadas por comportamentos em contexto que estão associados, juntamente com a pessoa que os deu origem, à metalinguagem da impolidez (i.e. impolido, rude, descortês etc.)⁹⁷ (Culpeper, 2011a, p. 422).

Essa formulação de Culpeper acarreta algumas mudanças teórico-metodológicas no campo, sendo a primeira delas a compreensão, já esboçada em Watts, de que polidez e impolidez se constituem dentro de um *continuum* das avaliações que os interactantes fazem

⁹⁴ No original: “impoliteness constitutes the communication of intentionally gratuitous and conflictive verbal face-threatening acts (FTAs) which are purposefully delivered” (Bousfield, 2008, p. 72).

⁹⁵ No original: “impoliteness can be considered a kind of attitude schema, comprised of certain evaluative beliefs concerning certain behaviours” (Culpeper, 2011b, p. 15).

⁹⁶ No original: “An attitude involves a favourable or unfavourable reaction to stimuli, and has cognitive, affective and behavioural elements” (Culpeper, 2011a, p. 422).

⁹⁷ No original: “Politeness involves (a) an attitude comprised of particular positive evaluative beliefs about particular behaviours in particular social contexts, (b) the activation of that attitude by those particular in-context-behaviours, and (c) the actual or potential description of those in-context-behaviours and/or the person who produced them as polite, courteous, considerate, etc.. Linguistic politeness refers to linguistic or behavioural material that is used to trigger politeness attitudes. Politeness strategies (plans of action for achieving politeness effects) and formulae (linguistic/behavioural forms for achieving politeness effects) are conventionally associated to some degree with contexts in which politeness attitudes are activated. Impoliteness, although its performance involves significant differences, can be defined along similar but contrary lines: it involves negative attitudes activated by in-context-behaviours which are associated, along with the person who gave rise to them, with impoliteness metalanguage (e.g. impolite, rude, discourteous, etc.)” (Culpeper, 2011a, p. 422).

sobre os comportamentos uns dos outros e cujo sentido emerge apenas na interação. Assim, se torna essencial uma abordagem interacional e situada dos fenômenos da (im)polidez, o que leva a analisar diversos aspectos interacionais, como “gatilhos comportamentais particulares, a comunicação e a compreensão de sentidos implícitos e explícitos, as emoções, normas, identidades, contextos e o metadiscurso”⁹⁸ (Culpeper, 2011b, p. 3).

Como essas avaliações incidem sobre comportamentos, elas geralmente são feitas tendo como base os esquemas de comportamentos esperados ou não, assim a noção de expectativas também se faz importante (Culpeper, 2011a), as quais são, como Culpeper (2011b, p. 33) destaca, moldadas pelas normas sociais, que focam ora a relação entre racionalidade e interesse próprio, ora os hábitos ou ainda os deveres sociais, e também a noção de objetivos interacionais (Spencer-Oatey, 2005), ampliando o escopo da (im)polidez para além da face. Por outro lado, é importante considerar que esse paradigma racional pautado na adequação é mais próprio da polidez, pois a impolidez, mais intimamente associada a emoções, leva muitas vezes a uma escolha irracional, particularmente em contexto de emoções de ódio, raiva ou simplesmente frustração (Culpeper, 2011b, p. 32). Por essa razão, Culpeper considera mais apropriado abordar a tomada de decisões em termos de um cálculo sobre custos-benefícios, assim, se “as pessoas tomam decisões racionais e ponderadas sobre escolhas que atingirão objetivos que as beneficiem”⁹⁹ (Culpeper, 2011b, p. 32), podemos considerar a (im)polidez como estratégica, mas nem sempre racional.

Por outro lado, Culpeper (2011b) pondera, com base em Terkourafi (2005), que as decisões racionais dos interactantes estão circunscritas por uma racionalidade social que, através de processos de convencionalização, molda o universo de possibilidades em uma gama de escolhas concretas; ou seja, as expectativas moldam os comportamentos e as avaliações, ao mesmo tempo que são moldadas por uma racionalidade social, apreendida, por sua vez, através de comportamentos e avaliações experienciados socialmente, num funcionamento semelhante ao conceito de *habitus* em Bourdieu (1989). O caráter convencional da comunicação é necessário, pois facilita o processamento e a compreensão, assim, “é difícil ver como a comunicação poderia prosseguir sem algumas convenções compartilhadas de significado”¹⁰⁰ (Culpeper, 2011b, p. 123). No caso da impolidez, investigar seus recursos convencionalizados

⁹⁸ No original: “particular behavioural triggers, the communication and understanding of implicit and explicit meanings, emotions, norms, identities, contexts and metadiscourse” (Culpeper, 2011b, p. 3).

⁹⁹ No original: “People do make considered, rational decisions about choices that will achieve goals that are of benefit to them” (Culpeper, 2011b, p. 32).

¹⁰⁰ No original: “Indeed, it is difficult to see how communication could proceed without some shared conventions of meaning” (Culpeper 2011b, p. 123).

se torna ainda mais relevante, pois eles “não são facilmente neutralizados pelo contexto”¹⁰¹ (Culpeper, 2011b, p. 113). Ainda motivado pela abordagem de Terkourafi (2005), Culpeper (2011b, p. 114) denomina esses recursos de fórmulas de impolidez, que seriam estratégias de impolidez mais abrangentes e, dado seu caráter convencional, menos dependentes do contexto (2011b). Alguns exemplos desse tipo de estratégia são insultos, vocativos negativos personalizados, asserções e referências negativas personalizadas, referências negativas de terceira pessoa personalizadas e na presença do alvo, críticas e reclamações apontadas, perguntas e pressuposições desagradáveis, silenciadores, ameaças, entre outros (Culpeper, 2011b). Tais expressões convencionalizadas são sensíveis a seus contextos de uso e podem variar consideravelmente entre as culturas, dessa maneira, destacamos para a relevância das pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro a respeito da impolidez e que também atentam para a convencionalização das estratégias de impolidez, a exemplo de Barreto Filho (2019) e Barreto Filho, Neves e Barros (2019).

Quadro 3.2 – Fórmulas convencionais de impolidez

Fórmulas convencionais de impolidez	Exemplo
Insulto (vocativos negativos personalizados)	Seu idiota
Insulto (informações negativas personalizadas)	Você é uma puta
Insulto (referências negativas personalizadas)	No seu cu
Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)	Aquela tapada
Crítica/reclamação acentuada	Isso tá uma merda
Desafio, perguntas ou pressuposições desagradáveis	Por que você faz a minha vida impossível?
Arrogância	Você está sendo infantil
Reforços de mensagens	Escuta aqui!
Dispensas	Vai se foder (no sentido de sai daqui)
Silenciadores	Cala tua boca
Ameaças	Eu vou dar um tiro na porra da tua cabeça se você tocar no meu carro
Maldições e maldizeres	Vá tomar no cu

¹⁰¹ No original: [conventionalised impoliteness formulae] “are not easy to eliminate by means of the context” (Culpeper 2011b, p. 113).

Fonte: traduzido de Culpeper (2011b) por Barreto Filho, Neves e Barros (2019).

No entanto, o autor também indica que “muitos eventos de impolidez não envolvem fórmulas de impolidez convencionalizadas”¹⁰² (Culpeper, 2011b, p. 155), mas sim recursos mais sutis e dependentes do contexto. Esses recursos suscitam, na interação, uma incompatibilidade de sentidos, requerendo, portanto, uma sobreposição de sentido, ou seja, gerando uma implicatura conversacional. Culpeper denomina eventos dessa natureza de impolidez implicacional e considera que ela “é frequentemente o mecanismo pelo qual a impolidez ocorre”¹⁰³ (Culpeper, 2011b, p. 255). Culpeper aponta dois tipos distintos de implicaturas: as implicaturas generalizadas que são menos dependentes do contexto por serem acionadas por recursos formas, tais como expressão convencional, pistas de contextualização, enunciados incompatíveis, mensagens mistas – de que a ironia é parte; e as implicaturas particularizadas, que são fortemente dependentes do contexto, pois pode não haver indícios marcados nem “incompatibilidade envolvendo uma fórmula de polidez convencionalizada”¹⁰⁴ (Culpeper, 2011b, p. 180). A presença de comportamentos não marcados ou ainda a ausência de comportamentos esperados podem ser exemplos de recursos através dos quais a implicatura particularizada ocorre, pois seu sentido só pode ser construído tomando o contexto como referência. Concluindo, compreendemos que “a (im)polidez pode ser mais determinada por uma expressão linguística ou pode ser mais determinada pelo contexto, mas nem a expressão nem o contexto garantem uma interpretação da (im)polidez: é a interação entre os dois que conta”¹⁰⁵ (Culpeper, 2011b, p. 125). Contudo, o contexto é tomado aqui como um fenômeno “dinâmico e construído *in situ*, e [...] a linguagem e o contexto não são duas entidades separadas, mas mantidas em um relacionamento mutuamente dependente”¹⁰⁶ (Culpeper, 2011b, p. 123), o que se assemelha à proposta de Hutcheon (2000) e, principalmente, à de Gumperz (1998) através do conceito de pistas de contextualização.

Além das normas sociais e das estratégias de impolidez, é importante investigar que e como outros aspectos envolvidos na interação impactam na avaliação de um comportamento

¹⁰² No original: “many impoliteness events do not involve conventionalised impoliteness formulae” (Culpeper, 2011b, p. 155).

¹⁰³ No original: “Implicational impoliteness is frequently the mechanism by which impoliteness occurs” (Culpeper, 2011b, p. 255).

¹⁰⁴ No original: “cases where the trigger is not marked and there is no mismatch involving a conventionalised politeness formulae” (Culpeper, 2011b, p. 180).

¹⁰⁵ No original: “(Im)politeness can be more determined by a linguistic expression or can be more determined by context, but neither the expression nor the context guarantee an interpretation of (im)politeness: it is the interaction between the two that counts” (Culpeper, 2011b, p. 125).

¹⁰⁶ No original: “context is dynamic and constructed *in situ*, and that language and context are not two separate entities but rather held in a mutually dependent relationship” (Culpeper, 2011b, p. 123).

como (im)polido. Para tanto, Culpeper explora o metadiscorso, através de comentários emergentes na interação ou relatos posteriores, para investigar esses aspectos, particularmente aqueles que não são marcados verbalmente, tais como emoções, expectativas comportamentais. O metadiscorso é essencial principalmente para analisar como as pessoas se sentem nos casos de polidez, pois, sendo ela mais comumente associada a certos traços de equilíbrio e até mesmo de insinceridade, as respostas verbais e emocionais são menos salientes ou podem estar até ausentes. Já os casos de impolidez, que, em sua natureza conflitiva, tem uma relação mais estreita com as emoções (Culpeper; Hardaker, 2017), possibilitam que outras pistas sejam mobilizadas na análise e interpretação de uma interação como impolida. Assim, “nós tendemos a associar impolidez, mas não necessariamente a polidez, a emoções”¹⁰⁷ (Culpeper; Hardaker, 2017, p. 205), por afetar significativamente o vínculo e a interação entre os participantes, o que leva a ações e reações verbais mais impulsivas, do enunciador em sua expressão e do alvo em suas emoções e reações diante da impolidez (Culpeper, 2011b) e torna também mais comum a expressão de emoções através de recursos não verbais. Assim, as emoções, até então pouco abordadas, se tornam um ponto central da investigação da impolidez, embora seja importante ponderar que a expressão de emoções não pode ser igualada a indício de interpretação ou expressão de impolidez, mas demonstrar sentimentos negativos pode indicar um conflito ou ainda possibilitar que a própria expressão emocional seja avaliada como impolida (Culpeper, 2011b, p. 60).

Discutindo os mecanismos envolvidos nas emoções, Culpeper (2011b, p. 59) propõe que três recursos estão presentes: antecedentes situacionais, ou seja, os comportamentos que suscitariam as emoções, as respostas comportamentais, inclusive as reações emocionais, e os procedimentos de autocontrole; por fim, a natureza diversa desses mecanismos mostra a importância de utilizar diferentes recursos na análise. Por exemplo, Culpeper (2011b), em análise sobre o metadiscorso de episódios de impolidez, ou seja, focando os antecedentes situacionais que desencadeiam episódios e avaliações de impolidez, identificou as emoções de raiva, nojo e desprezo como mais frequentes nas ocorrências em que os direitos foram violados, demonstrando emoções de condenação pelo outro. Já as ocorrências marcadas pela perda da face provocaram emoções de embaraço, vergonha e culpa, caracterizando-se como emoções de condenação por si mesmo. Esse achado demonstra como mapear as reações emocionais dos interactantes também pode enriquecer a análise ao construir indícios formais sobre os diferentes

¹⁰⁷ No original: “we tend to associate impoliteness, but not necessarily politeness, with true emotions” (Culpeper; Hardaker, 2017 p. 205).

tipos de ofensa. Portanto, um ponto significativo para compreender a (im)polidez enquanto trabalho relacional é observar se e como o alvo responde (Culpeper, 2008, p. 26), pois são as reações que atuam como pistas *in situ* de quais sentidos os participantes criam sobre a interação em curso e, conseqüentemente, impactam o desenvolvimento do encontro. Compreender tais respostas permite presumir as normas em jogo, que se constituem como parâmetro de interpretação e avaliação do que ocorreu antes e de formulação do que ocorrerá depois, e como elas “emergem da interação entre os membros do grupo, e uma vez criadas adquirem vida própria”¹⁰⁸ (Culpeper, 2011b p. 203).

Nessa direção, Culpeper e Hardaker (2017) apontam que o co-texto e a sequencialidade podem ser fontes relevantes para embasar a interpretação de analistas, pois permitem compreender como as normas são negociadas pelos próprios interactantes, o que eles esperam que aconteça e o que de fato acontece. Por outro lado, é preciso considerar a ampla margem de variação das respostas comportamentais, a exemplo dos casos que envolvem a face, em que os mecanismos de reação podem ir da perda ao contra-ataque (Culpeper; Hardaker, 2017), ou seja, o alvo pode: assumir o risco de perder a face; aceitar perder a face; defender a própria face ou ainda contra-atacar (Culpeper, 2008), o que aponta para a necessidade de estabelecer tendências que guiem as hipóteses basilares das análises. Uma proposta de Culpeper para as respostas comportamentais é que “parece haver uma tendência de as pessoas corresponderem aos tipos de comportamentos sociais produzidos por outras pessoas”¹⁰⁹ (Culpeper, 2011b, p. 204), ou seja, a um ato polido espera-se uma resposta polida, e a um ato impolido, uma resposta impolida. É por essa razão que, num co-texto marcado pela polidez, a ausência de uma resposta polida pode abrir margem para uma interpretação como expressão de impolidez; e, num co-texto marcado pela impolidez, ou seja, “se alguém é atacado verbalmente (ou mesmo se alguém apenas pensa que foi atacado verbalmente), as pessoas se sentem justificadas em retaliar”¹¹⁰ (Culpeper, 2011b, p. 38) então, a reação impolida é esperada e legítima, havendo uma tendência de que qualquer sequência polida ser interpretada como sarcasmo, não como polidez, em função da ofensa anterior (Culpeper, 2011b, p. 206).

Além disso, considerando que a impolidez produz um estado de excitação emocional no alvo, há maior probabilidade de retaliar na mesma moeda, particularmente porque “contra-

¹⁰⁸ No original: “the norm emerged from the interaction between group members, and once created acquired a life of its own” (Culpeper, 2011b, p. 203).

¹⁰⁹ No original: “There seems to be a tendency for people to match the kinds of social behaviours produced by others” (Culpeper, 2011b, p. 204).

¹¹⁰ No original: “If somebody is verbally attacked (or even if somebody just thinks they have been verbally attacked), people feel justified in retaliating” (Culpeper, 2011b, p. 38).

atacar com impolidez não apenas restaura essa perda de face, mas também pode bloquear a estratégia coercitiva”¹¹¹ (Culpeper, 2011b, p. 205). Contudo, Culpeper alerta que “alguns contextos sociais limitam a capacidade do alvo de revidar”¹¹² (Culpeper, 2011b, p. 206), como é o caso de certos contextos institucionais e do contexto político, do qual o debate eleitoral faz parte; assim, “os políticos raramente respondem na mesma moeda aos inconvenientes, provavelmente, isso prejudicaria sua imagem de calma e controle”¹¹³ (Culpeper, 2011b, p. 206). Dessa forma, comportamentos não verbais, que são mais sutis e mais difíceis de serem controlados pelos interactantes, podem estar presentes indicando não só a expressão de uma atitude impolida como também a avaliação do interlocutor de que a interação em fluxo é interpretada como impolida. Culpeper (2011b, p. 61) aponta que algumas reações comportamentais à impolidez são corar, sorrir, evitar contato visual e se tocar, o que associa a comportamentos não verbais típicos de sinais de constrangimento e, conseqüentemente, de indícios de perda da face e impolidez do ouvinte.

Por outro lado, “o comportamento é um fluxo multimodal, com uma modalidade interagindo com outras modalidades para criar um todo”¹¹⁴ (Culpeper, 2011b, p. 151), assim, “como palavras e estruturas, prosódia e recursos sinestésicos interagem e criam significado na comunicação”¹¹⁵ (Culpeper, 2011b, p. 146), sendo importante para os falantes considerarem a entonação como parte da retórica (Culpeper, 2011b, p. 137). Culpeper, então, aponta alguns aspectos não verbais, sonoros e visuais, que cooperam na expressão de impolidez, como, por exemplo, “aspectos prosódicos e não-verbais de apoio convencionais, como entonação acentuada, qualidade de voz tensa, volume aumentado, franzir a testa e apontar”¹¹⁶ (Culpeper, 2011b, p. 137).

Além disso, o autor sinaliza que na literatura padrões prosódicos mais rápidos, média de tom muito mais alta, mudanças abruptas de tom em sílabas tônicas, articulação tensa, entre outros, têm sido associados a expressão de raiva; enquanto alguns traços associados a sentimentos de desgosto e desprezo são a velocidade de fala muito lenta, média de tom muito

¹¹¹ No original: “Countering with impoliteness not only restores that face loss but might block the coercive strategy” (Culpeper, 2011b, p. 205).

¹¹² No original: “some social contexts constrain the target’s ability to reciprocate” (Culpeper, 2011b, p. 206).

¹¹³ No original: “politicians rarely respond in kind to hecklers, presumably, it would damage their image of being calm and in control” (Culpeper, 2011b, p. 206).

¹¹⁴ No original: “Behaviour is a multimodal stream, with one modality interacting with other modalities to create a whole” (Culpeper, 2011b, p. 151).

¹¹⁵ No original: “how words and structures, prosody and kinesic features interact and create meaning in communication” (Culpeper, 2011b, p. 146).

¹¹⁶ No original: “thus will have conventional supporting prosodic and non-verbal aspects, such as sharply falling intonation, tense voice quality, increased loudness, frowning and pointing” (Culpeper, 2011b, p. 137).

mais baixa, resmungão, contornos terminais largos em queda e articulação normal (Culpeper, 2011b, p. 149). Culpeper (2011b, p. 151) também pondera que os recursos visuais, como olhar, expressões faciais, movimentos corporais, gestos e posicionamento espacial, têm sido negligenciados nas pesquisas sobre (im)polidez. Aponta ainda alguns achados como o de movimentos tensos de sobrancelha, pálpebras e lábios relacionados à raiva; o levantamento de sobrancelhas atuando como um estressor sintático semelhante a acento entonacional; e gesto de apontar, embora marcado por função dêitica, tornando inequívoco o alvo de um insulto (Culpeper, 2011b, p. 152).

Por outro lado, há contextos marcados pelo uso sancionado de variadas formas de ofensa, cujas atividades se constituem como eventos propícios para a impolidez. Culpeper denominada essas atividades como eventos de impolidez e considera que eles “são o combustível do conhecimento esquemático sobre a impolidez”, pois eles são “constelações de comportamentos e características co-textuais/contextuais que ocorrem simultaneamente no tempo e no espaço, têm funções e resultados específicos e são/podem ser discutidos e lembrados pelos participantes após o evento”¹¹⁷ (Culpeper, 2011b, p. 195), particularmente pelo uso sancionado da impolidez. Assim, a impolidez nesses contextos “tem valores culturais positivos ou é ideologicamente legitimada”¹¹⁸ (Culpeper, 2011b, p. 198), se tornando normal, apropriada e, conseqüentemente, menos pesada. No entanto, o autor (2011b, p. 217) alerta que ela pode continuar ofendendo, pois “a face é sensível ao ataque em qualquer circunstância”¹¹⁹ (Culpeper, 2011b, p. 198), sendo o ataque neutralizado apenas após considerações sobre o contexto. O autor, por fim, aponta que tais eventos se associam a algumas funções: afetiva, coercitiva e divertida, além da impolidez institucional, sendo importante considerar que as funções podem se sobrepor em uma mesma atividade.

Na impolidez institucional, as funções da impolidez “servem a intenções coletivas”¹²⁰ (Culpeper, 2011b, p. 253), apresentando duas subfunções: matar a subjetividade em prol de um ideal institucional, chamada de mortificação e sendo típica de treinamentos militares, e promover divertimento às custas da ofensa a um outro, chamada de exploração divertida, típica

¹¹⁷ No original: “a term I use to refer to constellations of behaviours and co-textual/contextual features that co-occur in time and space, have particular functions and outcomes, and are/can be discussed and remembered by participants after the event. Impoliteness events are the fuel of schematic knowledge about impoliteness.” (Culpeper, 2011b, p. 195).

¹¹⁸ No original: “impoliteness has positive cultural values or is ideologically legitimised” (Culpeper, 2011b, p. 198).

¹¹⁹ No original: “(a) face is sensitive to attack in any circumstance, (b) face-attack can only be neutralised when the target can adequately factor in the context and people do not automatically do this” (Culpeper, 2011b, p. 198).

¹²⁰ No original: “they [the functions of impoliteness] serve collective intentions” (Culpeper, 2011b, p. 253).

de programas de TV (Culpeper, 2011b). Na impolidez institucional, as restrições institucionais não autorizam o alvo a revidar e refletem uma distribuição assimétrica de direitos e de poder, assim participantes com mais poder não só têm atitudes impolidas como são apoiados pela estrutura social¹²¹ (Culpeper, 2011b, p. 245). Outra função associada por Culpeper a eventos mais assimétricos é a função coercitiva, em que o ponto chave é obter poder e se busca “um realinhamento de valores entre o produtor e o alvo de forma que o produtor se beneficie ou tenha seus benefícios atuais reforçados ou protegidos”¹²² (Culpeper, 2011b, p. 226). Por outro lado, a função divertida “envolve entretenimento explorador – envolve entretenimento às custas do alvo da impolidez”¹²³ (Culpeper, 2011b, p. 233), se assemelhando a subfunção exploração divertida da impolidez institucional e também se associa a programas de TV. O divertimento da impolidez decorre de se sentir superior ou seguro, de ver alguém ser alvo da impolidez ou ainda da criatividade de que a impolidez pode ser dotada, no caso específico da ironia (Culpeper, 2011b, p. 234). Por fim, temos a função afetiva, que naturalmente vaza para as outras funções, pois “impolidez sempre envolve a expressão de forte emoção”¹²⁴ (Culpeper, 2011b, p. 221). Culpeper pondera que essa não é uma função reativa, pois a expressão de emoções pode ser mais estratégica, instrumental, reflexiva ou impulsiva, “mas a produção da linguagem, como agressão, nunca é tão reflexiva a ponto de pular a avaliação cognitiva”¹²⁵ (Culpeper, 2011b, p. 222).

¹²¹ No original: “the institutional constraints do not licence the target to retaliate, reflecting ‘an asymmetric distribution of rights to communicative practice that reflects the unequal power relationship between prosecutor and defendant’. Powerful participants not only do impoliteness but are supported by the social structure – the power behind them – in doing so” (Culpeper, 2011b, p. 245).

¹²² No original: “Coercive impoliteness is impoliteness that seeks a realignment of values between the producer and the target such that the producer benefits or has their current benefits reinforced or protected” (Culpeper, 2011b, p. 226).

¹²³ No original: “A more precise description of this impoliteness function is that it involves exploitative entertainment – it involves entertainment at the expense of the target of the impoliteness” (Culpeper, 2011b, p. 233).

¹²⁴ No original: “impoliteness always involves the expression of strong emotion” (Culpeper, 2011b, p. 221).

¹²⁵ No original: “There are times when it is more strategic, more instrumental and other times when it is more impulsive, more reflexive. But the production of language, as aggression, is never so reflexive as to skip cognitive appraisal” (Culpeper, 2011b, p. 222).

4 DEBATE ELEITORAL E SUA RELAÇÃO COM A IRONIA E A (IM)POLIDEZ

“Pois, se bem que o observador traga o conceito consigo, importa, mesmo assim, que o fenômeno não seja violentado, e se veja o conceito surgindo a partir do fenômeno.”
(Kierkegaard, 2013, p. 25)

Na presente seção, articulamos os fenômenos da ironia e da (im)polidez na prática do debate eleitoral e, para tanto, inicialmente os localizamos no contexto eleitoral, caracterizado, necessariamente, pela disputa. Além disso, discutimos qual a relevância do debate eleitoral enquanto prática midiática para o processo eleitoral e para a condução das estratégias comunicativas dos candidatos. Assim, argumentamos que o debate eleitoral é uma prática comunicativa constituída a partir de dois campos: a comunicação e a política (Habermas, 2014; Martino; Marques, 2022), interessando-nos particularmente como a comunicação social tem se associado a formas de entretenimento e que impactos essa associação pode ter no âmbito da comunicação política, mais especificamente no debate eleitoral. Portanto, discutimos, em seguida, como o aspecto de entretenimento do debate eleitoral se materializa em seus aspectos interacionais, refletindo, por fim, como, nesse contexto interacional constituído na interface entre a comunicação política e o entretenimento, a ironia e a (im)polidez atuam como estratégias para os objetivos comunicativos e políticos dos participantes do debate eleitoral.

4.1 DEBATE ELEITORAL: ENGAJAMENTO, EMOÇÃO E IMAGEM

O debate é uma categoria comunicativa significativa e estruturada por atividades recorrentes ao longo da história humana, podendo nesses termos ser compreendido como uma prática discursiva relativamente estável, ou seja, um gênero textual, que como tal estrutura expectativas e possibilidades de ação (Bazerman, 2005; Marcuschi, 2008). Desde sua gênese, na Antiguidade Clássica, o debate esteve associado a uma prática política, pois uma primeira teorização sobre o debate que se assemelha à nossa compreensão atual pode ser encontrada em Aristóteles (2007) na *Retórica*, referindo-se ao discurso deliberativo ou político, que “tem por objetivo, seja conveniente ou prejudicial, o estabelecimento de um determinado curso de ação” (Aristóteles, 2007, p. 30). Outro ponto relevante da teorização aristotélica para a compreensão do debate eleitoral é sobre as três espécies de meios de persuasão: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*. O *ethos* se refere ao “caráter pessoal do orador” (Aristóteles, 2007, p. 23) e o *logos* diz respeito à “prova ou à prova aparente fornecida pelos termos do próprio discurso” (Aristóteles, 2007, p. 23). Por fim, o *pathos* concerne à “inserção da audiência em determinado estado psicológico” (Aristóteles, 2007, p. 23).

Após essa origem filosófica nas cátedras greco-latinas, o debate seguiu sendo cultivado na esfera acadêmica e política institucional (Blas-Arroyo, 2011), principalmente para a construção de consensos (Blas-Arroyo, 2011), o que possibilitou que o aspecto lógico se sobressaísse como característica do debate. Atualmente, contudo, é considerado uma prática midiática associada fortemente à política, tendo sido incorporado aos ritos eleitorais em meados do século XX, quando a nomenclatura *debate eleitoral* se consolida (Blas-Arroyo, 2011), fomentada pela popularização das mídias de comunicação de massa, particularmente a televisão (Blas-Arroyo, 2011). É durante a campanha presidencial estadunidense de 1960, no confronto entre Kennedy e Nixon, que o primeiro debate eleitoral foi televisionado (Blas-Arroyo, 2011), impactando sensivelmente os modos de fazer comunicação política.

A partir dessa veiculação, os debates eleitorais passam a integrar à sua natureza política características das práticas discursivas midiáticas, pelo viés da informação, mas principalmente pelo viés do entretenimento, o que faz com que alguns teóricos considerem essa forma midiaticizada como um pseudodebate (Blas-Arroyo, 2011), por julgar que ela não prioriza a troca de ideias e a busca por consensos. Por outro lado, as práticas discursivas midiáticas, dado o seu alcance, desempenham um papel relevante na disputa política, que se constitui, inclusive, por práticas comunicativas. De fato, não é casual que a democracia moderna surja na esteira das práticas comunicativas fomentadas pelo desenvolvimento da imprensa (Noletto Filho, 2014). Assim, Habermas (2014) aponta que as constantes transformações dos meios de comunicação de massa têm ocasionado mudanças estruturais da esfera pública, e analisar essas transformações comunicativas pode elucidar uma série de mudanças sociais, entre as quais mudanças políticas.

Dessa maneira, analisamos nesta seção os debates presidenciais enquanto práticas comunicativas integradas às práticas políticas e eleitorais. Para tanto, recorreremos aos conceitos de **ocasião social**, **ajuntamentos** e **engajamentos de face**, como propostos por Goffman (2010) em sua obra *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Embora, nessa obra, Goffman tenha buscado explicar como e por que alguns comportamentos são socialmente avaliados como “anormais”, devendo ser evitados em lugares públicos, consideramos que o aparato de análise desenvolvido pelo autor se mostra consistente com a discussão sobre trabalho de face, particularmente pela atenção dedicada à noção de engajamentos de face.

O próprio Goffman reconhece que a **ocasião social** não foi foco de sua discussão, mas aponta para a relevância dessa, porque todo ajuntamento ocorre em uma ocasião social, definida

como “um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos” (Goffman, 2010, p. 28). Além disso, o autor pondera que ocasiões sociais podem ser mais estruturadas ou difusas, exemplificando como ocasiões sociais variam desde o centro comercial de uma cidade, uma festa social, um dia de trabalho num escritório, um piquenique, até uma noite no teatro. Por fim, outro ponto significativo sobre a noção de ocasião social é que cada uma delas “possui um *ethos* distintivo, um espírito, uma estrutura emocional que precisa ser criada, mantida e desfeita apropriadamente” (Goffman, 2010, p. 29), o que pode ser relevante no trabalho de face.

O conceito de **ajuntamento** é definido como “qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos cujos membros incluem todos e apenas aqueles que estão na presença imediata uns dos outros num dado momento” (Goffman, 2010, p. 28). Os ajuntamentos podem se estruturar de maneira: focada, “tratando de aglomerados de indivíduos que estendem uma licença comunicativa especial mutuamente e sustentam um tipo especial de atividade mútua que pode excluir outros presentes na situação” (Goffman, 2010, p. 95); desfocada, quando se trata “do gerenciamento da simples e mera copresença” (Goffman, 2010, p. 35); ou ainda multifocada, quando “pode haver mais de um encontro ocorrendo na mesma situação” e “pessoas oficialmente presentes na situação que estão oficialmente excluídas do encontro e não engajadas” (Goffman, 2010, p. 103).

Consideramos, portanto, o **debate eleitoral** como uma unidade interacional do tipo **ajuntamento multifocado**, pois, dada a extensão e sua organização, o debate se constitui por várias unidades de ajuntamento, que podem variar entre desfocados ou focados. Contudo, a mera presença já promove “um ambiente de possibilidades de monitoração em que um ingressante, ao entrar em qualquer lugar dele, se tornaria um participante” (Goffman, 2010, p. 259). Destacamos a importância, dentre as práticas eleitorais, do debate como um ajuntamento, pois podemos observar como os candidatos, por estarem em um mesmo ajuntamento e eventualmente interagirem, “modificam sua conduta de muitas formas orientadas normativamente” (Goffman, 2010, p. 259). Dessa maneira, a singularidade do ajuntamento é que ele não é apenas um ambiente de possibilidades de comunicação, mas um sistema social que as pessoas passam a sustentar e as transformações subjetivamente significativas que ocorrem entre elas (Goffman, 2010).

Goffman alerta que, apenas nos ajuntamentos focados, podemos falar de **engajamentos de face** ou **encontro**, posto que os engajamentos de face “compreendem todas as instâncias de

dois ou mais participantes numa situação *juntando-se abertamente para manter um único foco de atenção visual e cognitiva* – o que é sentido como uma única atividade mútua, implicando direitos de comunicação preferenciais” (Goffman, 2010, p. 101). Dessa maneira, nosso interesse em investigar a ironia e seus efeitos de (im)polidez especificamente no debate eleitoral decorreu da relevância social dessa forma de comunicação política, mas, principalmente, da constatação de que é uma das poucas práticas eleitorais que, de fato, reúne os candidatos num mesmo ajuntamento e promove o encontro entre eles, possibilitando, então, que eles, na presença uns dos outros, operem seus engajamentos e trabalhos de face, pois com o debate

em vez, então, de apenas um período arbitrário durante o qual a troca de mensagens ocorre, temos um encontro social, uma reunião que regulariza ritualmente os riscos e oportunidades que a conversa cara a cara oferece, reforçando os padrões de modéstia em relação a si mesmo e consideração para outros geralmente ordenados na comunidade¹²⁶ (Goffman, 1981, p. 19).

Naturalmente, os indivíduos trazem consigo para o ajuntamento experiências, conhecimentos e valores que podem influenciar suas condutas comportamentais e interacionais (Marcuschi, 2007). Um desses elementos que consideramos significativo, justamente por seu caráter intersubjetivo (Marcuschi, 2008), é a compreensão que os indivíduos têm sobre a ocasião social em que o ajuntamento do qual participam ocorre, porque essa concepção colabora para o delineamento das expectativas comportamentais e das normas sociais que serão sustentadas durante a interação, ou seja, porque

uma ocasião social fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como o padrão apropriado e (frequentemente) oficial – um padrão de comportamento estabelecido (Goffman, 2010, p. 28).

É notável que o conceito de ocasião social proposto por Goffman se assemelha a noções como situação comunicativa ou contexto discursivo, mas advertimos que a relação entre linguagem e aspectos sociais tem sido abordada por outras propostas teóricas, cada qual com suas peculiaridades (cf. Hanks, 2008). Além disso, o próprio Goffman alerta que “há muitas complicações associadas ao conceito de ocasião social, mas é preciso usar um termo como este, pois, quando ocorre um ajuntamento, ele ocorre sob os auspícios de uma entidade mais ampla

¹²⁶ No original: “Instead, then, of merely an arbitrary period during which the exchange of messages occurs, we have a social encounter, a coming together that ritually regularizes the risks and opportunities face-to-face talk provides, enforcing the standards of modesty regarding self and considerateness for others generally enjoined in the community” (Goffman, 1981, p. 19)

desse tipo” (Goffman, 2010, p. 30). Assim, para manter uma filiação teórica, adotaremos aqui o conceito como proposto por Goffman e consideramos plausível, para nossa investigação sobre todos os debates presidenciais televisionados de 2018, ampliar o escopo do conceito de **ocasião social**, para recobrir a **disputa presidencial de 2018**. Além disso, abordar em certa medida as circunstâncias contextuais em que o objeto em análise emerge é ponto fundamental numa pesquisa situada, como propomos aqui. Por isso, na sexta seção, analisaremos em detalhe algumas peculiaridades da disputa presidencial de 2018, mas, inicialmente, refletiremos teoricamente sobre a ocasião social que circunda o debate eleitoral, a fim de fundamentar conceitualmente nossa análise dos usos da ironia mobilizados pelos participantes em nossos dados.

Na disputa eleitoral, o debate é considerado “um dos momentos fundamentais da democracia. É a ocasião em que se podem apresentar ideias, questionar pontos de vista, apontar contradições e procurar detalhamentos sobre algo que foi dito” (Martino; Marques, 2022, p. 210). Contudo, Martino e Marques ponderam que “o debate está sendo realizado e divulgado por empresas comunicação, com seus procedimentos e lógicas próprios” (Martino; Marques, 2022, p. 214); assim, é necessário considerar que os objetivos políticos e mercadológicos coexistem. Sobre essa relação entre práticas políticas e midiáticas, as reflexões de Habermas (2014) parecem promissoras, particularmente sua tese de que o desenvolvimento dos meios de comunicação acarreta mudanças na esfera pública. Assim, Habermas argumenta que o âmbito político passa também a se integrar psicológica e socialmente ao âmbito do consumo (Habermas, 2014, p. 456), de forma que “a ideologia se organiza na forma da assim chamada cultura do consumo” (Habermas, 2014, p. 454). Como consequência, temos que

as próprias negociações são estilizadas em um show. A publicidade perde sua função crítica em favor da função demonstrativa. Até mesmo os argumentos são convertidos em símbolos, aos quais não se pode mais responder com argumentos, mas apenas com identificações. (Habermas, 2014, p. 439).

Atentamos que esse processo é descrito pelo sociólogo como uma integração e, por isso, consideramos que ainda paira um ideal do comportamento dos eleitores como “um público de pessoas privadas que discutiam mediante razões”, “com certo grau de conhecimento e capacidade de julgar, [...] com interesse das discussões públicas para, de forma racional e orientado pelo interesse universal, ajudar a encontrar o certo e o correto como um padrão obrigatório para a ação política” (Habermas, 2014, p. 447-448). No entanto, também

concordamos com Habermas (2014) que, apesar dessas expectativas, “a massa da população com direito a voto [...] preenche atualmente tão pouco o padrão de comportamento democrático” (Habermas, 2014, p. 448), o que ele acredita ser explicado sociologicamente apenas “no contexto da mudança estrutural e funcional da própria esfera pública” (Habermas, 2014, p. 448), ou seja, no contexto de integração do âmbito político ao âmbito do consumo.

Pensando especificamente sobre os debates eleitorais e nessa mesma linha de argumento, Martino e Marques (2022) enfatizam que, nas comunicações políticas contemporâneas, “além de ser um político falando aos seus eleitores, é também uma personalidade da mídia falando a seu público” (Martino; Marques, 2022, p. 214). Dessa maneira, empresas de comunicação e candidatos buscam essencialmente com o ajuntamento “conseguir provocar a participação” (Martino; Marques, 2022, p. 95), do público telespectador, com a audiência, e eleitor, com o voto. Assim, embora os candidatos apresentem e debatam suas propostas, motivo virtual do debate eleitoral, ou discutam “entre si para persuadir a audiência, mostrar que suas ideias são melhores, seu caráter é mais próximo daquele que o público espera e, de maneira geral, que está mais preparado para o cargo do que seu adversário” (Martino; Marques, 2022, p. 212), seu objetivo, de fato, é conquistar os eleitores e seus votos, para finalmente ganhar a eleição.

Nessa direção, o telespectador parece ser o interlocutor privilegiado do ajuntamento do debate eleitoral, pois é ele que os candidatos buscam cativar, para conquistar seu voto, ainda que destaquemos que esse interlocutor é apenas imaginado e seu papel é de ouvinte. Assim, não estamos diante de uma situação em que “um engajamento de face precisa ocorrer numa situação que contém espectadores” (Goffman, 2010, p. 170), ou seja, diante de um engajamento acessível. Na realidade, o ajuntamento é orientado primordialmente para o telespectador, embora reúna outros indivíduos que disputam entre si um cargo eletivo, acarretando para esse tipo de ajuntamento peculiaridades em relação ao foco e ao engajamento de face. Dessa maneira, uma pista relevante para interpretar o engajamento de face é observar como os candidatos direcionam o olhar durante suas falas, pois, como Goffman aponta, olhares diretos têm um papel especial dentro do complexo de propriedades envolvidas no engajamento (Goffman, 2010). Observar esse direcionamento do engajamento é de particular importância no debate, pois, de um lado, há uma interação face a face, envolvendo candidatos, mediadores e plateia, por outro, essa interação é difundida midiaticamente, podendo ser essa audiência midiática considerada o interlocutor privilegiado, pois é seu voto que se deseja conquistar o voto.

Além disso, destacamos que a mobilização do telespectador/eleitor se apresenta como um indício sobre a integração do universo da política ao universo do consumo, especificamente na sua forma de entretenimento. Pois, mesmo diferentes, entretenimento e política “dependem, fundamentalmente, do engajamento e da participação das pessoas, como público e como eleitores, para atingirem seus objetivos”, de fazer as pessoas “se envolverem com que está diante delas e fazerem alguma coisa: comprar, assistir, ouvir, votar” (Martino; Marques, 2022, p. 95). Dito isso, consideramos que esses propósitos de envolvimento se materializem no debate eleitoral a partir de ações específicas, ou seja, parece plausível que o debate eleitoral se estruture de modo a viabilizar práticas discursivas comuns a esses dois âmbitos. Assim, interessa-nos investigar particularmente que aspectos interacionais do debate são mobilizados para promover esse engajamento dos candidatos com os eleitores e de que forma, além de analisar como isso pode se relacionar com o uso da ironia e seus efeitos de (im)polidez.

Partimos, então, do pressuposto de que as empresas de comunicação buscam organizar os ajuntamentos dos debates de forma a materializar a ocasião social da disputa eleitoral e a atingir seu objetivo de mobilizar o telespectador a partir da audiência. Os mediadores atuam como “responsáveis por colocar o acontecimento em marcha, orientando a atividade principal, terminando o evento e mantendo a ordem” (Goffman, 2010, p. 28-29). Dessa maneira, é comum que eles enfatizem que as ações em curso ora contemplam o viés programático, oriundo da esfera política, mas também é perceptível como algumas ações são realizadas para gerar comoção e aclamação, tal como aponta Habermas: “em vez de uma opinião pública, ocorre na esfera pública manipulada uma disposição para a aclamação, um clima de opinião. (Habermas, 2014, p. 457). Assim, sucintamente podemos descrever a organização do debate estruturada pelas seguintes seções temáticas e/ou temporais: a) apresentação do debate, participantes, temas e regras; b) pergunta da emissora para candidatos; c) pergunta de jornalistas ou outros participantes para candidatos; d) pergunta de candidato para candidato; e) considerações finais (Jacob; Bueno, 2020).

Contudo, atentando para nosso objetivo de analisar como os candidatos recorrem à ironia como estratégia de (im)polidez nos debates, julgamos razoável focalizar, dentro dos ajuntamentos, **os encontros** que os envolveram, ou seja, “quando pessoas se juntam e cooperam abertamente para manter um único foco de atenção, tipicamente se revezando na fala” (Goffman, 2010, p. 35), o que seria mais significativo para elucidar como os candidatos se portam na disputa eleitoral, realizam o engajamento e trabalho de face e mobilizam, para tanto, estratégias discursivas, entre as quais a ironia. Dessa forma, dedicamos nossa análise às seções:

a) **considerações finais**; b) pergunta de candidato para candidato, intitulada nos próprios debates como **confronto direto**; e c) as perguntas da emissora, jornalistas ou outros participantes para candidatos, que nomeamos aqui com o termo guarda-chuva **perguntas institucionais**. Para essa unidade da interação, além do termo **encontros**, usaremos eventualmente a expressão **trocas interacionais**, por sua dinâmica interacional promover, de fato, uma interlocução entre os participantes. Dada a importância dessas trocas para os fenômenos analisados, a seguir refletimos sobre elas considerando os seguintes aspectos: a) de que forma elas se conectam com a ocasião social disputa eleitoral; b) quais são os participantes envolvidos nesse tipo de ajuntamento; c) que propósito inicial os participantes têm sobre esse tipo de troca; e d) como ocorre o engajamento de face.

Como já sinalizado, nas **perguntas institucionais**, os candidatos são questionados, individualmente, por jornalistas, mediadores ou representantes da audiência, ou seja, por outros participantes que não fazem parte da disputa eleitoral. Dessa maneira, esses atores mencionados atuam representando interesses do eleitor e é, nessa condição de representante, que o engajamento de face ocorre, razão pela qual se requer desses atores uma postura neutra e discreta e o olhar e a atenção dos candidatos tendem a ser direcionados para a câmera, sinalizando que o telespectador é o interlocutor, de fato, almejado. Nessa direção, essa troca tem seu aspecto competitivo atenuado e é possível que os participantes busquem o aspecto mais programático, ou seja, busquem principalmente apresentar suas propostas. Em vista disso, julgamos que as perguntas institucionais se conectam de maneira mais próxima com os aspectos mais protocolares da disputa eleitoral, pois, embora os candidatos invistam num trabalho de face positivo para si, o viés das perguntas tende a limitar o tópico ao campo de políticas públicas.

As **considerações finais** são um tipo de troca interacional típica para o fechamento dos debates eleitorais e se apresentam como um momento em que os candidatos podem falar diretamente com o telespectador, cada um a seu turno e com tempo delimitado. Dessa maneira, o engajamento de face feito pelos candidatos é orientado, em tese, exclusivamente para o telespectador, razão pela qual se espera novamente que a natureza competitiva seja minimizada e os candidatos busquem se conectar mais diretamente com o telespectador na sua condição de eleitor a conquistar, fixando, inclusive, seu olhar para a câmera. No entanto, diferentemente das perguntas institucionais, aqui não há limitação qual ao tópico a abordar, tornando propício que os candidatos, ao buscarem essa conexão, elaborem um trabalho de face pautado em argumentos

de natureza simbólica para gerar identificação, como sugere Habermas (2014), explorando recursos persuasivos típicos da esfera do entretenimento para gerar comoção e reconhecimento.

Por fim, **os confrontos diretos** é o tipo de troca interacional mais ilustrativa do dissenso e do viés competitivo dos debates eleitorais, pois é nessa troca que se promove o diálogo e a disputa entre os candidatos. Como sinalizamos acima, esse diálogo é apenas simulado pelos candidatos que buscam, de fato, comunicar à audiência seus atributos desejáveis e, sobretudo, contrapor a eles os atributos reprováveis de seus oponentes. Dessa maneira, nesse ajuntamento estão envolvidos os candidatos, que interagem entre si, e o telespectador, que permanece como interlocutor preferencial, sendo, portanto, para ele que os candidatos encenam a disputa, o conflito, o confronto e sendo, além disso, deles que “alguma resposta é antecipada”¹²⁷ (Goffman, 1981, p. 10). Por essa razão, consideramos que essa troca seja a que mais se aproxima do universo do entretenimento, pois se pauta na disputa e enquadra a interação como um duelo, buscando gerar no telespectador expectativas de vitória ou derrota, envolvendo-o, suscitando-lhe emoções e estimulando nele um clima de aclamação ou repreensão. Além disso, vimos que em outras trocas do debate os candidatos podem elaborar seu trabalho de face de forma elogiosa, então, projetamos que, no confronto direto, os candidatos priorizam detratir a face dos oponentes, embora ainda se possa conciliar essa investida com um trabalho positivo da própria face, particularmente porque ela também estará sob ataque. Nessa direção, a escolha do interlocutor imediato, com quem se duela, acaba sendo estratégica e o trabalho de face é marcado por tensão, sendo típico dessa etapa o desencadeamento de emoções negativas, principalmente ocasionadas pelos ataques que os candidatos direcionam às faces uns dos outros.

Por fim, alertamos que, com as descrições acima, buscamos traçar alguns aspectos gerais dessas trocas interacionais a partir do tipo de relação expectável em razão dos participantes que participam desse ajuntamento, e são, portanto, apenas relativamente estáveis, podendo variar de acordo com a prática efetivamente sustentada pelos participantes. Dessa maneira, percebemos que cada um desses encontros propicia formas de agir típicas, predominando o aspecto programático nas perguntas institucionais, o trabalho de face e apelo a emoções nas considerações finais e o viés competitivo nos confrontos diretos. No entanto, permanece central, em todas elas, a busca pelo engajamento e pela participação dos eleitores, sendo basilar para

¹²⁷ No original: and those ratified participants who are addressed, that is, oriented to by the speaker in a manner to suggest that his words are particularly for them, and that some answer is therefore anticipated from them, more so than from the other ratified participants. (Goffman, 1981, p. 10).

cativar o eleitor e conquistar sua adesão os políticos acionem, em seus discursos, estratégias típicas do entretenimento, entre as quais destacamos **emoções e imagem**.

O papel das emoções no engajamento da audiência tem sido considerado fundamental tanto na política quanto no entretenimento, pois “emoções são mais antigas que a razão”, ou seja, “antes de qualquer criatura na Terra formular algo remotamente parecido com um pensamento racional, emoções já estavam entre os fundamentos do comportamento” (Martino; Marques, 2022, p. 95). Além disso e justamente por isso, as emoções permanecem, ainda hoje, como uma das formas mais imediatas de reagirmos ao que vivemos e sentimos, marcadas ainda por uma natureza involuntária (Goffman, 2012, p. 687). Nessa direção, consideramos profícuo que os candidatos direcionem suas ações de forma a explorar emoções, sobretudo, em relação à audiência, uma vez que é dela que se busca conquistar a adesão e o voto. Dessa maneira, ao falarem diretamente com o telespectador, os candidatos se comportam com a intenção de comovê-lo, despertando principalmente emoções positivas, como confiança, esperança e felicidade. No entanto, despertar emoções negativas, como medo e ódio, também pode ser relevante, pois conseguir “incutir o medo de um projeto adversário é uma das maneiras de desqualificá-lo não em termos de um debate, mas no campo das emoções” (Martino; Marques, 2022, p. 108), sendo possível ainda com essa estratégia atingir indiretamente esse adversário alvo do ódio.

Contudo, Goffman alerta que “o envolvimento não é diretamente visível, podendo apenas ser inferido através de seus sinais convencionais” (Goffman, 2010, p. 48). Dessa forma, como o alvo da desqualificação está, nesse caso, ausente da interação, podemos apenas projetar uma reação emocional, que devemos analisar, de fato, em trocas nas quais esse alvo esteja envolvido. Assim, nas trocas em que os candidatos interagiram uns com os outros, o que ocorre principalmente nos confrontos diretos, é possível que eles ainda fomentem medo e ódio uns sobre os outros, contudo, aqui outras nuances afetivas se colocam. Isso porque, se “engajar-se numa atividade ocasionada significa manter algum tipo de absorção cognitiva e afetiva por ela [...], significa estar envolvido com ela” (Goffman, 2010, p. 46) e se “o envolvimento é um processo psicobiológico no qual o sujeito se torna pelo menos parcialmente inconsciente da direção de seus sentimentos e de sua atenção cognitiva” (Goffman, 2012, p. 425), causar ou sofrer processo de desqualificação, através de medo e ódio, também suscita reações emocionais nos candidatos, como medo, horror, receio e arrogância, para o ofensor, ou como ódio, raiva, frustração, nojo e desprezo, para o alvo. Poderemos nos debruçar mais detidamente sobre essas

expressões emocionais em nossas análises, tendo em vista que a ironia envolve atitudes e reações emocionais e é frequentemente utilizada como uma estratégia de crítica.

Nessa direção e pensando especificamente sobre a política, Martino e Marques alertam que como os atores políticos constroem sua imagem midiática “não é apenas uma questão de avaliação ou reputação dentro de alguma suposta escala racional de valores, mas, sobretudo, um problema de como administrar as emoções públicas” (Martino; Marques, 2022, p. 116). Dessa maneira, o trabalho de imagem é outro ponto fundamental no engajamento político, pois “debates políticos na mídia não são apenas disputas de argumentos, mas, sobretudo, de imagens” (Martino; Marques, 2022, p. 212), e se constituem como “espaço de visibilidade midiática da maior importância para a consolidação da imagem pública dos candidatos” (Martino; Marques, 2022, p. 216). Um dos motivos para a relevância desse espaço midiático reside no fato de o debate ser uma prática comunicativa política ao vivo, com a qual se cria “a impressão de que estamos diante da pessoa ‘real’” (Martino; Marques, 2022, p. 217). Além disso, o fato de ser ao vivo aciona também “uma expectativa de espontaneidade, de que o script seja talvez menos rígido” (Martino; Marques, 2022, p. 217), tornando a performance dos candidatos mais autêntica. Assim, é compreensível que o público considere o debate eleitoral como uma oportunidade de conhecer os candidatos genuinamente, pois eles estão “ao vivo, enfrentando situações e argumentos inesperados a partir das perguntas de seus adversários ou dos mediadores” (Martino; Marques, 2022, p. 217).

Para os candidatos, por outro lado, essa oportunidade de um trabalho de face mais autêntico representa também certos riscos, como ver suas ideias questionadas por seus adversários, mas principalmente de o questionamento ultrapassar “a fronteira das propostas e passa a ser sobre sua carreira política ou, talvez mais grave ainda, sobre sua vida pessoal” (Martino; Marques, 2022, p. 216). Contudo, o risco tende a ser minorado diante da oportunidade de se apresentarem ao público eleitor, ou seja, da possibilidade de “mostrar suas qualidades revelando, ao mesmo tempo, os limites de seus adversários” e, principalmente de falar com um “público bastante heterogêneo – seus eleitores, os indecisos, eleitores de seu adversário” (Martino; Marques, 2022, p. 217), ampliando as possibilidades de conquistar os votos. Um ponto a destacar é que o debate apenas aciona um quadro de espontaneidade, pois na realidade, como toda prática midiática institucional, os debates são previamente planejados e acordados, inclusive, com representantes das campanhas eleitorais, sendo ainda, no caso das eleições presidenciais, regulados por legislações específicas. Além disso, os candidatos, diante da relevância dessa prática, também dedicam especial atenção a um planejamento prévio, pois

“deverá haver muito cuidado em situações nas quais poderão ocorrer para o ator importantes consequências como resultado de sua conduta” (Goffman, 2014, p. 243). Assim, é possível que os candidatos se planejam levantando informações sobre temas-chave, sobre dados estatísticos para apoiar suas posições, sobre vulnerabilidades dos oponentes, entre outros, além de antecipar as próprias vulnerabilidades, acionando estratégias para se resguardar. Por fim, o fato de ser televisionado faz com que os candidatos atentem para a impressão causada por sua participação, pois, como Goffman aponta, “as pessoas que trabalham no campo da radiotransmissão, principalmente na televisão, bem sabem que a impressão momentânea que dão terá efeito sobre a opinião que uma audiência maciça tem a seu respeito. Nesta parte da indústria da comunicação toma-se muito cuidado em dar a impressão correta” (Goffman, 2014, p. 243), o que em tempos de mídias digitais é potencializado com a reverberação de cortes emblemáticos dos debates nas redes sociais.

A partir dessa reflexão panorâmica sobre o debate eleitoral, argumentamos sobre a relevância dessa prática por ser um dos poucos **ajuntamentos**, dentro da disputa eleitoral, em que os candidatos se reúnem e se disponibilizam a interagir uns com os outros. Identificamos no debate traços políticos e midiáticos, decorrendo essa constituição heterogênea da **ocasião social** híbrida à qual o debate está vinculado. Assim, descrevemos os debates como organizados em blocos, chamados aqui de **encontros** ou **trocias interacionais**, que apresentam especificidades e possibilitam mecanismos de interação, ou seja, de engajamentos de face, usados pelos candidatos de maneira estratégica a fim de realizar o objetivo principal dessa prática comunicativa na disputa eleitoral: conquistar o voto do eleitor. Para tanto, vimos que as emoções e a imagem, estratégias típicas do entretenimento, têm se mostrado propícias para esse fim, contudo, seus usos se dão em duas direções distintas: por um lado, os candidatos adotam uma postura positiva ao comover o eleitor e construir sua face, por outro, os candidatos buscam detratir seus adversários e despertar-lhes emoções negativas. Dessa maneira, a ironia, por seu funcionamento ambivalente, pode auxiliar a conciliar esses usos antagônicos, particularmente no que se refere aos efeitos de (im)polidez.

4.2 IRONIA E (IM)POLIDEZ COMO TRABALHO DE FACE NO DEBATE ELEITORAL

Um ponto de partida para relacionar o debate eleitoral à ironia é percebê-la como um mecanismo de conciliação das estratégias, discutidas acima e aparentemente díspares, de construir a própria imagem da maneira positiva, mas ao mesmo tempo adotar uma conduta

negativa com os adversários, ofendendo-os e detratando-os, a fim de “ganhar” o debate e a disputa eleitoral. A capacidade conciliatória da ironia decorre de sua atuação como uma linha de comunicação não oficial (Goffman, 2014), em que é possível “ao falante dirigir a um receptor observações que este compreenderá muito bem, que se saberá que ele as compreende; no entanto, nenhum dos participantes será capaz de considerar o outro como responsável por aquilo que foi compreendido” (Goffman, 2012, p. 622). O outro tipo de comunicação discutida por Goffman, que auxilia a compreender a ironia, é o “uso controlado e sistemático dos sentidos múltiplos das palavras e das expressões para ocultar a fala por trás da fala” (Goffman, 2012, p. 622), nomeada pelo sociólogo como colúio. Além disso, a ironia tem a particularidade de ser uma forma de crítica, mas se mostra hábil em agredir sem sustentar explicitamente a agressão e, assim, em pôr em jogo encobrimento e desvelamento do afeto envolvido em seu uso (Hutcheon, 2000). Por essa razão, os efeitos interacionais causados pelo uso da ironia variam significativamente, podendo ser compreendida como uma ênfase genérica, um recurso lúdico, uma forma de socialização e/ou de autoproteção, mas também como recursos de exclusão e agressão. Isso tem associado a ironia a efeitos tanto positivos quanto negativos, embora seja apenas recente o foco nos efeitos interacionais do uso da ironia (Hutcheon, 2000; Brait, 2008; Marques; Barros; Costa, 2015; Marques; Barros, 2020; Marques, 2016; 2022), pois a maior parte dos estudos linguísticos na área têm se dedicado a investigar os processos envolvidos em construir, processar e compreender a ironia textualmente.

Nesse contexto, destacamos a abordagem de Hutcheon (2000, p. 16), de que “a ironia possui uma aresta avaliadora e consegue provocar respostas emocionais”, tendo, portanto, consequências públicas e um caráter **político** (Hutcheon, 2000, p. 15). No entanto, a teórica também aponta que, por ser fundada na ambivalência, as arestas da ironia “apontam para todos os lados [...], então, qualquer um pode vir a estar na linha de fogo” (Hutcheon, 2000, p. 26). É essa mesma ambivalência, circunlocução, que também permite que a ironia mascare seu eventual caráter conflituoso (Hutcheon, 2000), ou seja, que agrida sem admitir agredir, tornando a agressão uma inferência e não um ato explicitado no enunciado. Por essa razão a ironia seria estratégica, pois seria extremamente difícil revidar ao ironista pela impossibilidade de fixar seu texto de maneira convincente (Hutcheon, 2000), sendo, inclusive, um aspecto pelo qual a ironia foi abordada nos primeiros trabalhos linguísticos sobre polidez como uma estratégia de polidez.

Já mencionamos na terceira seção que os estudos iniciais de polidez, nominalmente Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), focaram a harmonia das interações, explorando a ironia nessa mesma direção, ou seja, como uma estratégia de polidez. Leech, por exemplo, defende que a ironia mitigaria o teor conflituoso de uma crítica ao permitir que ela fosse

formulada de maneira indireta, o que seria “uma forma verbal menos perigosa do que a crítica direta”¹²⁸ (Leech, 1983, p. 144). Além disso, o autor (1983) pontua que um fenômeno semelhante à ironia, o *banter* (zombaria), promoveria vínculos de familiaridade, assim, formular uma expressão impolida pode ter como objetivo integrar, o que localizaria esse uso no espectro da impolidez jocosa e permitiria considerá-lo polido. Posição semelhante é sustentada por Brown e Levinson, para quem “a ironia registrada opera como uma ênfase positivamente polida de conhecimento dentro do grupo e semelhança de atitudes”¹²⁹ (Brown; Levinson, 1987, p. 28).

Estudos na área da (im)polidez continuam considerando esse viés harmônico da ironia, mas também consideram a existência de efeitos negativos, como o estudo sobre mensagens mistas de Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017), que discutiremos adiante, e o estudo sobre a relação entre ironia e (im)polidez de Tselika (2015). Tselika (2015) considera que a ironia apresentaria tipos mais amistosos (ironia jocosa e ironia não sarcástica), mas também teria tipos hostis (sarcasmo irônico e sarcasmo não irônico). Embora a autora reconheça ser difícil delimitar fronteira entre polidez e impolidez, pela natureza avaliativa do fenômeno, ela faz uma classificação dessas formas de ironia em relação ao fenômeno da (im)polidez. Assim, propõe que a ironia jocosa e a ironia não sarcástica seriam expressões de atitude positiva, sem pretensão de ofensa e estariam associadas à polidez, numa visão da ironia como forma de socialização. Já o sarcasmo irônico e o sarcasmo não irônico seriam expressões de atitude negativa, por pretender ofender, e se associariam, então, à impolidez. Contudo, tais distinções não são adotadas no presente estudo, pois consideramos o sarcasmo como um tipo de ironia, com um alvo mais claramente manifesto e de teor abertamente mais agressivo, permanecendo ironia e sarcasmo essencialmente o mesmo fenômeno.

Um último ponto da proposta de Tselika que destacamos é sua visão de que a ironia jocosa não teria função crítica, ao que nos contrapomos, pois como Hutcheon (2000) aponta, a aresta avaliadora é um traço fundamental da ironia, que, ausente no caso da ironia jocosa, inviabilizaria enquadrá-la como ironia. Nesse caso, consideramos que esse tipo de ironia estaria mais próximo do *banter*, como proposto por Leech (1983) ou ainda da falsa impolidez ou brincadeira ritualizada, teorizada por Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017) como um tipo de implicatura semelhante à ironia, mas que estaria “intimamente associada a funções positivas,

¹²⁸ No original: “a less dangerous verbal form than by direct criticism” (Leech, 1983, p. 144).

¹²⁹ No original: “on-record irony operates as a positively polite stressing of in-group knowledge and commonality of attitudes” (Brown; Levinson, 1987, p. 28).

como reforçar a solidariedade ou criar entretenimento”¹³⁰ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 329) e teria como efeito reforçar a solidariedade do grupo (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017).

Assim, vemos que, enquanto estudos da ironia têm atentado para seu viés conflituoso, a abordagem inicial nos estudos de (im)polidez tendeu a vê-la como uma estratégia de polidez, mas estudos recentes sobre (im)polidez, particularmente as perspectivas discursivas, defendem analisar os comportamentos de forma situada e abordam polidez e impolidez num continuum, sendo interessante relacioná-los à investigação sobre a ironia. Além disso, é possível que essa articulação auxilie a ponderar a visão de que a ironia, em seu viés crítico, se vincule fortemente a sentimentos de conflito e ofensa, pois tais sentimentos são típicos do alvo da ironia; no entanto, como Hutcheon alerta, é possível que esse alvo não seja um sujeito, como nas situações irônicas, ou ainda seja o próprio interlocutor, nas autoironias, ou não esteja presente na enunciação irônica. Hutcheon considera, inclusive, que, nos dois primeiros casos, a ofensa está ausente e especula que a autoironia “funcione para fomentar no interpretador ‘um certo senso de humildade necessário’” (Hutcheon, 2000, p. 70), o que reforça a pertinência de articular a ironia à (im)polidez, mas também ao trabalho de face.

Nesse momento, julgamos necessário esclarecer o que compreendemos como face, trabalho de face e (im)polidez, pois, embora sejam fenômenos imbricados e interdependentes, teórica e metodologicamente é fundamental diferenciá-los, para não tomar um fenômeno pelo outro e dificultar a compreensão de nossas discussões. Apoiamo-nos em O’Driscoll (2017), que, retomando Goffman (2011) e Haugh (2009), define a face como uma propriedade do indivíduo constituída na e constitutiva da interação, assim, a face seria “tanto causa quanto efeito”¹³¹ da interação (O’Driscoll, 2017, p. 105). Já a noção de trabalho de face, tomada também de Goffman (2011), se refere às ações tomadas na interação por uma pessoa para tornar consistente suas ações com a sua face, assim, o trabalho de face é realizado situadamente, pois são “as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela face e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas faces envolvidas” (Goffman, 2011, p. 14). Além disso, O’Driscoll atenta que “todo trabalho de face é simultaneamente endereçado tanto para si quanto para o outro”¹³² (O’Driscoll, 2017, p. 100), o que torna crucial refletir sobre o trabalho relacional (Locher; Watts, 2005) e a gestão das

¹³⁰ No original: “ritualised banter is thus closely associated with positive functions such as reinforcing solidarity or creating entertainment” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 329).

¹³¹ No original: “it is both cause and effect” (O’Driscoll, 2017, p. 105).

¹³² No original: “all facework is simultaneously addressed to both self and other(s)” (O’Driscoll, 2017, p. 100).

relações (Spencer-Oatey, 1993; 2005; 2015). Por fim, polidez e impolidez, ou melhor (im)polidez, são, como já apresentado na subseção 3.3, tanto comportamentos quanto a avaliação desses comportamentos, porém O’Driscoll (2017, p. 100-102) considera que, na experiência interacional, comportamentos e suas avaliações são mais perceptíveis, sendo mais concreto falar de **(imp)olidez** do que de **face** e **trabalho de face**, ainda que não devamos esquecer que os fenômenos estão intimamente relacionados, pois “nossas faces dependem das avaliações dos outros”¹³³ (O’Driscoll, 2017, p. 102).

Na terceira seção, já adiantamos que a noção de face foi ponto central para os estudos sobre polidez desde sua origem, mas a elaboração do conceito nesses primeiros estudos (Brown; Levinson, 1987; Leech, 1983) foi fortemente influenciada pela Pragmática formal, o que atenuou o viés interacional presente na formulação de Goffman (2011). Alguns autores, atentos a esse enviesamento, têm proposto um retorno à natureza mais interacional da face, dos quais destacamos Spencer-Oatey (2005) e Locher e Watts (2005). De fato, a definição inicial de face como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (Goffman, 2011, p. 13-14) pode ser vista como ampla e, até mesmo, difusa, dificultando seu manejo operacional. Porém, essa definição condiz com a complexidade do fenômeno, convergindo aspectos de identidades pessoal e de grupo, além de reputação e autoestima pessoais (O’Driscoll, 2017), e deve ser vista como um ponto de partida para investigar aspectos mais específicos da face. Assim, um ponto fundamental da constituição da face é que ela não é constituída apenas pela reivindicação do indivíduo, pois, embora seja “sua posse mais pessoal e o centro de sua segurança e prazer, ela é apenas um empréstimo da sociedade” (Goffman, 2011, p. 18); então, o indivíduo não só assume ações condizentes com os valores que ele reivindica para si, como espera que os outros reconheçam tais ações e referendam esses valores.

Essa observação de Goffman evidencia que, além de interacional, a face é relacional (Arundale, 2006), assim, presume-se que uma dimensão importante do trabalho de face seja como os interactantes se relacionam, o que pode ser abordado a partir da noção de trabalho relacional enquanto “trabalho’ que os indivíduos investem na negociação de relacionamentos com outros”¹³⁴ (Locher; Watts, 2005, p. 10). Um ponto interessante da proposta de Locher e Watts (2005) é o retorno a uma concepção mais abrangente da face, como em Goffman (2011), e uma visão mais restrita da (im)polidez (Locher; Watts, 2005, p. 13), como em Watts (2003),

¹³³ No original: “our faces depend on the evaluations of others” (O’Driscoll, 2017, p. 105).

¹³⁴ No original: “Relational work refers to the “work” individuals invest in negotiating relationships with others” (Locher; Watts, 2005, p. 10).

ou seja, (im)polidez se refere a comportamentos marcados, ou seja, avaliados como positivos ou negativos, opondo-se ao comportamento político – esperado, apropriado e não-marcado, como visto na subseção 3.3. Nessa direção, podemos encontrar ainda elucidações sobre trabalho de face e trabalho relacional nas discussões feitas por Spencer-Oatey (Spencer-Oatey, 1993; 2005; 2015) sobre um ponto central da abordagem sociopragmática: quais características relevantes da situação para o uso de estratégias discursivas. A autora (Spencer-Oatey, 1993) aponta, de início, a relevância da noção de face, já explorada nos estudos de polidez, e a noção de expectativas; destaca, posteriormente, a relevância dos relacionamentos entre os participantes, pois eles são “um *locus* primário da organização social”, que devem “constituir um foco chave para a pragmática”¹³⁵ (Spencer-Oatey, 2011, p. 3566), sistematizando suas reflexões sobre os relacionamentos a partir da noção de gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005).

O conceito de *rapport* é definido pela autora como “a relativa harmonia e suavidade das relações entre as pessoas e o gerenciamento do *rapport* se refere ao gerenciamento (ou mau gerenciamento) das relações entre as pessoas”¹³⁶ (Spencer-Oatey, 2005, p. 96), o que possibilita relacionar essa proposta aos estudos de (im)polidez. A autora ressalta que, diferentemente da visão recorrente nos primeiros trabalhos de polidez, de que “as pessoas querem manter relações tranquilas”¹³⁷, no gerenciamento do *rapport*, “as pessoas podem ter várias orientações de *rapport*, dependendo de uma série de fatores”¹³⁸ (Spencer-Oatey, 2015, p. 4). Para tanto, Spencer-Oatey (2005) propõe que os interactantes consideram a face e o gerenciamento dos direitos de sociabilidade, subdivididos pela autora em expectativas comportamentais e em desejos interacionais.

Spencer-Oatey (2005, p. 99) considera que as “expectativas comportamentais são baseadas em convenções, normas e protocolos comportamentais”¹³⁹, que, por sua vez, são “baseados em contexto e variam de acordo com uma gama de variáveis contextuais, como o tipo de atividade comunicativa, a natureza do ambiente comunicativo (macro e micro) e a

¹³⁵ No original: “relationships are a “primary locus of social organization”, they should “constitute a key focus for pragmatics” (Spencer-Oatey, 2011, p. 3566).

¹³⁶ No original: “Rapport refers to the relative harmony and smoothness of relations between people, and rapport management refers to the management (or mismanagement) of relations between people” (Spencer-Oatey, 2005, p. 96).

¹³⁷ No original: “people want to maintain smooth relations” (Spencer-Oatey, 2015, p. 4).

¹³⁸ No original: “people may take various rapport orientations, depending on a range of factors” (Spencer-Oatey, 2015, p. 4).

¹³⁹ No original: “behavioral expectations are based on behavioral conventions, norms and protocols” (Spencer-Oatey, 2005, p. 99).

natureza das relações dos participantes (i.e. hierárquica ou igual)”¹⁴⁰ (Spencer-Oatey, 2005, p. 99). A autora ainda formula o conceito de expectativas comportamentais como ‘percepções de direitos e obrigações de sociabilidade’, que podem ser “baseados em requisitos legais/contratuais, mas com mais frequência surgem de comportamentos normativos ou convencionalizados”¹⁴¹ (Spencer-Oatey, 2015, p. 3). Nessa mesma direção, o tipo de atividade comunicativa delimita de modo mais estreito os desejos interacionais, que podem objetivar “a realização de uma tarefa concreta”¹⁴² (Spencer-Oatey, 2005, p. 107), sendo de natureza transacional, ou ainda priorizar “uma gestão de relacionamento eficaz, como fazer a paz, promover amizade, obter favores ou exercer controle”¹⁴³ (Spencer-Oatey, 2005, p. 107), sendo de natureza relacional, os quais comumente se relacionam.

Por fim, Spencer-Oatey (2005) retoma conceito de face de Goffman, como específica da situação e de natureza dinâmica e relacional, denominada de face de identidade, mas também propõe uma face pan-situacional, a chamada face de respeitabilidade, referente “ao prestígio ou ‘bom nome’ que uma pessoa ou grupo detém dentro de uma comunidade”¹⁴⁴ (Spencer-Oatey, 2015, p. 2). A cada uma dessas face corresponderia uma sensibilidade de face, enquanto região suscetível de ser ameaçada ou mantida, assim, há uma sensibilidade de face do indivíduo, relativa à face de identidade, e há uma sensibilidade de face do grupo, relacionada à face de respeitabilidade e aos “aspectos próprios da identidade de uma pessoa que são derivados da participação em um coletivo ou grupo”¹⁴⁵ (Spencer-Oatey, 2005, p. 107). O interesse maior da autora, no entanto, reside na face de identidade, por ser a face ameaçada em encontros específicos, assim, “a ameaça, a perda ou o ganho de face são vistos como sendo experimentados no nível individual, mas como se aplicando não apenas à pessoa individual,

¹⁴⁰ No original: “Conventions and protocols are typically contextually based, and vary according to a range of contextual variables such as the type of communicative activity, the nature of the communicative setting (macro and micro), and the nature of the participant relations (e. g., hierarchical or equal)” (Spencer-Oatey, 2005, p. 99).

¹⁴¹ No original: “These sociality rights and obligations can sometimes be based on legal/contractual requirements, but more frequently they emerge from normative or conventionalized behavior” (Spencer-Oatey, 2015, p. 3).

¹⁴² No original: “People’s goals may be transactional and aim at achieving a “concrete” task” (Spencer-Oatey, 2005, p. 107).

¹⁴³ No original: “aim at effective relationship management, such as peace-making, promoting friendship, currying favour or exerting control” (Spencer-Oatey, 2005, p. 107).

¹⁴⁴ No original: “refers to the prestige or “good name” that a person or group holds within a community” (Spencer-Oatey, 2015, p. 2).

¹⁴⁵ No original: “the self-aspects of a person’s identity that are derived from membership in a collective or group” (Spencer-Oatey, 2005, p. 107).

mas também às relações interpessoais e membros do grupo”¹⁴⁶ (Spencer-Oatey, 2015, p. 2). Nesse mesmo estudo, Spencer-Oatey (2015) ainda propõe outro nível de autorrepresentação, o nível interpessoal, que diz respeito a realce ou ameaça em relação aos aspectos próprios da relação entre os interactantes. Por fim, Spencer-Oatey aponta que

Para um gerenciamento do *rapport* eficaz, entretanto, é essencial que as pessoas não apenas avaliem suas próprias condições e reações. Ainda mais importante, eles precisam considerar as “condições” faciais de seu interlocutor, as “condições” de seus desejos e se suas expectativas interacionais estão sendo atendidas. Eles então precisam encontrar um equilíbrio apropriado entre atender às suas próprias necessidades e as necessidades de seu(s) interlocutor(es)¹⁴⁷ (Spencer-Oatey, 2005, p. 116).

Dessa maneira, consideramos a proposta de Spencer-Oatey mais ampla em relação às discussões anteriores sobre face, trabalho de face, trabalho relacional e (im)polidez, pois incorpora nuances mais detalhadas sobre como relacionamentos são estabelecidos e conduzidos. Considerando esses fatores, Spencer-Oatey (2008 [2000]) delinea quatro possibilidades de orientação do *rapport*:

- a) Aprimoramento: desejo de fortalecer ou aprimorar as relações harmoniosas entre os interlocutores; assim, busca-se uma mudança positiva, o que se relacionaria ao ‘dar a face’ das teorias clássicas da polidez.
- b) Manutenção: desejo de manter ou proteger as relações harmoniosas entre os interlocutores; assim, busca-se minimizar quaisquer ameaças, selecionando as estratégias apropriadas de gerenciamento do *rapport*.
- c) Negligência: “falta de preocupação ou interesse na qualidade das relações”¹⁴⁸ (Spencer-Oatey, 2005, p. 96) entre os interlocutores, que pode ocorrer pelo foco na própria face, nos objetivos interacionais, entre outros motivos; assim, não se busca minimizar as ameaças que sejam inerentes aos focos prioritários da interação em curso.

¹⁴⁶ No original: “face threat, loss, or gain is seen as being experienced at the individual level, but as applying not only to the individual person but also to interpersonal relationships and group memberships” (Spencer-Oatey, 2015, p. 2).

¹⁴⁷ No original: “For effective rapport management, though, it is essential that people not only assess their own conditions and reactions. Even more importantly, they need to consider their interlocutor’s face “conditions”, their wants “conditions”, and whether their interactional expectancies are being fulfilled. They then need to find an appropriate balance between meeting their own needs and the needs of their interlocutor(s)” (Spencer-Oatey, 2005, p. 116).

¹⁴⁸ No original: “a lack of concern or interest in the quality of relations” (Spencer-Oatey, 2005, p. 96).

d) Desafio: “desejo de desafiar ou prejudicar as relações harmoniosas”¹⁴⁹ (Spencer-Oatey, 2005, p. 96) entre os interlocutores; assim, busca-se uma mudança negativa do *rapport*, o que estaria relacionado ao ‘perder a face’ das teorias clássicas da polidez.

Dessa forma, estudos sobre (im)polidez têm se apoiado na proposta de Spencer-Oatey, por ela se mostrar consistente em abordar, investigar e compreender a (im)polidez dentro de um *continuum*, mas principalmente por considerar como fundamentais as percepções dos interactantes nos julgamentos dinâmicos que eles fazem sobre “se seu relacionamento foi aprimorado, mantido ou danificado. Esses julgamentos (conscientes ou não) baseiam-se em grande medida em avaliações das três principais bases de percepções de *rapport*: desejos interacionais, sensibilidade facial e expectativas comportamentais”¹⁵⁰ (Spencer-Oatey, 2005, p. 96). Por fim, outro ponto abordado por Spencer-Oatey e até então negligenciado pelos estudos de (im)polidez se refere ao papel das emoções nessas percepções, pois, para interpretar os sentidos que um relacionamento tem para os envolvidos ou ainda de que maneira eles compreendem um comportamento em particular, mostra-se fundamental observar as “reações avaliativas ou afetivas que as pessoas experimentam regularmente ao interagir umas com as outras”¹⁵¹ (Spencer-Oatey, 2011, p. 6), o que leva a autora a abordar dentro do gerenciamento do *rapport* a (im)polidez, tomada pela autora como um *continuum* e definida como

os julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social do comportamento verbal e não verbal. Em outras palavras, não é o comportamento em si que é polido, político (Watts 2003) ou impolido; em vez disso, (im)polidez é um rótulo avaliativo que as pessoas atribuem ao comportamento, como resultado de seus julgamentos subjetivos sobre adequação social. Considero (im)polidez um termo genérico que cobre todos os tipos de significados avaliativos (por exemplo, caloroso, amigável, atencioso, respeitoso, deferente, insolente, agressivo, rude). Esses significados podem ter conotações positivas, negativas ou neutras, e os julgamentos podem impactar as percepções das pessoas sobre suas relações sociais e o relacionamento ou (des) harmonia que existe entre elas¹⁵² (Spencer-Oatey, 2005, p. 97).

¹⁴⁹ No original: “a desire to challenge or impair harmonious relations” (Spencer-Oatey, 2005, p. 96).

¹⁵⁰ No original: “they make dynamic judgments as to whether their rapport has been enhanced, maintained or damaged. These judgments (conscious or otherwise) are based to a large extent on assessments of three key bases of rapport and their interrelationships: behavioral expectations, face sensitivities and interactional wants” (Spencer-Oatey, 2005, p. 96).

¹⁵¹ No original: “the evaluative or affective reactions that people regularly experience as they interact with each other” (Spencer-Oatey, 2011, p. 6).

¹⁵² No original: “I take (im)politeness to be the subjective judgments that people make about the social appropriateness of verbal and non-verbal behavior. In other words, it is not behavior per se that is polite, politic (Watts 2003) or impolite; rather (im)politeness is an evaluative label that people attach to behavior, as a result of their subjective judgments about social appropriateness. I take (im)politeness to be an umbrella term that covers all kinds of evaluative meanings (e.g., warm, friendly, considerate, respectful, deferential, insolent, aggressive,

Tendo estabelecido o que compreendemos por face, trabalho de face e trabalho relacional e tendo localizado essas noções dentro do quadro teórico do gerenciamento do *rapport*, relacionamos a seguir a ironia à (im)polidez, compreendida como um elemento desse panorama interacional mais amplo. Assim, reiteramos nossa compreensão da (im)polidez como um fenômeno avaliativo sobre o comportamento na interação, marcada por um viés de interpessoal, sendo importante notar que “a interpretação interpessoal é impulsionada principalmente pelas fortes expectativas sobre o contexto”¹⁵³ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 339), particularmente o tipo de relacionamento estabelecido entre os participantes. Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017) alertam para complexidade das relações sociais e, conseqüentemente, os efeitos que elas podem ter na produção de sentido das mensagens mistas, inclusive da ironia. Assim, devemos considerar que o estado emocional dos interactantes ou ainda o afeto relacional entre eles pode impactar a interpretação das mais variadas mensagens mistas, estando em jogo ainda outros fatores. Tendo em vista esse panorama, propomos refletir como aspectos interacionais impactam o funcionamento dúbio da ironia, influenciando que ela seja vista como um recurso que atenua ou acentua conflitos, que promove harmonia ou desarmonia nas interações, pois, apesar de alguns esclarecimentos, a questão central permanece em aberto: “as mensagens interpessoais mistas [inclusive a ironia] realmente cortam mais fundo do que as alternativas não mistas”¹⁵⁴ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 344) e, se sim ou não, interessa sobretudo por quê.

Por um lado, é nítido que a ironia envolve atitudes julgadoras, assim, “se os interpretadores são confrontados com tais ‘julgamentos de valor carregados de emoção’ (Booth, 1974: 44), pode não ser surpresa que haja um certo acúmulo de tensão (Heller, 1983: 444) envolvido no simples (ou nem tão simples) ato de atribuir ironia a uma elocução” (Hutcheon, 2000, p. 65). Por outro lado, se atribui à ironia uma propriedade de autocontenção, que sinaliza para um reconhecimento do papel das emoções no uso da ironia, diferente de uma visão de que a ironia engajaria mais o intelecto do que as emoções (Hutcheon, 2000). É, diante dessa compreensão, que os interactantes mobilizam seus conhecimentos metapragmáticos, ou seja,

rude). These meanings can have positive, negative or neutral connotations, and the judgments can impact upon people’s perceptions of their social relations and the rapport or (dis)harmony that exists between them” (Spencer-Oatey, 2005, p. 97).

¹⁵³ No original: “The interpersonal interpretation is primarily driven by the strong expectations about the context” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 339).

¹⁵⁴ No original: “mixed interpersonal messages actually cut deeper than non-mixed alternatives” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 344).

sua “habilidade de não apenas interpretar o próprio comportamento linguístico, mas também o comportamento dos outros e julgar sua adequação”¹⁵⁵ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 334), e, a partir desse exame, podem recorrer à ironia para conter ou expressar de maneira mais estratégica certas emoções, pois “estar no controle de nossas emoções é socialmente mais aceitável do que atacar alguém verbalmente”¹⁵⁶ (Tselika, 2015, p. 95), sobretudo se o ataque é realizado diretamente.

No entanto, a ironia, dada sua aresta avaliadora e crítica, continua se constituindo como um ataque verbal e Hutcheon (2000) afirma que essa aresta avaliadora presente na ironia faz com que esteja em jogo aqui mais do que está em jogo em outros recursos linguísticos, e “esse ‘mais’ tem muito a ver com poder”. Isso porque a ironia, em sua circunlocução, é “menos competência que suposição compartilhada” (Hutcheon, 2000, p. 142), assim, se constitui como uma espécie de código restrito, no qual é o pertencimento a uma comunidade discursiva que “*torna possível a compreensão da ironia*” (Hutcheon, 2000, p. 141). Desse modo, a ironia surge como um jogo para dois, corresponsáveis pela significação construída nesse jogo e viabilizada apenas pelo pertencimento de ambos às mesmas comunidades discursivas, o que implica incluir certos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, excluir outros. Portanto, se a ironia “explicitamente instala (e existe dentro de) uma relação entre ironista e plateias (uma sendo a quem se dirige e a outra sendo excluída)” (Hutcheon, 2000, p. 36), acaba invocando “noções de hierarquia e subordinação, julgamento e talvez até mesmo superioridade moral” (Hutcheon, 2000, p. 36), aspectos consensualmente negativos e que estiveram ausentes das reflexões sobre a ironia nos estudos iniciais de polidez, nominalmente Brown e Levinson (1987) e Leech (1983).

O papel da ironia tornou a ser abordado recentemente nos estudos sobre na (im)polidez, entre os quais destacamos, inicialmente, a investigação de Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017) sobre a relação entre (im)polidez e mensagens mistas, sobretudo a ironia. Os autores chegaram a conclusões semelhantes às de Hutcheon, apresentadas no parágrafo acima, e identificaram que as mensagens mistas podem desempenhar na interação funções instrumental, interpessoal ou afetiva, podendo todas essas funções estar vinculadas à polidez ou à impolidez. Assim, a função instrumental das mensagens mistas reside na possibilidade de “socializar membros em normas de grupo e promover conformidade entre os membros como uma forma

¹⁵⁵ No original: “the ability to not only interpret one’s own linguistic behaviour but also the behaviour of others and to judge its appropriateness” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 334).

¹⁵⁶ No original: “Being in control of our emotions is more socially acceptable than verbally attacking someone straightforwardly” (Tselika, 2015, p. 95).

de controle social (encoberto) e ganhar poder sobre os outros”¹⁵⁷ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 343). Disso decorre sua função interpessoal, pois as mensagens mistas “abrangem o trabalho relacional e de identidade” e “podem ser usadas para incluir e excluir”¹⁵⁸ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 343). Por fim, as mensagens mistas podem ter função afetiva, pois seus usos são vistos como “expressando ou gerando emoções positivamente ou negativamente valiosas entre os participantes”¹⁵⁹ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 342), ora como uma tentativa de ser engraçado ou espirituoso, ora como uma forma de agressão – no caso específico do sarcasmo e da ironia (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017).

Nessa direção, é preciso recordar que a ironia geralmente “tem seus alvos, seus perpetradores e sua plateia cúmplice, embora esses não precisem ser três entidades distintas e separadas” (Hutcheon, 2000, p. 67), então, esses diferentes participantes podem se relacionar com e a partir da ironia e vivenciar as emoções provocadas pela significação irônica de formas distintas. Assim, o ironista recorre à ironia para expressar sua atitude invariavelmente de rejeição ou desaprovação (Sperber; Wilson, 1981, p. 308) e seu deboche e eventual desprezo – que são sim posições de emoção como Hutcheon (2000, p. 64) defende. Já, nas ironias que têm claramente um alvo, os interpretadores podem sentir “raiva pelas atitudes ou pelos valores inferidos na elocução irônica, e, para isso, eles teriam apenas de *entender*, e não *compartilhar* ou apreciar, aquelas atitudes” (Hutcheon, 2000, p. 70), o que ocorre frequentemente quando ele é o alvo inferido na avaliação irônica ou até mesmo quando ele se solidariza ou se identifica com a vítima da ironia, sobre a qual a carga afetiva negativa incide de modo decisivo. Contudo, se o interpretador não é afetado pela aresta cortante da ironia, ele pode ser afetado de formas menos negativas, pode sentir desconforto diante da ambiguidade constitutiva da ironia, ou prazer por “resolver algum tipo de falta de encaixe ou incongruência” (Hutcheon, 2000, p. 69) ou ainda satisfação por “tomar parte num processo colaborativo de avaliação” (Hutcheon, 2000, p. 69).

É justamente por sua ambiguidade constitutiva que a ironia pode atuar como uma estratégia discursiva, ou seja, pode “ajudar o discurso a atingir seu objetivo, excluindo alguns pontos e destacando outros”¹⁶⁰ (Kiss, 2015, p. 26). É também pela ambiguidade que a ironia

¹⁵⁷ No original: “socializing members into group norms and promoting conformity amongst members as a form of (covert) social control and gaining power over others” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 343).

¹⁵⁸ No original: “Finally, the interpersonal functions of mixed messaging encompass both relational and identity work. Mixed messages can be used to both include and exclude” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 343).

¹⁵⁹ No original: “expressing or engendering positively and negatively valenced emotions amongst participants” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 342).

¹⁶⁰ No original: “a set of strategies which come to help the discourse achieve its object by excluding certain points and highlighting others. (Kiss, 2015, p. 26).

possibilita “que o falante comunique uma mensagem ao ouvinte e outra diferente ao público”¹⁶¹ Tselika (2015, p. 97). Na realidade, mais do que pela ambiguidade, a ironia é caracterizada por certa flexibilidade interpretativa, devido sua significação ocorrer por meio de implicatura, na visão pragmática, ou de inferência, na visão sociocognitiva. Justamente por isso, Tselika (2015) argumenta que, sendo de base inferencial ou implicacional, a significação irônica pode ser cancelada a qualquer momento, razão essa pela qual se escolhe “a ironia como estratégia para fazer críticas, em vez de usar uma forma mais direta”¹⁶² (Tselika, 2015, p. 96).

Nesse contexto, inclusive, tem sido comum usar uma superfície polida com pretensão irônica, pois “o falante sempre pode alegar que a superfície polida era o significado pretendido”¹⁶³ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 333). Por outro lado, Tselika (2015, p. 95) argumenta que há evidências de que a polidez excessiva é um recurso crítico e assim é usualmente considerada irônica¹⁶⁴, contudo, a autora reconhece que justamente essa aparência polida permite às pessoas recorrerem à ironia para fazer críticas sem que pareçam rudes ou socialmente inadequadas (Tselika, 2015, p. 89). Assim, vemos que a significação irônica pode ser suscetível a disputas, contestações ou cancelamentos, principalmente por parte do enunciador, que pode se retirar “do que disse, se o enunciado for subsequentemente considerado muito ousado ou inapropriado”¹⁶⁵ (Tselika, 2015, p. 96), ou ainda muito distinto do que se pretendeu. Por outro lado, como “a ironia é simultaneamente disfarce e comunicação” (Hutcheon, 2000, p. 141), presumimos que “os usuários da linguagem mostram uma compreensão elaborada do grau de ironia, sua dimensão afetiva e uma gama de posturas avaliativas”¹⁶⁶ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 335), sendo, portanto, capazes de diferenciar uma ironia e uma brincadeira ritualizada. Nessa direção, algumas pistas de contextualização (Gumperz, 1998) têm adquirido um caráter convencional na expressão ou

¹⁶¹ No original: “the cancellability of irony allows the speaker to communicate one message to the hearer and a different one to the audience” (Tselika, 2015, p. 97).

¹⁶² No original: “I will propose another reason why people choose irony as a strategy to make criticism rather than using a more straightforward way. This reason is irony’s ability to be cancelled at any stage” (Tselika, 2015, p. 96).

¹⁶³ No original: “the speaker can always claim that the polite surface was the intended meaning” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 333).

¹⁶⁴ No original: “There is evidence that over-politeness is usually considered ironic” (Tselika, 2015, p. 95).

¹⁶⁵ No original: “The cancellability of irony gives rise to different interpretations and allows the speaker to withdraw from what she said, if the utterance is subsequently considered too bold or inappropriate” (Tselika, 2015, p. 96).

¹⁶⁶ No original: “the users of language shown an elaborated comprehension of degree of irony, its affective dimension and a range of evaluative stances” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 335).

sinalização de ironia, como discutido na seção 2.3, dos quais destacamos aspectos não verbais, como voz, expressões faciais e movimentos do corpo, em razão de sua ligação com as emoções.

Culpeper, Haugh e Sinkeviciute (2017), estudando a relação entre (im)polidez e mensagens mistas, apontam alguns aspectos prosódicos que auxiliam a compreender essa relação, assim, eles destacam, por exemplo, que “‘tom de voz’ parece apontar para o papel importante dos recursos prosódicos na ironia, e especialmente a ideia de que poderia haver uma mistura multimodal com a prosódia sugerindo uma coisa e as palavras outra”¹⁶⁷ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 327). Os autores detalham que, na ironia, pode predominar um “contorno da entonação relativamente plano e decrescente [...] consistente com o tédio”¹⁶⁸ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 338), mas também podem estar presentes outros tons, refletindo principalmente emoções negativas, como raiva e desprezo. Os autores ainda argumentam que é possível diferenciar ironia e brincadeiras ritualizadas e falsa impolidez através de alguns padrões prosódicos, pois os “dispositivos que acompanham a provocação indicando que é ‘extra-registrada, divertida e não deve ser levada a sério’ incluem ‘vocalizações incomuns, voz cantada, expressões formuladas, vogais alongadas e expressões faciais incomuns”¹⁶⁹ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 338), com um destaque para o uso do riso.

De fato, alguns sinais podem apontar para alguma incongruência, inadequação do comportamento verbal e conduzir o interpretador a inferir ou não pretensão irônica, no entanto, lembramos que esses sinais podem estar ausentes, ser sutis ou funcionar de modo distinto entre as comunidades discursivas, o que torna a partilha de conhecimento e de práticas discursivas centrais na percepção ou atribuição de ironia em um enunciado ou não. Além disso, retomamos a visão de Hutcheon (2000) de que a ironia é estruturada na circunlocução, assim, não se pode fixar com precisão o sentido irônico (Hutcheon, 2000) e, conseqüentemente, as intenções do falante. Dessa forma, o comportamento compreendido como irônico será avaliado polido ou impolido a partir da relação estabelecida entre os interlocutores (Tselika, 2015), por isso sua natureza interpessoal. Nessa mesma direção, como a ironia se estrutura de forma ambígua, então ela se mostra hábil em equilibrar polidez, ou ao menos falsa polidez, e impolidez (Tselika,

¹⁶⁷ No original: “‘tone of voice’ seems to be pointing towards the important role of prosodic features in irony, and especially the idea that there could be a multimodal mix with the prosody suggesting one thing and the words another” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 327).

¹⁶⁸ No original: “declining intonation contour is consistent with boredom” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 338).

¹⁶⁹ No original: “devices accompanying the tease indicating that it is ‘off-record, playful, and not be taken seriously’ include ‘unusual vocalisations, singsong voice, formulaic utterances, elongated vowels, and unusual facial expressions” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 338).

2015), tornando-se um recurso proveitoso de autoproteção, particularmente em ambientes que o ironista considera opressivos, como aponta Booth (1983). Os debates eleitorais, apesar de seu relevante alcance comunicativo, tendem a ser considerados como situações hostis pelos candidatos, pois eles se encontram sob constante e decisiva avaliação uns dos outros e dos eleitores e sua face está sob forte tensão. A tensão é, na realidade, um aspecto presente em boa parte das interações no campo político, por isso, tem sido comum apontar que “a ironia, no discurso político, é uma parte do processo comunicativo e está altamente relacionada a atos de preservação ou ameaça de face, à apresentação de argumentos e à expressão de agressão em certo nível”¹⁷⁰ (Kiss, 2015, p. 324). Isso decorre da capacidade de a ironia, por causa da circunlocução, “moderar e regular o excesso (Mizzau, 1984: 83), ela pode até aliviar a tensão” (Hutcheon, 2000, p. 69).

Assim, com a ironia, o falante pode mascarar uma ofensa, contestar a imputação de ofensa decorrente da atribuição de sentido irônico, e, inclusive, ‘explicar o que foi, de fato, dito’, negando, desautorizando a compreensão do interpretador e cancelando a eventual significação irônica. É possível ainda, com a ironia, atenuar o potencial ofensivo da crítica ao tingi-la de outras funções, como o humor, ou ainda demonstrar equilíbrio, pela função de controle emocional. Tendo em vista que “a atenção para a face do outro é um aspecto crucial da atenção para a própria face”¹⁷¹ (O’Driscoll, 2017, p. 100), a ironia, nesse papel moderador e manipulador, pela autocontenção e ambivalência, atua também para realçar a face do ironista, sendo proveitosa para o trabalho de face. Por fim, outra contribuição da ironia para a face é sua tendência de “ser mais complexa, engenhosa, espirituosa e / ou divertida do que uma peça direta de impolidez. Uma vantagem disso é que aumenta a face do ironista enquanto ataca a face do alvo. O falante pontua em cima do custo do ouvinte”¹⁷² (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 333). Isso permite ao ironista manter sua face, sentindo prazer e segurança, mas a partir do dano à face do alvo, afetado por emoções de frustração e raiva, o que demonstra como a face é carregada emocionalmente e está vinculada à (im)polidez (Goffman, 2011). Portanto, podemos concluir que a ironia é hábil em atuar de maneira ambivalente no trabalho de face e relacional, ou seja, gerenciamento do *rapport*, se associando, a fenômenos de (im)polidez, ora pela

¹⁷⁰ No original: “irony, in discourse political, is a part of the communicative process and it is highly related to face-saving or face-threatening acts, to bringing forward arguments and to expressing aggression to a certain level” (Kiss, 2015, p. 324).

¹⁷¹ No original: “attention to the other’s face is a crucial aspect of attention to one’s own face” (O’Driscoll, 2017, p. 100).

¹⁷² No original: “irony tends to be more complex, ingenious, witty, and/or entertaining than a straight piece of impoliteness. An advantage of this is that it boosts the face of the ironist whilst attacking the face of the target O” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 333).

autocontenção, aparência excessivamente polida e capacidade de cancelamento, ora pela crítica, sentimento de superioridade e incerteza. Dessa forma, parece evidente que “a ironia não é necessariamente uma estratégia para salvar a face de acordo com as teorias da polidez (Brown & Levinson 1987), mas também tem uma função agravante”¹⁷³ (Tselika, 2015, p. 89-90).

Na realidade, tendo em vista a aresta avaliativa estruturante da ironia, é tentador “concluir que a ironia é definitivamente uma maneira impolida de expressar desacordo, ofensa, antipatia. E assim, [...] concluir que a ironia permite que um falante seja impolido enquanto parece ser polido”¹⁷⁴ (Kiss, 2015, p. 30). Contudo, não devemos esquecer que a (im)polidez, enquanto comportamento discursivo e suas avaliações, é um fenômeno interacional e fortemente situado, sendo necessário considerá-la de maneira situada. Portanto, a questão essencial não é mais se a ironia, que sendo um mecanismo de crítica que pode ainda apresentar outras funções, notadamente o humor, atenua ou acentua conflito; a questão central é compreender quais propriedades da ironia lhe possibilitam funcionar em várias direções e em que condições esses efeitos ocorrem. Nessa direção, Tselika (2015) parte da concepção de que a ironia pode tanto cortar mais fundo quanto atenuar a ofensa imbuída na crítica irônica, mas propõe que a percepção e a avaliação de um comportamento irônico como (im)polido variam em função da diferença de poder entre os interactantes.

A autora explica, então, que a ironia, quando usada entre interactantes em situação hierárquica semelhante, funciona “como uma falsa polidez, então sua função permanece salvadora como B&L inicialmente descreveram”¹⁷⁵ (Tselika, 2015, p. 105). Porém, em situações assimétricas, em que “o enunciado irônico é dirigido a uma pessoa de *status* inferior, a ironia tende a ser uma estratégia para agravar a face e não para salvar a face”¹⁷⁶ (Tselika, 2015, p. 102), contrariando a posição inicial de que ironia seria uma estratégia de polidez. Em consonância com achados de Culpeper (2005), a autora ainda aponta que “a ironia parece ser usada entre desiguais como entretenimento explorador com o objetivo de causar dor ao ouvinte,

¹⁷³ No original: “I argue that irony is not necessarily a face-saving strategy according to politeness theories (Brown & Levinson 1987), but has a face-aggravating function.” (Tselika, 2015, p. 89-90).

¹⁷⁴ No original: “we might conclude that irony is definitely an impolite manner of expressing disagreement, offence, dislike. [...] And so, we might conclude that irony enables a speaker to be impolite while appearing to be polite” (Kiss, 2015, p. 30).

¹⁷⁵ No original: “Finally, when irony is used among equals as a mock-politeness, then its function remains face-saving as B&L initially described” (Tselika, 2015, p. 105).

¹⁷⁶ No original: “in unequal conversations and when the ironic utterance is addressed to a person of lower status, irony tends to be a face-aggravating strategy and not a face-saving one as B&L (1987) initially claimed” (Tselika, 2015, p. 102).

mas prazer aos outros participantes”¹⁷⁷ (Tselika, 2015, p. 101). De fato, é plausível que, assim como em outras circunstâncias interacionais, a diferença de hierarquia impacte no trabalho de face em interações irônicas, pois, como vimos, a ironia é um fenômeno vinculado à face, por sua vez de natureza interacional e relacional.

Nessa direção, propomos que, em situações simétricas, o maior equilíbrio de poder impõe aos interactantes que dediquem mais atenção à própria face, dada sua vulnerabilidade, assim, ao tecer uma crítica, eles podem optar pela ironia objetivando se resguardar de eventuais retaliações. Esse movimento de autoproteção se faz necessário, pois, nessa situação, o alvo da ironia está em condições hierárquicas de revidar, e a ironia pode proteger o falante por causa de sua natureza inferencial, que, como já discutido, permite disputar o sentido e, até mesmo, cancelá-lo. É também essa possibilidade de defesa que faz com que o alvo da ironia não experencie a crítica irônica de maneira tão negativa quanto seria numa ofensa direta. Além disso, a significação de base inferencial permite que o alvo simplesmente não entenda a crítica irônica, finja não entender ou ainda não se veja como o alvo dela, o que seria mais difícil em uma crítica direta. Por outro lado, nos casos de relações desiguais, analisamos que a ironia pode intensificar “a crítica veiculada por um insulto mais direto”¹⁷⁸ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 344), sendo percebida como mais negativa do que o correlato direto. Pois, nesse caso, além de criticar, a ironia pode ridicularizar o alvo e, ainda, colocá-lo em uma situação de inação, diante da ambiguidade irônica. Por fim, ainda é possível sobrepor à ironia uma função de humor, causando um efeito de divertimento na terceira parte da interação, o que se pode interpretar como uma validação da crítica irônica, aumentando, dessa forma, o teor ofensivo. No caso particular do debate, a ironia em circunstâncias simétricas pode acionar atributos positivos, como autocontenção e espirituosidade, no caso de haver função do humor, atuando ainda no trabalho da própria face.

Por fim, vimos como algumas características nos permitem compreender a opção pela ironia como uma estratégia discursiva, seja por sua indiretividade e possibilidade de anulação, por seu jogo com discurso dominante, por sua significação por implicatura, por sua dubiedade, por sua representação de intelectualidade e autocontrole, ou ainda por seu efeito humorístico, entre outros. Além disso, destacamos que, dada a ambivalência, o funcionamento multidirecionado (Hutcheon, 2000; Brait, 2008) e a sobreposição de funções (Dews; Kaplan;

¹⁷⁷ No original: “irony seems to be used among unequals as exploitative entertainment in order to cause pain to the hearer but pleasure to other participants” (Tselika, 2015, p. 101).

¹⁷⁸ No original: “irony enhances the criticism conveyed by a more direct insult” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 344).

Winner, 2007; Colston, 2007a), um enunciado não só não é irônico em si mesmo, como também não pode ser avaliado como polido ou impolido em si mesmo. Na realidade, é necessário que um enunciado seja enquadrado como irônico numa situação interacional particular e, nesses termos e apenas situado interacionalmente, ele pode ser avaliado pelos interactantes como um comportamento como polido e/ou impolido, posição que adotamos em nossas análises a seguir.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

“O observador deve ser um erótico, nenhum traço nenhum momento pode ser indiferente para ele.”
(KIERKEGAARD, 2013, p. 25)

Após discutir os panoramas teóricos da ironia e da (im)polidez e estabelecer ambos os fenômenos em um quadro interacional mais amplo, relacionando-os ao debate eleitoral, esta seção se dedica a descrever o panorama da pesquisa, nossos pressupostos, os dados e sua construção, nossos objetivos e, por fim, procedimentos de análise. Inicialmente, retomamos, na subseção 5.1, o tema da pesquisa destacando que a ironia enquanto uma estratégia de (im)polidez pressupõe uma concepção de linguagem como interação e uma visão da compreensão como processo (Marcuschi, 2008). Defendemos, então, a necessidade de analisar os efeitos interacionais decorrentes da construção do sentido irônico a partir de uma abordagem metodológica situada, descritiva e de cunho qualitativo (Marconi; Lakatos, 2022). Buscamos ainda justificar a relevância da pesquisa por possibilitar compreender as formas de gerenciar o conflito no contexto político, em que discursos ofensivos têm sido de certa forma normalizados (Wodak; Culpeper; Semino, 2021). Diante desse cenário, estabelecemos, na subseção 5.2, nossos objetivos investigativos, sendo o principal deles explicar como a ironia atua de forma ambivalente em relação à (im)polidez, ora atenuando, ora acentuando os conflitos, ou ainda funcionando de maneira hesitante nesse *continuum*. Para tanto, justificamos nossa escolha pelo debate eleitoral em relação aos objetivos traçados, detalhando como se deu a construção do *corpus* e a seleção da amostra de dados para a análise. Por fim, apresentamos os procedimentos de análise, os quais buscaram delinear inicialmente o funcionamento mais amplo da ironia e da (im)polidez no debate eleitoral, para, em seguida, examinar sob que condições e através de que formas a ironia pôde funcionar catalisando impolidez ou atenuando o potencial conflituoso inerente a qualquer crítica.

5.1 PANORAMA DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS

Temos sinalizado, ao longo deste trabalho, como pensar sobre formas violentas de comunicação tem sido importante, em função da recorrência e, inclusive, da normalização desse tipo de comportamento (Wodak; Culpeper; Semino, 2021). Muitas são as formas de se normalizar esse tipo de conduta, entre as quais estão sua construção como expressão de autenticidade e sua associação ao humor (Wodak; Culpeper; Semino, 2021), o que torna central

nesse contexto se debruçar sobre o uso de ironia, sua relação com discursos dominantes (Hutcheon, 2000; Brait, 2008) e sua sobreposição de funções (Dews; Kaplan; Winner, 2007). Além disso, a ironia, tomada como uma estratégia discursiva fundada na avaliação crítica, se relaciona em seu caráter avaliativo com a (im)polidez, seja como comportamentos (im)polidos ou como avaliações desses comportamentos. Dessa forma, vimos que, enquanto teorias da ironia têm destacado sua aresta crítica e seu efeito de dissimulação, na área da (im)polidez, estudos iniciais (Brown; Levinson, 1987; Leech, 1983) argumentaram que a ironia seria uma estratégia de polidez, e estudos recentes (Culpeper; Hardaker, 2017) têm destacado seu caráter ofensivo. De toda forma, vemos que permanece em aberto de que forma a ironia atua para acentuar e/ou atenuar o teor agressivo de uma crítica, sendo essa a questão à qual pretendemos responder, atentando principalmente para o caráter situado de quaisquer efeitos de sentido que a ironia possa gerar, ou seja, atentando para as condições interacionais em que a ironia pode atenuar e/ou acentuar uma ofensa e ser, portanto, uma estratégia de polidez e/ou impolidez.

Para tanto, atentando que a ironia é um recurso da linguagem em uso, seu sentido é construído pelos interlocutores durante a interação, e ela desempenha outras funções além da crítica, consideramos adequado adotar uma perspectiva interacional da ironia. Da mesma forma, concebemos a (im)polidez enquanto fenômeno discursivo, destacando que só na interação comportamentos são avaliados em termos de (im)polidez e que essa avaliação varia em um *continuum* e está relacionada ao trabalho relacional, aqui abordado a partir da noção de gerenciamento do *rapport* proposta por Spencer-Oatey (2005). Dessa forma, propomos articular a compreensão sobre a ironia em suas variadas funções (Dews; Kaplan; Winner, 2007) às diferentes formas de gerenciar o relacionamento, ou seja, às diferentes orientações do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005), o que demanda uma abordagem metodológica de viés interpretativo e uma descrição analítica dos fenômenos analisados de maneira situada. Portanto, um aspecto crucial da investigação foi o tipo de interação em que observamos os fenômenos, tendo sido nossa escolha analisar esses fenômenos em debates eleitorais, um tipo de interação comumente associada à ironia, a exemplo de Aristóteles (2007), para quem, no debate, a ironia teria a utilidade de descortinar o ridículo do oponente. Além disso, os debates parecem propícios à impolidez, em função da disputa eleitoral, mas também à polidez, em função da construção positiva de si.

Por outro lado, estivemos cientes de que “nem sempre se pode abranger todo o âmbito onde o fato se desenrola” (Marconi; Lakatos, 2022, p. 177), então delimitamos a investigação sobre o uso de ironia e seu papel em episódios de (im)polidez ao universo dos debates

presidenciais de 2018. Assim, analisamos os debates presidenciais promovidos por empresas televisivas durante o primeiro turno das eleições de 2018, já que Bolsonaro, candidato mais votado no primeiro turno, se recusou a participar os debates de segundo turno, inviabilizando-os (Azevedo; Trigueiro; Martins, 2018a). Desse modo, investigamos os sete debates realizados no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, entre os dias 09 de agosto de 2018 e 04 de outubro de 2018, que foram organizados pelas emissoras Band, RedeTV, TV Gazeta, TV Aparecida, SBT, Record e Globo, respectivamente. Junto à difusão televisiva ao vivo, as emissoras também transmitiram os debates em *sites* de internet, como suas páginas no YouTube e no Portal G1, no caso do Debate Globo, e, embora a televisão ainda seja central na organização dos debates, é notável que a transmissão simultânea em vários canais tem sido estratégica para ampliar o alcance da audiência a produtos midiáticos.

Ainda nessa direção, um aspecto particularmente relevante da transmissão via internet foi a abrangência que o espectador pode ter ao apreciar os debates, pois a difusão via internet gerou registros idênticos aos debates televisionados, mas que, estando disponíveis nos *sites*, puderam ser acessados posteriormente e possibilitaram a reprodução e arquivamento dos debates em *downloads*, para consultas irrestritas. Além disso, essa disponibilização dos debates em *sites* propicia uma observação multimídia detalhada e personalizada, com recursos para gerenciar a velocidade, pausar, retornar ou avançar na reprodução midiática, aspectos técnicos fundamentais para a análise interacional. Por isso, julgamos oportuno constituir o *corpus* a partir dos registros disponíveis nas páginas das emissoras no *site* YouTube e o *site* do Portal do G1, em que observamos e coletamos dados referentes aos debates presidenciais de 2018, para, então, investigar o papel da ironia em episódios de (im)polidez nos debates eleitorais. Por outro lado, frisamos que esses registros foram feitos pelas instituições midiáticas, sendo importante reconhecê-los como peças midiáticas às quais nossos dados e nossas análises se vinculam, marcando o contexto investigativo como político-midiático.

Embora os registros em que observamos e analisamos o papel da ironia na (im)polidez imponham certos limites à observação, consideramos que ainda assim nosso recorte se mostra relevante tanto no nível teórico, pois o debate é visto como propenso a ironia e (im)polidez, quanto no nível social, dada a importância desse tipo de comunicação política no processo decisório do voto. Além disso, nosso foco nos debates presidenciais de 2018 se faz importante, pois foram as ocorrências mais atuais em relação ao período de execução da pesquisa. Assim, nossa análise sobre a ironia e (im)polidez pôde refletir sobre as formas interacionais mais recentes dessa prática comunicativa, cuja associação entre política e entretenimento tem

acarretado mudanças interacionais expressivas e que devem ser consideradas. Por fim, analisar os debates eleitorais na intersecção entre política e entretenimento oportuniza refletir como, diante desse registro e da repercussão desses acontecimentos em outros espaços, por exemplo, as redes sociais, os candidatos se comportam discursiva e interacionalmente.

5.2 OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A partir da investigação sobre o uso de ironia e o gerenciamento do *rapport* nos debates presidenciais de 2018, pretendemos elucidar de que maneira os participantes de debates recorrem à ironia como uma estratégia discursiva e que efeitos de (im)polidez podem decorrer de usos irônicos. Após observação inicial do *corpus* e revisão bibliográfica sobre ironia (Hutcheon, 2000; Brait, 2008; Tselika, 2015; Marques; Barros; Costa, 2015), pressupomos que a ironia atua como recurso de polidez e de impolidez nos debates eleitorais, ocorrendo esse duplo direcionamento pelo caráter multifacetado da ironia, particularmente por seu papel no trabalho de face. Assim, a fim de averiguar e fundamentar a consistência teórica de nossa hipótese, revisamos de maneira abrangente estudos relevantes sobre nossos objetos de análise, a ironia e a (im)polidez, com o intuito de esses trabalhos “serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (Marconi; Lakatos, 2022, p. 173). Aprofundamos, ainda, a reflexão teórica sobre a ironia e a (im)polidez no âmbito da interação (Eelen, 2001; Culpeper, 2011b), situando-as particularmente no quadro do trabalho relacional (Locher; Watts, 2005) e do gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005).

De fato, como Marconi e Lakatos (2022) sinalizam metodologicamente, a partir dessa revisão bibliográfica, pudemos identificar aspectos dos usos da ironia e seu papel em episódios (im)polidez ainda não abordados e estabelecer que conhecimentos seriam relevantes para a investigação. Alguns desses conhecimentos se referem a conceitos como imagem, emoção, avaliação, relacionamento e interação, que perpassam a relação entre ironia e (im)polidez no debate eleitoral e auxiliam na delimitação de objetivos investigativos. Assim, o objetivo central da pesquisa foi analisar e interpretar de que formas a ironia atua como uma estratégia discursiva nos debates eleitorais, relacionando-se com a (im)polidez e a face por causar ofensa e/ou outros efeitos interacionais, com impactos no gerenciamento do *rapport*. Para tanto, propomos como objetivos específicos:

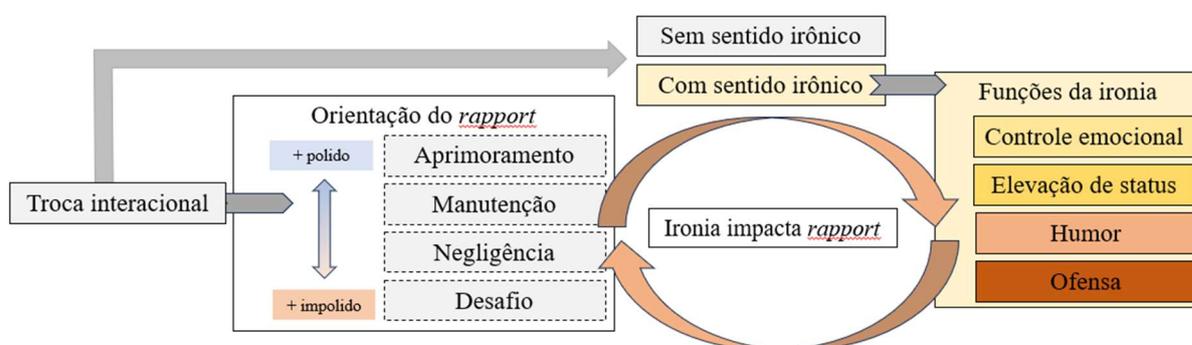
- a) discutir as principais teorias sobre a ironia, explorando como sua estruturação permite esse funcionamento ambivalente, para, então, articular esse funcionamento aos processos de avaliação positiva ou negativa dos comportamentos irônicos;
- b) apresentar o panorama geral dos estudos de polidez, impolidez e (im)polidez, ampliando o escopo do fenômeno em sua natureza interacional e examinando os mecanismos interacionais envolvidos nas avaliações de comportamentos como polidos ou impolidos;
- c) relacionar aspectos da ironia e da (im)polidez, a partir da proposta de Spencer-Oatey de gerenciamento do *rapport*, localizando a ironia como um recurso para gerenciar a relação e o trabalho de face, estando suscetível a avaliações de (im)polidez, as quais também são ancoradas também no trabalho relacional; a partir dessa relação, estabelecer as categorias analíticas centrais da pesquisa, evidenciando a ambivalência do fenômeno irônico ao se circunscrever na interação;
- d) descrever a organização interacional do debate eleitoral televisionado, analisando como essa organização promove níveis distintos de interação e provoca um gerenciamento do *rapport* multiorientado, tornando a ironia um recurso discursivo proveitoso, dadas suas características estruturais e funcionais.
- e) analisar as interações dos debates eleitorais, atentando para as ocorrências de ironia e suas funções, que efeitos interacionais essas ocorrências provocam no gerenciamento do *rapport* e de que maneira são avaliadas em termos de (im)polidez, observando ainda como a estrutura de participação das trocas interacionais impacta os sentidos irônicos.

Portanto, investigando como os interactantes produzem sentido sobre as ações uns dos outros, optamos por uma abordagem investigativa interpretativa, na medida em que buscamos “descobrir as maneiras específicas em que as formas locais e não locais de organização social e cultural se relacionam com as atividades de pessoas específicas no processo de fazer escolhas e conduzir a ação social em conjunto”¹⁷⁹ (Erickson, 1990, p. 106). Além disso, como a produção de sentido é local e, portanto, dinâmica, adotamos também uma postura indutiva, cientes, no entanto, de que “mesmo o método indutivo exige uma base prévia (teórica sobre o fenômeno e até mesmo experiencial para estabelecer expectativas) para a observação” (Marconi; Lakatos, 2022, p. 96-97), a qual, no presente estudo, se constitui de estudos sobre a ironia, (im)polidez

¹⁷⁹ No original: “the task of interpretative research, then, is to discover the specific ways in which local and nonlocal forms of social organization and culture relate to the activities of specific persons in making choices and conducting social action together” (Erickson, 1990, p. 106).

e interação. Atentamos que, embora a análise se estruture em conceitos prévios, o principal instrumento de pesquisa ainda foi a observação, junto ao exame e interpretação do papel da ironia e seus efeitos de (im)polidez nos debates. Essa postura epistemológica permite que a explicação sobre o fenômeno emergja de dados autênticos, possibilitando descobrir alguma novidade sobre o fenômeno (Marconi; Lakatos, 2022) e contribuir teoricamente ao redefinir e esclarecer teorias e conceitos. Por fim, tendo em vista que o papel da ironia no gerenciamento do *rapport* e os efeitos de (im)polidez decorrem de processos de construção de sentido, buscamos, com nossa análise interpretativa, descrever e explicar os aspectos envolvidos nesses processos, guiando a análise a partir do seguinte esquema de variáveis:

Figura 5.1 – Variáveis de análise



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

De início, tomamos como nossa unidade básica de análise a troca interacional, a qual já definimos na quarta seção, em equivalência à noção de encontro formulada por Goffman (2010), enquanto instância em que dois ou mais participantes se engajam e mantêm as suas atenções direcionadas reciprocamente. Já sinalizamos que, nos debates eleitorais, identificamos três tipos de trocas interacionais (confrontos diretos, perguntas institucionais e considerações finais), cada qual com especificidades interacionais consideradas em nossa discussão. Assim, nossas análises focalizaram os efeitos interacionais de (im)polidez decorrentes do uso da ironia dentro de uma única troca interacional, recorrendo a informações externas apenas quando foram imprescindíveis para elucidar algum efeito de sentido particular. Analisamos, inicialmente, ocorrências de (im)polidez dentro da troca interacional e, cientes de que a avaliação de comportamentos como (im)polidos não é dicotômica, mas se dá num *continuum*, optamos por abordar os efeitos de (im)polidez a partir da proposta de gerenciamento do *rapport*, observando qual foi a orientação do *rapport* predominante nessa troca. Apesar de nossa categorização nesses termos, estivemos alertas de que é metodologicamente impossível fazer afirmações com precisão sobre a orientação do *rapport*, sendo possível apenas inferi-las a partir das estratégias

discursivas mobilizadas (Spencer-Oatey, 2008, p. 33). Por causa e além disso, é imprescindível ter clareza de que “os resultados relacionais percebidos dos encontros nem sempre correspondem às orientações iniciais. Além disso, os resultados percebidos podem ser diferentes para diferentes interlocutores”¹⁸⁰ (Spencer-Oatey, 2008, p. 41).

Em seguida, e o mais importante, observamos se durante as trocas os interactantes fizeram uso de ironia, e, mesmo cientes de que a ironia é essencialmente um fenômeno pragmático e dependente do contexto, buscamos detalhar também os usos irônicos em relação ao nível do enunciado, particularmente naquilo que se referia a funções e alvos da ironia. Definimos como um enunciado irônico uma unidade semântica inclusiva e relacional entre um dito e um não dito de caráter crítico (Hutcheon, 2000), o que tornou essencial que cada enunciado irônico se estabelecesse como uma unidade básica de sentido, estruturada num jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer (Brait, 2008) e com fins de avaliação crítica. Além disso, sabendo que o sentido irônico se constitui como uma aresta, buscamos identificar o alvo da crítica irônica e analisar também que funções a ironia desempenhou, tendo em vista a possível sobreposição de funções, e como impactou o trabalho relacional e efeitos de (im)polidez, observados, como já dito, a partir das categorias de gerenciamento do *rapport*. Dessa forma, fica claro que, apesar da representação linear dos procedimentos de análise no quadro, a análise ocorreu em movimentos em espiral, iniciando com o *rapport*, seguindo para a ironia e seus efeitos relacionais e, então, retornando para o *rapport*.

Tendo em vista essas categorias e nossos objetivos investigativos, após a coleta dos dados, inicialmente registramos o *corpus* a fim de viabilizar o trabalho de análise, para tanto, inicialmente realizamos *downloads* dos registros de transmissão dos debates presidenciais de 2018, como disponíveis nos canais oficiais das emissoras na internet. Optamos por transferi-los em formato audiovisual de alta resolução (1280 x 720 pixels) e realizamos seu armazenamento em ordem cronológica e em pastas de arquivos em espaço local e em nuvem, identificando os arquivos quanto a data de realização e empresas responsáveis pela organização dos debates. Em seguida, observamos os debates e registramos em documentos de texto (formato docx.) as seguintes informações sobre cada um dos ajuntamentos: a) emissora promotora do debate; b) data em que ocorreu; c) participantes; d) sequência de blocos; e) tipos de trocas interacionais adotadas nos blocos; e f) sequência de trocas interacionais realizadas entre os candidatos,

¹⁸⁰ No original: “the perceived relational outcomes of encounters do not always correspond to the initial orientations. Moreover, the perceived outcomes may be different for different interlocutors” (Spencer-Oatey, 2008, p. 41).

indicando orientação do *rapport* predominante, se houve ou não uso de ironia e, se sim, quais funções da ironia.

Num primeiro momento, processamos essas informações de maneira quantitativa, a fim de estabelecer padrões de recorrência e orientar a seleção posterior de dados para a análise interpretativa. A partir dessas informações, tratamos os dados, inicialmente, de maneira quantitativa, apresentando os resultados através de gráficos e tabelas, com foco nos seguintes aspectos: tipos e proporção de trocas interacionais; orientações do *rapport* nos debates de 2018 e sua proporção nas diferentes trocas interacionais; panorama geral das trocas interacionais com uso de ironia; panorama geral das funções da ironia; distribuição das interações irônicas em relação aos tipos de trocas interacionais; e distribuição das interações irônicas em relação às orientações do *rapport*. Assim, computamos quantas trocas interacionais cada debate apresentou, estabelecendo um parâmetro de recorrência para comparação e atentando também para a distribuição dessas trocas entre confrontos diretos, perguntas institucionais e considerações finais. A partir desse quadro geral, aferimos quais foram as orientações do *rapport* dentro dessas trocas e suas proporções, analisando interpretativamente como os interactantes gerenciaram o *rapport* de formas distintas em cada uma das trocas interacionais, o que nos permite considerar que o modo como o debate se organiza pode impactar o relacionamento entre os participantes. Sobre a ironia mais especificamente, contabilizamos em quantas trocas interacionais os participantes usaram recursos irônicos, que funções eles tiveram nesses usos, estando cientes da possibilidade de as funções se sobreporem, e de que formas o *rapport* foi gerenciado nas trocas irônicas. Pudemos, então, relacionar alguns achados e averiguar algumas pressuposições sobre o uso de ironia e seus efeitos interacionais, como a sua associação a situações de conflito. Esse levantamento também orientou a seleção de dados para análise interpretativa, que se estruturou a partir das diferentes funções que a ironia pode ter e seus impactos no gerenciamento do *rapport*.

Nossa análise interpretativa buscou traçar de forma ampla o funcionamento da ironia no debate eleitoral, esclarecendo sob que condições e através de que formas a ironia pode funcionar catalisando impolidez ou atenuando o potencial conflituoso da crítica irônica, o que poderia torná-la uma estratégia de polidez. Dessa forma, a análise teve como ponto de partida as diferentes funções que a ironia pode desempenhar, examinando o impacto que cada uma dessas funções teve para as diversas orientações do *rapport*. Seleccionamos, para tanto, uma amostra de dezesseis ocorrências a fim de contemplar, dentro do possível, a associação entre as quatro funções da ironia, propostas por Dews, Kaplan e Winner (2007), e as quatro orientações do

rapport, propostas por Spencer-Oatey (2005). Sabendo da natureza inferencial da ironia, enfatizamos nossa concepção da ironia como um efeito de sentido decorrente da interação estabelecida entre interlocutores através de um texto e que, portanto, não é apenas uma questão de intenção, sendo “dependente de outras variantes além do locutor e interlocutor” (Hutcheon, 2000, p. 27). Por outro lado, destacamos ainda que o *rapport*, assim como um dos seus aspectos centrais, o envolvimento, “não é diretamente visível, podendo apenas ser inferido através de seus sinais convencionais” (Goffman, 2010, p. 48), de forma que o que nos interessa “examinar é o envolvimento [e o *rapport*] ‘efetivo’, quer dizer, o envolvimento [e o *rapport*] que o ator e os outros sentem que aquele está mantendo, ou sentem que aquele está (ou pode estar) sentindo que mantém” (Goffman, 2010, p. 48).

Desse modo, assumimos que “a interpretação do enunciado não cabe ao analista; antes, que o analista deve se apoiar na reação do interactante para suas classificações” (Barros, 2008, p. 70), então, objetivamos um trabalho de análise “tão completo quanto possível no ato de notar e descrever a atividade cotidiana de modo a identificar a significação das ações para os participantes” (Garcez; Bulla; Loder, 2014, p. 261), atentando para que os comportamentos interacionais ocorrem de maneira contextualizada. Hutcheon (2000) já havia reivindicado essa incorporação do contexto como uma variante de análise, dada a sua relevância metodológica, pois assumir que o sentido, irônico inclusive, emerge da interação envolve a noção de contexto e seu tratamento teórico e metodológico adequado. Assim, a autora (Hutcheon, 2000, p. 27) alerta que o contexto não é uma entidade dada aos interactantes, mas construída por eles durante a interação, assemelhando-se à visão de Hanks (2008) do contexto como uma entidade dinâmica, entre a incorporação – como os discursos se relacionam com a cadeia discursiva – e a emergência – como na sequencialidade da interação os movimentos interacionais se tornam significativos na relação de uns com os outros. Nessa direção, consideramos importante captar a perspectiva situada dos interactantes, através de suas reações imediatas, o que tentamos recuperar, através não só da observação, mas também do “registro, reflexão analítica com base nos registros e relato descritivo, narrativo, persuasivo” (Garcez; Bulla; Loder, 2014, p. 206-261). Para tanto, baseamos nossos registros da amostra da análise interpretativa em pressupostos desenvolvidos pelos estudos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional, notadamente as convenções de transcrição propostas por Jefferson (Loder, 2008), das quais reproduzimos alguns recursos a seguir (Quadro 5.2).

Quadro 5.2 – Convenções de transcrição

Símbolo	Aspecto da interação	Exemplo	
.	Ponto final	Entonação descendente	Obrigado.
,	Vírgula	Entonação intermediária	
:	Dois-pontos	Prolongamento do som	afaste de vez:::
-	Hífen	Corte abrupto	Ele confiscou a fo- a poupança
_____	Sublinhado	Ênfase de som	a sua <u>ineficiência</u>
FAla	Maiúscula	Volume mais alto	cento e trinta e nove Bilhões de reais
fa°la°	Glifo	Volume mais baixo	°o Brasil precisa°
>a<	Setas para dentro	Fala acelerada	>cadê? cadê?<
<não>	Setas para fora	Fala pausada	<posse de arma de fogo>
.hh	h precedido de ponto	Inspiração audível	quando aqui cheguei .hhh havia um púlpito
hhh	Série de h	Expiração audível	plano da senhora pra hh resolver essa questão?
(.)	Ponto entre parênteses	Silêncio menor que 0,2 segundos	senhora Marina Silva. armamento.
(n)	Número entre parênteses	Duração de silêncio maior que 0,2 segundos	Eu (1,5) trabalhei no governo
[]	Colchetes	Falas sobrepostas	[esta]- [você] [nã. nã. não.
()	Parênteses	Transcrições duvidosas	
(())	Parênteses duplos	Transcrição de atividade não vocal	((rindo))

Adaptado de: Loder (2008)

Assim, através desses registros de transcrição, pudemos demonstrar não só os atos comunicativos sustentados pelos interactantes, inclusive discursos irônicos e (im)polidos, como também as pistas de contextualização (Gumperz, 1998) apresentadas pelos participantes na interação, enquanto indicativos de como eles compreenderam e avaliaram os próprios discursos. Além dos indícios explicitados na transcrição, a discussão analítica se fundamentou também em expressões de emoções (riso, tom de voz, expressões faciais), movimentos físicos, como posição do corpo, gestos, entre outras ações não verbais consideradas relevantes; por essa razão, de acordo com a necessidade analítica, reproduzimos recursos visuais em formatos de imagens,

para ilustrar aspectos interacionais fundamentais para a construção de sentido pelos participantes. Ainda, para examinar pontualmente a construção do sentido irônico, recorreremos a aportes teóricos da Análise do Discurso, tendo em vista que a intertextualidade e a interdiscursividade são recursos típicos da construção da ironia, cuja análise mais aprofundada se dá em estudos do discurso. Por fim, com esses procedimentos de análise, pudemos vincular em nossa pesquisa, “no mínimo, a linguagem, as situações, os julgamentos de impolidez e as emoções específicas associadas à impolidez”¹⁸¹ (Culpeper, 2011b, p. 57), tendo como ponto de partida o uso da ironia na interação. Assim, buscamos contemplar a visão dos interactantes sobre o que está acontecendo nessas trocas e como eles conduzem seus comportamentos diante desses acontecimentos, resultando em uma perspectiva interacional sobre a ironia e a (im)polidez.

Diante desse panorama investigativo, de nossa observação dos dados e das teorizações prévias sobre a ironia e a (im)polidez, ponderamos que os usos da ironia, nos debates presidenciais de 2018, tenham explorado, principalmente, as funções de ofensa e elevação de *status*, fazendo a ironia atuar catalisando impolidez ao direcionar os comportamentos dos interactantes para orientações de negligência e até mesmo de desafio do *rapport*. A prevalência desse funcionamento interacional da ironia parece coerente com o propósito discursivo do debate eleitoral, qual seja, o de se sobressair e vencer uma disputa, razão pela qual ironia e (im)polidez podem ainda estar mais associadas em trocas interacionais do tipo confronto direto. Por outro lado, considerando o objetivo de conquistar o voto do eleitor, também é plausível um uso da ironia mais pacífico, explorando as funções de humor e de controle emocional, com as quais a ironia pode atuar mitigando conflitos, por refrear reações emocionais exacerbadas ou por demonstrar espirituosidade. Nesse contexto, o *rapport* pode se orientar para a manutenção e até mesmo o aprimoramento, particularmente porque o viés velado da ironia possibilita comunicar uma crítica sem assumi-la explicitamente e sem, principalmente, fazer uma ofensa direta, abrindo margem para compreensões menos ofensivas do que uma crítica direta. Por fim, destacamos que a ironia é sempre crítica, assim, ela pode acentuar a ofensa por mascará-la, impossibilitando qualquer reação do alvo da crítica irônica, ou ainda por aprazer terceiros às custas do alvo da ironia, tornando o *rapport* mais direcionado para a impolidez. No entanto, ela também pode atenuar a ofensa, por comunicá-la indiretamente ou sobrepor-lhe outros tons interacional, orientando o *rapport* para o espectro menos impolido. De uma forma ou de outra,

¹⁸¹ No original: “A model of impoliteness needs to link, minimally, language, situations, judgements of impoliteness and the specific emotions associated with impoliteness” (Culpeper, 2011b, p. 57).

é inegável que ela permite gerenciar de maneira mais estratégica o *rapport*, tornando a sua investigação ponto central para a compreensão de como os candidatos interagem e se relacionam em uma prática discursiva política menos monitorada.

6 ESTRUTURAÇÃO DO DEBATE ELEITORAL E AS ORIENTAÇÕES DE *RAPPORT*

“Um dueto excêntrico, onde cada um entoa a sua parte sem levar em conta o outro, e que só tem a aparência ilusória de ser uma conversação à medida que os dois não falam ao mesmo tempo.”

(Kierkegaard, 2013, p. 48)

Investigar o papel da ironia nos fenômenos de (im)polidez através do debate eleitoral implica necessariamente adotar uma postura teórico-metodológica situada, sendo necessário compreender o tipo de interação a partir do qual ambos os fenômenos serão analisados. Dessa maneira, propomos essa seção para refletir sobre o gênero debate eleitoral, descrevendo e analisando suas características interacionais e sociodiscursivas, o que nos permitirá posteriormente relacionar esses aspectos aos achados sobre o papel da ironia nos eventos de (im)polidez. Para tanto, como discutido anteriormente na quarta seção, apoiamo-nos em pressupostos teóricos formulados por Goffman, em seus estudos sobre o comportamento em interações sociais, especificamente a noção de **engajamento de face** ou **encontro**, a que chamaremos de **trocac interacionais**. A noção de encontro é concebida como uma entidade interacional que se realiza dentro dos **ajuntamentos sociais**, definidos inicialmente como ambientes sociais em que as pessoas se encontram durante um intervalo de tempo em presença umas das outras e estão, portanto, disponíveis para interação (Goffman, 2010). Goffman ainda aponta que os ajuntamentos sociais estão relacionados a **ocasiões sociais**, que consistem em “uma unidade sociopsicológica mais ampla que fornece o esquema de referência em termos do qual os engajamentos ocorrem” (Goffman, 2010, p. 258).

Dessa forma, a presente seção apresenta inicialmente, na subseção 6.1, um panorama da **ocasião social** das eleições de 2018, destacando os fatos significativos para a construção dos sentidos de ironia e (im)polidez, visto que ambos os fenômenos se caracterizam por sua natureza inferencial. Em seguida, na subseção 6.2, descrevemos brevemente os ajuntamentos sociais ocorridos dentro da disputa presidencial de 2018, detalhando algumas características desses ajuntamentos que impactam a interação entre os participantes, ou seja, que impactam os **encontros** ou **trocac interacionais** de fato. Por fim, na subseção 6.3, abordamos as **trocac interacionais**, focalizando inicialmente os tipos de encontros existentes nos ajuntamentos dos debates de 2018, descrevendo seus aspectos discursivos e analisando a contribuição desses aspectos para a realização da ironia e seus efeitos na (im)polidez.

6.1 A OCASIÃO SOCIAL ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018

Consideramos que o conceito de ocasião social, como definido por Goffman (2010), seja essa uma noção importante para compreender a sistemática dos debates presidenciais dentro de uma cadeia de acontecimentos mais amplos. Assim, relembramos como Goffman define a ocasião social como um acontecimento, um evento social mais amplo (2010), dentro da qual percebemos os envolvimento dos indivíduos (2010). Essa definição se assemelha, em certa medida, às noções de contexto construídas pelos estudos sociocognitivos, a exemplo de Hanks (2008), quando define um dos níveis do contexto como “os atos socialmente identificáveis, as expectativas, a compreensão mútua entre as partes” (Hanks, 2008, p. 179), que “revelam os julgamentos dos participantes do que é relevante e do que acontece” (Hanks, 2008, p. 179).

Dessa maneira, consideramos plausível aproximar os dois conceitos, pois é notável como ambos buscam explicar os processos sociocognitivos que, durante a troca interacional, os interactantes acionam, selecionando e relacionando informações, conhecimentos e crenças, articulando-os ao que a interação faz emergir, sendo fundamentais, portanto, para a construção de sentido. Nessa direção, compreender o contexto das eleições de 2018 se torna importante para o estudo da ironia e da (im)polidez, pois ambos os fenômenos se caracterizam por se articular estreitamente com os fatos sociais sobre os quais refletem e dos quais emergem. No caso específico da ironia, é possível notar como alguns processos de construção do sentido irônico, por serem de natureza inferencial, são fortemente dependentes das circunstâncias sociais mais amplas, as quais eventualmente temos que explicitar para interpretar os sentidos irônicos emergentes da interação. Pesquisas anteriores (Brait, 2008; Marques, 2016; Marques; Barros, 2020) têm apontado essa constituição de ironias a partir de recursos interdiscursivos, como a interferência de séries e a menção ecoante, conforme o exemplo a seguir:

Figura 6.1 – Publicação em rede social com potencial irônico



Fonte: Facebook, 2014.

Nesse exemplo, retirado de Marques (2016), o enunciado “Ela não recorre a versículos bíblicos, mas busca a Deus para tomar decisões certa. É isso aí! Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor!” não é à primeira vista associado à ironia, contudo, na análise que elaboramos naquela ocasião, defendemos a importância do enquadramento e da concepção de ironia como um efeito de sentido, muito mais do que intenção. Assim, embora não seja possível precisar se a autora da publicação tinha pretensão irônica, é possível atribuir a enunciado “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor!” um efeito de sentido irônico, ao enquadrá-lo na esteira de outros discursos semelhantes, como aquele proferido pela presidenta Dilma Rousseff durante a inauguração do Templo de Salomão, realizado no mês anterior a essa publicação. À época, o discurso de Rousseff repercutiu, contrastando essa sua fala com sua posição anterior, em 2007, de desconversar sobre sua crença em “Deus”. Assim, é o conhecimento sobre as circunstâncias sociais e políticas mais amplas que possibilita que seja atribuído a esse enunciado um efeito de

sentido irônico. De mesmo modo, esse conhecimento pode ser bastante útil para compreender como as relações entre os candidatos se dão, como seus alinhamentos se constroem, principalmente em uma eleição tão marcada por agressividade, como veremos adiante.

Tendo em vista o papel das circunstâncias sociais e políticas na construção de sentido, parece razoável abordar o panorama sócio-histórico que circunda as eleições de 2018 como a ocasião social em que os debates acontecem, pois esse é um quadro de referência não só para as interações imediatas entre os candidatos, como também para as interações entre os candidatos e eleitores, atuando como um horizonte máximo nos processos de compreensão (Marcuschi, 2008). De início, destacamos desse panorama que as eleições presidenciais no Brasil têm tradição recente, sendo instituídas a partir da redemocratização em 1989 e ocorrendo regularmente a cada quatro anos. São regulamentadas por legislação específica, tendo, inclusive, um calendário definido com períodos reservados a campanha eleitoral, votação e divulgação de resultados, em primeiro e, se necessário, segundo turno. A votação é feita por chapa única, de presidente e vice-presidente, e se direciona o voto apenas ao candidato à presidência, cuja eleição se dá por maioria absoluta. Assim, é considerada eleita a chapa que obtiver mais de 50% dos votos válidos, já em primeiro ou, caso não tenha definição, em segundo turno – em que disputam os dois primeiros colocados da votação no primeiro turno.

As eleições presidenciais de 2018 em especial são marcadas por acentuada instabilidade política, após um período significativo de equilíbrio democrático (Nicolau, 2017). Apresentou-se particularmente como um grande desafio para os diversos atores políticos, principalmente por causa da já acirrada disputa presidencial de 2014 e do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, considerado por parte significativa da sociedade um julgamento controverso. Para além desses desafios, outras questões tornam o pleito presidencial de 2018 ainda mais conturbado, tais como: o impedimento da candidatura de Lula (PT), a liderança na corrida presidencial de pretensão *outsider* representado por Jair Bolsonaro (PSL), o avanço de sentimentos antipolítica e antipetista e, principalmente, a crescente polarização política.

Já em 2014, a disputa presidencial foi amplamente considerada como acirrada, mas a repercussão para os pleitos posteriores se deu em razão do sentimento de terceiro turno que pairou após a vitória e reeleição da candidata petista, Dilma Rousseff, o que resultou no seu *impeachment*. Esse sentimento de continuidade da disputa política e, principalmente, eleitoral foi respaldado principalmente no descontentamento de parte da população com os últimos anos de governança petista. Além disso, ampliou esse desgaste a enorme dificuldade de articulação

política de Rousseff com o Congresso Nacional, com quem a presidente “não sabia dialogar [...] mais do que isso, não se dedicava ao penoso trabalho de conversar” (Almeida, 2016, p. 56) por ver “na maioria do Congresso uma areia movediça de interesses menores, da qual era preciso manter distância” (Almeida, 2016, p. 56).

Dessa maneira, esses atores políticos, representados particularmente pelo então deputado federal Eduardo Cunha, se contrapuseram a essa relação atribulada e se associaram principalmente ao descontentamento inicial com o PT, referido frequentemente como antipetismo, que “estaria associado sobretudo ao conservadorismo comportamental e à corrupção” (Nicolau, 2020, p. 74). Contudo, é o desencanto mais amplo com a classe política, cuja primeira grande expressão são as jornadas de junho de 2013, que permitiu se tensionar a estrutura democrática sem haver qualquer tipo de oposição, ao menos por parte dos eleitores que haviam elegido Rousseff meses antes, findando no seu *impeachment*. Essa negação da política ainda se apresenta como central da ocasião social das eleições de 2018, principalmente no surgimento e na vitória eleitoral de Bolsonaro, um candidato constituído como um não político, ou seja, como um *outsider* (Rodríguez-Andrés, 2016).

A tendência de candidatos construir uma imagem que nega a política não é inaugurada por Bolsonaro. Antes dele outros candidatos obtiveram êxito adotando essa estratégia. Um exemplo clássico foi a eleição em 2010 do humorista Tiririca (PR) para deputado federal por São Paulo; usando bordões irônicos como “O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto” ou “Pior do que tá não fica, vote Tiririca”, a votação expressiva de Tiririca foi considerada por alguns especialistas como voto de protesto (Ferreira; Kurtz, 2017). No caso das eleições de 2018, é importante destacar que todos os candidatos à presidência participantes dos debates aqui analisados eram já na ocasião atores políticos. No entanto, diante da já referida insatisfação dos eleitores com a política, muitos presidenciáveis projetaram uma preferência dos eleitores por candidatos *outsiders*, o que reverberou significativamente no discurso de Bolsonaro (PSL), além de Meirelles (MDB) e Daciolo (PATRIOTA). Assim, enquanto Meirelles destaca seu perfil de administrador de organizações financeiras e Daciolo enfatiza seu vínculo religioso, Bolsonaro evidencia sua carreira militar, embora estivesse atuando em cargos legislativos desde 1989. Por isso, o candidato do PSL recorrentemente distingue a atuação política no legislativo da atuação política no executivo, como se apenas essa fosse uma atuação efetivamente política, e com isso busca captar a preferência daqueles descontentes com a política. Esse discurso é confrontado por outros atores durante o debate, a exemplo de Alckmin (PSDB) e Dias (Podemos), buscando

enaltecer uma ‘boa política’, e Boulos (PSOL) e Gomes (PDT), recordando o vínculo e as práticas políticas de Bolsonaro e, inclusive, rotulando-o como ‘velha política’, termo esse, inclusive, amplamente usado já nas eleições de 2014 (cf. Marques, 2016).

Como já dito, esse sentimento antipolítica se confunde por vezes com o que se tem chamado de antipetismo, isso porque o PT tem sido considerado como principal ator na política nacional, tendo participado de todos os segundos turnos presidenciais desde sua fundação e tendo expressivo desempenho eleitoral a nível nacional com suas quatro vitórias nas quatro últimas disputas presidenciais (Nicolau, 2012). Diante disso, os casos de corrupção revelados durante o governo petista causaram uma aversão à política, mas principalmente ao partido, cujas principais lideranças enfrentaram consequências danosas, como a condenação e impugnação da candidatura à presidência do ex-presidente Lula no pleito de 2018. Na esteira da Operação Lava Jato, Lula foi condenado em primeira e segunda instâncias por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em 2017 e 2018, respectivamente. Em agosto de 2018, o plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) julgou, com base na Lei da Ficha Limpa, o ex-presidente inelegível, impossibilitando sua candidatura. Até então apontado nas pesquisas eleitorais como líder da corrida presidencial, a saída de Lula do pleito impactou significativamente a disputa, possibilitando que Bolsonaro, até então um *outsider*, liderasse a corrida ao Planalto. A representação petista, então, foi assumida pelo então candidato a vice-presidente, Fernando Haddad, cuja candidatura foi reiteradamente deslegitimada como um fantoche, sendo isso, inclusive, tópico de diversas ofensas direcionadas a Haddad.

Por fim, um último aspecto que destacamos da ocasião social do pleito de 2018 é a exponencial polarização política, mas principalmente a crescente expressão de violência que circundou a disputa eleitoral, visto que o acirramento da disputa política era já notável nas eleições de 2014. Embora a violência seja recorrente na política nacional, o avanço ocorrido durante 2018 se sobressai nas ocorrências e no teor, sendo esse um pleito marcado fortemente pela violência física, além da já conhecida violência simbólica. Certamente, Bolsonaro está presente nos casos mais representativos, inicialmente como vetor de violência por seus muitos discursos atacando opositores, cujo exemplo clássico é símbolo de arma com os dedos. Esse tipo de discurso de ódio praticado por líderes tem sido objeto de algumas reflexões (Wodak; Culpeper; Semino, 2021) por, em certa medida, legitimar e normalizar as demais expressões de violência.

Naturalmente, não é possível associar precisamente a relação entre as falas do candidato do PSL e o aumento das agressões, contudo levantamento feito pela Agência Pública, entre 10

e 30 de outubro de 2018, apontou 65 registros de ataques, sendo 45 direcionados a apoiadores do PT, 15 tendo alvos indefinidos e 4 ocorrências contra apoiadores do PSL (Ribeiro, 2018). Podemos destacar ainda como notáveis alguns episódios violentos, como: o disparo de tiros contra o acampamento em frente à sede da Polícia Federal de Curitiba em apoio ao ex-presidente Lula; o assassinato do jovem Charlione Lessa, apoiador do PT, durante uma carreta na região metropolitana de Fortaleza; e o assassinato do também apoiador do PT, Moa do Katendê, durante discussão sobre política no seu bar em Salvador (Carpanez, 2018). No entanto, Bolsonaro foi, na realidade, vítima do ato violento mais significativo da eleição de 2018, ao ser atacado com uma faca durante comício em Juiz de Fora (MG) no dia 6 de setembro de 2018. A partir desse fato, Bolsonaro precisou realizar procedimentos médicos, se afastando da campanha e dos debates eleitorais, o que, em certa medida, permitiu a Bolsonaro e seus apoiadores minimizarem a relevância dos seus discursos ofensivos ao relacioná-lo a um ato simbolicamente impactante, como foi o ataque físico ao candidato. Além disso, após o período de recuperação, o candidato do PSL retornou a fazer campanha, no entanto, não participou mais dos debates eleitorais, o que pode ser considerada uma estratégia ousada, por abdicar da oportunidade de comunicação com os eleitores, mas cujo resultado eleitoral foi positivo para Bolsonaro, principalmente por preservar o candidato das críticas de seus adversários.

Essas informações apresentadas não exaurem os acontecimentos significativos das eleições presidenciais de 2018 e que, portanto, também foram relevantes para as ações discursivas sustentadas pelos candidatos durante os debates eleitorais aqui investigados. Contudo, essas informações nos permitem esperar em que horizonte de temas, crenças e normas sociais estarão as ações analisadas, possibilitando, dessa forma, compreender, interpretar e analisar de maneira situada e mais afim à visão dos participantes os fenômenos da ironia e seus efeitos de (im)polidez, sendo, por fim, mais consistente com nossa perspectiva teórica e metodológica e mais efetiva para nossos objetivos analíticos.

6.2 OS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018 COMO AJUNTAMENTOS

Já sinalizamos que Goffman (2010, p. 260) destacou a importância do ajuntamento por considerar que é nessa entidade interacional que a ocasião social é corporificada, ou seja, é no ajuntamento que as ações são efetivamente realizadas e, portanto, comunicadas, possibilitando a construção de sentidos e a ordem social. Como já dito, a eleição presidencial se constitui a partir de algumas possibilidades de ajuntamento, como comícios, caminhadas com apoiadores,

panfletagem, entrevistas em veículos de imprensa e, principalmente, a votação. Contudo, todas essas atividades são realizadas de maneira isolada por cada candidato, sem que os candidatos interajam entre si, inviabilizando qualquer materialização de envolvimento entre eles. Portanto, o debate eleitoral é uma das poucas práticas, senão a única, que promove o ajuntamento dos candidatos envolvidos nessa disputa e, conseqüentemente, a interação face a face entre eles, sendo uma forma mais consistente de corporificação da ocasião social “eleição presidencial”.

Por essa razão, e como já discutido na subseção 4.2, o debate eleitoral televisionado é um dos recursos de campanha mais estratégicos para conquistar eleitores, particularmente aqueles que cogitam mudar sua opção de voto, pois, reunindo os principais candidatos, apresenta ao eleitor um panorama das candidaturas, possibilitando a ele conhecer e até se interessar por candidatos até mesmo desconhecidos. Pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha durante as eleições de 2018 e divulgada pelo G1 indica que os programas jornalísticos, dos quais o debate eleitoral é parte, são a principal fonte de informação para os eleitores (G1, 2018b), o que reafirma o viés estratégico desse tipo de prática discursiva. Além disso, outra pesquisa do mesmo instituto (G1, 2018c) releva que, em 2018, 67% dos eleitores consideravam importante a participação dos candidatos nos debates e 23% admitiam a possibilidade de mudar seu voto.

O que temos considerado como debates eleitorais são na realidade os registros **televisados** das práticas discursivas “debates eleitorais”. Esse ponto é de especial importância, pois, como já sinalizado no aporte metodológico, é a partir desses registros audiovisuais que os eleitores têm acesso a essa prática discurso e que nós empreendemos nossas análises. Tais condições nos levam a considerar não só as interações estabelecidas pelos participantes circunscritos dentro do estúdio, como também a interação com a audiência midiática, sendo necessário também refletir sobre as especificidades técnicas e suas implicações para o efeito discursivo midiático desse tipo de prática textual. Inicialmente, discorreremos sobre as condições interacionais circunscritas ao aqui e agora da interação, considerando a copresença em se desenvolve a interação entre os participantes, principalmente os candidatos, e tendo em vista o objetivo mais amplo do debate eleitoral televisionado. Posteriormente, sinalizamos alguns impactos dos recursos técnicos sobre o registro desse evento textual-discursivo e sobre a percepção da audiência, principalmente por ser o ponto de vista mais relevante para a interação e a partir do qual acessamos tais práticas.

Por se caracterizar como um ajuntamento social, ou seja, “um ambiente de possibilidades de monitoração em que um ingressante, ao entrar em qualquer lugar dele, se

tornaria um participante do ajuntamento localizado nele” (Goffman, 2010, p. 258-259), o debate eleitoral é visto como um tipo de comunicação delicada em relação às demais práticas de campanha, pois reúne e promove a interação entre os concorrentes. No contexto da disputa eleitoral, apesar de seu alcance e de sua rentabilidade, o debate é tomado principalmente como desfazendo o ambiente de monitoração, comum a outras práticas eleitorais, e promovendo o litígio entre as partes, o que o torna arriscado para a imagem que os candidatos pretendem construir. Por essa razão, tem sido comum que alguns candidatos na liderança da corrida presidencial optem por não participar dos debates, como registrado em 2006 com o então presidente Lula, candidato à reeleição, e na eleição de 2018 com Bolsonaro, que, antes mesmo do ataque sofrido, já tinha sinalizado em entrevista no dia 22 de agosto de 2018 a decisão de não participar dos próximos debates (Maia, 2018). Essa postura, inclusive, foi sustentada pelo candidato até o fim da campanha, inviabilizando a realização dos debates do segundo turno da disputa presidencial. Assim, nas eleições presidenciais de 2018, alguns presidenciais se reuniram e se dispuseram a debater entre si e, através da transmissão televisiva desses ajuntamentos, com o público em sete momentos durante o primeiro turno, que analisamos a seguir.

Os ajuntamentos dos debates são negociados entre instituições organizadoras e candidatos, tendo a Lei 9504/1997 como eixo regulamentador, além de resoluções pontuais elaboradas pelo TSE. Um ponto central da organização do debate se refere aos critérios de participação, sobre o qual a legislação vigente assegura no seu artigo 46 “a participação de candidatos dos partidos com representação no Congresso Nacional, de, no mínimo, cinco parlamentares” (LEI 9504/1997), sendo facultada à organizadora a participação dos demais. No pleito de 2018, tinham a representação mínima no Congresso Nacional e garantiram participação nos debates: Dias (Podemos), Gomes (PDT), Haddad (PT), Alckmin (PSDB), Boulos (PSOL), Meirelles (MDB), Bolsonaro (PSL), e Silva (Rede). Contudo apenas seis desses candidatos participaram efetivamente de todos os debates (Dias, Gomes, Alckmin, Boulos, Meirelles e Silva). Bolsonaro, por causa do atentado sofrido em 6 de setembro de 2018, participou dos dois primeiros debates (Band e RedeTV). Haddad participou dos debates após 11 de setembro, quando assumiu a candidatura do PT, estando presente nos últimos quatro debates. Daciolo participou de quatro debates (Band, RedeTV, SBT e Record), estando ausente dos debates TV Gazeta e TV Aparecida em solidariedade a Bolsonaro e não sendo convidado para o Debate Globo, que convidou apenas os candidatos assegurados em lei. Abaixo,

apresentamos um quadro com informações sobre data, organizador e participantes dos debates presidenciais de 2018:

Quadro 6.1 – Informações sobre organizador, data e participantes dos debates 2018

Debate	Data	Participantes
Band	09 de agosto de 2018	Dias, Daciolo, Gomes, Alckmin, Boulos, Meirelles, Bolsonaro e Silva
RedeTV (com Revista IstoÉ)	17 de agosto de 2018	Dias, Daciolo, Gomes, Alckmin, Boulos, Meirelles, Bolsonaro e Silva
TV Gazeta (com O Estado de S. Paulo, UOL e Jovem Pan)	09 de setembro de 2018	Dias, Gomes, Alckmin, Boulos, Meirelles e Silva
TV Aparecida (com a CNBB)	20 de setembro de 2018	Dias, Gomes, Haddad, Alckmin, Boulos, Meirelles, e Silva
SBT (com UOL e Folha de S. Paulo)	26 de setembro de 2018	Dias, Daciolo, Gomes, Haddad, Alckmin, Boulos, Meirelles, e Silva
Record	30 de setembro de 2018	Dias, Daciolo, Gomes, Haddad, Alckmin, Boulos, Meirelles, e Silva
Globo	04 de outubro de 2018	Dias, Gomes, Haddad, Alckmin, Boulos, Meirelles, e Silva

Fonte: Elaboração própria

Assim, vemos que há uma variação em relação aos candidatos participantes dos debates, o que pode impactar naturalmente as interações e reverberar nas ocorrências de ironia e episódios de (im)polidez. À parte do previsto em legislação, o organizador de cada um desses debates tem certa flexibilidade para negociar com os candidatos aspectos organizacionais do ajuntamento. Um ponto comum da realização desses ajuntamentos é a existência de mediação, que, nos debates analisados, foi realizada por jornalistas da instituição organizadora. Os mediadores foram responsáveis por conduzir toda a interação durante o debate, informar a organização e as regras do debate; abrir e fechar blocos; designar participantes para formular ou responder perguntas; gerenciar o uso do tempo pelos candidatos; mediar quaisquer intercorrências, como ofensas, sobreposições de fala ou pedidos de direito de resposta, e em alguns casos formular perguntas institucionais. Por outro lado, outros aspectos organizacionais variaram sensivelmente entre os debates, como duração, quantidade, organização em blocos e dinâmica interacional proposta aos participantes e comunicada à audiência (considerações finais, perguntas institucionais e confrontos diretos), conforme ilustra quadro abaixo.

Quadro 6.2 – Informações sobre duração, blocos e trocas interacionais nos debates 2018

Debate	Duração	Blocos	Perguntas institucionais	Confronto direto	Considerações finais
Band	3h10	5	3	2	1
RedeTV	2h14	4	3	2	1
TV Gazeta	1h58	5	2	1	1
TV Aparecida	2h54	5	3	2	1
SBT	1h37	3	1	2	1
Record	2h22	4	3	0	1
Globo	2h32	4	4	0	1

Fonte: Elaboração própria

As formas de organização e a estrutura de participação dos debates se tornaram um dado relevante na medida em que revelaram como os aspectos estruturais dos ajuntamentos podem interferir – e interferiram – na dinâmica interacional e relacional sustentada pelos candidatos durante os engajamentos dos debates. Ainda nessa direção de observar a relação entre estrutura e dinâmica interacional, notamos a variação dos debates variaram em termos de organização, interessando-nos não tanto a duração e a quantidade de blocos, mas o predomínio de certas trocas interacionais. Assim, como demonstrado no quadro acima, os debates Record e Globo foram estruturados majoritariamente em confrontos diretos, oportunizando trocas interacionais centradas nos candidatos e promovendo maior interação entre eles. Por outro lado, o Debate TV Aparecida se estruturou de forma mais difusa, com representantes institucionais (bispos e jornalistas) conduzindo as interações entre os candidatos, formulando perguntas ou sorteando quem perguntaria e responderia, o que restringiu as opções de interação entre os candidatos. Os demais debates (Band, RedeTV, TV Gazeta e SBT) uniram essas duas formas de interação, havendo tanto confronto direto entre os candidatos quanto participações mediadas por representantes institucionais, atenuando eventuais efeitos beligerantes e contemplando interesses informativos do eleitor.

À parte dessas diferenças estruturais com impactos interacionais, os demais debates analisados partilharam alguns traços, a exemplo da restrição de participação aos demais participantes dos ajuntamentos, como equipe de transmissão, profissionais realizando cobertura e plateia, que não deveriam, em princípio, intervir no fluxo da interação. Contudo, esses participantes, participando do aqui-agora do ajuntamento (Goffman, 1998), poderiam se expressar e impactar a interação em curso, embora esse tipo de interferência fosse inconveniente e vetado diante do necessário tratamento isonômico aos candidatos, previsto na Lei 9504/1997, e do desejável entendimento da audiência. Isso, inclusive, foi explicitado pelo mediador do debate da Globo logo no início: “E para não prejudicar os candidatos e quem acompanha pela

TV, eu peço que os convidados aqui atrás se mantenham em silêncio na plateia” (Debate Globo, 0h01); e reafirmado quando a plateia se manifestou: “só um minuto, candidata, eu vou parar o relógio, eu vou pedir que não se manifestem, porque como disse na abertura do programa, isso atrapalha muito pra quem tá em casa, não é possível escutar a pergunta” (Debate Globo, 1h14). Essa atenção com a audiência também foi outro ponto comum aos debates e ocorreu por ser esse um evento midiático cujo interlocutor endereçado é justamente a audiência, equiparada ao próprio eleitor e cujo papel no processo eleitoral é decisivo, o que justifica o direcionamento da interação para ela.

Assim, vemos como a estrutura de participação foi determinada pelos objetivos comunicativos e democráticos subjacentes ao debate, isto é, pelo intuito de apresentar as propostas e os candidatos à audiência. Esses objetivos estiveram, inclusive, explícitos nas falas de mediadores e candidatos em alguns momentos dos debates analisados, a exemplo das falas do mediador do Debate Band na abertura “esse debate abre espaço para discussão de ideias e propostas entre os postulantes ao cargo mais importante do país” (Debate Band, 2018, 0h39) e, em seguida no fechamento do ajuntamento, “mais um encontro que reforça a tradição do Grupo Bandeirantes de ajudar o eleitor a tomar sua decisão na hora do voto” (Debate Band, 2018, 3h51); e ainda durante a abertura do Debate Globo, em que o mediador assevera que esse debate “é mais uma oportunidade para avaliar planos e ideias dos candidatos”.

Foco central dos debates, os candidatos objetivaram, além de apresentar suas propostas, se construir junto ao público eleitor como a melhor opção, para tanto se dedicaram sobretudo ao trabalho elogioso da própria face. Assim, como veremos nas análises a seguir (subseção 6.3 e subseção 7.2), foi muito frequente que eles enfatizassem suas qualidades e seus feitos, reivindicando uma imagem positiva de si, o que exemplificamos com os trechos da fala de dois presidenciáveis a seguir, em que se sobressai a pretensão de se construir como merecedores de confiança ou ainda detentores de certos valores.

Entre os melhores ranqueados, só tem um, que pode realmente mudar o destino do Brasil. Esse chama-se Jair Bolsonaro. Nós precisamos de um presidente honesto, que tenha Deus no coração, seja patriota e seja independente, para, pelo exemplo, governar esse grande país. Um presidente que honre e respeite a família, que trate com consideração crianças em sala de aula, não admitindo ideologia de gênero, impondo a escola sem partido. Um presidente que não divida homo e heteros, pais e filhos, nordestinos e os sulistas, brancos e negros, ricos e pobres. Um presidente que deixe pra trás o comunismo e o socialismo, que sepulte o Foro de São Paulo, que faça negócio com o mundo todo, não mais pelo viés ideológico, que pratique sim o livre mercado. Um presidente que jogue pesado na questão insegurança pública, para que as mães possam sorrir sem

mais temer se teu filho chegar vivo em casa ou não. precisamos de um presidente que acima de tudo tenha palavra. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos. (Bolsonaro, Debate Band, 09 ago. 2018, 3h43)

eu quero falar com todos aqueles que estão nos acompanhando até agora, agradecer a vocês, por estarem participando conosco do debate. Eu quero dizer uma coisa pra cada um que está nos acompanhando, principalmente você, mulher. Você não sabe a alegria, o orgulho que eu tenho de estar aqui representando você. Temos aqui sete homens e você sabe o quanto é difícil uma mulher de origem pobre, analfabeta até os 16 anos, ex-empregada doméstica, estar aqui disputando honestamente, competentemente, palmo a palmo. (Silva, Debate SBT, 26 set. 2018, 1h43)

Apesar de esses autoelogios poderem ocorrer ao longo dos debates, eles foram mais recorrentes nas considerações finais, o que atribuímos ao endereçamento direto ao telespectador, reforçando que certas ações discursivas se associaram a estruturas do evento, principalmente pelo condicionamento dos participantes envolvidos. Por outro lado, dada a disputa instaurada pela corrida presidencial em que apenas um dos candidatos pode vencer, outro objetivo dos candidatos foi deteriorar a imagem dos oponentes. Assim, os candidatos também orientaram suas ações “para frustrar o esquema de ação dos outros times, e o jogo como um todo engendra uma única história que se desenrola através de linhas de ação antagônica mutuamente orientadas” (Goffman, 2010, p. 18), inclusive, em momentos em que os oponentes estiveram ausentes da interação, evitando retaliações. Nesse contexto, a conjunção, no meio midiático, de disputa e expectativa sobre ações para demolir o oponente leva os debates a se associarem não só ao universo jornalístico, mas também ao do entretenimento, particularmente pelo interesse social em práticas competitivas, como sinalizado acima. Além disso, a construção da imagem positiva de si pode soar incompatível com o viés ofensivo necessário, e por vezes adotado, contra os oponentes, sendo, então, essencial que os candidatos mobilizassem algumas estratégias, entre as quais destacamos a ironia por sua habilidade de conciliar incongruências.

Assim, presumimos que os objetivos divergentes do debate seriam mais explorados nos tipos de trocas interacionais mais convenientes, o que, de fato, confirmamos diante das trocas interacionais de confronto direto, que, apesar de seus efeitos de entretenimento para a audiência, se mostraram mais afeitas a competição e ofensas entre os candidatos, devido ao envolvimento desses nessa troca. Já, nas considerações finais e, principalmente, perguntas institucionais, mais associadas ao perfil jornalístico, prevaleceram objetivos focados em propostas e na construção da imagem positiva pelos candidatos, pois não apenas os oponentes estiveram ausentes dessas trocas, como elas foram orientadas para o telespectador.

Desse modo, interessou-nos investigar como os objetivos interacionais são realizados através dessas trocas e como os recursos linguísticos podem fornecer pistas de contextualização para compreender o que está em jogo nessas trocas, a exemplo do tom cerimonioso fortemente presente nas considerações finais indicando um direcionamento direto e claro para a audiência. A presença desse tom e endereçamento aponta como o papel passivo geralmente atribuído ao telespectador é apenas aparente, pois é a conquista de seu voto que os candidatos almejam, sendo essencial lembrar seu *status* de principal interlocutor dos discursos proferidos durante o ajuntamento. Assim, embora não esteja presente no aqui-agora dos debates, é para a audiência que o debate ocorre, sendo esse interlocutor projetado pelos participantes, principalmente os presidiáveis.

Por outro lado, é preciso considerar que a percepção dos telespectadores sobre os debates é mediada por recursos tecnológicos de transmissão audiovisual, via televisão e internet, de modo que a perspectiva interacional dessa audiência ficou limitada aos recursos disponíveis na transmissão, ao que foi transmitido, e como foi. A transmissão via internet dos debates de 2018 foi realizada com os mesmos recursos audiovisuais da transmissão televisiva, sendo o registro, inclusive, o mesmo. Elas se diferenciam apenas pela permanência do registro na *web* após a transmissão, o que possibilita acessos posteriores, amplia o alcance dos debates e facilita que trechos emblemáticos viralizem ao serem compartilhados nas redes sociais. Assim, diferentemente da transmissão televisiva, a transmissão via internet tem tido um caráter mais duradouro e mais acessível, pois, a menos que as emissoras excluam o *link* da transmissão, os debates transmitidos via internet ficam disponíveis na *web* para acessos posteriores. Isso pode, inclusive, intensificar o potencial estratégico de cada ação a ser desempenhada no debate, pois, para construir uma imagem de si positiva, torna-se crucial saber manejar adequadamente os recursos técnicos envolvidos na transmissão audiovisual e projetar seus efeitos a curto, médio e longo prazo. Nossa análise opera justamente com as transmissões via internet e assume, dessa forma, a perspectiva dos telespectadores, partilhando de sua perspectiva sobre as ações dos participantes.

Isto posto, um recurso da transmissão que consideramos relevante foi o modo como os candidatos foram apresentados através das câmeras, que operaram focalizações nos participantes na medida em que eles realizaram ações relevantes e de acordo com o planejamento prévio. Assim, ações fora desses arranjos não foram transmitidas e a percepção do telespectador das ações realizadas foi condicionada a esse formato de transmissão. De início, os candidatos foram identificados pelos mediadores em todos os debates e, logo após seus

nomes serem pronunciados, foram rapidamente apresentados com enquadre na câmera, evidenciando principalmente o rosto e o busto – recorte de imagem recorrente ao longo dos debates. Posteriormente, vieram as trocas interacionais, que apresentaram variações entre os debates e nas quais o jogo de câmeras buscou demarcar os participantes ratificados naquela troca.

Iremos detalhar sobre cada um dos tipos de trocas interacionais mais adiante, e aqui antecipamos como o jogo de câmeras varia dependendo da troca interacional e da dinâmica vigente. Inicialmente, as considerações finais foram a única troca que apresentou uma constância na interação e no registro audiovisual em todos os debates, em que o mediador designou o candidato a tecer considerações finais e este foi retratado olhando diretamente para câmera enquanto discursava suas palavras finais. No caso das perguntas institucionais, identificamos três funcionamentos mais amplos: ora, a câmera focalizou individualmente cada participante durante sua fala; ora, os dois candidatos foram retratados lado a lado do monitor durante suas falas; ou ainda uma combinação entre a apresentação individual e a apresentação paralela. Já, nos confrontos diretos, embora alguns debates tenham feito um arranjo de apresentação individual e paralela e um deles tenha apresentado os candidatos individualmente, o que predominou foi o plano de apresentação dos candidatos na tela paralelamente, ou seja, lado a lado, conforme imagem a seguir retirado do Debate SBT.

Figura 6.2 – Enquadramento visual dos candidatos na transmissão televisiva



Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, 0h36m.

Esse recurso de apresentar os candidatos lado a lado permitiu ao telespectador observar como eles reagiram às intervenções dos oponentes, o que pode impactar na imagem que se busca construir, particularmente no aspecto do controle emocional. Esse tipo de informação é ainda mais relevante nos confrontos diretos, por explorarem fortemente a ofensa e a polêmica, sendo essa inclusive uma concepção êmica.

Por fim, enquanto as transmissões televisivas geralmente reservam seus intervalos para reclames publicitários, as transmissões via internet nos debates de 2018 ora suprimiram as ações publicitárias veiculadas na transmissão televisiva correspondente, (debates TV Aparecida e Globo), ora dedicaram esse momento para apresentar cobertura midiática, ocorrida ainda antes e depois dos debates (debates Band, RedeTV, TV Gazeta e SBT). Essa cobertura midiática se dedicou principalmente a comentários de jornalistas e especialistas sobre o debate em curso e a corrida presidencial, oferecendo informações e interpretações sobre alguns movimentos dos candidatos durante o debate, e se constituindo, assim, como um discurso sobre o debate, razão pela qual tais trechos não são tomados como objeto de análise.

6.3 ENCONTROS OU TROCAS INTERACIONAIS

Uma última unidade de análise proposta por Goffman (2010), dentro de sua teoria sobre o comportamento em lugares públicos, é o **encontro**, uma entidade da interação caracterizada por “um círculo, tipicamente de conversa, onde um único foco de atenção visual e cognitiva é ratificado como obrigatório mutuamente para os participantes” (Goffman, 2010, p. 258), consistindo efetivamente em **engajamento de face**. De fato, é esse nível interacional que nos interessa particularmente, pois nesse nível, mais do que em qualquer um dos outros dois, a troca verbal se destaca, os aspectos da face são evidenciados, tornando mais oportuno investigar o papel da ironia verbal e seus desdobramentos na (im)polidez. Aqui consideramos que essa unidade coincide com as **trocas interacionais**, enquanto formas de organização do evento que delimitam a estrutura de participação. Nos debates presidenciais de 2018, pudemos agrupar essas formas de organização em três grupos de trocas interacionais: confrontos diretos, considerações finais e perguntas institucionais, distribuídos da seguinte maneira.

Tabela 6.1 – Distribuição das trocas interacionais nos debates 2018

Troca interacional	Ocorrências	Porcentagem
Confronto direto	126	47,19%

Perguntas institucionais	89	33,33%
Considerações finais	52	19,47%
Total	267	100%

Fonte: Elaboração própria

A partir dos dados acima fica visível como o confronto direto foi uma troca interacional central para os debates presidenciais, estando, inclusive, presente em todos os debates. Por outro lado, as perguntas institucionais são menos frequentes dada sua ausência nos últimos dois debates, embora sua relevância seja representar os anseios do eleitor, como sinalizamos acima, e diversificar a participação. Por fim, ponderamos que, enquanto os confrontos diretos e as perguntas institucionais podem ser explorados mais de uma vez durante um mesmo debate, as considerações finais ocorrem apenas uma vez ao final de cada um dos debates, sendo assim o tipo de encontro menos frequente.

Discutiremos as peculiaridades de cada um desses tipos de trocas interacionais adiante, refletindo como aspectos interacionais heterogêneos dos debates presidenciais podem influenciar na realização da ironia. Iniciando com as características gerais das considerações finais e sua inclinação para o *rapport* de aprimoramento, seguimos abordando o confronto direto e seu manejo estratégico pelos participantes, findando com o detalhamento sobre as perguntas institucionais e sua ampla variação.

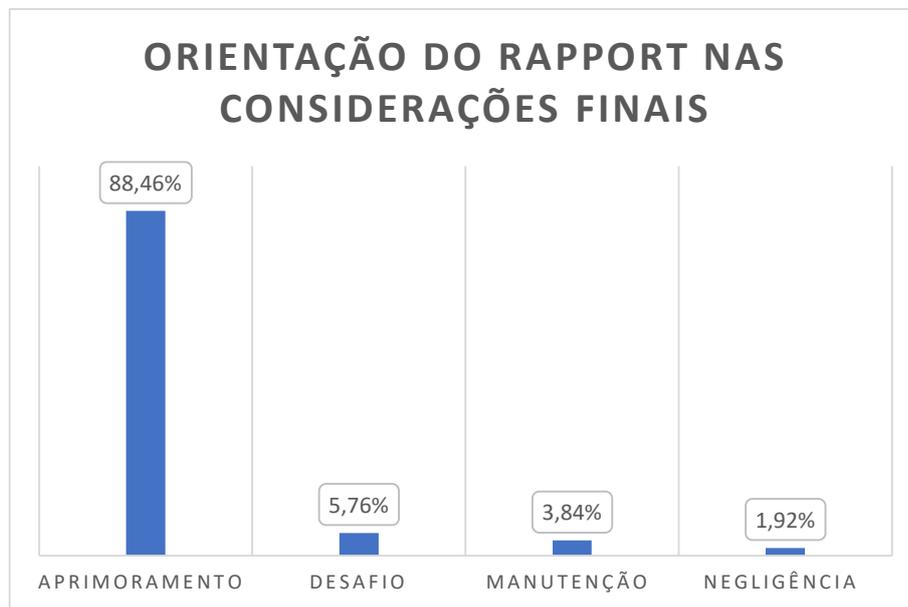
6.3.1 Considerações finais

Considerações finais é como os próprios participantes denominam a última troca interacional do debate eleitoral de que os candidatos participam, e que ocorrem naturalmente no final do debate. Esse tipo de interação é comum aos debates, e em nosso *corpus* esteve presente em todos eles, sendo que as considerações finais foram precedidas por direcionamentos dos mediadores. Esses direcionamentos variaram entre uma orientação mais geral, como no Debate Band (“nesse bloco, cada participante terá um minuto e meio para suas considerações finais”), ou mais específica, como no Debate RedeTV (“portanto, nesse último bloco, o candidato ou candidata terá a chance de se despedir e dar o seu recado ao eleitor, cada um terá 45 segundos, para suas considerações finais”) e no Debate Record (“cada um dos candidatos terá agora um minuto para falar diretamente com o eleitor, e a ordem foi definida em sorteio”). Em todos os debates, foi estabelecido para os candidatos um limite de tempo, entre 45 segundos e 1 minuto e 30 segundos, para suas colocações e cada candidato pôde fazer sua colocação uma única vez. Assim, tivemos ao longo dos sete debates analisados 52

ocorrências desse tipo de troca, representando uma parcela relativamente pequena do *corpus* (19,47%), mas cuja relevância reside em seu viés estratégico, por ser uma fala direta ao telespectador em que não se partilha a atenção com qualquer outro candidato.

Nessa direção, as orientações mais detalhadas enfatizaram, inclusive, essa natureza discursiva direcionada para o telespectador, nomeado aqui explicitamente por seu papel principal de eleitor. Além disso, o modo como os candidatos se posicionaram e direcionaram o olhar para câmera funcionou como mais uma pista de contextualização da relação pretendida pelo candidato com o telespectador/eleitor, principalmente porque esse movimento equivale a uma forma de contato visual, de seleção de interlocutor e, portanto, de interação (Goffman, 1998). Buscamos, além dessas pistas, analisar como os candidatos construíram seus discursos nesse momento do debate para tornar mais compreensível o sentido desse tipo de troca interacional para o debate eleitoral e seus participantes, em seus objetivos e outros aspectos relacionados, como o tipo de relação pretendida. Um primeiro movimento foi observar a orientação do *rapport* nesse tipo de encontro, o que apresentamos no gráfico a seguir.

Figura 6.3 – Orientação do *rapport* nas considerações finais



Fonte: Elaboração própria

A ampla prevalência do *rapport* de aprimoramento (88,46%) surgiu como mais um indício de que nesse momento do debate especificamente os candidatos priorizaram seu relacionamento com o telespectador/eleitor, por isso, buscaram principalmente a harmonia na relação, orientando, então, o *rapport* para o aprimoramento. Para elucidar os recursos

mobilizados para esse fim, analisaremos a seguir duas considerações finais marcadas pelo aprimoramento, realizadas respectivamente pelos candidatos Daciolo e Meirelles.

Exemplo 6.1 – Considerações finais 1

Debate Band	Bloco 4	3h46	Orientação do	Sem ironia
Considerações finais: Daciolo			rapport para	
			aprimoramento	
01	Mediador	cabo Daciolo (2,0)		
02	Daciolo	((olhando para câmera)) glória a deus (1,0) eu		
03		agradeço a deus por essa oportunidade (3,0)		
04		((olha rapidamente para mediador)) eu agradeço		
05		a Band (.) Boechat (.) eu sou o cabo Daciolo,		
06		<u>servo do deus vivo</u> (1,0) hoje candidato (.) à		
07		presidência da república. e tenho como vice uma		
08		profissional da educação. a mudança do nosso		
09		país ela começa em valorizarmos o profissional		
10		da educação e darmos a educa- educação aos		
11		nossos jovens. e eu quero deixar uma mensagem		
12		aqui pros ateus(.) os cristãos de forma geral.		
13		o espírita (.) o católico (.) a umbanda (.) o		
14		evangélico (.) que:: (1,0) VAMOS LEVAR A NAÇÃO		
15		A CLAMAR AO SENHOR. que o amor transforma e que		
16		nós precisamos tratar o próximo DA MANEIRA QUE		
17		NÓS GOSTARÍAMOS DE <u>SER</u> TRATADO. >E A MENSAGEM		
18		QUE EU DEIXO AQUI PRA CONCLUIR TÁ NO LIVRO DE		
19		JEREMIAS NO CAPÍTULO VINTE E NOVE NO VERSO ONZE,		
20		QUE DIZ< (1,0) ((lendo)) <PORQUE SOU EU (2,0)		
21		SOU EU QUE CONHEÇO OS PLANOS TENHO PARA VOCÊS>		
22		NAÇÃO BRASILEIRA (.) DIZ O SENHOR. PLANO DE FAZÊ-		
23		LOS PROSPERAR E NÃO LHES CAUSAR DANO. PLANO DE		
24		DAR-LHES <u>ESPERANÇA E UM FUTURO</u> . ENTÃO VOCÊS		
25		CLAMARÃO A MIM, VIRÃO ORAR A MIM, E EU OS		
26		OUVIREI. VOCÊS ME PROCURARÃO E ME ACHARÃO (.)		
27		QUANDO ME PROCURAREM DE <u>TODO CORAÇÃO</u> . E <u>EU</u> (.)		
28		ME DEIXAREI SER ENCONTRADO POR VOCÊS, <u>NAÇÃO</u>		
29		<u>BRASILEIRA</u> (0,5) ((cessa leitura)) ((olhando		
30		para plateia)) ASSIM DIZ O SENHOR. glória a		
31		deus>. um recado e uma deixa aqui. doutor Enéas.		
32		<u>doutor Enéas</u> . o que ele falava era verdade. TUDO		
33		VERDADE. e não levaram ele a sério. servimos um		
34		deus vivo e vamos transformar a <colônia		
35		brasileira> <<em nação brasileira>>. glória a		
36		deus.		

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Exemplo 6.2 – Considerações finais 2

Debate TV Gazeta	Bloco	1h53	Orientação do rapport para aprimoramento	Sem ironia
Considerações finais: Meirelles				
01	Mediadora	((intercalando olhar para câmera e próprio púlpito))	Henrique Meirelles, do MDB (.) suas considerações finais, um minuto e meio.	
02				
03				
04	Meirelles	((olhando para câmera))	(1,5) muitos me perguntam (0,5) Henrique (0,5) por que: que você que chegou lá::: ao topo (0,5) de uma grande organização mundial:: voltou ao Brasil:, agora, você não precisa disso e:, ao contrário de muitos você também (.) não necessita disso pra viver, <u>por que que você</u> <está enfrentando esse proble:ma>, por que que você está nesse esforço, e sendo candidato a presidente da república? eu digo (.) porque eu tenho um profundo desejo (.) de melhorar a vida su- da sua família, a sua vida, a vida: (0,5) dos brasileiros que estão sofrendo muito, é verdade (.) com toda a situação do país, não só na economia, como na saúde, na educação:, também na segurança, que é uma coisa fundamental. e eu sei como fazer isso. eu já presidi uma grande organização mundial e eu vi isso como funciona e não funciona em trinta e dois países. voltei ao Brasil, assumi o banco central e colocando isso pra funcionar criamos <u>DEZ milhões</u> de empregos no Brasil. voltei novamente, tirei do Brasil da maior <u>recessão</u> (.) da história, agora, junto com vocês, nós vamos criar <DEZ milhões> de novos empregos no Brasil, nos próximos quatro anos, pra isso eu preciso ((apontando na direção da câmera)) apenas do seu voto. é só me chamar (.) e nós vamos construir o Brasil que você quer	
05				
06				
07				
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				

Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, s. p.

Embora os mediadores desses debates (Band e Gazeta) tenham limitado sua orientação a abertura do bloco e informado sobre o tempo para as colocações, parece que os dois discursos se guiaram por parâmetros mais restritos, o que sinaliza para certa estabilidade para esse tipo de discurso. Nas duas considerações finais, os candidatos se direcionam ao público, mesmo que

indiretamente, através do vocativo “nação brasileira” (Exemplo 6.1, linhas 22 e 28-29) ou, no Exemplo 6.2, dos dêiticos “sua”, “vocês”, “seu” e “você” (respectivamente nas linhas 14, 25-26, 30 e 31). Além disso, ambos os candidatos se empenham em estabelecer uma relação harmoniosa com o telespectador, tentando inclui-lo (Exemplo 6.1, linhas 14-17; 33-35) e intensificar o seu interesse (Exemplo 6.2, linhas 05-19). Por fim, os presidenciáveis se dedicam principalmente a explorar suas sensibilidades de face, atribuindo a si características que julgam valorosas, embora, nesse ponto, os discursos de Daciolo e Meirelles se diferenciem e explicitem os distintos valores postos em jogo nas eleições de 2018. Assim, enquanto Daciolo evoca um discurso religioso, Meirelles articula sua fala a partir de uma narrativa de sucesso e incompreensão do seu envolvimento na política (Exemplo 6.2, linhas 05-12; 20-26), buscando salientar sua natureza técnica, então, finaliza pleiteando a confiança do eleitor, ao sentenciar que precisa “apenas do seu voto” (Exemplo 6.2, linhas 26-31). Daciolo, a seu modo, também atribui a si características que considera positivas, como ser patriota (Exemplo 6.1, linhas 34-35) e religioso (Exemplo 6.1, linhas 06; 17-31 e 33-34), contudo, nesse último aspecto, o candidato do Patriota modera sua caracterização ao incluir orientações religiosas distintas da sua (Exemplo 6.1, linhas, 11-14), para talvez se diferenciar de posturas religiosas intolerantes e incluir certamente telespectadores/eleitores das mais diversas orientações religiosas.

Ainda que esse tom de autoelogio tenha sido predominante nas considerações finais, notamos alguns desvios desse padrão, que expuseram outras preocupações dos candidatos e provocaram outras orientações do *rapport*, como na declaração a seguir feita pela candidata da Rede Sustentabilidade, Marina Silva, durante o debate TV Aparecida.

Exemplo 6.3 – Considerações finais 3

Debate TV	Bloco	3h05	Orientação do	Sem ironia
Aparecida	5		rapport para	
Considerações finais: Silva			desafio	
01	Mediadora	((olhando para câmera))	agora é a vez da	
02			candidata Marina Silva (.) da Rede.	
03	Silva	((olhando para câmera))	quero cumprimentar	
04		(1,0)	à rede Aparecida pelo debate, agradecer a	
05			deus, por essa oportunidade de estar aqui (1,0)	
06			é o quarto debate que estamos participando. eu	
07			quero falar com você (.) você que está	
08			acompanhando essa situação do Brasil entre a	
09			cruz e a espada. entre a violência (.) os que	
10			tem <u>saudade</u> da ditadura militar, desrespeita os	
11			direitos humanos (.) e aqueles, que são	

12	<u>incapazes</u> de fazer uma autocrítica (.) de que
13	tiveram uma oportunidade para melhorar o
14	Brasil e não fizeram. polarizaram (.) incitaram
15	(.) a cultura do ódio, da polarização. PT, PMDB,
16	PSDB (.) e <u>DEM</u> tiveram a sua chance. agora é a
17	hora de (.) ficarem quatro anos no banco de
18	reserva e escolher quem pode unir o Brasil. eu
19	estou aqui em legítima defesa, do direito, à
20	liberdade, ao amor, à união, porque com
21	violência e polarização não-
22	Mediadora tempo esgotado, candidata

Fonte: Debate TV Aparecida, 20 set. 2018, s. p.

Aqui novamente, a mediadora do debate não direcionou especificamente o que devia ser abordado nas considerações finais, tendo indicado apenas que cada candidato teria 1 minuto para sua fala. Silva inicia seu comentário agradecendo sobre o debate e se direciona em seguida ao telespectador (linhas 03-09). Nessa direção, a candidata dedica boa parte do seu tempo para refletir sobre a polarização das eleições 2018 (linhas 07-16), criticando com essa reflexão os dois candidatos apontados como favoritos nas pesquisas de intenção de voto (Bolsonaro e Haddad) e mencionando outros partidos (linha 16). Consideramos que, com esse movimento, Silva acaba por orientar sua fala primordialmente para os oponentes, a quem buscou desafiar, sendo seu *rapport* predominantemente de desafio. Além disso, o modo como a candidata gerenciou o tempo não lhe permitiu abordar e enaltecer, de fato, suas qualidades, então, seu discurso acabou sendo marcado, principalmente, pela crítica, podendo até afastá-la de boa parte do eleitorado, até então inclinado a votar nos candidatos criticados por Silva.

Dessa maneira, vemos como considerações finais são uma parte essencial dos debates, pois localizada no momento final do ajuntamento se apresenta como um espaço para que os candidatos destaquem seus pontos principais, principalmente naqueles aspectos que estabeleçam uma relação positiva com o eleitor, de quem se pretende conquistar o voto. Assim, os candidatos nas considerações finais dos debates de 2018 priorizaram falar diretamente com o telespectador, se direcionando especificamente para a câmera e elencando suas qualificações e seus feitos. Além disso, o discurso das considerações finais foi também marcado por uma evocação de esperança e num chamado à confiança para o eleitor, objetivando seu voto. Essas características permitem afirmar que nesse tipo de troca interacional se objetivou um aprimoramento do *rapport* com o telespectador/eleitor, razão pela qual conflitos, episódios de impolidez e uso de ironia foram expressivamente menos recorrentes nessas sequências. Outra

troca com ênfase na orientação do *rapport* para aprimoramento foram as perguntas institucionais, de que trataremos na próxima subseção.

6.3.2 Perguntas institucionais

Propomos o termo **perguntas institucionais** como um termo guarda-chuva para aquelas perguntas que não foram feitas pelos próprios candidatos, mas sim por outros participantes, como jornalistas e telespectadores. Argumentamos que tais perguntas especificamente têm um caráter institucional, porque são elas, em princípio, que buscam realizar os objetivos atribuídos oficialmente aos debates eleitorais, de ser espaço para discutir ideias, propostas e planos de governo dos candidatos à presidência, como já discutido na subseção 6.2. Dizemos “em princípio” porque alguns formatos das perguntas institucionais proporcionaram o contato entre os candidatos, o que em certos momentos enviou a interação para um nível mais interpessoal. Assim, nas eleições de 2018, as perguntas institucionais estiveram presentes nos cinco primeiros debates (Band, RedeTV, TV Gazeta, TV Aparecida, SBT) e pudemos constatar os seguintes arranjos:

- a) **Pergunta geral:** jornalista ou outro representante institucional, como bispos, fazia uma mesma pergunta para todos os candidatos, que respondiam em um turno – presente nos debates RedeTV e TV Aparecida;
- b) **Pergunta institucional direcionada:** jornalistas ou outros representantes institucionais faziam uma pergunta para cada candidato, que respondia em um só turno – presente nos debates RedeTV e TV Aparecida;
- c) **Pergunta institucional direcionada com comentário de oponente:** jornalista fazia uma pergunta para um candidato e indicava outro para comentar, o primeiro respondia em dois turnos (resposta e tréplica), intercalado com comentário em réplica de oponente – presente nos debates Band, RedeTV e TV Gazeta;
- d) **Pergunta institucional direcionada com complemento:** jornalista fazia uma pergunta a qual o candidato respondia, então, jornalista complementava sua pergunta com comentário curto, ao qual o presidenciável respondia em tréplica – presente no Debate SBT.

As perguntas institucionais abordaram principalmente temas de relevância social mais ampla, como desemprego, violência, saúde e educação, e foram elaboradas por jornalistas e representantes da sociedade civil (bispos no debate TV Aparecida e eleitores nos debates

RedeTV e TV Gazeta), como sinalizado anteriormente. As perguntas, assim como as considerações finais, tiveram restrições de tempo, principalmente para as respostas e comentários dos candidatos, mas alguns debates também limitaram o tempo dos representantes institucionais para formular suas perguntas. Dada a variedade de formatos, os limites de tempo também foram bastante heterogêneos, indo de quinze segundos, no comentário do jornalista no Debate SBT, a dois minutos na resposta do candidato no debate da TV Aparecida. Por essa razão, torna-se difícil dimensionar a proporção temporal desse tipo de troca interacional, sendo possível afirmar que as perguntas institucionais representaram 33,33% das interações, uma parte notável, tendo em conta sua ausência nos dois últimos debates.

Consideramos que essa ausência das perguntas institucionais nos debates Record e Globo parece refletir uma tendência de priorizar o confronto entre os candidatos, como parte de uma busca mais ampla pelo engajamento e pela visibilidade midiática. Assim, ao posicionar um candidato contra outro, coloca-se em evidência uma narrativa da competição, em que os agentes políticos são construídos como personagens dentro desse enredo antagônico, quase como celebridades (Martino, 2011) capazes de mobilizar a *fanbase*. Nesse contexto, o telespectador é convidado a se posicionar e mobiliza, para tanto, aspectos racionais e sensíveis, pois essa dualidade desperta gestos de identificação e oposição (Martino; Aleixo, 2016). Num panorama voltado para o entretenimento, o tom mais protocolar dos debates pode soar enfadonho e desinteressante e supomos que seja, então, importante para os organizadores dos debates, empenhados em bons resultados de audiência, contornar essa percepção. Por isso, observamos que alguns debates buscaram se aproximar em certa medida dos telespectadores, possibilitando que eles formulassem perguntas através de vídeos gravados em locais públicos das grandes cidades do Brasil (RedeTV) e mensagens multimidiáticas enviadas pelas redes sociais (RedeTV e TV Gazeta) ou ainda fossem consultados sobre perguntas através de *site* de jornal parceiro (Band).

Vemos, assim, que nesse movimento se busca preservar a natureza programática do debate, o que é, inclusive, enfatizado em alguns momentos pelos mediadores, a exemplo da orientação dada por Boechat: “a pergunta indicada pelos leitores do Metro Jornal, que pedem respostas objetivas, é esta...” (0h41), reiterada pelo mediador minutos depois: “gostaria de reiterar que os leitores do Metro Jornal explicitamente solicitaram respostas objetivas a questão do desemprego...” (0h46). O viés programático também pode ser notado no modo como as perguntas foram frequentemente introduzidas pelos jornalistas, que demonstraram através dados e informações contextuais a relevância de seu questionamento. É importante notar sobre

o direcionamento do olhar que, no caso das perguntas institucionais feitas no estúdio, os jornalistas e bispos ora direcionaram seu olhar para os candidatos aos quais faziam a pergunta, ora direcionaram o olhar para a câmera, como ilustrado a seguir.

Figura 6.4 – Posicionamentos de jornalistas durante perguntas institucionais



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Enquanto a posição dos jornalistas evidencia a orientação de sua fala tanto para candidatos quanto para público, os candidatos priorizaram direcionar o olhar para a câmera durante suas respostas e seus comentários, o que pode sinalizar um engajamento prioritário com o telespectador. Contudo, em momentos de maior tensão entre os próprios candidatos ou entre candidatos e jornalistas, foi possível notar os candidatos redirecionando o olhar, tendo como efeito, conseqüentemente, um redirecionamento do seu engajamento para os participantes com quem interagem no estúdio. Um exemplo desse funcionamento pode ser visualizado durante a pergunta feita pelo jornalista Fabio Panuzzio, no quarto bloco do Debate Band, ao cabo Daciolo, que se sente ofendido com o teor da pergunta e responde, mantendo seu olhar, seu corpo e seus gestos na direção do jornalista, em tom também ofensivo, como ilustra a figura a seguir.

Figura 6.5 – Variação de posicionamento de candidato durante perguntas institucionais



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Atribuímos a conduta do candidato do Patriota mais agressiva a um sentimento de ofensa provocado não só pela pergunta, mas principalmente pelo jornalista ter classificado as ações (greves) apoiadas por Daciolo como ilegais (“essas greves foram todas elas ilegais”). Destaca-se da reação de Daciolo seu direcionamento exclusivo para o jornalista, num tom agressivo como dito, e consideramos que essa postura destoava em certa medida do decoro típico para esse tipo de troca interacional, em que candidatos se direcionaram preferencialmente para o telespectador. Objetivando compreender melhor essa dinâmica, novamente analisamos as relações estabelecidas entre os participantes, fazendo um levantamento sobre a orientação do *rapport* nas perguntas institucionais, apresentado no gráfico a seguir (Figura 6.6).

Figura 6.6 – Orientação do *rapport* nas perguntas institucionais



Fonte: Elaboração própria

Podemos observar a partir do Figura 6.6 como nas perguntas institucionais houve um maior equilíbrio entre os espectros do *rapport*, prevalecendo no espectro mais harmonioso o *rapport* de aprimoramento (38,2%) e no espectro mais conflituoso o *rapport* de negligência (32,58%). Associamos essa distribuição mais equânime à heterogeneidade das perguntas institucionais, que foram feitas ora pelos próprios telespectadores, de quem os candidatos objetivam aprimorar a relação e conquistar o voto, e ora por jornalistas com comentários de outro candidato, num arranjo interacional mais propício para a disputa e o desafio. Apresentamos a seguir perguntas institucionais em dois dos quatro formatos identificados nos debates de 2018, pois consideramos que as perguntas com comentário (de jornalista e de oponente) funcionam no debate de maneira semelhante e a pergunta geral e pergunta direcionada a apenas um candidato também se assemelharam. Assim, descrevemos os aspectos interacionais típicos de cada dos arranjos **pergunta geral** e **pergunta direcionada com comentário do oponente** e analisamos como estas características impactam nos fenômenos da ironia e da (im)polidez, iniciando com a pergunta geral abaixo.

Exemplo 6.4 – Pergunta institucional geral 1

Debate RedeTV	Bloco	0h13	Orientação do <i>rapport</i> para	Sem ironia
	1		aprimoramento	
Pergunta institucional geral: Bolsonaro				
01	Mediador	((olhando para Bolsonaro))	Jair Bolsonaro, tem	
02			quarenta e cinco segundos para responder, por	
03			que quer ser presidente da república e (.) o	
04			que é preciso mudar no combate à corrupção?	
05	Bolsonaro	((olhando para câmera e próprio púlpito))	quero	
06			ser candidato a presidente da república, porque	
07			°o Brasil precisa° de um presidente <u>honesto</u> (.)	
08			patriota (.) que crê em deus (.) e afaste de	
09			vez::: (.) o fantasma do comunismo. só há uma	
10			maneira de combater a corrupção em nosso Brasil	
11			(.) elegermos um presidente (.) de forma ISENTA.	
12			um presidente que NÃO NEGOCIA (.) <ministérios	
13			e estatais e bancos públicos>. porque AÍ, está	
15			o foco da corrupção. que tem levado hh o estado	
16			inclusive a sua <u>ineficiência</u> . por isso não temos	
17			saúde (.) educação e segurança. exatamente por	
18			causa das (.) <u>indicações</u> políticas, que têm que	
19			deixar de existir em nosso Brasil. um presidente	

20	tem que escolher <u>os melhores</u> (.) para compor o
21	seu time (.) de ministros.

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

O Exemplo 6.4 representa uma pergunta institucional geral, que, foi feita logo no início do debate, como um momento de apresentação inicial. Esse questionamento foi elaborado pelos mediadores a todos os oito candidatos que participaram desse debate, e cada candidato teve 45 segundos para responder, como informado pelo mediador. Embora não se direcione explicitamente ao telespectador, entendemos que Bolsonaro, ao manter o olhar voltado para a câmera, indicou o telespectador como o interlocutor privilegiado, para quem orientou seu *rapport*. Assim, o candidato do PSL manteve um comportamento dentro do esperado, respondeu ao tópico proposto (por quê quer ser presidente e combate à corrupção) e buscou em sua fala atribuir a si características que considera positivas e que julga também o serem para os telespectadores (honesto, patriota, cristão, anticomunista e isento). Além disso, ao abordar o tema da corrupção, Bolsonaro, mesmo apresentando críticas, não adotou posturas ofensivas contra qualquer participante e direcionou seus esforços interacionais para expressar seu descontentamento com os serviços públicos no Brasil, associando-os à corrupção de maneira impessoal (linhas 13-21). Isso posto, defendemos que, nessa fala, Bolsonaro orientou o *rapport* para o aprimoramento e isso esteve coerente com o viés da questão e com o interlocutor privilegiado pelo candidato, ou seja, com justificar ao público o desejo de ser presidente.

De fato, embora no gráfico se apresente um panorama equilibrado entre os espectros da polidez e impolidez, a análise dos dados nos possibilitou associar os *rapport* aos diferentes tipos de pergunta institucional. Assim, constatamos nas perguntas institucionais gerais uma prevalência do *rapport* para o aprimoramento, enquanto nas perguntas institucionais com comentários sobressaíram os *rapports* para desafio e negligência, do que discutimos um exemplo a seguir.

Exemplo 6.5 – Pergunta institucional direcionada com comentário de oponente 1

Debate Band	Bloco 2	1h34	Orientação do	Ironia:
Pergunta institucional: Silva x Meirelles			rapport para desafio	ofensa
01	Mediador	((olhando para câmera))	agora jornalistas do	
02		grupo bandeirantes	fazem perguntas. pelas	
03		regras definidas em comum	acordo com os	
04		partidos,	o jornalista escolhe dois candidatos,	
05		um para responder (.)	outro para comentar. os	

06 tempos limites são os mesmos do bloco anterior,
07 um minuto e meio para resposta, quarenta e cinco
08 segundos para réplica e também (.) quarenta e
09 cinco segundos para a tréplica. a pergunta agora
10 é: do jornalista: Fabio Panuzzio, por favor,
11 Fabio.
12 Jornalista °não, é do- é minha, Boechat°
13 Mediador ((movimento da cabeça para os lados)) perdão.
14 (3,0) ok:: >cadê? cadê?< Sergio Amaral. agora
15 que te vi. °desculpe, Sergio°. agora deixa eu
16 dizer aqui (inaudível), aliás, os candidatos
17 também. botaram ali a pergunta agora é do
18 jornalista três, ((rindo)) então por favor,
19 jornalista três.
20 Jornalista ((rindo)) hh jornalista três faz a primeira
21 pergunta ((cessa riso)) pra candidata Marina
22 Silva e: com o comentário do candidato Henrique
23 Meirelles. candidata, o:: Brasil está fechando
24 esse ano com um::déficit fiscal recorde de cento
25 e trinta e nove Bilhões de reais, número que
26 deve se repetir (.) em dois mil e dezenove e
27 que praticamente inviabiliza investimentos
28 públicos, né? se eleita, objetivamente (.) qual
29 o plano da senhora pra hh resolver essa questão?
30 Silva ((olhando para câmera)) de fato nós temos um
31 problema grave do déficit fiscal (.) nós temos
32 um problema que faz com que o nosso país hoje,
33 inclusive, <tenha feito uma medida que congela
34 os investimentos> públicos na área de saúde,
35 educação, segurança pública, infraestrutura
36 <por (.) vinte anos>. ou seja (.) significa que
37 a saúde como está, a segurança como está, vai
38 ficar congelada. e obviamente que nós queremos
39 sim resolver, o problema do déficit fiscal,
40 queremos que o nosso país possa ter recursos
41 para poder investir corretamente, mas uma
42 premissa FUNDamental, <nós não vamos fazer
43 isso> em prejuízo da saúde, da educação, da
44 segurança pública, de forma <totalmente
45 insensível> com o sofrimento da população
46 brasileira, como está sendo feito pelo atual
47 governo. a nossa proposta é de que o país volte
48 a crescer, que a gente enfrente situações que
49 são estruturantes, como o problema da

50 previdência, não (.) com (.) as propostas
51 draconianas que foram feitas em prejuízo de
52 alguns, mas é necessário sim reforma da
53 previdência e que a gente recupere sobretudo
54 credibilidade pro país voltar a crescer, para
55 que a gente possa ter investimentos e, com isso
56 (.) nós enfrentarmos, claro, o problema do
57 déficit público, o problema do desemprego e o
58 problema da penúria que o povo brasileiro está
59 vivendo no atual governo.

60 Mediador candidato Meirelles comenta, quarenta e cinco
61 segundos, por favor.

62 Meirelles ((olhando para câmera)) é::: preocupante (.)
63 quando nós: vemos aqui::: candidato, candidata a
64 presidente, que::: não conhece os fatos
65 básii::cos an::: de administração da dívida. a
66 dívida pública, ela::: cresce em virtude de um
67 déficit que cresce de forma absolutamente
68 avassaladora e que é resultado de despesas, que
69 são obrigatórias, definidas pela Constituição
70 (.) ((movimenta as mãos)) em consequência sobe
71 os juros, sobe a inflação, vem o desemprego,
72 vem a crise. é este o problema que nós
73 precisamos explicar ((apontando para câmera))
74 <para você>, para você fazer de fato a boa
75 escolha, ((movimenta mãos para baixo)) que vai
76 baixar os juros e a inflação como fizemos.

77 Silva ((olhando para câmera)) baixa juros, controle
78 de inflação, é importante, não há dúvida (.)
79 para que o país não prejudique tanto os
80 trabalhadores, aqueles que são mais frágeis,
81 que são os mais prejudicados com a elevação de
82 juros. mas obviamente que ((aponta rapidamente
83 na direção de Meirelles)) não na lógica do atual
84 governo, em que, o ministro da fazenda era o
85 principal operador dessa política, que faz com
86 que a maioria das pessoas tenham que pagar um
87 preço altíssimo (.) com uma saúde que não
88 funciona, com uma segurança pública que está à
89 beira do caos, <com mais de sessenta mil
90 pessoas> sendo assassinadas por ano. e como se
91 não bastasse temos o grave problema do
92 desemprego em que as pessoas ficam mais frágeis.
93 este tipo de lição (.) não se deve aprender,

94	<u>pelo contrário</u> , a gente deve mudar os que estão
95	aí patrocinando a crise.

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Importante destacar de início que a troca da indicação dos jornalistas a fazerem a pergunta foi um incidente que poderia causar incômodo aos envolvidos, porém, o mediador buscou conduzir a situação de maneira humorada, atenuando quaisquer desconfortos (linhas 01-20). Na sua fala, o jornalista indagou sobre déficit fiscal e indica Silva e Meirelles para responder e comentar, respectivamente, orientando a candidata para responder objetivamente (linhas 28-29). O tema fiscal abordado pelo jornalista se tornou o mote para Silva criticar a emenda à constituição 55/2016, proposta pelo então presidente Michel Temer, do MDB, mesmo partido de Meirelles, o que fez a interação se orientar para um *rapport* de desafio. A candidata da Rede articulou sua resposta ao jornalista, mas modificou em certa medida o tópico ao criticar o governo Temer por agir “de forma totalmente insensível com o sofrimento da população brasileira, como está sendo feito pelo atual governo” (linhas 44-47), contrapondo-se às propostas do emedebista e criticando-as ao caracterizá-las como “draconianas” (linhas 50-51).

Embora o ataque à face de Meirelles tenha sido indireto, o candidato revidou já no início do seu comentário a crítica de Silva, dizendo ser “preocupante quando nós vemos aqui candidato, candidata a presidente que não conhece os fatos básicos de administração da dívida” (linhas 62-65). Diferentemente da crítica de Silva sobre ações, Meirelles criticou na adversária uma falta de conhecimento sobre “os fatos básicos”, assim, caracterizou a candidata como incompetente, deslegitimando, portanto, a crítica que ela fez ao governo Temer. O candidato do PMDB ainda justificou as medidas adotadas e, se dirigindo diretamente ao telespectador, através do pronome “você”, esclareceu a necessidade de se explicar esse problema, para que o telespectador faça a boa escolha (linhas 72-75).

No início de sua tréplica (linhas 77-82), consideramos que Silva reconheceu a importância da questão fiscal, principalmente para tentar restaurar sua face e sua qualificação, mas isso não inibiu que a candidata novamente divergisse da conduta do governo Temer. Além disso, Silva associou Meirelles diretamente ao governo Temer, ao mencionar o cargo de Ministro da Fazenda, ocupado por ele meses antes; então, listou os danos causados à população pela política operada por Meirelles (linhas 83-92), responsabilizando-o implicitamente sobre esses danos. Por fim, a candidata da Rede arrematou com o enunciado “Este tipo de lição não se deve aprender, pelo contrário, a gente deve mudar os que estão aí patrocinando a crise”

(linhas 93-95), com o qual invalidou o ensinamento apresentado por Meirelles, associando-o mais uma vez à crise, repelindo o saber que lhe fora suprimido.

Dessa maneira, vemos como as perguntas institucionais buscaram representar os eleitores dentro dos debates, contudo sua variedade de formatos acarretou dinâmicas distintas. A partir dos exemplos discutidos, notamos que as perguntas gerais foram compreendidas como um diálogo mais direto com o eleitor, se assemelhando em certa medida com o tom das considerações finais. Contudo, nas perguntas institucionais com comentário, o tom predominante foi mais conflituoso, pois, de início, a disposição dos dois concorrentes os forçou a interagirem e a disputarem. Assim, os candidatos puderam gerenciar seus *rappports* de maneira mais dinâmica, ora desafiando sua relação com adversário para reafirmar as próprias qualidades, ora rebatendo as críticas que lhe foram imputadas, ora aprimorando sua relação com o público. Contudo, destacamos que o fato de a pergunta ser feita por um ator institucional, representando o eleitor, pareceu conter os impulsos ofensivos entre eles, o que demonstra o alinhamento com o objetivo mais geral do debate eleitoral.

Outro ponto importante das perguntas institucionais foi a natureza dos temas abordados, que variaram desde propostas sobre temas gerais até questões controversas para ambos ou apenas um dos candidatos. Cada uma dessas possibilidades, naturalmente, dotou a interação de um viés, tendendo a ser: mais neutro ou propositivo, nas perguntas focadas em propostas; mais totalmente crítico, nas perguntas controversas para os dois candidatos; ou mais parcialmente ofensivo, nas perguntas controversas para apenas um dos candidatos – a exemplo da pergunta no debate da TV Gazeta para Meirelles sobre se era moral um ministro de estado ter contas em paraísos fiscais, que discutiremos ao final da sétima seção. Dada essa diversidade, notamos que, nessa troca interacional, houve uma distribuição mais equilibrada de ocorrências de ironia e (im)polidez, pois, como veremos a seguir, os confrontos diretos fizeram jus à sua nomenclatura e se apresentaram principalmente *rappports* de desafio.

6.3.3 Confrontos diretos

Abordamos, por fim, os confrontos diretos, que são das três trocas interacionais identificadas nos debates de 2018 a mais frequente nos debates eleitorais, sendo talvez seu ponto central. Os confrontos diretos estiveram, em nosso *corpus*, presentes em todos os debates, sendo, até mesmo, exclusivos nos dois últimos ajuntamentos, o que representou mais de 47% de todas as trocas interacionais ocorridas nos debates de 2018. Essa troca interacional se

apresenta certamente como aquela sobre a qual os telespectadores têm grande expectativa, pois é o momento de interação exclusiva e direta entre os candidatos, que podem confrontar e ser confrontados uns pelos outros e, assim, têm uma oportunidade de deteriorar a face dos oponentes enquanto enaltece a própria imagem, demonstrando como lidam com controvérsias e desafios. Esse ponto de vista, inclusive, foi parcialmente textualizado pelo analista político Fernando Schuller durante o Debate Band, que, diante da pergunta sobre o que poderia mudar a partir desse debate e o que cada candidataalaria, destacou, primeiro, “Agora a gente vai saber a verdade de cada candidato, até agora a gente tinha monólogos, agora nós vamos ter diálogos, né?” e, em seguida, asseverou que “cada um tem a sua estratégia, a questão que nós vamos ver hoje pela primeira vez é como as estratégias interagem, né, como cada um reage, e aí problema também de temperamento, de equilíbrio emocional, né, isso faz uma liderança, as pessoas tão olhando quem vai liderar o país.” (Debate Band, 09 ago. 2023, s. p.).

Geralmente os confrontos diretos se desenvolveram na parte central do debate, alternando-se com as perguntas institucionais, quando houve, e sendo delimitados pelas considerações finais. A estrutura padrão dos confrontos diretos se apresentou como um par de pergunta e resposta, seguido por uma réplica e, enfim, uma tréplica, assim, em cada confronto os candidatos envolvidos tiveram dois turnos intercalados. Além disso, cada um desses turnos teve uma duração distinta, havendo ainda variações significativas entre os debates. Assim, o tempo mínimo foi de 30 segundos para a pergunta em todos os debates, exceto o Debate Record, cujo tempo limite foi de 40 segundos; já as respostas variaram entre um e dois minutos, sendo um minuto no Debate RedeTV e dois minutos no debate TV Aparecida. Por fim, os confrontos diretos ainda previram réplicas e tréplicas, com duração também variável entre os debates, sendo o menor tempo de 30 segundos no Debate TV Gazeta e o maior tempo de um minuto e meio no debate TV Aparecida.

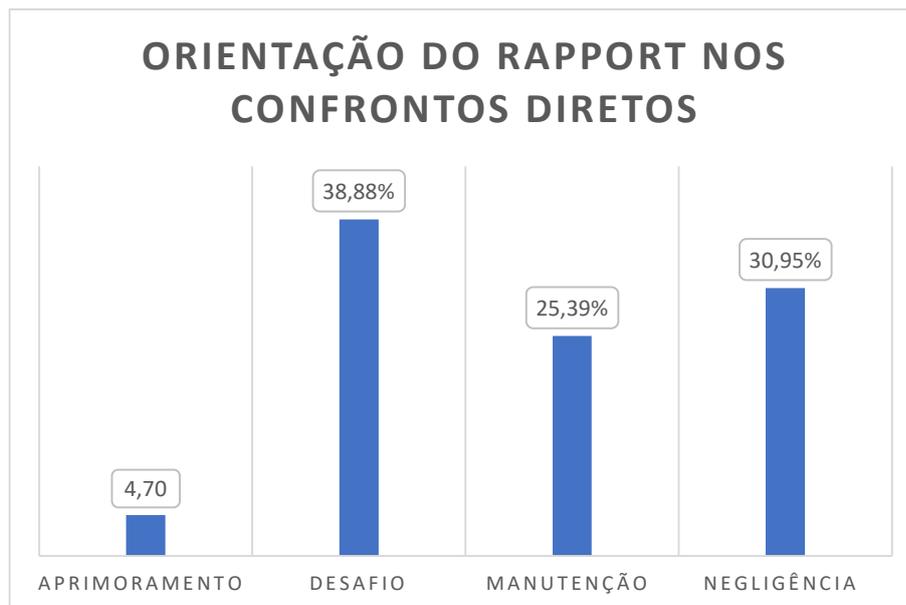
Informações dessa natureza foram inicialmente comunicadas pelos mediadores, que ainda foram responsáveis por indicar a ordem de candidatos a fazerem suas perguntas, ponto esse sobre o qual tiveram a preocupação de informar inicialmente que essa ordem fora definida previamente em sorteio. Nesse momento ainda, os mediadores esclareceram quaisquer outras regras e dinâmicas específicas vigentes nessa troca, como presença ou não de temas pré-definidos, possibilidades e restrições de escolha de candidatos, entre outros. Nessa direção, uma diferença relevante dos confrontos diretos em relação às perguntas institucionais e às considerações finais foi a possibilidade dada aos candidatos em quase todos os debates, à exceção do debate TV Aparecida, de selecionarem o oponente a responder seu questionamento.

Alguns debates, inclusive, permitiram que aos candidatos participassem na condição de respondente mais de uma vez, provocando uma maior participação de alguns candidatos em detrimento de outros, a exemplo da sobrerrepresentação do candidato Alckmin nos debates Band e Globo.

Diante dessa dinâmica, observamos que a troca interacional dos confrontos diretos foi para os candidatos, ao mesmo tempo, desafiadora e estratégica, por se configurar como uma espécie de cena em que os candidatos puderam confrontar seus adversários, mas estiveram na mesma medida vulneráveis a eventuais ofensas. Dessa maneira, ainda que o objetivo principal dos candidatos fosse interagir diretamente com o eleitor, os confrontos diretos se estruturaram a partir da interação entre os candidatos, fazendo com que a interação se orientasse em duas direções: ora para o telespectador/eleitor almejado, ora para os debatedores envolvidos no confronto direto. Assim como nas perguntas institucionais, supomos que o modo como os candidatos se posicionaram diante da câmera sinalizou em certa medida o interlocutor selecionado; e de fato, embora em boa parte dos debates os candidatos tenham ficado em seus púlpitos, sendo focalizados pela câmera, notamos que, ao se engajarem principalmente com o parceiro do confronto direto, os candidatos destinaram seu olhar e, em certos momentos, até mesmo o corpo na direção do parceiro. Por outro lado, ao concentrarem seu engajamento com o telespectador, os candidatos mantiveram seu olhar principalmente focado na câmera, confluindo ainda para esse engajamento no teor de seu discurso.

Naturalmente, essa preferência de interlocutor impactou o tipo de relação sustentada na interação, embora seja importante destacar que a expectativa para o conflito seja inerente a esse tipo de troca, como inclusive a nomenclatura sugere. Assim, nas interações em que os candidatos se envolveram mais intensamente com o adversário parceiro no confronto direto, o *rapport* de desafio sobressaiu, mas, ao se direcionarem majoritariamente para o eleitor, selecionando-o como interlocutor privilegiado, verificamos uma atenuação do teor conflituoso, possibilitando ocorrências de *rapport* de negligência e até mesmo de manutenção, como ilustra o gráfico a seguir.

Figura 6.7 – Orientação do *rapport* nos confrontos diretos



Fonte: Elaboração própria

Vemos nesse gráfico que, diferentemente do que ocorreu nas considerações finais e nas perguntas institucionais, o *rapport* mais recorrente nos confrontos diretos foi o de desafio, representando 38,88% das ocorrências desse tipo de troca interacional. Essa prevalência faz jus a nomenclatura êmica desse tipo de troca como **confronto direto** e demonstra que, embora os candidatos tenham em vista o telespectador/eleitor, a interação candidato-candidato gerou entre eles um quadro de expectativas favorável para o conflito. Nessa direção, foi comum que o formulador da pergunta abordasse temas polêmicos para seu adversário, como envolvimento seus ou de aliados em escândalos de corrupção e em declarações controversas, tentando promover uma interação desafiadora. Em alguns confrontos diretos, inclusive, o início foi marcado por um tom propositivo, contudo, um dos participantes em certo momento adotou uma postura mais ofensiva, indicando que, mesmo diante de uma tentativa de uma relação mais harmoniosa, certo grau de hostilidade esteve presente.

Parece, dessa forma, que a conduta dos candidatos nos confrontos diretos foi pautada mais pela atenção ao oponente do que ao telespectador, pois não só o *rapport* de negligência foi o segundo mais frequente como também o *rapport* de aprimoramento foi o menos frequente, representando apenas 4,7% dos confrontos diretos. A partir desses dados, podemos, inclusive, interpretar que nesse tipo de troca interacional, quando candidatos do mesmo espectro político interagiram, eles preferiram o *rapport* de manutenção ao de aprimoramento, reforçando a percepção de que a troca interacional confrontos diretos é pautada pela disputa entre os candidatos. Para compreender melhor a natureza dos confrontos diretos e as estratégias usadas

pelos participantes, examinamos a seguir uma troca desse tipo em cada um dos quatro *rappports*, valendo-se ainda dessa análise para ilustrar em que essas orientações se diferenciam. Ordenamos a apresentação desses confrontos a partir da porcentagem de ocorrência dentro de nossos dados, assim, apresentaremos primeiro um confronto direto com *rappport* de aprimoramento, e na sequência uma troca com *rappport* de manutenção, um com *rappport* de negligência e, por fim, um exemplar de confronto direto com *rappport* de desafio.

Embora em princípio consideremos que a relação entre os candidatos a uma eleição seja principalmente de tensão, por estarem disputando a preferência e o voto do eleitor, ponderamos que há outros aspectos decisivos para o efetivo estabelecimento de *rappport* entre os candidatos a uma disputa eleitoral. A presença de mais de dois candidatos concorrendo à presidência suscita uma visão de que alguns deles não são realmente competitivos e estão ali para representar e apresentar determinadas visões políticas, mas, sem perspectiva de vitória, a tensão entre eles tende a diminuir. Acreditamos ainda que essa atenuação da tensão deve ficar mais evidente à medida que o pleito progrida e as pesquisas de intenção de voto indiquem os favoritos para vencer a eleição ou disputar o segundo turno. De fato, no primeiro turno de 2018, alguns candidatos, vistos como coadjuvantes, estabeleceram entre si uma relação cordial e o principal ponto de convergência entre esses candidatos foi, a nosso ver, seus sentimentos de desaprovação em relação aos dois candidatos mais bem posicionados, principalmente a Bolsonaro, por seu discurso desafiador em relação a princípios da atividade política de modo geral. É nesse contexto que, no último debate do primeiro turno, ocorreu a interação a seguir, em que Meirelles e Gomes convergiram ao desaprovarem a candidatura e a iminente eleição de Bolsonaro.

Exemplo 6.6 – Confronto direto em *rappport* de aprimoramento

Debate Globo	Bloco 1	0h21	Orientação do <i>rappport</i> para aprimoramento	Ironia: ofensa
Confronto direto: Meirelles x Gomes				
01	Mediador	((câmera em plano aberto))	o próximo candidato	
02		a fazer pergunta pelo sorteio é Henrique		
03		Meirelles. eu peço que o senhor se aproxime (.)		
04		ihh, seu microfone caiu (2,0)	o senhor pode	
05		trazer, pode segurar, pode pôr, não tem problema		
06		nenhum (.) me perdoe (.) ou guardar no bolso do		
07		paletó, também não é grave, ele vai funcionar		
08		do mesmo jeito. ((câmera focaliza mediador))	o	
09		senhor pode se aproximar (2,0) ((balançando a		
10		cabeça na vertical))	isso (.) não tem problema.	

11 ((rindo)) eu uso assim no jornal nacional ((riso
12 mais expressivo)) todas as noites. hhh
13 candidato, a quem o senhor vai dirigir a sua
14 pergunta?
15 Meirelles ((câmera em plano aberto)) ao candidato Ciro
16 Gomes.
17 Mediador ((câmera em plano aberto)) por favor, candidato
18 Ciro Gomes, do PDT. (5,0) trinta segundos para
19 pergunta, candidato.
20 Meirelles ((câmera focaliza Meirelles)) ((olhando para
21 Gomes)) há quase trinta anos:: (.) o Brasil
22 escolheu Fernando Collor (.) presidente (.) que
23 se intitulava (.) o salvador da pátria. ele
24 confiscou a fo- a poupança (.) a inflação voltou
25 (.) e tudo terminou em desastre, ele sequer
26 terminou o mandato sofrendo o <impeachment>.
27 ((câmera em plano aberto mostra os dois
28 candidatos frente a frente)) candidato, <por
29 que essa história de salvador da pátria sempre
30 dá errado e termina em desastre e sofrimento
31 pra população?>
32 Gomes ((intercala olhar entre câmera e Meirelles))
33 meu caro Meirelles, ((tosse)) essa é uma
34 pergunta muito importante porque talvez seja
35 (.) a hora mais (.) grave do brasileiro, nós
36 todos aprendermos a importância de votar em
37 projeto, em ideia. porque os homens eles devem
38 ter a noção de que nós somos passageiros, não é
39 (.) nenhum de nós é dono da verdade, nenhum de
40 nós é capaz de governar uma nação (.) de
41 duzentos e oito milhões e quinhentas mil
42 pessoas, com mil contradições, mil:: lindezas,
43 mil maravilhas, mil defeitos, mi- mil
44 dificuldades. e esse é o grande drama do Brasil
45 (.) nesse momento (.) o choque entre duas
46 personalidades exuberantes (.) é o lulismo (.)
47 e o antilulismo que o Bolsonaro interpreta. eu
48 compreendo isso (.) compreendo, sou humilde
49 diante da realidade, por isso que eu estou (0,5)
50 determinado (.) tenho pedido a deus que ilumine
51 a minha palavra, pra que a gente possa oferecer
52 ao povo brasileiro um outro caminho. não é para
53 negar ninguém. mas na sua pergunta tem uma
54 sabedoria, não existe salvador da pátria. vamo

55 raciocinar um pouquinho (0,5) aqueles problemas
56 todos que o Brasil tava falando passam também
57 por problemas econômicos. duzentas e vinte mil
58 lojas fecharam no Brasil (.) nos últimos três
59 anos (.) TREZE mil indústrias fecharam no Brasil
60 nos últimos três anos (.) é uma coisa
61 absolutamente grave e complexa o momento
62 brasileiro e o cenário internacional, numa
63 guerra importante, comercial, dos Estados
64 Unidos com a China, mexendo e exigindo muita
65 experiência e muita capacidade de intervenção.
66 e o Brasil dançando na beira do abismo com esse
67 tipo de confrontação.

68 Meirelles ((câmera em plano aberto mostra os dois
69 candidatos)) concordo integralmente. ((câmera
70 focaliza Meirelles)) ((olhando para Gomes))
71 acho que:: (.) é um momento em que o Brasil
72 precisa de competência (.) é o momento em que o
73 Brasil precisa de experiência e o Brasil precisa
74 de propostas CONCRETAS. alguém que já tenha
75 mostrado resultado e que tem condições: de
76 administrar (.) o país. eu (1,5) trabalhei no
77 governo durante dez anos. criei através das
78 políticas que implantei, cerca de doze milhões
79 de empregos e, mais importante do que isso (.)
80 a vida dos brasileiros melhorou (.) nesse
81 período. agora, por exemplo tirei o Brasil da
82 maior recessão da história. chegamos (.) na
83 superfície, saímos do fundo do poço, mas tá na
84 hora de começar a crescer. eu tenho várias
85 propostas objetivas para o país como, <por
86 exemplo, criação do pró-criança, um programa
87 para fornecer creches para toda a população
88 infantil>, são sete milhões de crianças
89 precisando de creche, e outras propostas.

90 Gomes ((câmera em plano aberto mostra candidatos)) o
91 estimado amigo, nós somos colegas, não é?
92 ((câmera focaliza Gomes)) ((intercala olhar
93 entre Meirelles e câmera)) tem uma história de
94 vida brilhante (.) ((rindo)) menos (0,5) essa
95 passagem com Michel Temer, que de fato não lhe
96 honra, nem lhe faz a menor- a melhor justiça,
97 ((cessa riso)) o que não desmerece a sua longa
98 folha de serviços prestados ao Brasil (.) e por

99 isso eu lhe respeito e lhe tenho como- na conta
100 de um bom (.) amigo, discordando de todas as
101 compreensões. ((olhando para câmera)) o Brasil
102 precisa ati- ativar quatro motores para de fato
103 falarmos em desenvolvimento, emprego, salário
104 (.) e dinheiro para melhorar a saúde, a
105 educação, a segurança e a infraestrutura, tudo
106 em pandarecos. resolver o endividamento das
107 famílias (.) o programa nome limpo, para limpar
108 o nome das pessoas, aos sessenta e três milhões
109 tão com o nome no SPC. resolver o colapso do
110 endividamento dos empresários (.) tem que
111 trazermos uma reestruturação da capacidade de
112 investimento do empresário. corrigir a conta
113 pública, cobrando mais imposto dos muito ricos
114 e diminuindo a tributação na classe média e do
115 povo trabalhador. e, por fim, buscar um caminho
116 de indústria naqueles caminhos que o Brasil tem
117 (.) petróleo, gás e bioenergia são (0,5)
118 exemplos junto com saúde (.) o complexo
119 industrial de defesa e o complexo industrial do
120 agronegócio.
121 Mediador brigado, candidatos.

Fonte: Debate Globo, 04 out. 2018, s. p.

Nesse confronto direto, um primeiro ponto que destacamos é que, embora na sua réplica fique claro que Meirelles buscou na sua pergunta oportunizar uma reflexão sobre competência para, então, se autoelogiar, o candidato do MDB priorizou em sua pergunta apresentar uma crítica implícita sobre Bolsonaro (linhas 28-31). É nessa direção que a convergência entre Meirelles e Gomes surge, pois Gomes aproveitou de imediato a oportunidade criada por Meirelles para se autopromover, mote que também foi explorado por Meirelles em sua réplica. Gomes iniciou sua resposta se direcionando ao adversário de maneira polida ao chamá-lo de “meu caro Meirelles” e, reconhecendo a importância da questão (linhas 32-37), refletiu sobre as dificuldades de governar o Brasil (linhas 39-44), alertando, por fim, sobre o “grande drama” da projeção de um segundo turno entre Bolsonaro x Haddad (linhas 44-47). Então, o pedetista se apresentou “humilde diante da realidade” e como alguém determinado, evocando ao povo brasileiro por um “outro caminho” (linhas 47-52). Esse outro caminho, no entanto, é objeto de disputa e, para se mostrar como o melhor caminho, Gomes recorreu a própria fala de Meirelles sobre “não existir salvador da pátria” (linha 54), para, demonstrando um grau de concordância, contrabalancear o êxito econômico destacado pelo emedebista em momentos anteriores do

debate, assim, o candidato do PDT usou a própria frase de Meirelles para discordar dele, ficando mais explícita essa discordância nas linhas 54 a 60. Gomes, então, finalizou sua resposta afirmando a necessidade de experiência, proporcionando a Meirelles um tema também favorável à sua face (linhas 64-65). De fato, em sua réplica, dada a sutileza e ambivalência das discordâncias de Gomes, Meirelles as minimizou e não se defendeu delas, pelo contrário, concordou textualmente com o pedetista sobre a necessidade de experiência e competência (linhas 69-76), para se dedicar, principalmente, a elogiar a si e a suas ações econômicas (linhas 76-84), indicando brevemente uma de suas propostas enquanto candidato à presidência (linhas 84-89).

Por fim e mais uma vez, Gomes reforçou sua relação cordial com Meirelles, evocando-o como “estimado amigo”, reivindicando o vínculo de coleguismo entre eles (linhas 90-91) e reconhecendo a “história de vida brilhante” do emedebista (linhas 93-94); mas novamente o pedetista se contrapôs ao depreciar, textualmente, a participação de Meirelles no governo Temer (linhas 94-96). No entanto, Gomes não enunciou essa crítica rudemente, ao contrário, adornou sua desaprovação com uma expressão de riso, que funcionou como uma sobreposição de simpatia à crítica, principalmente, porque, em seguida, o pedetista destacou “a longa folha de serviços prestados ao Brasil” (linhas 97-98), reiterando seu respeito e amizade apesar das discordâncias (linhas 98-101). Julgamos que, com esse movimento, Gomes pôde construir, junto ao público, uma imagem de independência, justiça e racionalidade, pois não se furtou de fazer críticas a Meirelles, mesmo tendo-o na conta de um bom amigo (linhas 100-101). Com isso, o pedetista sugeriu que ele seria impessoal e sua crítica à competência de Meirelles seria lúcida, o que depõe favoravelmente à imagem de competência reivindicada sobre si. Por fim, após essa trama, Gomes apresentou suas quatro propostas para os problemas econômicos, que já havia sinalizado na sua resposta, enumerando-as e detalhando-as, apesar do tempo diminuto, o que reforçaria sua imagem de competente.

De fato, confrontos diretos direcionados para o aprimoramento do *rapport* foram bem incomuns nos debates, contando apenas com seis ocorrências em três dos sete debates de 2018, das quais 50% aconteceram no último do primeiro turno, o Debate Globo. A interação de Meirelles é uma dessas três ocorrências do Debate Globo e, apesar das críticas, principalmente de Gomes em relação a Meirelles, vemos que elas foram acompanhadas do que na literatura sobre polidez tem se chamado de estratégias de polidez, minimizando, dessa forma, eventual ato de ataque à face. Dessa maneira, é notável que nesse confronto os candidatos se mantiveram dentro da disputa eleitoral, buscaram se afirmar como a melhor alternativa, mas para isso os

candidatos abdicaram de danificar a imagem construída pelo adversário, priorizando principalmente destacar cada um suas próprias virtudes, mas também a concordância e até mesmo as virtudes uns dos outros. Atribuímos a maior ocorrência desse tipo de alinhamento ao fato de ser o Debate Globo o último debate do primeiro turno, um momento da corrida presidencial em que o cenário é considerado definido e, no caso das eleições de 2018, apontava para um segundo turno, com possibilidade de vitória de Bolsonaro, um político autointitulado *outsider*, diante do qual os demais candidatos julgaram apropriado se alinhar para defender suas posições de político.

Outro movimento dessa natureza protetora do grupo social foi o foco na discussão de propostas de modo civilizado, pois, mesmo sabendo que o objetivo central dos debates seria a discussão de propostas, tem sido frequente no Brasil que o discurso no debate eleitoral se direcione para um teor mais crítico e menos propositivo (Sargentini; Reis, 2022). Assim, notamos, na reta final dos debates, que as condutas dos candidatos divergiram dessas expectativas comportamentais, o que nos permitiu modificar nossa compreensão e interpretação sobre o *rapport* sustentado pelos presidenciáveis. Julgamos, então, que o confronto direto protagonizado por Alckmin e Gomes durante o Debate SBT performa um *rapport* de manutenção, pois eles tratam de suas propostas e, o mais importante, evitam quaisquer provocações entre si, estabelecendo uma relação conservadora, como veremos a seguir (Exemplo 6.7).

Exemplo 6.7 – Confronto direto em *rapport* de manutenção

Debate SBT	Bloco 3	1h23	Orientação do <i>rapport</i> para manutenção	Ironia com função de humor
Confronto direto: Alckmin x Gomes				
01	Mediador	((olhando para câmera))	agora vamos para a	
02			pergunta do candidato <Geraldo Alckmin> do	
03			PSDB, para quem vai (.) a sua pergunta,	
04			candidato?	
05	Alckmin	((olhando para câmera))	°olha° a minha pergunta	
06			vai pro candidato (.) <i>Ciro Gomes</i> . eh:: <i>Ciro</i> foi	
07			até secretário da saúde do estado do Ceará (.)	
08			e: hoje uma grande preocupação da população é a	
09			saúde. população ficando mais ido:sa. a	
10			medicina mais cara, mais sofisticada, como é	
11			que a gente consegue (.) melhorar? em São Paulo	
12			nós fizemos vi- <u>dezesesseis</u> hospitais novos, e	
13			vinte e três ambulatórios médicos de (.)	
14			<u>especialidades</u> pra poder avançar mais na saúde.	

15 ((olhando para Gomes)) sua proposta, candidato?
16 Gomes ((olhando para câmera)) a minha proposta pra
17 saúde- hh a tarefa acho que se divide em ((junta
18 e separa as mãos)) dois caminhos como: diria o
19 Meirelles, ((ri brevemente)) ((junta e separa
20 as mãos)) °aqui com as mãos né° primeiro (.)
21 ((cessa riso)) revogar a noventa e cinco,
22 ((intercala olhar entre câmera e estúdio)) que
23 é uma emenda que proíbe a expansão de
24 investimento (.) por vinte anos, ((câmera
25 focaliza candidatos lado a lado)) sem isso todos
26 os nossos compromissos, nada passam do que boas
27 intenções ou mentira. e não há aqui nenhum
28 inocente, ((olhando para câmera)) portanto quem
29 disser que vai fazer qualquer coisa sem revogar
30 entre nós aqui, diria assim, meu (.) elegante
31 pai, estará faltando com a verdade. a segunda
32 questão é entender (.) basicamente como é que
33 nós podemos dar eficiência à atenção básica e à
34 prevenção, ((Alckmin escreve)) afora todo um
35 conjunto de outras providências que passam do
36 saneamento básico, até os hospitais mais
37 sofisticados. mas duas coisas são prioritárias.
38 uma (.) a prevenção na unidade básica de saúde.
39 o que é que eu quero fazer? criar um- um fundo
40 de quatro bilhões de reais, pra distribuir cem
41 mil reais de prêmio para cada unidade de saúde
42 ((olha brevemente para Alckmin)) ou seja, cada
43 posto de saúde, que atinja metas de prevenção
44 da maternidade- da mortalidade materna e
45 infantil (.) e:: prevenção de diabetes,
46 prevenção de hipertensão e ((olha brevemente
47 para Alckmin)) satisfação do usuário. ou seja,
48 o usuário com a sua identidade protegida vai
49 dizer se foi bem atendido. a outra coisa são os
50 exames especializados e: as consultas com
51 especialistas. nós temos uma rede de
52 policlínicas no Ceará, feito em consórcio que
53 eu pretendo espalhar por todo o Brasil, numa
54 conta de seiscentas e dezessete.
55 Mediador candidato Alckmin, trinta segundos
56 Alckmin ((câmera focaliza candidatos lado a lado))
57 ((olhando para câmera)) olha, nós vamos
58 investir muito no atendimento primário de

59 saúde, que tem que melhorar a sua resolutividade
60 (.) saneamento básico. três coisas elevaram a
61 vida da população no Brasil (.) água tratada,
62 vacina e antibiótico. um grande programa de
63 medicamentos, melhorando o acesso ao
64 medicamento. vou reduzir <IMPOSTO> na reforma
65 tributária dos remédios, hoje até es- andando
66 em Santo André, uma senhora ainda falou, precisa
67 diminuir o preço do remédio e garantir também o
68 acesso aos medicamentos [gratuitos]
69 Mediador [candidato] (1,0) *Ciro*
70 *Gomes*, quarenta e cinco segundos
71 *Gomes* ((câmera focaliza candidatos lado a lado))
72 ((olhando para câmera)) para além dessas
73 providências, que eu já anunciei, é necessário
74 também que o Brasil: (0,5) fortaleça uma
75 indústria da saúde. os remédios são muito caros,
76 os atendimentos são crescentemente muito caros
77 porque ((Alckmin escreve)) <inacreditável e
78 criminosamente> ao longo dos últimos quinze
79 anos o Brasil simplesmente (.) perdeu a
80 capacidade de industrializar os produtos que
81 precisamos. só pro brasileiro ter ideia (.) esse
82 ano nós estamos gastando mais de quinze BILHÕES
83 de dólares (.) o que chega perto de cinquenta
84 bilhões de reais gerando emprego nos Estados
85 Unidos e na Europa, comprando prótese, cama de
86 hospital, remédios, fármacos, químicos
87 etecetera. portanto, fazer saúde mais barata
88 significa também produzir no Brasil aquilo que
89 com o dinheiro do brasileiro nós estamos
90 comprando de fora, gerando os empregos aqui
91 Mediador obrigado

Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, s. p.

Logo de início, vemos Alckmin se referir a Gomes em relação a seu cargo de secretário de saúde do Ceará (linhas 06-07), com o que Alckmin demonstrou reconhecer a experiência do pedetista e viabilizou, inclusive, que Gomes, posteriormente, usasse essa referência para elencar suas ações nessa função. Ao evidenciar o cargo do adversário, Alckmin criou uma situação em que ele também pudesse elencar sua experiência e seus conhecimentos nessa área, ampliando seus recursos para o trabalho de face.

A resposta de Gomes foi majoritariamente focada em apresentar suas propostas (linhas 31-54), embora no início, Gomes tenha investido mais no trabalho de face, ao adotar um tom relativamente cordial e descontraído por gracejar com o modo de falar de Meirelles (linhas 16-20), mas também ao assumir uma postura provocativa, propondo revogar a PEC 95/2016 (linhas 21-26) e, principalmente, declarando que sem a revogação “todos os nossos compromissos nada passam do que boas intenções ou mentiras” (linhas 25-27). Ainda nesse movimento, Gomes reforçou a provocação negando a seus adversários qualquer ingenuidade (linhas 27-28) e sugerindo que, se seus adversários estavam cientes da PEC 95/2016 e eram condescendentes com ela, na realidade, eles estariam mentindo ao apresentar para os eleitores suas propostas.

No entanto, para qualificar essa conduta, Gomes recorreu a uma frase de seu pai (linhas 28-31), que, dada sua formulação eufêmica, se mostrou como uma violação das máximas de modo e quantidade. Dessa forma e considerando que o candidato do PDT tinha usado o termo mentira segundos antes (linha 27), interpretamos que Gomes buscou com esse eufemismo, por um lado, gracejar evidenciando a inadequação de seu registro eufêmico e polido, mas, por outro, ele também pôde comunicar sua crítica indiretamente, atenuando, de fato, seu teor ofensivo, principalmente por ainda feito essa pressuposição desagradável de maneira genérica. Além disso, com o recurso da ironia, Gomes pôde preservar a própria face ao tingir eventual acusação de humor e de controle emocional.

Esse comentário de Gomes sobre a PEC 95 poderia soar ofensivo, pois esse é um tema controverso para Alckmin, que defendeu a PEC em debates anteriores, a exemplo de interação com o próprio Gomes durante o Debate RedeTV, tendo havido naquela ocasião certo atrito entre os candidatos, o que potencializaria a compreensão de nova colocação sobre o tema como ofensiva. Contudo, diferentemente do Debate RedeTV e apesar dessa provocação inicial, Gomes não associou sua crítica sobre a PEC 95/2016 à sua relação com Alckmin, na realidade, a troca foi conduzida por ambos de maneira distensa, pois eles priorizaram a atenção com o telespectador ao apresentarem suas propostas e, o mais importante, caracterizaram a troca como efetivamente um diálogo em que ambos os candidatos retomaram os tópicos levantados pelo outro (Marchezi, 2014), demonstrando a disposição de interagir e manter a relação civilizada dentro do possível.

Acreditamos que essa mudança de postura do segundo (RedeTV) para o quinto debate (SBT) sugere que os candidatos, na reta final da campanha eleitoral, evitaram tensionar a relação com os oponentes, pois isso poderia distanciá-los dos eleitores dos demais candidatos e até mesmo daqueles eleitores indecisos, cujos votos eram essenciais para viabilizá-los em um

segundo turno. Assim, não falando apenas para sua base e buscando dialogar com novos eleitores, muitos candidatos optaram por destacar suas propostas, como na presente troca, e, quando possível, tentaram também aprimorar a relação uns com os outros, a exemplo da troca interacional entre Meirelles e Gomes, analisada anteriormente (Exemplo 6.6).

Esse movimento se apresenta também como um cálculo político-eleitoral para angariar eventuais apoios em um segundo turno e possibilitar o que comumente se tem chamado de “transferências de votos”. Esse tema de transferência de votos foi bastante explorado durante a reta final das eleições de 2018, num panorama em que os dois candidatos favoritos para o segundo turno (Bolsonaro e Haddad) eram também marcados por forte rejeição. Nesse contexto, Gomes, terceiro colocado nas pesquisas de intenção de voto, recorreu fortemente a esse argumento, destacando sua prerrogativa de vencer qualquer um desses dois candidatos e se colocando, assim, como uma solução para esse impasse eleitoral entre favoritismo x rejeição (a exemplo da análise do Exemplo 6.6). Reiteramos, contudo, que esse tipo de alinhamento foi minoritário durante os debates, não sendo naturalmente possível entre candidatos cujas posições políticas destoavam significativamente. Nessas ocasiões, os presidenciáveis optaram por orientar o *rapport* para a negligência, mas principalmente para o desafio, tendo sido essas as orientações preponderantes nas trocas interacionais do tipo confronto direto, as quais abordaremos a seguir.

O *rapport* de negligência foi o segundo mais recorrente nos confrontos diretos e se caracteriza por uma falta de preocupação em como a relação será vista por seus participantes e, eventualmente, por testemunhas. Nos debates eleitorais, consideramos que a negligência ocorre pelo foco na disputa eleitoral e ainda na própria face, razão pela qual se diferencia do *rapport* para desafio, como veremos a seguir a partir da análise de um confronto direto entre Alckmin e Meirelles ocorrido durante o terceiro bloco do debate da TV Gazeta.

Exemplo 6.8 – Confronto direto em *rapport* de negligência

Debate TV Gazeta	Bloco	1h00	Orientação do <i>rapport</i> para negligência	Sem ironia
Confronto direto: Alckmin x Meirelles				
01 Mediadora	((intercala olhar entre Alckmin e próprio púlpito)) e prosseguimos agora e quem pergunta			
02	é o candidato Geraldo Alckmin, do PSDB (.) e eu			
03	per- indago a quem vai sua pergunta candidato?			
04	trinta segundos pra ela.			
05				
06 Alckmin	((olhando para câmera)) olha minha pergunta é			

07 pro candidato Henrique Meirelles e o tema é
08 (0,5) saneamento básico. nós temos no Brasil um
09 gravíssimo problema de saneamento básico (.)
10 quase metade da população brasileira sem eh::
11 rede de esgoto (.) áreas de grande extensão
12 também, inúmeras comunidades sem rede de água,
13 eu pretendo priorizar a questão do saneamento
14 básico. qual a sua proposta, candidato?

15 Mediadora ((olhando para Meirelles)) Henrique Meirelles,
16 trinta segundos. aliás (0,5) um minuto e me:io
17 pra sua resposta

18 Meirelles ((olhando para câmera)) nós temos: hoje:: mais
19 sete mil obras paradas no Brasil, inclusive
20 muitas delas de saneamento básico. o meu projeto
21 (.) é investir, fortemente, em saneamento,
22 porque o saneamento: não é (.) tão privilegiado
23 pela maioria dos políticos, porque ele é por
24 baixo, °num é°, e ele não aparece, não é um bom
25 objeto de campanha, no entanto (0,5) pela (.)
26 minha histó:ria, pelo meu passado eu sempre vou
27 na CAUSA dos problemas. e o saneamento básico,
28 ou a ausência de saneamento básico, por exemplo,
29 apenas (.) vinte entre as cem maiores cidades
30 brasileiras <têm esgoto tratado>. isso é um
31 absurdo, porque a ausência de saneamento ou
32 ausência de- (0,5) no caso, de tratamento de
33 esgoto é a <grande fonte de doença> no Brasil.
34 não adianta falarmos de saú:de. falarmos de
35 muita coisa SE nós não formos enfrentar o
36 problema do saneamento em primeiro lugar. para
37 isso é necessário competência, para isso é
38 necessário gestão e para isso é necessário foco.
39 é necessário dar <prioridade> a isso, e não
40 apenas (.) ficar fazendo propos:tas e ações
41 demagógicas e que possam gerar notícia ou
42 aparência. como eu sempre fiz, eu vou, na raiz
43 das coisas e vamos atacar o problema de saúde
44 no [Bra]sil

45 Mediadora [ok]

46 Meirelles com saneamento.

47 Mediadora ((intercalando olhar entre próprio púlpito e
48 Alckmin)) a sua réplica Geraldo Alckmin, trinta
49 segundos.

50 Alckmin ((olhando para câmera)) ((movimento de contar

51 com os dedos)) olha, saneamento é saúde pra
 52 população, saneamento é preservação do meio
 53 ambiente, e saneamento é emprego na veia.
 54 ((cessa movimento)) porque gera muita obra e
 55 muito emprego. nós vamos investir fortemente,
 56 devolver a estados e municípios o que eles pagam
 57 de tributo federal, pra aumentar o investimento
 58 na questão do saneamento. a transposição do São
 59 Francisco, nós ajudamos no eixo leste com os
 60 equipamentos da SABESP. ((Meirelles ri)) e vou
 61 fazer a salvação do São Francisco com a
 62 recuperação do rio
 63 Mediadora ((intercalando olhar entre próprio púlpito e
 64 Meirelles)) obrigada. a tréplica, Henrique
 65 Meirelles, trinta segundos.
 66 Meirelles ((olhando para câmera)) o: programa de:
 67 transposição do São Francisco, por exemplo,
 68 ficou PARADO aí mais:: de vinte anos (.) °né°
 69 (.) ou progredi::u: muito pouco. agora (1,0)
 70 foi concluída (.) ah:::: uma- um grande trecho
 71 (.) desta transposição. eu fui lá
 72 ((inaudível)). então nós temos aqui que, de
 73 fato, dar prioridade, MOSTRAR resultado
 74 CONCRETO, ((movimenta as mãos em abre fecha
 75 perto dos ouvidos)) e não apenas (0,5) fazer
 76 PROMESSAS, porque disso o Brasil já cansou.

Fonte: Debate TV Gazeta, 2018, s. p.

Nesse confronto, Alckmin escolheu Meirelles para interagir, visando discutir a proposta do emedebista para o saneamento básico, contextualizado por Alckmin como um problema grave da população brasileira (linha 09). Meirelles, em sua resposta, amplia o tema ao falar sobre obras paradas (linhas 18-20) e como os políticos definem políticas públicas com base em critérios eleitoreiros (linhas 22-25), para, então, se contrapor, destacando seu diferencial de solucionar as causas dos problemas (linhas 26-27). O candidato do MDB não explicita claramente qual sua proposta, restringindo sua fala a reforçar a importância do saneamento, mencionando ainda o descaso dos políticos com o tema e as razões que lhe fazem diferente (competência, gestão, foco etc.), finaliza, então, provocando sobre ações demagógicas que geram notícia ou aparência (linhas 38-42) e repetindo sua ação focada na gênese dos problemas (linhas 42-43). Alckmin adota um tom semelhante ao de Meirelles, bastante genérico em relação às propostas e às críticas, amplia ainda o tema para o contexto econômico, ao associar saneamento à geração de empregos (linhas 53-55), e provoca também sutilmente o adversário,

que já fora Ministro da Fazenda, ao mencionar a devolução de impostos a estados e municípios (linhas 56-57), destacando, por fim, sua contribuição na transposição do São Francisco (linhas 58-60). Meirelles prosseguiu sua fala com esse tópico, mas diferentemente da interação analisada anteriormente em que Alckmin e Gomes dialogaram complementando suas propostas a partir do tópico levantado pelo outro, aqui a retomada é feita criticamente, pois Meirelles aponta a morosidade do projeto (linhas 66-69), continua dizendo que “agora foi concluída”, e finaliza indicando que a conclusão ocorreu apenas no governo do qual ele fez parte, enfatizando ao enunciar “eu fui lá” (linha 71), marcado por “mostrar resultado concreto” (linhas 73-74).

Categorizamos o *rapport* predominante nessa interação como orientado para a negligência, pois, embora possamos associar alguns trechos ora ao oponente, ora ao telespectador, na maior parte do discurso os candidatos elaboraram colocações mais genéricas, voltadas naturalmente para a disputa, mas cujo foco na própria face impossibilita quaisquer deslocamentos para a relação com o outro. É nessa direção que, mesmo havendo algumas provocações, elas são feitas superficialmente, impossibilitando direcioná-las efetivamente a um alvo, dado o seu teor abrangente, e, além disso, elas são pontuais nas falas dos candidatos, que se dedicaram a reforçar a importância do saneamento. Já na relação com o telespectador, não vemos nas falas de Alckmin e Meirelles uma orientação mais específica do discurso para o público, pois poucos marcadores dialogais são usados, a exemplo do nós inclusivo em “nós temos”, ocorrido logo no início da pergunta de Alckmin (linha 08) e também no início da resposta de Meirelles (linha 18). Por fim, consideramos que, pressupondo que o interesse dos eleitores é principalmente nas propostas dos candidatos, a exposição mais vaga sobre o tema também aponta para uma postura negligente em relação ao público, pois o aspecto programático foi abordado de maneira superficial por ambos os candidatos.

Por fim, discutimos uma ocorrência de confronto direto em que predominou o *rapport* de desafio, por ser o trabalho relacional direcionado primordial e ofensivamente para a face do oponente. Atribuímos a esse foco direcional a distinção, nos debates eleitorais, entre o *rapport* de negligência, em que as críticas, se presentes, são de natureza genericamente, e o *rapport* de desafio, em que a presença de ofensas é crucial e seu direcionamento é nítido. O exemplo analisado ocorreu durante o Debate Record e se constitui na interação entre Boulos e Meirelles, tendo sido esse um arranjo recorrente ao longo dos sete debates, pois o candidato do PSOL indicou mais cinco vezes Meirelles para responder aos seus questionamentos. Nesse confronto, Boulos questiona Meirelles se ele defende abordar formas de violência e preconceito a orientações sexuais e identidades de gênero, um tema sensível no contexto das eleições de 2018.

Exemplo 6.9 – Confronto direto em *rapport* de desafio

Debate Record	Bloco	2h38	Orientação do rapport para desafio	Ironia com controle emocional
Confronto direto: Boulos x Meirelles				
01	Mediadora	((olhando para Boulos))	candidato	Guilherme
02		Boulos é quem faz a pergunta, pra quem?		
03	Boulos	((olhando para mediadora))	eu vou fazer a	
04		pergunta (.) ao:: Henrique Meirelles		
05	Mediadora	°por favor°		
06	Boulos	((olhando para Meirelles))	Meirelles (.) o	
07		clima dessa eleição tá marcado por muito ódio.		
08		e (.) uma das expressões maiores do ódio nesse		
09		país é que (.) <u>todos os dias</u> morre (.) uma		
10		pessoa <LGBT> no Brasil. o Brasil é o país que		
11		mais mata (.) LGBTs <u>no mundo</u> . isso é resultado		
12		do preconceito e da <u>intolerância</u> . o que eu		
13		queria perguntar a você, Meirelles, é se você		
14		defende (.) que esse tema já seja tratado nas		
15		salas de aula, desde o início pra que a gente		
16		possa vencer o preconceito?		
17	Meirelles	((intercalando olhar entre Boulos e ponto		
18		indefinido)) sim: nós temos: que:: tratar o tema		
19		da violên::cia na sala de aula: (.) °eh° desde		
20		a violência- sim ã::: com o °LGBT °, mas também		
21		a violência (.) contra as mulheres. a violência		
22		<u>raciAL</u> e <toda a violência gratuita também>.		
23		nós temos que: estabelecer (.) a <u>segurança</u> , no		
24		Brasil, para isso (.) nós temos que não só		
25		ensinar isso na sala, mas nós temos <u>TAMBÉM</u> (.)		
26		que: estabelecer confiança na polícia. e para		
27		isso nós temos que colocar o país pra crescer,		
28		pra que as polícias tenham condições de comprar		
29		equipamento (.) comprar armamento (.) comprar		
30		viaturas (.) e:: contratar policiais. existem		
31		estados brasileiros que faz DEZ anos		
32		((direciona olhar para a câmera)) <que não		
33		contratam <u>um</u> policial>. então tudo isso vai ser		
34		resultado (.) agora (.) do nosso trabalho. os		
35		estados vão crescer, vão ter condições, de		
36		equipar (.) as suas polícias, além do mais nós		
37		vamos criar um sistema nacional de informações		
38		(.) que vai (.) coletar essas informações e (.)		
39		fornecer para as polícias, aí esse tipo de coisa		

40 vai ser resolvido. porque nós vamos saber onde
 41 está havendo a violência de gênero. onde está
 42 havendo a violência racial. onde está havendo a
 43 violência contra as mulheres. ((movimento da
 44 mão na cabeça)) violência se combate (.) com
 45 inteligência.

46 Boulos ((olhando para câmera)) olha, Meirelles, não é
 47 com polícia, me desculpe, que nós vamos resolver
 48 esse problema. eu lhe fiz essa pergunta porque
 49 sei que no seu programa (.) tem a defesa do
 50 movimento <escola sem partido>, que impede (.)
 51 que bloqueia esse debate desde cedo na sala de
 52 aula. eu vejo muita gente defendendo a família
 53 brasileira. agora, a família brasileira também
 54 é (.) a família de uma mãe solteira, com um
 55 filho criado pela tia ou pela vó. a família
 56 brasileira também pode ser uma família com dois
 57 pais (.) ou uma família com duas mães. chega de
 58 preconceito. CHEga de <lgbtfobia>, porque isso
 59 (.) só estimula o ódio. nós temos que trazer
 60 esse debate pra discutir sim (.) desde as salas
 61 de aula, e quero dizer o seguinte (.) você sabe
 62 (.) que: quando acontece ausência do debate
 63 reina o silêncio. e quando reina o silêncio, a
 64 intolerância prevalece. nós temos visto isso no
 65 país e, enquanto não se resolver, enquanto não
 66 se debater esse tema, o Brasil vai se seguir
 67 sendo o país que mais mata LGBTs no mundo.

68 Mediadora °por favor, um minuto pra tréplica°.

69 Meirelles ((olhando para ponto indefinido)) <nós (.)
 70 temos sim que estabelecer:: essa discussão com
 71 as escolas>, mas discussão nas escolas:, como
 72 eu já disse, tem que sobre toda a violência.
 73 nós não podemos a pretexto de defender um
 74 determinado grupo, por mais justa que seja essa
 75 defesa, não é possível se admitir violência por
 76 exemplo (.) contra os LGBT. MA TAMBÉM não se
 77 pode admitir (.) violência contra as mulheres.
 78 nós não podemos ignorar isso, colocar isso ã:
 79 escondido, não, nós temos que garantir, o
 80 direito a toda população (.) de viver em paz.
 81 nós temos que garantir (.) que também não haja
 82 violência de raça. não é possível por exemplo,
 83 nós temos aí perseguições raciais no Brasil,

84	<u>ainda</u> , neste momento. e nós não podemos de
85	maneira nenhuma admitir, portanto, que haja
86	< <u>nenhum tipo de discriminação</u> > e isso (.) sim
87	(.) tem que ser garantido também nas escolas.

Fonte: Debate Record, 30 set. 2018, s. p.

Apontamos que, inicialmente, a pergunta de Boulos pareceu legítima e foi respondida por Meirelles em tom propositivo, embora o emedebista tenha ampliado o tema para além da violência de gênero e orientação sexual, tematizando também outras violências (linhas 18-22). Além disso, Meirelles subverteu o questionamento de Boulos, focado em educação, para tratá-lo como uma questão de segurança pública (linha 23), e com isso alocou a discussão no campo econômico (linhas 26-36), uma área na qual Meirelles pôde desempenhar um trabalho mais positivo de sua face, demonstrando como o desenvolvimento econômico impacta a segurança pública (contratação de policiais, compra de equipamentos, armamentos etc.). Com isso também, Meirelles se esquivou da questão proposta, sobre a qual ele adotou uma postura furtiva, sinalizada pelo tom decrescente utilizado ao pronunciar a palavra LGBT (linha 20). Essa postura desconfortável se justifica na contradição de Meirelles desvelada em seguida, quando o candidato do PSOL admitiu, em sua réplica, ter perguntado sobre o tema por saber que Meirelles em seu programa de governo defende o Movimento Escola Sem Partido (linhas 48-52), que tem por pauta a proibição da abordagem de temas sociais na escola, particularmente aqueles sobre identidade de gênero e orientação sexual.

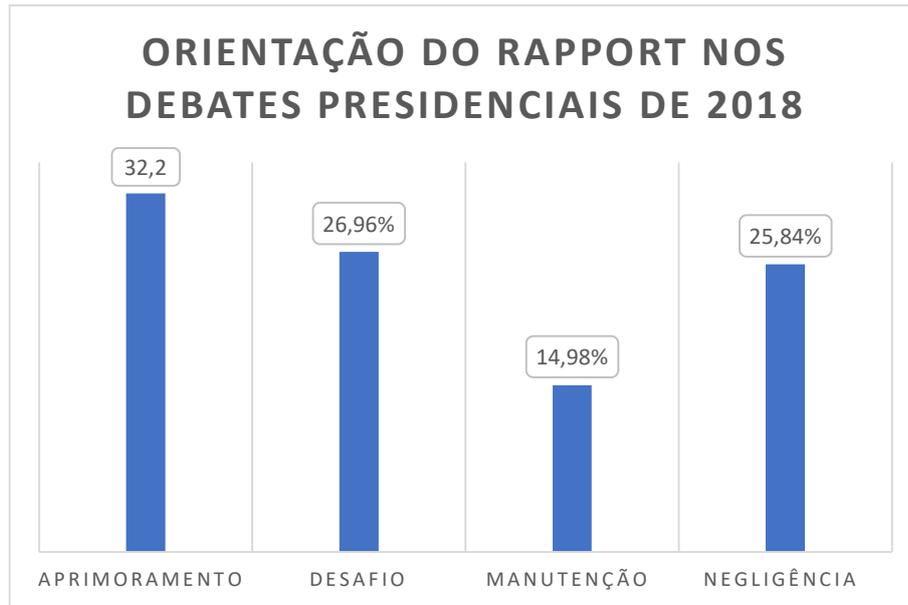
Com essa revelação, percebemos, na realidade, que Boulos perguntou fingindo ignorar para, então, desvelar o ridículo, a contradição do interlocutor, sendo seu questionamento uma pergunta irônica, nos termos aristotélicos. Boulos explicitou seu intuito para se contrapor a Meirelles sobre o papel da polícia nesse tema, utilizando um pedido de desculpas protocolar (linha 47) para atenuar o impacto ofensivo da discordância. Por fim, o candidato do PSOL dedicou o restante de sua fala para afirmar sua visão sobre o tema abordado (linhas 52-61) e argumentar especificamente sobre a importância do debate (linhas 61-64), se dirigindo, com o uso do pronome “você” a um interlocutor contextualmente indefinido, podendo tanto ser o próprio Meirelles quanto o telespectador. Na sua tréplica, de início, Meirelles reafirmou sua concordância com Boulos, mas novamente insistiu na ampliação da discussão sobre violência (linhas 69-72), tentando, assim, desfazer a contradição anteriormente apontada por Boulos; por fim, Meirelles dedica na sua tréplica mais espaço para o papel da educação nesse tipo de questão.

Em certa medida, o presente confronto direto se orientou para o desafio do *rapport*, principalmente pela linha de ação adotada por Boulos, que, desde a pergunta irônica, objetivou desvelar as contradições do emedebista, tendo sido mais enfático em sua réplica, quando explicitou tal contradição. Por outro lado, Meirelles adotou uma postura defensiva, demonstrando concordância ao final com a questão apresentada por Boulos, mas evitando afirmar ou negar sua defesa do Movimento Escola Sem Partido, num movimento evasivo. É justamente essa postura timidamente conciliatória de Meirelles que desperta interesse, por nos permitir compreender como a disputa fortemente polarizada sobre temas e valores morais esteve em jogo durante as eleições de 2018, fazendo com que candidatos considerados de centro, como Meirelles, evitassem demarcar posições vistas como inaceitáveis por determinados setores do eleitorado, fosse essa posição a defesa do Movimento Escola Sem Partido ou a defesa do combate à violência de gênero e orientação sexual.

Por fim, embora essa seja uma troca orientada para o desafio do *rapport*, é importante sinalizar para o tom ainda moderado usado por Boulos e Meirelles, estando as discordâncias, apontadas explicitamente por Boulos, localizadas no plano das propostas, e tendo-se evitado ofensas de cunho pessoal. Como veremos adiante, ao discutir as trocas em que a ironia teve maior protagonismo, o tom utilizado pelos candidatos geralmente foi mais ofensivo, confrontando os oponentes não só no campo das propostas, mas também sobre seus atributos pessoais, caracterizando tais ofensas como legítimos ataques à face.

Finalizando, destacamos como, nessa seção, pudemos descrever e analisar a organização dos debates eleitorais em trocas interacionais específicas (considerações finais, perguntas institucionais e confrontos diretos) e discutir como cada uma dessas trocas apresentou aspectos próprios para realizar os diferentes objetivos do debate eleitoral: se apresentar ao eleitor, discutir propostas e confrontar os oponentes, respectivamente. Considerando a adequação a esses objetivos e as configurações interacionais impostas aos candidatos, notamos que, de modo geral, o gerenciamento do *rapport* foi operado de modo particular em cada tipo de troca interacional, tendo prevalecido a orientação para aprimoramento nas considerações finais (Figura 6.3) e a orientação para desafio nos confrontos diretos (Figura 6.7), havendo maior equilíbrio entre as orientações do *rapport* nas perguntas institucionais (Figura 6.6). No quadro geral, os debates também pareceram se equilibrar entre *rapports* voltados para o espectro da impolidez (desafio e negligência) e aqueles voltados para o espectro da polidez (manutenção e aprimoramento), como ilustra o gráfico abaixo (Figura 6.8).

Figura 6.8 – Orientação do *rapport* nos debates presidenciais de 2018



Fonte: Elaboração própria

Assim, enquanto as orientações do espectro da impolidez estiveram presentes em 52,8% das trocas interacionais, as trocas cujos *rappports* se orientaram para o espectro da polidez totalizaram 47,2% das interações, apresentando-se proporcionalmente no panorama geral dos debates presidenciais e desafiando em certa medida o consenso de que o debate seria naturalmente conflitivo. Essas divergências entre o quadro geral do gerenciamento do *rappport* nos debates eleitorais, o panorama apresentado sobre cada troca interacional e a percepção pública do debate como conflituoso – sustentada inclusive em muitos estudos teóricos –, carecem de investigações mais aprofundadas, que reflitam como a configuração de um debate pode impactar o modo de os candidatos interagirem e por quê predomina uma visão do debate como um evento tipicamente agressivo.

7 IRONIA E EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018

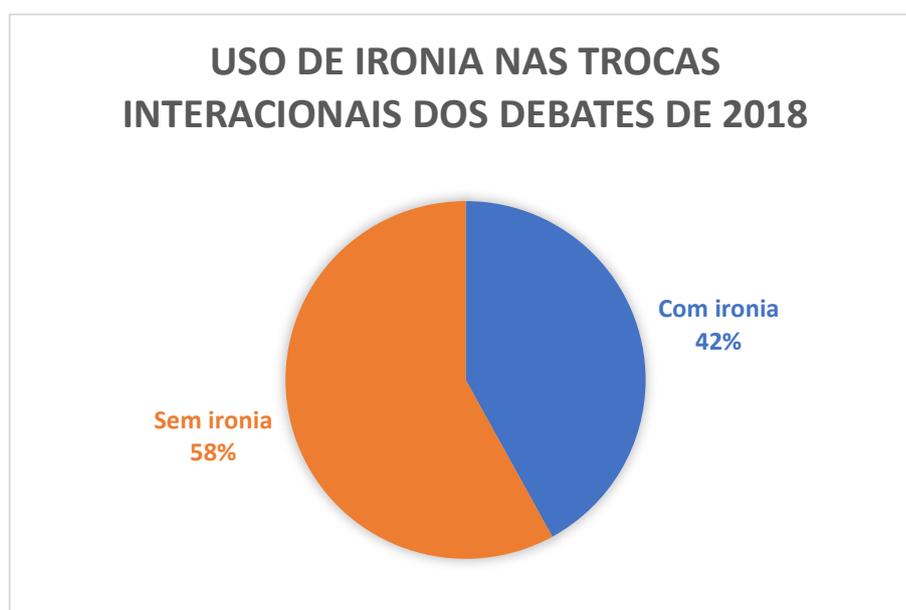
Na presente seção, apresentamos as análises sobre o fenômeno da ironia nos debates eleitorais e seus reflexos nos fenômenos de (im)polidez, articulando os dois fenômenos dentro do quadro teórico mais amplo do gerenciamento do *rapport* (Spencer-Oatey, 2005). Dessa maneira, investigamos num primeiro momento **como nas interações dos debates eleitorais de 2018 o fenômeno da ironia emerge**, indicando sua dimensão no quadro mais amplo dos debates, particularmente em relação às funções que podem ser atribuídas aos usos irônicos. Buscamos ainda observar se os usos irônicos se associaram às trocas interacionais, refletindo que tipo de relação há entre o tipo de troca interacional, o *rapport* predominante e a preferência ou não pela ironia como um recurso discursivo. Em seguida, considerando que a ironia é uma estratégia discursiva de viés crítico e, ao mesmo tempo, é também um recurso do trabalho de face, investigamos de que forma o uso de ironia em suas diversas funções influenciou a orientação do *rapport* nas trocas em que esteve presente, ou seja, que efeitos a ironia teve no trabalho relacional, no gerenciamento do *rapport* e nos episódios de (im)polidez. Por fim, analisamos de maneira interpretativa alguns funcionamentos mais amplos da ironia em relação ao gerenciamento do *rapport* e aos episódios de (im)polidez, podendo, enfim, discutir as circunstâncias contextuais que evidenciam o caráter ofensivo da ironia ou, por outro lado, as condições interacionais que possibilitam a circunlocução irônica salvaguardar a harmonia da interação.

7.1 PANORAMA DO USO DE IRONIA E SEUS EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES PRESIDENCIAIS DE 2018

Tem sido recorrente dentro dos estudos sobre a ironia considerá-la uma estratégia discursiva muito eficaz em situações que o falante considera opressoras (Chambers, 1990; Hutcheon, 2000), a exemplo de alguns momentos do debate eleitoral (Cunha; Braga, 2016; Blas-Arroyo, 2011). Isso nos permite conceber a ironia como uma das estratégias para gerenciamento de situações de conflito, sendo possível ainda associá-la de modo mais amplo a formas específicas de trabalho relacional, ou seja, ao gerenciamento do *rapport*. Considerando esses pressupostos a respeito do papel da ironia e seus efeitos de (im)polidez, um primeiro movimento da investigação foi observar em que medida a ironia foi utilizada nas trocas interacionais ocorridas durante os debates eleitorais de 2018. Dessa forma, foi possível verificar se a ironia foi um recurso discursivo produtivo para gerenciar as relações dentro desse

tipo de prática, o que, de fato, nossos dados confirmaram, pois, diante das 267 trocas interacionais ocorridas ao longo dos sete debates do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, a ironia esteve presente em 113 dessas trocas, conforme representado no gráfico a seguir (Figura 7.1).

Figura 7.1 – Uso de ironia nos encontros dos debates 2018



Fonte: Elaboração própria

Dessa maneira, essas 113 trocas interacionais que recorreram à ironia como estratégia discursiva representaram 42% dos encontros, o que nos fez considerar que, de fato, a ironia foi um recurso discursivo relevante no debate eleitoral, corroborando alguns posicionamentos comuns nos estudos (Hutcheon, 2000; Booth, 1983; Chambers, 1990) de que a ironia seria um recurso produtivo em contextos considerados desfavoráveis pelos falantes. Na sequência, tendo em vista que os debates eleitorais são práticas discursivas voltadas para o dissenso dado seu viés competitivo, julgávamos que a ironia com função ofensiva prevalecesse, mas, por outro lado, ponderávamos que a centralidade dessa prática no trabalho de face autoelogioso poderia atenuar posturas mais ostensivas, podendo, então, reduzindo os usos agressivos. Além disso, estávamos cientes do caráter multifuncional da ironia e, principalmente, da possibilidade de as funções se sobreporem umas às outras, tingindo-se e camuflando-se de acordo com as conveniências.

Dessa maneira, foi crucial observar que funções a ironia desempenhou dentro dessas trocas e, para tanto, partimos das funções propostas por Dews, Kaplan e Winner (2007), analisando as funções que a ironia teve nos enunciados em que surgiu. Ressaltamos, no entanto,

que aqui usamos o termo “enunciado” não em termos bakhtinianos, mas em termos mais lógico-formais, como “a realização de uma frase em uma determinada situação” (Maingueneau, 2020, p. 196) e ainda como “uma sentença que foi efetivamente usada por alguém em algum momento” (Goldnadel, 2019, p. 87). Relembramos a possibilidade de existir mais enunciados irônicos do que trocas interacionais irônicas, pois num mesmo turno o interlocutor pode recorrer à ironia mais de uma vez, tendo cada um desses usos seus próprios fins, recursos, alvos, teor da crítica e funções. Além disso, foi mais comum nos debates que a troca interacional envolvesse pelo menos dois interlocutores, que se alternaram na condição de falante, dessa forma, observamos mais usos de ironia do que trocas interacionais irônicas. Tendo em vista a coexistência de funções irônicas e o uso múltiplo de ironia em cada troca interacional, registramos as seguintes funções da ironia em nossos dados (Tabela 7.1):

Tabela 7.1 – Funções da ironia

Função	Ocorrências	%
Controle emocional	15	5,57%
Humor	60	22,3%
Elevação de <i>status</i>	65	24,16%
Ofensa	129	47,94%
Total	269	100%

Fonte: Elaboração própria

De fato, a ampla prevalência da função ofensiva (47,94%) presente em nossos achados corrobora a compreensão fortemente estabelecida no campo de que a ironia tem um ferrão e, por isso, é uma arma frequentemente utilizada como forma de crítica e de dissenso (Freud, 2017; Hutcheon, 2000; Brait, 2008). Atentando para a coexistência e sobreposição de diferentes funções em um só enunciado, outras funções também tiveram boa representatividade, como a função de humor e a função de elevação de *status*, o que parece sustentar outro consenso nos estudos da ironia de que, com a circunlocução irônica, busca-se mascarar o ferrão da ironia, embora ainda se pretenda que ele seja sentido, inferido. No caso do debate eleitoral, por outro lado, em que o conflito frequentemente atua estruturando o entretenimento, esperávamos que maior expressão da função do humor, pois julgamos ser pertinente que os candidatos possam parecer mais simpáticos ao público, o que seria possível com o uso da ironia sobrepondo um teor humorístico à ofensa latente, mitigando, assim, eventual tom agressivo.

Contudo, no nosso levantamento, o humor surgiu como a terceira função mais recorrente, sendo a função de elevação de *status* a segunda mais usual, o que, na nossa visão, pode se justificar pela centralidade da face nas atividades discursivas políticas. Enquanto grande

parte da comunicação política pode ser planejada previamente e permite aos políticos orientar sua face prioritariamente aos eleitores, focando quase exclusivamente uma imagem positiva de si e de suas propostas, o debate eleitoral, ao promover a interação entre candidatos em disputa, constrói um ambiente interacional pautado por desafios e ataques mútuos, colocando a face no centro das interações, mas como aspecto a ser atacado e defendido concomitantemente. Dessa maneira, a circunlocução da ironia permite que os candidatos formulem uma crítica aos opositores, rebaixando-os, mas sua estrutura relacional e inclusiva possibilita, ao mesmo tempo, que o ironista, com essa crítica, reivindique para si mesmo as características positivas ausentes no oponente, elevando seu próprio *status*.

Por fim, destacamos como a função de controle emocional foi minoritária, o que consideramos corroborar a compreensão (Hutcheon, 2000, p. 69) de que a indiferença na ironia é apenas aparente e de que, no uso irônico, há um envolvimento afetivo significativo, por parte tanto do ironista quanto do alvo da crítica irônica, de forma que o controle emocional não parece ser um funcionamento central no uso da ironia nos debates eleitorais. Por outro lado, ponderamos para os limites desses achados, visto que eles procedem de nossas análises dos debates presidenciais de 2018 e são, portanto, representações específicas do funcionamento da ironia. Dessa maneira, investigações sobre usos e funções de ironia em outros tipos de interações podem identificar arranjos distintos daqueles apresentados aqui, o que demonstra a relevância de mais pesquisas sobre a ironia em atividades discursivas diversas.

Para os nossos objetivos, essas descobertas demonstraram a relevância de examinar se aspectos interacionais dos debates analisados poderiam interferir no uso e funcionamento da ironia, detalhando quais e como ocorreria essa influência e buscando justificativas para tais especificidades. Optamos, dessa forma, por investigar inicialmente se haveria alguma correlação entre as ocorrências de ironia e a organização interacional dos debates, baseando-nos, para tanto, nas trocas interacionais típicas dos debates analisados: confrontos diretos, considerações finais e perguntas institucionais, como discutidas anteriormente (sexta seção), e resultando nos dados abaixo (Tabela 7.2):

Tabela 7.2 – Distribuição das ocorrências de ironia por troca interacional

Troca interacional	Interações irônicas	%
Confronto direto	80	70,79%
Considerações finais	11	9,73%
Perguntas institucionais	22	19,46%
Total	113	100%

Fonte: Elaboração própria

Nessa associação entre as ocorrências de ironia e os esquemas interacionais, percebemos uma propensão para maior uso de ironia no esquema interacional confronto direto, notando ainda que se recorreu mais à ironia nas perguntas institucionais do que nas considerações finais. Uma primeira correlação possível a partir desses dados quantitativos foi que a ironia ocorreu, sobretudo, em trocas interacionais do tipo confronto direto e desempenhou primordialmente a função ofensiva. Podemos, então, apontar que um primeiro achado da nossa análise é que há uma conexão entre o uso de ironia e os confrontos diretos, o que ampara a posição predominante no campo de que a ironia atuaria em potenciais situações de conflito, embora informe pouco sobre os termos dessa atuação, ou seja, se atenuaria ou acentuaria o conflito emergente. Buscando, então, elucidar como a ironia atua diante desses conflitos potenciais, observamos a proporção das interações irônicas em relação às quatro orientações de *rapport* propostas por Spencer-Oatey, para aprofundar a reflexão sobre a relação da ironia com a (im)polidez, cujos resultados apresentamos a seguir (Tabela 7.3):

Tabela 7.3 – Ocorrências de interações irônicas por orientação do *rapport*

Orientação do <i>rapport</i>	Interações irônicas	%
Desafio	52	46,01%
Negligência	32	28,31%
Manutenção	13	11,50%
Aprimoramento	16	14,15%
Total	113	100%

Fonte: Elaboração própria

A partir desses dados, vemos que os *rapports* de desafio (46,01%) e negligência (28,31%) foram preponderantes entre as interações irônicas, fazendo com que novamente o uso de ironia esteja associado a interações propensas à impolidez. Esse resultado era, em certa medida, esperado, tendo em vista que os achados anteriores sobre a ironia apontaram que ela desempenhou principalmente uma função ofensiva (Tabela 7.1) e que ela ocorreu principalmente na troca interacional confronto direto (Tabela 7.2), inclinado, por sua vez, à orientação do *rapport* para o desafio (Figura 6.7), o que demonstra, por fim, a consistência entre esses indicadores. Por fim, outra compatibilidade entre os dados gerais e os dados sobre ironia pode ser observada na semelhança entre a distribuição do uso de ironia nas diferentes trocas interacionais (Tabela 7.2) e a distribuição das orientações do *rapport* nas diferentes trocas interacionais (Figuras 6.7, 6.6 e 6.3), em que os confrontos diretos se destacaram como as

interações mais irônicas e desafiadoras, seguindo-se as perguntas institucionais e, por fim, as considerações finais.

Por essa razão, as interações irônicas foram majoritariamente orientadas para o desafio e a negligência do *rapport* e as funções da ironia que predominaram nos dados foram a da ofensa e da elevação de *status*, ambas fortemente associadas à natureza crítica da ironia e à centralidade do trabalho de face no debate eleitoral, confirmando, assim, a importância da ironia como uma estratégia de (im)polidez nos debates eleitorais, o que torna relevante elucidar os meandros de seu funcionamento interacionalmente. Ainda assim, permanece em aberto nessa abordagem mais ampla se a ironia consegue mitigar a ofensa constitutiva de sua natureza crítica, e, buscando elucidar esse ponto, propomos a seguir análises pormenorizadas, com foco qualitativo e interpretativo.

7.2 FUNÇÕES DA IRONIA NO GERENCIAMENTO DO *RAPPORT* E SEUS EFEITOS DE (IM)POLIDEZ NOS DEBATES ELEITORAIS

Como já dito reiteradamente, as primeiras referências à ironia nos estudos de polidez abordam o fenômeno principalmente como uma estratégia de polidez, o que, como vimos, contradiz a ampla tradição teórica sobre a ironia. Nossa posição, como tem sido construída ao longo de trabalho, é de que a ironia sempre tem um viés crítico e, como tal, é potencialmente uma catalisadora de conflito (Marques; Barros; Costa, 2015) e, conseqüentemente, de impolidez. Por outro lado, concordamos, em parte, com Brown e Levinson e Leech que o uso da ironia como uma estratégia de crítica pode sim suavizar o teor ofensivo da crítica, pois a ironia permite que a crítica seja cancelável (Tselika, 2015), dada sua significação através de implicatura, e possibilita que à crítica se sobreponham outras funções, como o humor e o controle emocional (Dews; Kaplan; Winner, 2007).

Dessa forma, pressupondo que a ironia é sempre crítica e teria, assim, um potencial conflituoso, poderíamos concluir que a função da ofensa seria uma constante nas ocorrências irônicas, no entanto, como temos visto, as outras funções podem se sobrepor, permitindo que a estratégia irônica não desencadeie conflito necessariamente. Por outro lado, dada a natureza conflituosa do debate eleitoral, no nosso *corpus*, de fato, as ocorrências de ironia foram frequentemente associadas à função da ofensa e, além disso, as interações que fizeram uso de ironia foram fortemente orientadas para o conflito, principalmente para o desafio do *rapport*. Assim, propomos a seguir analisar como a ironia, em suas variadas funções, contribui para que

os candidatos gerenciem o *rapport* do modo mais conveniente. Para tanto, objetivamos, tanto quanto possível, observar a relação das quatro funções propostas na literatura (Dews; Kaplan; Winner, 2007) com as quatro orientações do *rapport* propostas por Spencer-Oatey (2005), tentando compreender como, de fato, a ironia atuou no gerenciamento do *rapport* e, de maneira mais ampla, no trabalho relacional.

7.2.1 Ironia com função de controle emocional

No contexto político de modo geral, e no debate de forma particular, é comum que os agentes políticos encarem situações complexas, precisando lidar com uma audiência mais ampla, inclusive, o contraditório, o que pode colocá-los sob tensão (Tracy, 2017). Dessa maneira, o controle emocional se torna necessário, para justamente conter eventuais excessos e gerenciar as tensões já postas, evitando que elas levem a conflitos exacerbados. Como já dito, a ironia, por sua circunlocução, seu caráter fugidio, possibilita ao ironista expressar suas posições de maneira hábil, principalmente por mascarar certas emoções, razão pela qual se atribui à ironia uma função de controle emocional.

Por outro lado, ponderamos que a noção de controle emocional está circunscrita às regularidades e expectativas comportamentais e interacionais da prática discursiva em que emerge, o que no nosso caso é o debate presidencial. Nessa direção, considerando o controle emocional como uma supressão da expressão de emoções (Batista; Noronha, 2018), é necessário que haja uma expectativa comportamental de que certos aspectos da interação incidam sobre os participantes e lhes acarretem certas emoções, as quais seriam genuinamente manifestadas (Pavarini; Loureiro; Souza, 2011). No entanto, no uso da ironia para controle emocional, esses participantes optam por conter a expressão dessas emoções, recorrendo à dissimulação irônica com o objetivo de se protegerem ao se mostrarem impassíveis, embora também sugiram implicitamente reação aos fatos desagradáveis. Dessa maneira, as crenças sobre a expressão de emoção podem variar em função das especificidades do trabalho relacional envolvido em cada interação particular, como veremos a seguir ao analisar ocorrências de ironia em interações em três diferentes *rapports*, pois não registramos nenhuma ocorrência de ironia com função de controle emocional em *rapport* orientado para a manutenção.

7.2.1.1 Em *rapport* de aprimoramento

Embora nas interações em que predominou a orientação do *rapport* para o aprimoramento a ironia tenha sido menos frequente, é interessante compreender como esse recurso surgiu e que funções ele pôde desempenhar na construção de uma relação mais

harmoniosa entre os participantes. No caso específico dos usos de ironia com função de controle emocional, esperava-se que, através da ironia, o político pudesse externar sua posição crítica de maneira mais sóbria do que uma expressão mais direta, alcançando, portanto, um efeito de controle sobre as próprias emoções.

Dentro do nosso corpus, registramos uma única ocorrência de ironia com função de controle emocional e cuja troca interacional esteve orientada para o aprimoramento, sendo essa ocorrência do tipo **considerações finais**. Nesse sentido, convém lembrar que nas considerações finais, como vimos, os candidatos buscam estabelecer uma relação direta com a audiência e sua fala foi comumente direcionada para o telespectador/eleitor, com quem se buscou, portanto, estabelecer uma relação harmoniosa. Por essa razão, foi incomum, como discutido anteriormente (sexta seção), ocorrências de ironia nesse tipo de troca interacional, se restringindo, inclusive, a ocorrências pontuais, como ilustra o exemplo discutido a seguir (Exemplo 7.1).

Exemplo 7.1 – Função de controle emocional em *rapport* para aprimoramento

Debate Band	Bloco 4	3h44	Orientação do rapport para aprimoramento	Ironia: controle emocional
Considerações finais: Dias				
01	Dias	((olhando para câmera))	antes na (.)	nota de
02			rodapé, dizer que vamos acabar sim (.)	com <u>todos</u>
03			<u>os privilégios</u> das autoridades e <com segurança	
04			(.) o juiz Sergio Moro (.) estará ao nosso lado	
05			apoiando>. tenho certeza que ele apoiará o fim:	
06			de todos os privilégios das autoridades. mais	
07			importante do que um candidato possa dizer	
08			durante a campanha, é o que ele foi, o que ele	
09			fez, como fez:, se é passado limpo, se tem	
10			experiência administrativa (0,5) e <u>que</u>	
11			<u>experiência administrativa teve</u> . se eu falo,	
12			que vou promover reformas, refundando a	
13			república, é preciso apresentar as credenciais.	
14			eu fui governador e fiz reformas. esta casa me	
15			inspira (.) João Emilio Betin saudoso dizia ao	
16			final do meu governo. apenas um estado	
17			brasileiro, apenas um, termina o mandato com	
18			superávit, dinheiro em caixa e um grande	
19			programa de obras realizados. <um milagre>	
20			operado por um par de santos. reforma	
21			administrativa e saneamento financeiro. Paraná	
22			demonstra que a administração pública no Brasil	

23	ainda é viável. temos esse plano de metas. Paulo
24	Rabelo, economista do ano (.) e eu temos esse
25	plano de metas, mas ele não se concretizará com
26	esse blábláblá, por isso eu repito, vou repetir
27	sempre, abra o olho, Brasil. é preciso mudar
28	esse sistema corrupto e incompetente, pra mudar
29	o Brasil, e eu lembro Raul Seixas, tenha fé na
30	vida, tenha fé em deus, tente outra vez, vamos
31	tentar (.) outra vez.

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Nesse exemplo, Dias utilizou logo o início de suas considerações finais (linhas 01-06) para se defender de crítica feita anteriormente, nesse mesmo debate, por Gomes ao então juiz Sérgio Moro, figura com quem Dias se associou frequentemente durante os debates presidenciais de 2018. O comentário de Gomes surgiu durante uma pergunta institucional em que Gomes foi indicado para responder, em dois turnos, e Dias foi indicado para comentar, em um turno, tendo como tema da pergunta os altos salários de setores do funcionalismo público. Gomes, em sua resposta inicial, e Dias, em seu comentário, mantiveram uma relação harmoniosa, criticando ambos os privilégios do alto escalão, ainda que Dias tem focado principalmente a classe política. Contudo, na sua tréplica, Gomes redirecionou o tom da troca ao se dirigir diretamente a Dias dizendo:

Meu caro governador, Álvaro Dias, só para fazer uma notinha de rodapé, o eminente juiz Sérgio Moro, que tem prestado sem dúvida um bom serviço ao país, recebe o auxílio-moradia sendo proprietário de um apartamento em Curitiba e sua esposa também, consta. Só para a gente ter clareza. (Debate Band, 09 ago. 2018, 3h06)

Nesse comentário, denominado pelo próprio Gomes de “notinha de rodapé”, o candidato do PDT apresenta fatos que se contrapõem ao discurso, sustentado pelos dois, de ‘cortar privilégios das autoridades’ e o faz recorrendo a um uso do diminutivo (notinha), que num tom eufêmico, inadequado ao contexto, estrutura um sentido irônico. Além disso, a figura tomada como exemplo de contradição é Moro, de quem Dias procurou se aproximar durante os debates; nessa direção, consideramos que a ‘notinha de rodapé’ de Gomes teve de fato um propósito crítico e se construiu a partir de estratégias irônicas, seja por mostrar a incongruência entre esses fatos (a conduta de Moro e a postura de Dias), seja por descortinar a ingenuidade do candidato do Podemos em se associar a alguém cuja prática é reprovável.

Visto que Dias não tinha direito a novo comentário, restou-lhe retrucar a essa provocação de Gomes na sua próxima contribuição, que ocorreu apenas nas considerações

finais, assim, ao retomar esse tópico, Dias destoou em certa medida dos temas convencionalmente presentes nas considerações finais. Essa sua postura desviante, inclusive, corrobora nossa compreensão de que a fala de Gomes foi compreendida por Dias como teve irônica, principalmente porque, na sua colocação, o candidato do Podemos se posicionou frente à fala do pedetista, fazendo, inclusive, uso da menção ecoante “Antes na nota de rodapé dizer”. Essa menção possibilita também conectar as falas de Dias e Gomes, reestabelecer uma progressão temática e, principalmente, delimitar Gomes como o destinatário desse comentário, com quem se estabeleceu nesse momento uma relação conflitante. Contudo, o candidato do Podemos optou por satirizar o comentário de Gomes e, justamente por explorar a natureza indireta e espirituosa da ironia, consideramos que a crítica de Dias teve em geral “um impacto menos negativo do que a linguagem literal”¹⁸² (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 305-306), pois indiretividade e espirituosidade são “duas qualidades que as pessoas provavelmente não transmitem quando estão emocionalmente perturbadas”¹⁸³ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 306).

Dessa maneira, Dias utilizou a ironia para demonstrar controle emocional, e consideramos que foi fundamental para essa decisão o fato de sua fala ocorrer nas considerações finais, em que, como discutido na sexta seção, os candidatos priorizam se dirigir ao público telespectador, sendo comum e esperado que o *rapport* fosse orientado para o aprimoramento. De fato, após esse comentário irônico inicial, Dias se dedicou a aprimorar sua relação com o eleitor, ao demonstrar seus diferenciais como governante, num claro movimento de dar a face a si mesmo, e ao apoiar o eleitor, alertando-o e encorajando-o sobre o processo eleitoral.

7.2.1.2 Em *rapport* de desafio em confronto direto

Até mesmo pela natureza crítica da ironia, a orientação do *rapport* para o desafio predominou nas interações irônicas, sendo majoritária em todas as funções da ironia. Contudo, a sua proporção no caso das ironias com função de controle emocional foi mais expressiva, assim, enquanto nas demais funções o *rapport* de desafio correspondeu em torno de 50% das ocorrências, no caso da ironia como controle emocional essa porcentagem chegou a 84%, concentrando-se particularmente nas trocas interacionais do tipo confronto direto. Por outro lado, diferentemente do ocorrido na função de controle emocional no *rapport* de

¹⁸² No original: “Though criticism in general may have a negative effect on the speaker–addressee relationship, irony should have a less negative impact than literal language because the speaker has “muted” the criticism, made light of the situation, and remained in control” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 305-306).

¹⁸³ No original: “because irony is both indirect and witty – two qualities that people are unlikely to convey when emotionally distraught” (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 306).

aprimoramento, a ironia não foi usada aqui para harmonizar a relação entre os participantes. Julgamos que o tipo de troca interacional confronto direto contribuiu para esse uso desafiador, pois a interação envolveu o oponente, o que tornou o conflito mais válido. Além disso, o papel da audiência no confronto direto é, de fato, de um espectador, que assiste a um espetáculo entre os competidores (Martino; Marques, 2022). Nesse contexto, convém investigar que efeito de controle emocional a ironia promoveu num contexto orientado para o desafio do *rapport* e, para tanto, analisamos duas interações, sendo uma de confronto direto e, a seguir, na subseção 7.2.1.2, a outra de pergunta institucional.

O primeiro exemplo analisado (Exemplo 7.2) é uma ocorrência retirada também do Debate Band, envolvendo os candidatos Boulos, do PSOL, e Bolsonaro, então do PSL, e representa um caso típico de confronto direto, pois os dois candidatos interagem de modo bastante ofensivo, abordam tópicos desagradáveis uns para os outros e o fazem de maneira consciente e deliberada. Dessa forma, poderemos a partir desse exemplo observar especificamente como a função de controle emocional atua num ambiente carregado de tensão, como veremos com o exemplo a seguir.

Exemplo 7.2 – Função de controle emocional em *rapport* para desafio

Debate Band	Bloco 1	0h56	Orientação do <i>rapport</i> para desafio	Ironia: controle emocional
Confronto direto: Boulos x Bolsonaro				
01	Boulos	((olhando para mediador))	eu vou perguntar	
02			para o Jair Bolsonaro	
03	Mediador		pois não, sua pergunta	
04	Boulos	((olhando para Bolsonaro))	deputado Bolsonaro.	
05			o Brasil todo sabe que você é racista,	
06			machista, homofóbico. mas tem coisa que muita	
07			gente não sabe. você em vinte e sete anos como	
08			deputado ficou dez anos no partido do Paulo	
09			Maluf. tem mordomias, recebeu auxílio moradia	
10			tendo casa, comprou <u>cinco</u> imóveis (.) fez da	
11			política um <u>negócio em família</u> , com um <u>MONte</u>	
12			de filho também no mesmo esquema que você.	
13			Bolsonaro, queria saber uma coisa, e acho que	
14			é importante que o Brasil saiba, ((olha	
15			rapidamente para câmera)) QUEM É A VAL,	
16			Bolsonaro?	
17	Bolsonaro	((rindo))	eu pensei que viesse discutir	

18 política nacional aqui hh (.) a senhora Val, a
19 senhora Valderice (.) ((alternando olhar entre
20 plateia e câmera)) é uma funcionária minha,
21 que mora em Angra dos reis, ganha dois mil por
22 mês. quando a Folha de São Paulo foi lá: e não
23 achou (.) botou manchete no dia seguinte que
24 ela estaria lá fantasma. >só que em boletim
25 administrativo da câmara de deputados<, de
26 dezembro, ela estava de férias, <do final de
27 dezembro até o final de janeiro>. a Val é essa
28 senhora: humilde: trabalhadora: numa vila
29 histórica de Mambucaba, de pessoas pobres,
30 humildes: mas trabalhadores (.) e essa senhora
31 <sempre prestou um serviço a mim naquele local,
32 LONGE>, não é Angra dos reis (.) chama-se vila
33 histórica de Angra dos reis. ((rindo)) no
34 tocante a patrimônios (.) o ministério público
35 já me vi- investigou, revirou a minha vida de
36 perna pro ar, inclusive o senhor Janot declarou
37 que todos os meus imóveis são compatíveis.
38 quanto a filhos, eu tenho MORal para indicar
39 filho meu e o povo acredita em mim e vota
40 neles, e os meus filhos fazem um trabalho <a
41 contente na política> (.) nunca estive metido
42 no <poder executivo>. nunca fui ministr-
43 ministro, secretário, sou uma pessoa que
44 exatamente humilde, como outra qualquer, e me
45 Orgulho (.) SIM da minha honestidade e não dos
46 atos de invadir propriedade privada dos outros
47 que trabalhou E suou MUITO para conseguir
48 aquele patrimônio e vai: uns (.) desocupados
49 invadir e levar terror: na cidade.

50 Boulos ((olhando para câmera)) olha, é:: Bolsonaro
51 esqueceu de dizer algumas coisas a respeito da
52 VAL (.) né? a Val é funcionária fantasma do
53 gabinete dele (.) que junto com o marido dela,
54 Edenilson, tem a responsabilidade de cuidar
55 dos cachorros do Bolsonaro numa das casas dele,
56 em Angra dos Reis. agora o problema não é a
57 Val, °né?° a Val é Vítima de políticos como o
58 Bolsonaro, que vendem essa ideia de que

59 ((burlesco)) vão acabar:: com tudo que tá Aí,
60 com essa bandalheira, e é farinha do mesmo
61 SACO. o Bolsonaro representa a velha política
62 corrupta, as velhas práticas. recebeu auxílio
63 moradia tendo casa, aliás tem a proeza de (.)
64 em vinte e sete anos aprovou dois projetos e
65 conseguiu comprar cinco imóveis. mais imóveis
66 do que projetos. ((intercala olhar entre
67 Bolsonaro e câmera)) °você não tem vergonha
68 Bolsonaro?° veja, <auxílio moradia> com seis
69 milhões de famílias sem casa no Brasil? cê não
70 tem vergonha disso?

71 Bolsonaro ((olhar difuso)) eu teria vergonha se tivesse
72 invadindo casa: (.) dos OUTROS, né. auxílio
73 moradia tá previsto em lei, se é imoral é outra
74 história. ((cerra olhos)) IMORAL? É você fazer
75 o que você faz, agora eu não vim aqui,
76 desculpa, aqui, pra bater boca com um cidadão:
77 des- desqualificado como esse aí, brigado,
78 Boechat, pode passar pra (.) outra pergunta aí

79 Mediador ((olhando para lados)) o candidato Bolsonaro
80 abriu mão do seu tempo, parte dele. ehh: na
81 sequência de acordo como sorteio prévio quem
82 pergunta é o candidato Ciro Gomes

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s.p.

Como dito, nesse confronto direto, Boulos e Bolsonaro estabelecem uma relação pautada primordialmente pelo desafio, com afirmações, referências e vocativos negativos personalizados (linhas 05-09 e 75-77), perguntas e pressuposições desagradáveis (linhas 13-16; 67-70), críticas acentuadas (linhas 61-62 e 74-75) e até mesmo dispensa (linhas 75-76). Em vista desse panorama, o uso de ironia teve como função principal a ofensa, através da pergunta irônica (linhas 15-16 e 67-70), da ironia circunstancial (linhas 17-18), da incongruência irônica (linhas 44-47 e 71-72) ou da inadequação do registro (linhas 50-52). Isto posto, à função ofensiva, outras funções se sobrepuseram, a exemplo do humor na ocorrência das linhas 50 a 52, em que Boulos, ao atribuir a omissão de Bolsonaro a um esquecimento, faz um uso irônico da máxima de tato (Minimize o custo para outro). Contudo, dado o contexto conflituoso, o uso de polidez ao sinalizar a ausência de resposta parece excessivo (Tselika, 2015), assim, o viés crítico e o objetivo de Boulos de ofender Bolsonaro sobressaem; por fim, é a incongruência

entre registro polido e a intenção ofensiva que torna o comentário do candidato do PSOL também risível.

Nessa interação em particular, interessa-nos como a ironia atua para estabelecer o controle emocional, o que pode ser observado na primeira frase de Bolsonaro, nas linhas 17 e 18, quando ele rebateu a sequência de ofensas de Boulos destacando sua expectativa de “discutir política nacional aqui” (linhas 17-18). Isso porque Bolsonaro expôs sua expectativa com o suporte de um verbo no passado (pensei), a partir do qual é possível implicar, primeiro, que sua expectativa foi frustrada pela discussão proposta por Boulos e, depois, que Boulos teria um comportamento incompatível com as normas sociais do debate. No entanto, é bom ressaltar que o comportamento de Boulos não fez nenhuma menção à discussão de política nacional, o que não invalida a crítica indireta de Bolsonaro, pois, como nos lembra Culpeper, Haugh e Sinkeviciute, 2017, “o pensamento atribuído que é ecoado não precisa ter sido proferido nas declarações imediatamente anteriores”¹⁸⁴ (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 328), podendo ecoar alguma expectativa, à qual, no caso, Bolsonaro recorreu para formular sua ofensa indireta, ou seja, irônica, com a qual buscou demonstrar o ridículo das colocações de Boulos diante das circunstâncias.

O candidato do PSL pôde ainda demonstrar controle emocional, ao não reagir de maneira direta à sequência de ofensas proferidas anteriormente por Boulos, pois, enfatizando sua expectativa de “discutir política nacional”, Bolsonaro “abafou’ a crítica, menosprezou a situação (ofensiva) e permaneceu no controle”¹⁸⁵ (Dews; Kaplan; Winner, 2007, p. 305-306 – parênteses nossos). Outros elementos corroboram essa demonstração de controle emocional por Bolsonaro, como a explicação à pergunta de Boulos, realizada com riqueza de detalhe, e sua defesa ponto a ponto às ofensas feitas contra ele. Consideramos que esse controle emocional parece estratégico, particularmente para a autoimagem que Bolsonaro busca construir, trabalhada, inclusive, no trecho entre as linhas 33 e 45, quando o candidato se autoelogia. É também essa preocupação que motivou o candidato a adotar no final de sua fala um tom mais ofensivo, pois, ao insinuar que Boulos invade propriedades privadas, Bolsonaro também abordou e marcou sua posição sobre um tema relevante para seu eleitorado.

¹⁸⁴ No original: “Note that the attributed thought that is echoed need not have been uttered in the immediately preceding utterances, but could be unexpressed” (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017, p. 328).

¹⁸⁵ No original: “Though criticism in general may have a negative effect on the speaker–addressee relationship, irony should have a less negative impact than literal language because the speaker has “muted” the criticism, made light of the situation, and remained in control” (Dews; Kaplan; Winner, 2005, p. 305-306).

Contudo, apesar dessa tentativa de controle emocional, pode-se observar através de recursos verbais e não verbais como Bolsonaro é afetado pelos comentários ofensivos de Boulos, mas não o contrário. Isso porque o candidato do PSL lidera as pesquisas e, portanto, corre riscos eleitorais diante dessas críticas. No grupo de imagens abaixo (Figuras 7.2 a 7.6), vemos alguns indicativos dessa afetação e apresentamos, a seguir, tais sinais a partir de sua ordem cronológica, disponibilizando-os na sequência em que ocorreram.

Figura 7.2 – Reações corporais de Bolsonaro enquanto Boulos pergunta



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 0h57m16s.

Figura 7.3 – Reações corporais de Bolsonaro início de resposta



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 0h57m26s.

Figura 7.4 – Reações corporais de Bolsonaro fim de resposta



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 0h58m41s.

Inicialmente (na Figura 7.2), enquanto Boulos tecia as críticas (linhas 04-16), percebemos os olhos de Bolsonaro em uma expressão opaca e seus lábios cerrados, o que de acordo com Weil e Tompakow (2015, p. 47-48) seriam expressões corporais associadas a tristeza e insatisfação. Em seguida (Figura 7.3), em seu turno de resposta, Bolsonaro iniciou já expressando verbal e ironicamente essa insatisfação (linhas 17-18), já antecipada pelos sinais corporais, e o fez com o suporte de riso, o que suavizaria o teor crítico. Contudo, ao final da frase foi possível ouvir uma expiração (linha 18), que pôde ser compreendida como um índice da tensão mascarada (Weil; Tompakow, 2015, p. 32), principalmente pela conjunção com as outras pistas. Assim, Bolsonaro continuou sua fala contrapondo pausadamente os pontos levantados por Boulos, com movimentos do corpo bastante equilibrados, apesar dos gaguejos nas linhas 35, 42 e 77. Já, no fim de seu tempo de resposta, o então deputado fez uma pressuposição desagradável de que Boulos invadiria propriedades privadas, apresentando uma expressão cerrada dos olhos e testa franzida (Figura 7.4), sugerindo certa tensão nessa observação (Weil; Tompakow, 2015, p. 49).

Após a réplica, em que Boulos ridicularizou algumas posturas de Bolsonaro e o confrontou sobre o uso de auxílio moradia (linhas 68-70), Bolsonaro fez uma crítica indireta ao afirmar que teria vergonha de “invadir casa dos outros” (linhas 71-72), marcada novamente por emoção, como discutimos nas imagens a seguir (Figuras 7.5 e 7.6)

Figura 7.5 – Reações corporais de Bolsonaro início da tréplica



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 0h59m41s.

Diferente dos momentos anteriores, aqui Bolsonaro apresentou mais segurança, tanto por veicular logo de início sua crítica a Boulos quanto por externar satisfação com os olhos mais abertos (Weil; Tompakow, 2015, p. 47) direcionados para a plateia do estúdio. Atribuimos essa postura mais segura ao fato de o tópico da interação ter sido redirecionado de “funcionário fantasma” para “propriedade privada”, o que seria menos incômodo para o candidato do PSL, que finalizou esse tema reafirmando a legalidade de sua conduta (de usar auxílio moradia sendo proprietário de cinco imóveis). Dessa maneira, Bolsonaro abreviou seu discurso, atribuindo diretamente a Boulos uma conduta imoral (linha 74) e o ofendendo de “cidadão desqualificado” (linhas 76-77), e enunciou essas ofensas posicionando o corpo na direção de Boulos, com lábios arqueados para baixo e cerrando os olhos, o que são indicativos de tensão (Weil; Tompakow, 2015, p. 49), como mostra a imagem a seguir (Figura 7.6).

Figura 7.6 – Reações corporais de Bolsonaro fim da tréplica



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 0h59h46s.

Além desses sinais, vemos outra mudança corporal em Bolsonaro, apresentando as costas mais encurvadas do que nos momentos anteriores e seu pescoço encolhido sobre os ombros. A conjunção desses sinais (boca, olhos, posição das costas e direcionamento do corpo) demonstra como Bolsonaro estava insatisfeito e tenso com a situação e adotou uma postura mais agressiva (Weil; Tompakow, 2015, p. 49), finalizando com a dispensa a Boulos. Como essa recusa representa também uma quebra das expectativas interacionais do debate eleitoral, podendo afetar negativamente o *rapport* com os demais envolvidos na interação, o candidato do PSL se desculpou ao mediador, buscando reparar com ele, enquanto representante institucional, essa ruptura interacional, o que indica que ele esteve consciente de que essa ação poderia soar uma negligência ou até mesmo um desafio de sua relação com o telespectador (Spencer-Oatey, 2005).

Sobre o uso de ironia nessa interação, concluímos que a pergunta irônica feita por Boulos de fato afetou Bolsonaro, que recorreu também à ironia, no início de sua resposta, para criticar Boulos de maneira mais comedida, demonstrando maior controle emocional. Esse efeito também ocorreu com as críticas de Boulos, que, ora marcadas pela pergunta irônica, buscando descortinar o ridículo do oponente, ora marcadas pela abordagem cômica de questões graves, como baixa produtividade e privilégios parlamentares, foram tingidas de outras funções, como o humor e o controle emocional, se tornando, então, mais apazíveis para o espetáculo midiático que é o debate eleitoral. No entanto, nas suas colocações finais, Bolsonaro prescindiu do uso de ironia e fez os ataques a Boulos de maneira mais direta, usando inclusive pronome de segunda

pessoa, o que dotou sua última fala de maior tensão, o que pôde ser notado em sua linguagem corporal. Isso nos leva a compreender que a ironia, ao mesmo tempo que desperta emoções, principalmente negativas, pode auxiliar quem a usa a lidar com situações desagradáveis de maneira mais equilibrada, pelo menos aparentemente.

7.2.1.3 Em *rapport* de desafio em perguntas institucionais

Diante da ausência da função de controle emocional no *rapport* de manutenção, decidimos discutir outra ocorrência dessa função da ironia em *rapport* de desafio, alterando, dessa vez, o tipo de troca interacional, a fim de refletir se a alteração da troca interacional acarretaria mudanças significativas para o uso de ironia. Assim, como visto na sexta seção, confrontos diretos e perguntas institucionais compartilham algumas semelhanças estruturais, como sequência de pergunta, resposta, réplica e tréplica. No entanto, vimos que o fato de as perguntas serem feitas por atores institucionais, considerados representantes do eleitor, modificou consideravelmente o modo como os candidatos conduziram essa troca interacional, que adotaram, muitas vezes, uma postura mais harmoniosa, o que nos leva a compreender que, em certos momentos, o *rapport* nas perguntas institucionais estaria orientado preferencialmente para o eleitor. Assim, analisamos a seguir outra ocorrência irônica com função de controle emocional e em *rapport* de desafio, buscando observar se a ironia, reconhecida como um recurso interessante para gerenciar duplamente a interação, permitiu, por um lado, comunicar certas críticas, mas, por outro, fazê-las indiretamente, tornando-as mais comedidas e, até mesmo, espirituosas.

Discutimos esses aspectos a partir de uma interação entre os candidatos Alckmin (PSDB) e Silva (REDE), durante o segundo bloco do debate da TV Gazeta, em que, desde a pergunta da jornalista, a interação apresenta indícios de desafio do *rapport*. Isso porque a jornalista, indicando Alckmin para responder e Silva para comentar, propôs uma questão em que menciona o PSDB, partido de Alckmin, tendo casos de corrupção, ao lado do PT, e destacou o próprio Alckmin como alvo de uma denúncia (linhas 19-21). É importante pontuar que a pergunta da jornalista, embora instaure uma incongruência e contextualize o tema criticamente, não pareceu ter objetivo irônico, no sentido de fingir ignorar para descortinar o ridículo do candidato tucano, mas foi um questionamento genuíno de como diferenciar os dois partidos quanto à corrupção, o que torna a pergunta desagradável, mas não irônica. Assim, apesar da situação desagradável, vemos que Alckmin, na sua resposta, se contrapôs à insinuação negativa presente no questionamento, mas manteve o decoro com a jornalista e, conseqüentemente, com o público, como é possível ver a seguir.

Exemplo 7.3 – Função de controle emocional em *rapport* para desafio

Debate TV Gazeta	Bloco 2	0h29	Orientação do rapport para desafio	Ironia: controle emocional
Pergunta institucional: Alckmin x Silva				
01 Mediadora	((olhando para câmera)) e começamos com Vera			
02	Magalhães, jornalista do Estadão e da rádio			
03	Jovem Pan. ((olhando para púlpito)) Vera			
04	Magalhães, por favor <u>indique</u> o candidato a			
05	quem vai perguntar e escolha >qual vai fazer			
06	o comentário<. trinta segundos para (.) a sua			
07	pergunta.			
08 Jornalista	((olhando para candidatos)) boa noite, Maria			
09	Lidia, boa noite aos candidatos, eu vou fazer			
10	uma pergunta ao candidato Geraldo Alckmin com			
11	comentário da candidata Marina Silva (0,5)			
12	candidato, há mais de <u>vinte anos</u> PSDB e PT			
13	polarizam a política brasileira, mas no			
14	momento em que algumas das principais			
15	lideranças petistas, inclusive o ex-			
16	presidente Lula, estão presos ou acusados de			
17	corrupção, outros do primeiro time do PSDB,			
18	como o senador Aécio Neves, estão na mesma			
19	situação e o senhor acaba de ser denunciado			
20	pelo ministério público sob acusação de			
21	improbidade. como fazer para o eleitorado não			
22	achar:: que PT e PSDB também são dois polos			
23	da mesma moeda da corrupção?			
24 Mediadora	ok: (.) ((olhando para Alckmin)) Geraldo			
25	Alckmin, um minuto e meio.			
26 Alckmin	((olhando para câmera)) coisas totalmente			
27	diferentes, presidente Lula foi condenado em			
28	<u>segunda instância</u> (.) e cumpre prisão. o Aécio			
29	Neves nem julgado foi. nós passamos a mão na			
30	cabeça de ninguém. lei é pra todo mundo (.)			
31	eeh: quem deve, deve responder, deve ser			
32	punido. quem não deve, deve ser absolvido, é			
33	isso que a população deseja. em relação ao			
34	caso de um promotor aqui de São Paulo, muito			
35	estranho (.) ele entrar com uma- um pedido de			
36	ação, porque esse assunto <u>já foi</u> para o STJ e			

37 STJ já disse que não tem nenhum caso de
38 improbidade administrativa. e essa é a posição
39 também do ministério público federal. estranho
40 que isso ocorra (.) a menos de trinta dias das
41 eleições. eu não tenho só ficha limpa. eu
42 tenho VIDA LIMPA. QUARENTA ANOS dedicados à
43 vida pública, o meu patrimônio é o mesmo. moro
44 no mesmo apartamento há trinta anos. abri mão
45 de aposentadoria de deputado estadual, de
46 deputado federal eh: o que eu herdei do meu
47 pai, vou deixar pros meus filhos, que é um
48 nome honrado e dedicação (.) à vida pública
49 com seriedade. entendo que precisa haver uma
50 reforma política. nós estamos num ambiente
51 político totalmente errado. só no Brasil ter
52 ((gesticula com a mão)) TRINTA E CINCO
53 partidos políticos, diminui partidos,
54 ministérios, senadores, deputados,
55 privati[zar]

56 Mediadora [ok]

57 Alckmin enfim, uma grande reforma do estado.

58 Mediadora ((olhando para Silva)) Marina Silva, seu
59 comentário, trinta segundos.

60 Silva ((olhando para câmera)) eu costumo dizer que
61 (.) PT (.) e PSDB passaram a ser faces da
62 mesma moeda, apesar de aparentemente fazerem
63 a polarização. ambos estão gravemente
64 envolvidos em casos de corrupção, e o que
65 diferencia o senador Aécio dos demais que
66 estão denunciados no PT é o fato de ter foro
67 privilegiado. por isso que nós somos a favor
68 de acabar com o foro privilegiado porque senão
69 se cria dois pesos, e duas medidas no processo
70 de combate à corrupção.

71 Mediadora ((olhando para púlpito)) Alckmin, o senhor tem
72 trinta segundos.

73 Alckmin (olhando para câmera)) primeiro, sou contra
74 qualquer tipo de privilégio, foro
75 privilegiado, o que for. e com todo respeito
76 a candidata Marina (.) mas ela esteve VINTE
77 ANOS no PT. em dois mil e seis ocorreu o

78	<MENSALÃO>. coisa de um <u>assalto verdadeiro</u> às
79	empresas estatais. ela não saiu do PT. só saiu
80	em dois mil e oito. nós não (.) nós sempre
81	estivemos do outro lado onde estava e- o PT
82	nós estamos contra, porque <u>nunca</u> acreditamos
83	nessa proposta.

Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, s. p.

Diferentemente de outros candidatos que, ao serem alvo de pressuposições desagradáveis, reagiram contra jornalistas, Alckmin se contrapôs e marcou discordância com foco no tema e, evitando adotar uma postura ofensiva contra a jornalista, apontou distinções entre os casos do PT e do PSDB e, defendeu-se da denúncia fazendo pressuposições desagradáveis contra o promotor, apontando como irônica a circunstância de denunciá-lo tão próximo da eleição (linhas 39-40). Com esse comentário, Alckmin comunicou sua reprovação da conduta do promotor, mas utilizou de um registro mais suave do que o esperado, o que pôde causar a impressão de que não foi afetado pela denúncia e esteve seguro sobre a situação. Nesse sentido, o tucano neutralizou em certa medida o viés desafiador instaurado pelos temas da pergunta e se sentiu à vontade para, na sua resposta, aprimorar sua relação com o telespectador, inclusive textualmente ao demonstrar preocupação com “o que a população deseja” (linha 33). Interessante notar que, embora faça a diferenciação entre PT e PSDB, Alckmin explorou em seu trabalho de face sua identidade pessoal (linhas 41-48), não referindo seu partido. É nessa direção que ele destacou sua vida limpa, informando em voz mais alta seu tempo de vida pública (linhas 41-43) e evidenciando a manutenção de seu patrimônio através das ênfases nos vocábulos “mesmo” (linhas 43-44). Por fim, o ex-governador ainda apontou problemas gerais do sistema político nacional, enumerando concisamente algumas ações para uma reforma política (linhas 49-54).

O comentário de Silva, por sua vez, retomou a comparação entre PT e PSDB, afirmando a semelhança em aspectos negativos (linhas 63-64) e demarcando distinção no tratamento jurídico do foro privilegiado (linhas 64-67), recurso que a candidata reprovou (linhas 67-70). Embora não o mencione diretamente, o comentário de Silva provocou uma reação veemente de Alckmin, que, após sinalizar sua posição também contrária ao foro privilegiado, passou a fazer pressuposições desagradáveis sobre Silva. Assim, na sua tréplica, o tucano primeiro preservou a própria face ao categorizar sua fala como respeitosa (linhas 75-76); então, recordou a longa filiação de Silva ao PT, destacando a duração desse vínculo (linhas 76-77), associou o PT ao mensalão, qualificado como “um assalto verdadeiro” (linha 78), e vinculou novamente Silva ao

PT, detalhando sua desvinculação após esse caso de corrupção, em 2008 (linhas 79-80). Por fim, Alckmin utilizou o pronome “nós” (linhas 80-82), num movimento de aproximação a um coletivo, ou seja, ao PSDB, marcando um distanciamento perene do PT. Como o debate da TV Gazeta em alguns momentos apresentou lado a lado os candidatos em interação, foi possível observar a reação de espanto de Silva quando Alckmin lhe fez pressuposições desagradáveis, principalmente pelo movimento de seus olhos de fechar e reabrir expressivamente, conforme ilustra a imagem abaixo (Figura 7.7).

Figura 7.7 – Expressão facial de espanto de Silva a pressuposições desagradáveis de Alckmin



Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, 0h32m36s.

Notamos ao longo da interação uma progressão do teor ofensivo, assim, enquanto Alckmin na resposta se orientou para aprimorar a relação com o telespectador, na tréplica ele se ocupou primordialmente de confrontar a oponente, com uso de recursos de impolidez e desafio do *rapport* mais agressivos. Tais escolhas se justificaram pela maior relevância de buscar no início se apresentar como digno de confiança e, portanto, do voto e, por fim, pela posição estratégica da tréplica como último turno, impossibilitando a reação do alvo de sua ofensa. Percebemos ainda que a ironia, nessa troca, esteve presente nas falas de Alckmin, num primeiro momento (linhas 34-35) como forma de fazer uma crítica de forma mais equilibrada, desvelando sem inquietação a incongruência da situação. Mas, no final (linhas 75-76), a ironia teve viés crítico, pois, ao pedir desculpas, Alckmin fez uma prefaciação para salvar a própria face e elevar seu próprio *status*, mas, em seguida, fez ofensas a Silva, instaurando, na realidade, uma incongruência com viés crítico.

Concluindo, vemos que, diferentemente do confronto direto entre Boulos e Bolsonaro, a pergunta institucional envolvendo Alckmin e Silva se caracterizou como menos tensa, apesar das críticas evidentes desde a formulação da pergunta pela jornalista. Dessa maneira, os usos de ironia com função de controle emocional ou de elevação de *status* foram acompanhados de teor crítico, mas não necessariamente ofensivo, e as duas ocorrências se constituíram como parte de um trabalho de aprimoramento da própria face: inicialmente para defender-se de uma pressuposição desagradável recebida e, posteriormente, para remediar uma avaliação negativa de críticas veiculadas à oponente na sequência.

7.2.1.4 Em *rapport* de negligência

Como já definido, o *rapport* é considerado negligente quando os participantes não demonstram preocupação na relação que estabelecem durante a interação, podendo esse movimento ocorrer por variados motivos, listados na quarta seção. No caso dos debates eleitorais, consideramos que o foco primordial na própria face seja a principal razão para que os participantes descuidem da relação que estabelecem uns com os outros. Contudo, é importante destacar as diferenças entre focalizar a própria face sendo negligente e realizar um trabalho de face para aprimorar o *rapport* com os interactantes, pois, no segundo caso, os interactantes adotam uma postura mais positiva, de demonstrar as suas qualidades, e evitam tanto quanto possível se envolver em situações que desviem o *rapport* da harmonia pré-estabelecida.

Dito isso, a orientação do *rapport* para a negligência foi a segunda mais frequente em todas as funções da ironia, mas no caso das ironias com função de controle emocional a proporção foi menor (9%). Isso demonstra que a função de controle emocional esteve de fato fortemente vinculada a uma postura mais ativamente conflituosa, de tal forma que mesmo o *rapport* de negligência, que podemos, em princípio, localizar no espectro da impolidez, foi sub-representado nessa função específica da ironia. Por outro lado, analisar a ocorrência dessa função nesse contexto interacional pode elucidar se a ironia atuou para evitar conflitos e, ainda, de que forma ela surgiu como um recurso de trabalho da própria face sem o tom reverencioso típico da orientação do *rapport* para aprimoramento.

Exemplo 7.4 – Função de controle emocional em *rapport* para negligência

Debate RedeTV	Bloco 1	0h56	Orientação do rapport para negligência	Ironia: controle emocional
Confronto direto: Daciolo x Boulos				
01	Mediadora	((câmera em plano aberto))	cabo Daciolo	
02			permanece. cabo Daciolo pode: continuar: (.)	
03			o senhor necessariamente tem que fazer a sua	
04			pergunta para o Guilherme Boulos. por favor	
05			(3,0) agora o senhor tem trinta segundos pra	
06			fazer a sua pergunta, candidato.	
07	Daciolo	((câmera em plano aberto))	Boulos: (.) a	
08			redetv (.) foi a única emissora (.) que foi	
09		((câmera focaliza candidatos))	((olhando para	
10			Boulos)) na Suíça (.) entrevistar: o delegado	
11			Protógenes, que foi deputado federal (.) que	
12			colocou a pauta das urnas eletrônicas	
13			<u>fraudulentas</u> . provando (0,5) que que você pode	
14			me dizer sobre (.) as urnas eletrônicas no	
15			nosso país?	
16	Boulos	((olhando para câmera))	olha, Daciolo: (.) e	
17			a todos que tão nos assistindo em casa,	
18			primeiro eu só queria (.) fazer uma <u>correção</u>	
19			aqui. o: Henrique Meirelles fez uma insinuação	
20			a respeito de trabalho. quero dizer (.) que	
21			eu não sou <u>banqueiro</u> . eu sou professor:	
22			escrevo e ganho minha vida honestamente. <u>luto</u>	
23			ao lado do sem-teto com <u>MU:Ito orgulho</u> há	
24			dezessete anos, de quem precisa de casa. tô	
25			junto com sem-teto, com sem- terra, só não tô	
26			junto com <u>sem-vergonha</u> (.) como alguns aqui	
27			tão. ((olhando para Daciolo)) agora (.) em	
28			relação a isso, Daciolo, as urnas eletrônicas,	
29			são um sistema (.) que internacionalmente não	
30			há qualquer tipo de <u>reparo</u> em relação a ele,	
31			eu não tenho por que ter qualquer tipo de	
32			<u>questionamento</u> a urnas eletrônicas, mas nós	
33			temos que questionar <u>OUTRAS QUESTÕES</u> da	
34			democracia brasileira. <democracia não pode	

35 ser apenas apertar um botão a cada quatro anos
36 na urna e ir embora pra casa>. democracia tem
37 que ser chamar o povo pra decisão, e é isso
38 que nós tamos dizendo aqui, com >plebiscitos,
39 referendos< e o nosso primeiro (.) em primeiro
40 de janeiro de dois mil e dezenove, é pra
41 revogar os atos criminosos do governo Temer
42 contra o povo

43 Mediadora ((câmera em plano aberto)) °seu: tempo°,
44 candidato, quarenta e cinco segundos para a
45 Réplica

46 Daciolo ((câmera em plano aberto)) ((olhando para
47 câmera)) nação brasileira (0,5) pilares da
48 república estão sendo quebrado. eu tô falando
49 da do teu direito da cidadania. o teu voto é
50 secreto. mas tem que haver a contabilidade dos
51 votos. é provado que há fraude >sim nas urnas
52 eletrônicas< eu quero convidar você, nação
53 brasileira (.) a entrarmos juntos numa ação
54 (.) pra que venhamos votar em cédulas (.) tem
55 que haver as cédulas, porque senão já tá tudo
56 escrito lá no final. já tá tudo programado.
57 já tem um candidato da nova ordem mundial pra
58 entrar no país. e não fique pensando que isso
59 é teoria da conspiração, não. <por que que
60 tinham a lei federal> (.) UMA LEI FEDERAL que
61 era pra botar o voto impresso, e não
62 colocaram, e tiraram ela (.) como é que
63 fizeram e por que que fizeram isso? vamos
64 votar em cédulas. para a honra e glória do
65 senhor jesus.

66 Mediadora ((câmera em plano aberto)) sua tréplica,
67 Candidato

68 Boulos ((olhando para câmera)) olha (.) A GRANDE
69 QUESTÃO e isso sim pode fraudar e alterar o
70 resultado de uma eleição é a influência do
71 poder econômico. vamo falar o português claro
72 pra quem tá nos ouvindo: (.) historicamente
73 no Brasil >e muita gente aqui foi eleita desse
74 jeito<. candidato (.) foi financiado por
75 empreiteira (.) por banqueiro (.) por

76	agronegócio (.) e chegou lá (.) financiado por
77	essa turma. quando chegou, atendeu o interesse
78	de quem PAGOU. e não de quem VOTOU. nós temo
79	que acabar com essa esculhambação. por isso a
80	nossa campanha, não aceita <u>um real</u> dessa gente
81	aí, a nossa campanha, é feita por quem
82	acredita nela, não dá pra ficar: com o rabo
83	preso com os donos do poder econômico,
84	determinando os rumos da política. quem paga
85	a banda, escolhe a música, olha quem é que
86	<u>paga</u> a banda de vários candidatos que tão aqui
87	Mediadora seu tempo, candidato, muito obrigada aos dois

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

De início, vemos um movimento de reverência de Daciolo em direção à RedeTV, emissora promotora do debate, ao destacá-la como a única instituição jornalística a pautar as urnas eletrônicas fraudulentas, usando uma ênfase sonora ao pronunciar “fraudulentas” (linha 13). O candidato do Patriota utilizou dessas informações para marcar sua posição, aprimorar a relação com a emissora e, principalmente, para contextualizar a pergunta feita ao candidato do PSOL, Guilherme Boulos. Embora essa pergunta não pareça ser um tópico desagradável para Boulos, fica evidente na sequência como os dois candidatos apresentam visões discordantes sobre a questão; dessa forma, a pergunta de Daciolo já se mostra negligente com o *rapport* a ser estabelecido com o seu interlocutor imediato.

Boulos, por sua vez, iniciou sua resposta fazendo um comentário metadiscursivo, direcionado nominalmente a Daciolo e os telespectadores (linhas 16 e 19), e maximizou o custo para si (máxima de generosidade) para desviar do tópico proposto na pergunta. O desvio, contudo, é referido pelo candidato como uma “correção” (linha 18), o que justificaria a sua pertinência e possibilitou que Boulos buscasse salvar a própria face de uma insinuação feita, segundo ele, por Meirelles. Ao mesmo tempo, nessa correção, o candidato do PSOL fez pressuposições desagradáveis sobre Meirelles, ao demarcar diferenças do emedebista pelas contraposições banqueiro x professor; sem-teto x sem-vergonha (linhas 21-26), cujos termos utilizados são recorrentemente destacados por ênfases vocais. Os dois primeiros grupos nominais “sem-terra” e “sem-teto” (linha 25) utilizados por Boulos para se contrapor a Meirelles geram uma expectativa de que ele continue falando sobre si, mas, na sequência, Boulos, através do enunciado “só não tô junto com sem-vergonha”, quebra essa expectativa inicial, inclusive pelo deslocamento dos atributos de grupos sociais (sem-teto e sem-terra) para

atributos morais (sem-vergonha). O dito, aparentemente inadequado e irrelevante, instaurou uma incongruência e as oposições apresentadas anteriormente possibilitaram inferir ser a frase uma referência a Meirelles, o que tornou o enunciado crítico e, dada sua construção, irônico. Consideramos, então, que a ironia atuou como uma forma de crítica indireta, assim possibilitou a Boulos trabalhar a própria face, não só por demonstrar controle emocional ao conter uma ofensa mais direta, mas por se mostrar espirituoso e na crítica destacar as qualidades que o candidato do PSOL reivindica para si.

Dessa maneira, consideramos que, desde o início de sua fala, Boulos também negligenciou o relacionamento com Daciolo, por desviar do tópico e demonstrar maior preocupação com a própria face. Essa orientação do *rapport* se manteve também na resposta efetiva de Boulos, quando ele se contrapôs à opinião do candidato do Patriota sobre fraude nas urnas eletrônicas e destacou vocalmente “outras questões” da democracia brasileira a serem questionadas (linhas 27-34), dizendo, por fim e brevemente, o que pretende fazer para fortalecer a democracia (linhas 36-42). Na réplica, Daciolo se dirigiu diretamente para a “nação brasileira” (linha 47), orientando seu *rapport* para o telespectador; assim, alertou sobre danos à república e ao direito da cidadania (linhas 47-49), reforçou sua posição de que haveria fraudes nas urnas e evocou a “nação brasileira” a votar em cédulas (linhas 52-54), contrapondo-se à posição de Boulos, mas não o desafiando. O candidato, enfatizando o ordenamento de uma lei federal (linhas 59-62), atribuiu a não adoção de votos em cédulas a um acordo prévio, com o qual o novo presidente já estaria definido (linhas 55-58), e adotou uma estratégia de prefaciação (linhas 58-59), antecipando eventuais avaliações negativas desse seu comportamento como teoria da conspiração (linhas 58-59). Daciolo finalizou, então, sua réplica conclamando para votar em células e recorrendo a dizeres cristãos (linhas 64-65). Boulos, por sua vez, manteve sua postura inicial, destacando a influência do poder econômico como a grande questão (linhas 68-71), criticando genericamente candidatos financiados por empresas privadas (linhas 75-76) e enaltecendo sua candidatura financiada por “quem acredita nela”, razão pela qual é diferente e melhor, por ser independente.

É nítido como nessa interação os candidatos não se preocupam em estabelecer uma conexão, de forma que negligenciaram o *rapport* compulsoriamente estabelecido, por causa dos arranjos institucionais da interação. Assim, enquanto Daciolo se ocupou das urnas, na sua visão, fraudulentas, pausando esse tema apenas para resguardar a própria face de uma potencial avaliação de seu discurso como “teoria da conspiração”, Boulos iniciou sua fala também defendendo a própria face, mas de insinuações atribuídas a Meirelles, manteve, brevemente e

apenas para se contrapor, o tópico da pergunta feita por Daciolo, mas se dedicou majoritariamente a dar relevância a outros problemas, apresentando-lhe propostas genéricas e reivindicando sua virtude diante desse quadro problemático. Concluímos, portanto, que a ironia aqui desempenhou uma função de controle emocional mais voltada para a própria face e, ao envolver terceiros e não ter relação direta com o interlocutor imediato, esse uso não foi acompanhado de função ofensiva, tornando a ironia mais harmoniosa e menos ácida.

Importante destacar que a relação prévia entre os candidatos foi um fator relevante na orientação que eles estabeleceram, por isso o *rapport* entre Boulos e Bolsonaro apresentou maior tensão e grau de ofensa do que o *rapport* entre Daciolo e Boulos. Esse panorama relacional possibilitou que a interação fosse significativamente menos conflituosa do que as analisadas anteriormente, repercutindo também no fenômeno da ironia, tanto na sua função quanto na sua recorrência, visto que a ironia só fora mobilizada na primeira fala de Boulos.

Embora Hutcheon tenha sinalizado a existência de uma visão da ironia engajando mais o intelecto do que emoções (Hutcheon, 2000, p. 33), as análises acima apresentadas demonstram que, na realidade, a ironia se mostra como um recurso cognitivo para lidar com a expressão das emoções. Assim, concordamos com Hutcheon (2000, p. 69) de que, na ironia, os interactantes estão emocionalmente envolvidos, seja por fazerem ou sofrerem a reprovação tão essencial à ironia. No entanto, a ironia, fundando-se na indiretividade, permite quem recorre a ela dissimular e, até mesmo, suprimir a expressão de certas emoções, sendo um recurso interessante de autocontrole, pois, como nos lembra Tselika, “estar no controle de nossas emoções é mais socialmente aceitável do que atacar alguém verbalmente”¹⁸⁶ (Tselika, 2015, p. 95), como pudemos notar nos casos discutidos acima.

7.2.2 Ironia com função de elevação de *status*

Um dos pontos centrais de todo discurso, mas principalmente do discurso político, é a imagem que os falantes querem construir de si e, por essa razão, que recursos linguísticos e discursivos mobilizam para alcançar esse efeito, ou seja, como operam discursivamente o trabalho de face (Goffman, 2011). No caso de um contexto discursivo marcado pela competição, espera-se que a imagem esteja vulnerável à disputa discursiva, o que leva os falantes a adotarem concomitantemente posturas de defesa e ataque, mas também de autopromoção.

¹⁸⁶ No original: “Being in control of our emotions is more socially acceptable than verbally attacking someone straightforwardly” (TSELIKA, 2015, p. 95).

Por outro lado, enquanto forma de crítica, a estratégia irônica também oportuniza que se exponham indiretamente os defeitos dos oponentes, pois se estrutura frequentemente na incongruência e seu sentido é de base inferencial. Assim, seja ao exagerar uma característica ou ainda ao demonstrar como o alvo deveria se comportar, a ironia consegue expor implicitamente como o alvo da irônica se comportou de maneira inadequada, diminuindo-lhe o *status*. Além disso, a ironia pode atuar como um recurso para o falante elevar o próprio *status*, ao associá-lo a um caráter espirituoso, inteligente, comedido, complexo e divertido (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017), entre outros, podendo ser considerada uma ferramenta de trabalho de face (Kiss, 2015).

Dessa maneira, veremos, a seguir, algumas interações em que a ironia foi utilizada primordialmente para auxiliar os candidatos a se construírem de uma forma positiva, mas para tanto exploraram através do viés crítico da ironia o ridículo de seus opositores. Contudo, discutiremos como a tônica dessa postura variou de acordo com especificidades das interações em que ocorreu, levando em conta particularmente os participantes envolvidos e as orientações de *rapport* sustentadas por eles.

7.2.2.1 Em *rapport* de aprimoramento

Diferentemente da função de controle emocional, que foi minoritária no *rapport* de aprimoramento, a ironia com função de elevação de *status* foi mais recorrente como estratégia para estabelecer relações mais harmônicas, tendo ocorrido em 12,71% das trocas interacionais orientadas para o aprimoramento da relação, o que fez prevalecer nesse tipo de *rapport* essa função. Consideramos que essa associação mais estreita entre a função de elevação de *status* e a orientação do *rapport* para a aprimoramento seja oportuna, tendo em vista que ambos os fenômenos, durante os debates eleitorais aqui analisados, atuaram para evidenciar aspectos pessoais positivos, buscando aprimorar a relação, principalmente entre os candidatos e telespectadores. Nessa direção, a função de elevação de *status* se apresentou como um recurso adequado para esse fim, pois permitiu que o ironista censurasse sua vítima ao contrastar como ela deveria ter agido ou ainda agiu e como ele agiria em situação semelhante.

Discutindo a seguir um confronto direto entre Bolsonaro e Daciolo, cujo *rapport* é orientado para o aprimoramento, vemos que o candidato do PSL usou da ironia para ofender terceiros, recriminando neles certos comportamentos, mas estruturou seu discurso de forma a enfatizar certos atributos desejáveis em si mesmo, mas também em seu interlocutor imediato,

Daciolo. Dessa maneira, Bolsonaro pôde estabelecer uma relação harmônica com o candidato do Patriota, associando-se a ele, ao mesmo tempo que causou danos a outros candidatos.

Exemplo 7.5 – Função de elevação de *status* em *rapport* para aprimoramento

Debate RedeTV	Bloco 1	0h53	Orientação do rapport para aprimoramento	Ironia: elevação de status
Confronto direto: Bolsonaro x Daciolo				
01	Mediadora 1	((câmera em plano aberto))	agora é a vez do	
02			candidato Jair Bolsonaro,	
03			pelas regras do	
04			debate os candidatos todos vão: fazer a	
05			pergunta e também vão responder, então é	
06			Bolsonaro com Daciolo (2,0) ((sons	
07			inaudíveis no estúdio)) obrigatoriamente	
08			com cabo Daciolo, porque todos já	
09	Bolsonaro	não, prefiro o Daciolo	responderam- (3,0)	
10	Mediadora 2	é porque não dá certo no final		
11	Mediadora 1	não, senão o cabo Daciolo tem que perguntar		
12		pra ele mesmo. senão não dá		
13	Bolsonaro	não, eu prefiro ter um debate produtivo aqui		
14		com o Daciolo((jornalista ri ou tosse))		
15		(4,0) ((movimento intercalado da cabeça		
16		entre candidato e câmera)) prezado cabo		
17		Daciolo (.) eu o conheço há algum tempo		
18		(0,5) cabo do nosso clube de bombeiros		
19		militar do <u>Rio de Janeiro</u> . meu filho também		
20		te conhece há muito tempo. ((câmera focaliza		
21		candidatos lado a lado)) e:: parece que		
22		está na moda aqui no Brasil:. discutir aí a		
23		liberação das drogas (.) e o aborto. uma		
24		candidata há pouco, diz que (.) preferia um		
25		plebiscito pra decidir esse assunto, apesar		
26		de ela ser: (.) <u>evangélica</u> . (3,0) e o		
27		aborto, né hh é uma coisa que aflige a todos		
28		aqueles que amam e respeitam a vida. você é		
29		favorável ou contrário a essas questões?		
30	Daciolo	((olha para câmera)) nação brasileira (1,5)		
31		eu sou contra. sou contra (.) a liberação		
32		do aborto. sou contra (.) a liberação das		
33		drogas no Brasil (.) e um homem e uma mulher		

34 de deus: independente de religião (.) a sua
35 palavra tem que ser sim, sim (.) e não, não.
36 a palavra de deus nos revela, nos ensina,
37 para todos que estão aqui e pra todos os que
38 estão nos ouvindo (.) que antes: (.) de você
39 ser gerado no ventre da sua mãe (.) você já
40 era um escolhido. antes: (.) de você nascer
41 (.) você já tava separado. ((olha para
42 Bolsonaro)) então eu sou totalmente contra
43 (.) ao aborto (0,5) e sou contra (.) a
44 liberação da droga no nosso país.

45 Mediadora 1 ((câmera em plano aberto)) quarenta e cinco
46 segundos para réplica, Bolsonaro

47 Bolsonaro ((câmera em plano aberto)) ((olhando para
48 Daciolo)) aqui não é um: debate entre
49 amigos, são homens que acreditam em deus (.)
50 respeitam (.) a família. ((movimento de
51 cabeça intercalado entre candidato e
52 câmera)) e continuando a questão ideologia
53 de gênero, querendo (.) que desde seis anos
54 de idade se ensine nas escolas, a: sexo para
55 nossos filhos, como descobri em dois mil e
56 dez o famoso kit gay (0,5) onde aparecia-
57 tínhamos filmes, cartazes, livros de
58 meninos se beijando (.) e meninas se
59 acariciando, pra ser passado nas escolas (.)
60 pra crianças a partir de seis anos de idade.
61 isso no meu entender é um crime, um pai não
62 quer chegar em casa e encontrar o filho
63 brincando de boneca <por influência da
64 escola>. com todo (0,5) com todo respeito
65 que eu tenho a qualquer um, não interessa
66 sua opção. qual a tua posição sobre isso,
67 Daciolo?

68 Daciolo ((câmera em plano aberto)) ((olhando para
69 plateia)) também minha posição é contra. sou
70 contra (.) e eu vou aqui alertar a população
71 brasileira novamente. falando da palavra do
72 senhor. não tô aqui pregando religião. diz
73 a palavra do senhor que a única religião que
74 ele considera pura e imaculada é cuidar dos

75	<u>órfãos e das viúvas</u> , para que nas suas
76	dificuldades, não se corromper com esse
77	mundo. então vou dizer algo aqui. criou deus
78	o homem à sua imagem e semelhança (.) <HOMEM
79	E MULHER O CRIOU> e falou: (.) sejam
80	férteis, e multipliquem-se (.) <u>encham e</u>
81	<u>subjuguem a terra</u> . <HOMEM E MULHER> (.)
82	família (.) eu sou defensor da família
83	tradicional brasileira. para honra (.) e
84	glória do senhor jesus cristo.

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

De início destacamos que essa interação ilustra como a seleção do oponente para interagir é um aspecto estratégico para os candidatos durante os debates eleitorais, principalmente nas trocas interacionais do tipo confronto direto, pois o candidato que pergunta escolhe com quem vai “confrontar”, e os primeiros a perguntar, como têm mais opções, podem escolher de forma mais tática. Assim, essa troca de confronto direto foi a penúltima de um bloco em que todos os candidatos deveriam ser igualmente contemplados para perguntar e responder (linhas 02-04), tendo restado a Bolsonaro direcionar sua pergunta a Daciolo (linhas 04-12). No entanto, antes de Bolsonaro e Daciolo se posicionarem no centro do estúdio, observamos rapidamente ruídos fora dos microfones e, portanto, inacessíveis para os telespectadores e para nossa análise, mas, diante dos comentários seguintes (linhas 09-14), presumimos que alguém atentou que outro candidato também ainda não tinha respondido e poderia ser escolhido. Nessa direção, considerando que todos os candidatos deveriam igualmente perguntar e responder e na interação seguinte, que discutimos aqui no Exemplo 7.4, Daciolo perguntou ao candidato do PSOL, Guilherme Boulos, inferimos que apenas Boulos e Daciolo ainda não tinham respondido e, portanto, o outro interlocutor aventado para interagir com Bolsonaro teria sido o candidato do PSOL, o que condiz com os comentários das mediadora de que não seria possível, senão Daciolo teria que perguntar a si mesmo (linhas 10-12).

Essa contextualização foi necessária porque é sobre essa circunstância que os primeiros enunciados de Bolsonaro são feitos (linhas 09 e 13-14), inicialmente dispensando a possibilidade de interagir com Boulos, através do “não”, e, em seguida, externando sua preferência por “ter um debate produtivo aqui com o Daciolo”. Com essa apreciação positiva, Bolsonaro reivindicou para Daciolo, mas principalmente para si próprio, tendo em vista os propósitos do debate, o atributo positivo de fazer “um debate produtivo”, elevando o próprio *status*. Contudo, o modo como candidato do PSL formulou seu discurso permitiu que outros

significados se sobrepusessem, comunicando mais do que o que foi dito. Isso porque Bolsonaro utilizou o verbo “preferir”, cujo sentido mais convencional é escolher, selecionar dentre opções (Bechara, 2009). Mas, dadas as configurações do debate e o contexto apresentado no parágrafo anterior, sabe-se que a única opção para Bolsonaro dirigir sua pergunta era Daciolo, como enfatizou inclusive a mediadora 1: “obrigatoriamente com Cabo Daciolo” (linhas 06-07). Assim, consideramos que, embora o uso do verbo “preferir” soe inadequado frente o contexto sociodiscursivo, defendemos que essa inadequação foi intencionalmente relevante, pois, a partir dela, Bolsonaro sinalizou no seu discurso a referência indireta a Boulos, para não só preteri-lo como também insinuar que seu debate seria improdutivo, justapondo à dispensa inicial do “não” uma pressuposição desagradável (Culpeper, 2011b). Dessa maneira, é possível classificar esse enunciado como irônico, pois, através da incongruência que ele instaura, Bolsonaro construiu uma avaliação crítica. Além disso, foi notável a importância da base relacional e inclusiva para que o sentido irônico de fato acontecesse, permitindo que ironia a um só tempo funcionasse como elevação de *status*, enaltecendo a si próprio, e como ofensa, criticando Boulos.

Após esse comentário irônico inicial, o candidato do PSL procedeu, de fato, com sua pergunta, dedicando os momentos iniciais para aprimorar sua relação com Daciolo, demonstrando reverência e simpatia, num movimento de dar face, e estabelecendo um tópico seguro para a interação, ao questionar sobre liberação de drogas e aborto. Interessante notar como Bolsonaro contextualizou o tópico proposto, inicialmente referindo-o como uma “moda” (linha 22) e, em seguida, associando-o à candidata Marina Silva (linhas 23-26). A menção a Silva foi feita para evidenciar a incompatibilidade da posição da candidata (favorável a plesbício) com sua orientação religiosa (evangélica), para tanto, o candidato do PSL destacou o tema do aborto, definindo-o como “uma coisa que aflige a todos aqueles que amam e respeitam a vida” (linhas 27-28). Analisamos que, com essa sequência de informações, Bolsonaro buscou inicialmente enaltecer a si próprio como um defensor da vida, mas, ao mesmo tempo, ele desvelou a incongruência de Silva, ao sugerir que os que amam e respeitam a vida se posicionam contrariamente ao aborto e que a candidata, por não se posicionar enfaticamente como contrária ao aborto, não seria parte do grupo daqueles que amam e respeitam a vida, ou seja, dos cristãos. Esse tipo de sugestão se caracteriza como um comportamento convencional para causar ofensa ao fazer referência negativa a Silva, em sua presença, mas o fez de forma indireta, se constituindo como uma ironia com função de ofensa e de elevação de *status*.

Por fim, Bolsonaro questionou Daciolo sobre sua posição sobre essas questões (linhas 28-29), ao que Daciolo respondeu se direcionando por um vocativo à “nação brasileira” (linha

30) e olhando para a plateia presente no estúdio, então, declarou ser contra a liberação do aborto e das drogas. O candidato do Patriota também abordou temas religiosos, ao sustentar um discurso notadamente cristão, com o qual se contrapôs à visão atribuída por Bolsonaro a Silva. Contudo, ao não fazer qualquer alusão a Silva, o candidato do Patriota não adotou uma postura efetivamente ofensiva com a candidata da Rede, embora demonstre convicção de sua posição contrária aos temas apresentados.

Na sua réplica, Bolsonaro iniciou com um trabalho de prefaciação, negando ser um debate entre amigos, e aprimorou novamente sua relação com Daciolo, ao afirmar suas identidades como “homens que acreditam em deus, respeitam a família” (linhas 49-50), o que justificaria sua preferência inicial por debater com Daciolo, os temas abordados e, principalmente, a continuidade da troca interacional na pauta de costumes, abordando, então, a “ideologia de gênero” (linhas 52-53). Esse foi um dos principais temas para a estratégia de comunicação política de Bolsonaro em 2018, razão pela qual foi fundamental que ele explicitasse nesse início de campanha o que ele denominava ideologia de gênero (linhas 52-60). Assim, observamos Bolsonaro intercalar seu olhar entre Daciolo e a câmera ao conceituar a ideologia de gênero como um objetivo de ensinar na escola sexo para as crianças a partir dos seis anos de idade (linhas 52-54), reiterando posteriormente a faixa etária, inclusive com uma ênfase sonora (linha 60). Então, Bolsonaro reivindicou ter sido ele próprio que descobriu essa ação escolar, denominada pejorativamente por ele como “kit gay” (linha 56), descrevendo materiais e conteúdos utilizados, para reprovar veementemente tais ações, destacadas sonoramente por ele como um crime, e apresentar, por fim, eventuais consequências, que ocorreriam “por influência da escola” (linhas 63-64), realçando essa responsabilização ao falar pausadamente. Por fim, novamente, Bolsonaro recorreu a uma estratégia de prefaciação, ao se desculpar para remediar antecipadamente quaisquer avaliações negativas das posições apresentadas, e perguntou a Daciolo sua posição sobre o que fora apresentado.

Mais uma vez, direcionando o olhar para a plateia presente no estúdio, Daciolo apresentou concisamente sua posição, inclusive, reconhecendo ser semelhante à apresentada por Bolsonaro pelo uso inicial do “também” (linha 69), e dedicou maior parte de seu tempo novamente para fundamentá-la a partir de um discurso cristão, embora tenha recusado esse rótulo ao asseverar “não tô aqui pregando religião” (linha 72). Em seguida, Daciolo aparentemente se contradisse não só por recorrer à “palavra do senhor” (linhas 72-73) para propor o cuidado com viúvas e órfãos, mas principalmente por recorrer ao mito judaico-cristão de origem da espécie humana para defender sua posição. Nesse contexto, o candidato do

Patriota usou de alguns recursos sonoros para destacar desse mito aspectos que justificariam sua posição contrária à, assim denominada, ideologia de gênero, como os termos “homem e mulher” nas linhas 78 e 81, do que se depreende uma recusa por arranjos afetivos distintos, e “encham e subjuguem a terra”, sugerindo ser a procriação o elemento-chave da relação conjugal e, como relações homoafetivas não a possibilitam, elas seriam desvios da natureza da espécie.

Vemos como, nesse confronto direto, o *rapport* para aprimoramento foi majoritário, apesar das críticas indiretas e pontuais a Silva e Boulos, pois os candidatos sustentaram ações marcadas por alto grau de concordância, abordagem de tópicos seguros para ambos, adoção de fórmulas de reverência e simpatia de Bolsonaro para Daciolo e, principalmente, o estabelecimento de uma relação harmônica. Contudo, é interessante ponderar que a harmonia não é buscada tanto de um candidato ao outro, mas de ambos com um tipo de eleitorado específico, o eleitorado cristão. Dito isso, atentamos como Daciolo e Bolsonaro se posicionaram distintamente um em relação ao outro dentro dessa relação harmônica, pois, enquanto Bolsonaro adotou estratégias de dar a face para Daciolo, o candidato do Patriota pareceu desinteressado em retribuir tais gentilezas, se dirigindo quase exclusivamente para o público, tanto pelo uso de vocativos quanto pelo direcionamento do olhar. Por fim, notamos que o uso de ironia se restringiu ao primeiro turno da troca interacional e serviu tanto para elevar o próprio *status* quanto para ofender terceiros, que por estarem ausentes da interação não puderam revidar; dessa forma, o uso de ironia, apesar de ofensivo, não desencadeou efetivamente um conflito, fazendo predominar na troca interacional uma orientação do *rapport* para o aprimoramento.

7.2.2.2 Em *rapport* de desafio

Já sinalizamos que a função de elevação de *status* se diferencia das outras funções da ironia por sua relação mais estreita com o trabalho de face, o que torna esse uso da ironia mais adequado para aquelas circunstâncias em que o falante se ocupa primordialmente com a própria face e a ironia atuaria permitindo ao ironista se associar a certos atributos positivos. No caso do debate, que tem por base a interação entre os candidatos em uma disputa eleitoral, esse funcionamento ganha ainda outros contornos, pois, além de enaltecer a si, é necessário que os candidatos utilizem, quando necessário e conveniente, recursos mais efetivos para causar danos à face do oponente. Dessa maneira, a construção irônica com função de elevação de *status* possibilita que justamente se relacione uma estrutura enaltecedora de si com outra ofensiva para o oponente, e vice-versa. Por outro lado, com esse funcionamento, a ironia pode acentuar o viés conflituoso da interação, pois essa função demanda um tipo de resposta mais contundente, em

que o alvo da ironia busque se defender da ofensa que lhe fora direcionada e se valha do enaltecimento feito pelo oponente para confrontá-lo, intensificando, dessa maneira, o dano pretendido.

Refletimos, a seguir, sobre esses aspectos da elevação de *status* atuando para um *rapport* de desafio a partir de uma troca interacional do tipo confronto direto ocorrida entre Meirelles e Dias em que, justamente, ambos recorreram à ironia para elevar o próprio *status*, mas principalmente para ofender o oponente.

Exemplo 7.6 – Função de elevação de *status* em *rapport* para desafio

Debate Band	Bloco 1	1h23	Orientação do rapport para desafio	Ironia: elevação de <i>status</i>
Confronto direto: Meirelles x Dias				
01	Mediador	((olhando para Meirelles))	candidato Henrique	
02			Meirelles, cabe ao senhor agora fazer a pergunta	
03			e escolher quem vai responder, <u>mas</u> o candidato	
04			Geraldo Alckmin, já foi perguntado três vezes,	
05			portanto, está excluído do rol das suas opções,	
06			por favor.	
07	Meirelles	((intercala olhar entre Dias e câmera))	eu	
08			gostaria de fazer uma pergunta para o candidato	
09			Álvaro Dias (.) e: dizer que quando eu deixei o	
10			comando da economia: em dois mil e onze (.) o	
11			Brasil tinha criado: cerca de <dez milhões de	
12			<u>empregos</u> > no período em que eu estive (.) no	
13			banco central. estabilizamos a inflação (.) isso	
14			permitiu que a economia crescesse e: <quarenta	
15			<u>MILHÕES de brasileiros</u> > entraram na classe	
16			média, no >governo seguinte tudo desandou<,	
17			((olhando para Dias)) eu gostaria: candidato,	
18			((olhos arregalados e mãos apontando para	
19			câmera)) que o senhor me explicasse, <u>nos</u>	
20			explicasse, por que que houve o <u>fracasso</u> : do	
21			governo anterior.	
22	Dias	((rindo e intercalando olhar entre plateia e	Meirelles) é o senhor que esteve lá é que deveria	
23			ter a explicação, né? (1,0) ((plateia ri)) passou	
24			por lá. aliás. eu tenho algumas explicações. de	
25			dois mil e três a::: a dois mil e dez o senhor	
26				

27 esteve no banco central (.) e a taxa: de juros
28 selic ((gesticula com mãos)) caminhou (.) além
29 dos quinze por cento até vinte por cento. a
30 dívida pública brasileira cresceu de forma (.)
31 <assustadora>. de um trilhão e trezentos para
32 cinco TRILHÕES, trezentos e cinquenta e seis,
33 quase oitenta por cento do produto pro- interno
34 bruto. o:: os juros, do cartão: de crédito (.)
35 durante o período em que: o senhor comandou a
36 economia do país (1,0) foi de trezentos e
37 cinquenta a quatrocentos e cinquenta por cento
38 (.) ao ano. e nós temos Portugal, por exemplo,
39 como exemplo, em que os juros (0,5) ficam em
40 torno de dezesseis por cento, o banco central
41 português, no trimestre anterior define a taxa
42 do trimestre seguinte (.) e: lá vigora dezesseis
43 por cento. aqui é uma EXPLORAÇÃO do trabalhador
44 brasileiro, do povo brasileiro, com cartões de
45 crédito cobrando taxas de juro atro-
46 astronômicas, porque há mano- monopólio,
47 ((balanço breve de cabeça para os lados)) <quatro
48 grandes bancos definem as taxas de juros que
49 cobram> ((olha para câmera)) e o senhor na
50 presidência do banco central apenas assistia
51 ((olha para Meirelles)) esse espetáculo
52 Meirelles ((olhando para câmera)) a questão mais
53 importante (.) é::: que nós estamos vendo é a
54 questão de desinformação bá:sica, de alguns
55 candidatos, por exemplo. ((direcionando-se para
56 Dias)) a primeira coisa que eu gostaria: de
57 informar: (.) ao candidato Alvaro Dias é que
58 ((mãos para o alto com palmas à mostra)) eu não
59 participei do governo anterior. eu não fiz:
60 parte, do governo da Dilma, e::: portanto, já:
61 começou se enganando na resposta. segunda
62 questão básica é que a dívida pública,
63 ((movimento de mão para cima)) ela não subiu
64 ((gesticula com mãos palmas para cima)) como a:
65 percentagem da riqueza nacional, do produto, do
66 PIB naquele período, mas na realidade:
67 ((movimento de mão para baixo)) ela caiu, e

68 terceiro que os juros cresceram (.) enormemente
 69 no ((apontando mão e dedo polegar para trás))
 70 período anterior, no período que lá estive
 71 ((movimento de mão para baixo)) eles caíram
 72 sistematicamente até o final. ((olhando para
 73 câmera)) >tem muito trabalho a ser feito<, vamos
 74 (.) voltar lá e resolver
 75 Dias ((rindo)) olha, ((movimento de mão abrindo
 76 pálpebra inferior)) abre o olho::, povo
 77 brasileiro (2,0) ((olhando para câmera)) a
 78 dívida não cresceu? (1,0) em dois mil e dezesseis
 79 (.) trinta e sete bilhões por mês. em dois mil e
 80 dezessete, trinta e nove bilhões por mês. em dois
 81 mil e dezoito cinquenta e cinco ((olhar breve
 82 para Meirelles)) <bilhões por mês:>. ((olhando
 83 para câmera)) que país é este? (.) onde vamos
 84 parar? (1,0) que administração de dívida <é
 85 essa>? ((dedo apontando para Meirelles)) que
 86 ministro é esse? que governo é esse? o que
 87 faremos com o país: em que, a população não tem
 88 noção do que fazem com o dinheiro do imposto que
 89 paga, muitas vezes sem poder pagar?

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Um primeiro ponto a destacar dessa troca interacional é como Dias, na sua primeira contribuição, operou uma modificação substancial da orientação do *rapport* inicialmente proposta por Meirelles, o que demonstra como o *rapport* é uma entidade interacional realmente dinâmica e cada lance interacional pode redirecioná-lo. Além disso, essa mudança contraria a “tendência de as pessoas corresponderem aos tipos de comportamentos sociais produzidos por outras pessoas”¹⁸⁷ (Culpeper, 2011b, p. 204), pois Dias respondeu de maneira bastante ofensiva à pergunta aparentemente inofensiva de Meirelles. Outro aspecto importante é o alerta feito pelo mediador sobre as restrições de opções, pois o candidato do PSDB já tinha atingido a cota máxima de participação e não poderia ser escolhido. Isso reafirma a importância da ordenação dos candidatos para elaborarem suas perguntas, já observada no exemplo anterior (Exemplo 7.5), pois caso Meirelles pretendesse perguntar a Alckmin não lhe seria possível. Assim, Meirelles direcionou seu questionamento a Dias, abordando uma pauta econômica, que

¹⁸⁷ No original: “There seems to be a tendency for people to match the kinds of social behaviours produced by others” (Culpeper, 2011b, p. 204).

inicialmente considerávamos ser uma pressuposição desagradável a terceiros, mas também um tópico seguro entre os candidatos, visto que tematizava o “fracasso do governo anterior” (linhas 20-21), no caso o governo Dilma, ao qual Dias fez oposição, e, portanto, com esse tema Meirelles pretendeu maximizar a concordância entre os candidatos.

Por outro lado, Meirelles optou por contextualizar sua pergunta enumerando alguns atributos positivos sobre sua atuação no comando da economia durante o governo Lula (linhas 09-16), enfatizando, através da fala pausada e volume mais alto do que o usado até então, dados quantitativos sobre emprego e mobilidade social, num claro movimento de dar face a si mesmo. Diante desse panorama traçado, Meirelles criticou, em seguida, que “no governo seguinte tudo desandou” (linha 16), fazendo desse “fracasso” o tema de seu pedido de explicações para Dias. Com esse lance interacional, consideramos que Meirelles objetivava, e assim esperava, que Dias conduzisse sua resposta na direção de depreciar o governo Dilma, pois o emedebista poderia também censurá-lo e, além disso, demonstrar como sua contribuição foi o diferencial para o sucesso econômico no governo Lula. Como o Debate Band apresentou os candidatos lado a lado na tela de transmissão, enquanto Meirelles elaborava sua pergunta, também foi possível acompanhar algumas reações faciais de Dias, sendo perceptível certo ar de riso do candidato do Podemos, como ilustra o conjunto de imagens abaixo (Figura 7.8).

Figura 7.8 – Expressões faciais de riso de Dias diante da pergunta de Meirelles



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 1h24m.

Observando as imagens no sentido horário, com início na imagem do canto superior esquerdo, vemos na sequência cronológica Dias reagindo gradualmente com riso à pergunta proposta por Meirelles. Inicialmente, notamos uma tentativa de conter o riso (imagens superiores à esquerda e à direita), mas, em seguida, quando Meirelles enuncia “que o senhor me explicasse, nos explicasse, por que que houve o fracasso do governo anterior” (linhas 19-21), a expressão de riso fica mais nítida, seguida de um riso largo que acompanha a sentença inicial de sua resposta, afiadamente irônica: “é o senhor que esteve lá é que deveria ter a explicação, né?” (linhas 23-24). Com esse enunciado, Dias recusou o sinal, dado por Meirelles, para abrir canais, o que Goffman considera como “algo como recusar uma mão estendida”¹⁸⁸ (Goffman, 1981, p. 18), além disso, Dias vinculou Meirelles ao governo que acabara de criticar, pois, para ele, não haveria distinção entre os governos Lula e Dilma, e devolveu o pedido de explicação, imputando a Meirelles, inclusive, o dever de ter a explicação por ter estado lá (linhas 23-25). Com essa construção, Dias não recusa as críticas feitas por Meirelles “ao governo anterior”, mas, ao mesmo tempo, responsabiliza-o, estendendo-lhe a crítica. Por outro lado, o candidato do Podemos ainda criticou Meirelles ao lhe atribuir uma ação dissimuladora ao tentar se distanciar do governo do qual fez parte. Todas essas nuances semânticas são possibilitadas pela natureza fortemente inferencial da ironia e atuam para justamente rebaixar o *status* do emedebista, redirecionando o *rapport* para o desafio.

Esse percurso enunciativo nos faz perceber como, diante da pergunta proposta, Dias construiu, através da ironia, uma concepção de Meirelles como uma figura risivelmente inconsciente, ao perguntar genuína e criticamente sobre o fracasso do governo anterior, pois ignorou a própria vulnerabilidade de ser visto como parte dele. Dessa maneira, o riso inicial de Dias se justificaria, pois ele notou que Meirelles em sua pergunta oportunizou a Dias criticá-lo, podendo, portanto, ser visto como uma piada. Tal concepção parece, inclusive, ser referendada pelo riso que a plateia presente no estúdio compartilha com Dias diante do seu enunciado irônico, fazendo Meirelles ser duplamente ridicularizado: primeiro por Dias, e depois pela plateia. Por outro lado, essa postura adotada por Dias rompeu com a expectativa, posta na pergunta de Meirelles, de que o tópico da interação recairia sobre os erros da condução econômica do governo dilmista, pois o candidato do Podemos subverteu o tema proposto e ainda tornou Meirelles, enquanto o ex-presidente do Banco Central, o tema principal dessa troca interacional acentuadamente conflituosa.

¹⁸⁸ No original: “to decline a signal to open channels is something like declining an extended hand” (Goffman, 1981, p. 8).

Nessa direção, Dias prosseguiu sua resposta elencando “algumas explicações” (linhas 25-38 e 43-51), em que destacou alguns índices econômicos consensualmente considerados negativos, como altas taxas de juros e aumento de dívida pública, usando de recursos prosódicos, de tons mais altos e fala mais pausada, para destacar esses dados “negativos” (linhas 28-32) e acentuar sua avaliação (assustadora e exploração) sobre esses fatos (linhas 31 e 43). Por fim, é possível observar também uma oscilação do envolvimento emocional de Dias, ora mais afetado, pela hesitação pronúncia de palavras (linhas 45-46), ora mais estratégico, pelo direcionamento estratégico do olhar para a câmera e, conseqüentemente, para o telespectador durante sua crítica acentuada a uma omissão de Meirelles, sendo, portanto, essa uma referência negativa personalizada (linhas 49-51).

Diante dessa mudança significativa da orientação do *rapport* feita pelo oponente, Meirelles modificou também sua postura, tornando-a mais ofensiva, ao enunciar que “a questão mais importante que nós estamos vendo é a questão de desinformação básica de alguns candidatos” (linhas 52-55). Com esse enunciado, o candidato do MDB fez uma pressuposição desagradável genérica de que alguns candidatos seriam ignorantes e, generalizando sua ofensa, atenuou seu teor agressivo. Além disso, essa construção genérica minimizou o custo para Dias por não o mencionar diretamente, podendo ser esse um uso da máxima de tato de Leech, mas é inequívoco, diante do contexto imediato, que esse agravo teve o candidato do Podemos como principal referente, sendo a ele direcionado o ato de ameaça à face. Assim, consideramos que a estratégia de polidez foi usada ironicamente ao ser conjugada a uma estratégia de impolidez efetiva, que sobrepôs seu efeito. Podemos, então, interpretar que essa postura ambivalente de Meirelles foi uma forma de preservar a própria face, pois, como Culpeper aponta, “os políticos raramente respondem na mesma moeda aos inconvenientes, provavelmente, isso prejudicaria sua imagem de calma e controle”¹⁸⁹ (Culpeper, 2011b, p. 206). Em seguida, o emedebista se direcionou textualmente para o oponente (linha 57) e, com mãos levantadas e palmas à mostra na altura da cabeça, declarou não ter participado do governo da Dilma, como ilustra a imagem abaixo (Figura 7.9).

¹⁸⁹ No original: “politicians rarely response in kind to hecklers, presumably, it would damage their image of being calm and in control” (Culpeper, 2011b, p. 206).

Figura 7.9 – Expressões corporal e facial de defesa de Meirelles



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 1h26m19s.

Esse movimento corporal feito por Meirelles é muito emblemático em situações tanto de armistícios quanto de submissão (Weil; Tompakow, 2015) e, aqui, conjugado com o discurso do emedebista suscita algumas interpretações nessa direção. Inicialmente, a exibição das palmas da mão por Meirelles, na direção de Dias, junto ao seu esclarecimento sobre não ter participado do governo Dilma pode funcionar como uma prova de que ele não tem nada a esconder, o que causa uma impressão de transparência e, até mesmo, de uma defesa pacífica, se comparada ao teor da fala inicial de Dias. Além disso e novamente nos apoiando em sua negação sobre ter participado do governo Dilma, as mãos levantadas podem aparentar novamente uma defesa. Contudo, como Meirelles prosseguiu sua resposta basicamente contrapondo as críticas feitas por Dias (linhas 61-72), esse movimento defensivo repercute como uma aceitação do tom e do tema impostos pelo candidato do Podemos, diante da necessidade de defender a própria face. Por fim, o emedebista redirecionou sua fala para o telespectador, reconhecendo haver muito a ser feito e prometendo voltar lá e resolver (linhas 73-74). Essa troca interacional finalizou com a tréplica de Dias, que, de início, usou uma construção linguística de alerta, recorrente nos seus discursos ao longo dos debates (linhas 75-77), e, na sequência, fez uma pergunta retórica para arrolar dados que contrapusessem o discurso de Meirelles, apresentando essa relação incongruente com fins críticos. Por fim, o candidato do Podemos continuou explorando o recurso das perguntas retóricas, algumas apresentando um caráter irônico mais evidente (linhas 85-86) cujo alvo foi naturalmente o candidato do MDB.

A partir da análise desse dado, vemos como o uso da ironia para elevar ou rebaixar o *status* que alguém reivindica para si pode modificar significativamente o tom da interação. Ficou evidente que Meirelles teve sua estratégia discursiva inicial frustrada a partir da reação irônica apresentada por Dias, que não só lhe rebaixou o *status* como também o ridicularizou. Assim, o tom da interação foi substancialmente modificado, o que tornou necessário ao candidato do MDB adotar uma postura de defesa, recorrendo, inclusive, à ironia como estratégia autoprotetora de crítica ao oponente.

7.2.2.3 Em *rapport* de manutenção

Como já exposto, as orientações de *rapport* se localizam dentro de um *continuum*, estando em cada um dos extremos as orientações de desafio e de aprimoramento, de modo que as particularidades dessas orientações são mais fáceis de identificar. As orientações do *rapport* para a manutenção e negligência, por outro lado, apresentam caracteres mais sutis, razão pela qual a passagem de uma à outra pode, por vezes, parecer vacilante. Isso posto, a orientação do *rapport* para a manutenção se caracteriza, como já dito, por um equilíbrio no gerenciamento de uma relação inicialmente agradável, em que os envolvidos não adotam ações e posturas que desafiem o bem-estar entre eles, mas, por outro lado, não há uma preocupação em cativar um ao outro, mantendo os termos prévios da relação. Dessa maneira, consideramos que, dada a natureza da prática discursiva do debate, é natural que os candidatos demonstrem preocupação com a própria face, mas julgamos ser determinante, no *rapport* para a manutenção, que essa atenção não acometa negativamente a face do interlocutor.

Analisamos a seguir um confronto direto ocorrido durante o debate da Record, penúltimo da corrida presidencial, entre Haddad e Boulos, que, destacamos, se reconhecem mútua e explicitamente como posicionados no mesmo espectro político, ou seja, como aliados. Nessa direção, foi notório como o tom da troca interacional foi fortemente influenciado por esse arranjo relacional previamente estabelecido entre os candidatos, que na maior parte do tempo gerenciaram o *rapport* orientando-o para a manutenção da relação. Contudo, isso não acarretou uma conduta altruísta de nenhum dos participantes, que tampouco desprezaram um ao outro, mantendo, na realidade, uma relação cordial, principalmente por focalizarem tópicos consensuais, como as críticas a adversários em comum. Nesse sentido, a ironia com função de elevação de *status* não foi utilizada para elevar-se em detrimento do interlocutor, mas, pelo contrário, encontrou no interlocutor respaldo para deteriorar, ironicamente, os adversários em comum, como veremos a seguir (Exemplo 7.7).

Exemplo 7.7 – Função de elevação de *status* em *rapport* para manutenção

Debate Record	Bloco 3	2h34	Orientação do <i>rapport</i> para manutenção	Ironia: elevação de <i>status</i>
Confronto direto: Haddad x Boulos				
01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36	Mediador Haddad Boulos	((olhando para Haddad)) ((olhando para câmera)) ((olhando para câmera))	candidato Fernando Haddad, você faz a pergunta a quem? eu faço a pergunta: (.) ao Guilherme Boulos (1,0) ehh Boulos, alguns candidatos aqui se (.) apresentam aqui como candidatos mo- <u>moderados</u> (.) como o Alckmin, e o Meirelles. mas dão sustentação a um governo (.) que está <u>cortando direitos trabalhistas</u> , pela reforma trabalhista, está cortando <u>direitos</u> sociais: (.) pela (.) emenda constitucional, que <u>congelou</u> por vinte anos (.) os gastos públicos do Brasil (.) INCLUINDO aí, ao contrário do que diz o Alckmin, >segurança, educação, previdência, assistência social, saúde e assim por diante< hh e ontem: o Brasil se <u>insurgiu</u> contra isso, inclusive contra o candidato que quer <u>aprofundar</u> essa agenda (.) cortando o décimo terceiro, e taxando os pobres. qual que é a sua opinião sobre isso? °olha, Haddad°, primeiro (.) esse desgoverno do Michel Temer (.) nasceu (.) de um <u>golpe</u> , não tem legitimidade. assim como a sua <AGENDA> não tem legitimidade. eu já tive a oportunidade de dizer num outro debate, ((olha ao redor do estúdio e faz movimento circular com as mãos)) que aqui existe <u>cinquen::ta</u> tons: de Temer (.) não há um ÚNICO candidato que represente o Temer. <u>vários</u> (.) vários ajudaram a dar o GOLpe que colocou ele lá (.) e vários ajudaram a aprovar essa agenda. por isso, é necessário ter como compromisso <u>básico</u> (0,5) ((olhando para Haddad)) espero (.) <u>ouvir</u> isso de você também, ((olhar para câmera)) de RE-VO-GAR TODAS as <u>medidas</u> antipopulares tomadas por	

37 esse governo do Temer. a emenda constitucional
38 noventa e cinco, que congela investimentos por
39 vinte anos. a entrega do pré-sal pra empresas
40 estrangeiras, que ((olhar breve para Haddad))
41 lamentavelmente começou a tramitar (.) já no
42 governo da Dilma, em dois mil e quinze. a
43 reforma do ensino médio, >que tirou filosofia,
44 sociologia do currículo< e que (.) eh:: o
45 Temer (.) aprovou ela sem qualquer debate com
46 professores e com a comunidade escolar:. não
47 PAUTAR, nenhum tipo de reforma da previdência,
48 que o Temer tentou aprovar, estabelecendo
49 idade mínima, e botando a CONTA, nas costas
50 dos trabalhadores que se aposentaram a vida
51 toda. e agora fez uma ameaça de novo (.) que
52 depois das eleições, vai querer aprovar: (.)
53 a reforma da previdência. não deixamo aprovar
54 no ano passado e não vamo deixar aprovar de
55 novo. ((se direciona, olha e aponta brevemente
56 para Haddad)) aliás, queria te ouvir sobre
57 isso, Haddad, esse tema da reforma da
58 previdência, tão essencial para os
59 trabalhadores brasileiros.

60 Haddad ((olhando para câmera)) olha, Boulos, eh:: o
61 Brasil vai poder contar com as forças
62 democráticas pra revogar esse entulho que (.)
63 o: Temer aprovou com apoio do (.) MDB e do
64 PSDB. um entulho, que cassou direitos. e na
65 minha opinião ontem o Brasil se insurgiu
66 contra esse estado de coisas. inclusive o
67 Bolsonaro quer APROFUNDAR essa agenda. fala
68 em cortar décimo terceiro, fala em taxar os
69 pobres. a nossa política é outra. nós vivemos
70 o período <mais democrático da história do
71 Brasil>, dialogando com a sociedade pra
72 AMPLIAR direitos. hoje, todo mundo é pai do
73 bolsa família. ma na época foi o presidente
74 Lula, que com sua energia, decidiu acabar com
75 a fome no Brasil (.) tirar o Brasil do mapa
76 da fome e foram esses programas sociais, bolsa
77 família, PROUNI, universidade pública, luz

78 pra todos, minha casa minha vida, que colocou
 79 o pobre ((eleva as mãos)) em outra situação.
 80 é pela democracia, é com o diálogo do povo que
 81 o pão vai voltar pra mesa, e que o trabalhador
 82 vai ter (.) emprego.

83 Boulos ((olhando para câmera)) seguramente, toda
 84 saída só pode se dar (.) pela democracia. e
 85 aproveito aqui pra REPUDIAR mais uma vez as
 86 declarações d- do Bolsonaro, dizendo que não
 87 aceitaria o resultado da eleição, se ele não
 88 ganhar ela (.) declarações pró- próprias não
 89 de um candidato a presidente da república, mas
 90 de um candidato (.) a ditador. agora há também
 91 a reforma trabalhista e a terceirização
 92 aprovadas por esse desgoverno, e que nós temos
 93 que ter a CORAGEM de revogar. em relação à
 94 reforma da previdência, é importante que esse
 95 discurso não exista apenas agora (.) em
 96 período de eleição, ((olhar breve para
 97 Haddad)) mas quem se eleja se comprometa a não
 98 fazer reforma da previdência, que ataque o
 99 direito da aposentadoria de todos os
 100 trabalhadores e trabalhadoras brasileiros. e
 101 quero dizer uma coisa (.) o ato de ontem
 102 representou a força das mulheres contra
 103 Bolsonaro (.) mulheres que não aceitam ganhar
 104 menos que os homens (.) mulheres que não
 105 aceitam que tem que ter menos direitos, como
 106 prega o Bolsonaro e o seu vice Mourão, elas
 107 vão ajudar, vão ser decisivas pra derrotar o
 108 atraso nesse país.

Fonte: Debate Record, 30 set. 2018, s. p.

Percebemos que Haddad, ao indicar Boulos para responder ao seu questionamento, procurou, na realidade, uma voz para endossar a visão apresentada na pergunta. Primeiro, porque o petista parece orientar sua fala para o telespectador, visto seu olhar para a câmera, mas, além disso, porque o petista questionou a opinião de Boulos sobre oponentes políticos comuns aos dois, indicando textualmente Alckmin e Meirelles (linhas 06-07), e referindo ainda implicitamente Temer (linha 08) e Bolsonaro (linha 16). Mantendo o olhar para a câmera, Haddad buscou contrapor, junto ao público, a menção inicial de que esses adversários “se

apresentam aqui como candidatos moderados” (linhas 05-06), assim, fez uma série de pressuposições desagradáveis sobre eles (linhas 07-19), destacando com pausas, ritmos mais morosos e tom de voz mais alto aspectos que, na visão do petista, desvelariam a deslealdade desses oponentes. Ao fim e mantendo ainda o olhar direcionado para a câmera, Haddad solicitou a Boulos “sua opinião sobre isso”, em que o dêitico “isso” se refere a todo o contexto traçado anteriormente pelo petista e em que a pergunta soa um jogo de cena para que, com a resposta de Boulos, ambos possam comunicar ao telespectador fatos reprováveis sobre esses adversários.

De fato, na sua resposta, Boulos manteve com os oponentes o mesmo tom crítico já instaurado por Haddad e, com o olhar direcionado para a câmera, acusou de não ter legitimidade (linhas 22-24) o então presidente Michel Temer, a quem o pessolista associou ainda vários candidatos presentes (linhas 27-32). Para tanto, Boulos usou a emblemática expressão “cinquenta tons de Temer”, uma versão paródica do título do livro e filme *Cinquenta tons de cinza* e com a qual satirizou esses candidatos ao prolongar os sons de sílabas das palavras cinquenta e tons (linha 28), dotando sua ironia ao mesmo tempo com efeitos de crítica e humor. Então, Boulos destacou o compromisso de revogar as medidas do governo Temer e, olhando para Haddad, expressou sua expectativa de que o petista fizesse o mesmo, o que soou como uma coação, aumentando, assim, o custo para seu interlocutor. Discorrendo sobre medidas a serem revogadas, Boulos apresentou, novamente e pontualmente, um comportamento desafiador em relação a Haddad, quando mencionando a entrega do pré-sal para empresas estrangeiras se direcionou ao petista para vincular essa medida ao governo Dilma (linhas 39-42), do mesmo partido de Haddad, atenuando a crítica por modalizar esse vínculo com o adverbio “lamentavelmente”; e, em seguida, após contextualizar a reforma da previdência pretendida por Temer, questionou ao petista sua opinião sobre o tema, levando-o novamente a se comprometer.

Haddad manteve novamente seu olhar constante para a câmera, sinalizando, dessa forma, a manutenção de seu engajamento com o telespectador, apesar do endereçamento inicial a Boulos. Na sua resposta, embora tenha evitado demarcar uma posição clara sobre o tema da previdência questionado por Boulos, o petista evocou as forças democráticas, na qual presume-se que ele se inclui, para revogar as ações governamentais do governo Temer, caracterizadas por ele como “entulho” e como tendo sido apoiadas pelo MDB e PSDB (linhas 62-64). Haddad, então, fez referências a protestos ocorridos no dia anterior em oposição a Bolsonaro, tendo aproveitado a ocasião para fazer nominalmente pressuposições desagradáveis sobre o candidato do PSL, considerado, até então, como o líder da corrida eleitoral (linhas 65-69). Na sequência,

Haddad buscou demarcar suas diferenças (linha 69), destacando, assim, as virtudes dos governos do qual fez parte (linhas 69-82). Nesse ínterim, Haddad aproveitou para ironizar (linhas 72-73) que alguns candidatos reivindicaram para si ou aliados a elaboração do Bolsa Família e seus méritos, sendo um exemplo dessa disputa o diálogo ocorrido entre os candidatos Meirelles e Alckmin durante confronto direto no debate da RedeTV, que reproduzimos abaixo o trecho mais emblemático:

Meirelles: quando estava no ministério da fazenda nós criamos as condições de aumento, de orçamento e condições para aumentar o valor do bolsa família e a cobertura do bolsa família, quando estive no Banco Central, o país cresceu, gerou recursos para que o bolsa família no governo do Lula também fosse criado.

Alckmin: Olha, rememorar a memória do candidato Henrique Meirelles, o bolsa família é a junção de 3 programas de complementação de renda, da rede de proteção social do governo do PSDB, que criou o Bolsa Escola, havia um apoio para a família com um único compromisso, que a criança frequentasse as aulas, o vale saúde, o bolsa na área da saúde, único compromisso que as crianças fossem ao pediatra e tivessem a vacinação, e o vale gás. (Debate Band, 09 ago. 2018, 2h21)

Com essa ironia, Haddad pôde a um só tempo ridicularizar a posição dos adversários, desvelando seu comportamento incongruente, e elevar o próprio *status*, enfatizando vocalmente que foi “Lula que com sua energia decidiu acabar com a fome no Brasil”, citando vários programas sociais, inclusive o Bolsa Família (linhas 72-82).

Na tréplica, Boulos também se direcionou para o público e se dedicou a criticar as declarações antidemocráticas atribuídas a Bolsonaro e, demonstrando certa tensão pela fala vacilante (linhas 86-88), caracterizou-o como “um candidato a ditador”, o que representa uma fórmula convencionalizada de impolidez, por fazer uma afirmação negativa personalizada (linhas 89-90). O candidato do PSOL suspendeu rapidamente suas considerações sobre Bolsonaro para retomar o tema da reforma da previdência e, mais uma vez, adotou uma postura impositiva com Haddad, pois, olhando para o petista, impeliu ao eleito se comprometer “a não fazer reforma da previdência que ataque o direito da aposentadoria” (linhas 97-100). Por fim, Boulos, retomou o tópico aventado por Haddad sobre os atos contrários a Bolsonaro ocorridos no dia anterior, exaltando a força das mulheres e, nesse contexto, referindo ainda fatos negativos sobre o candidato do PSL (linhas 101-108).

Por terem adversários em comum, Haddad e Boulos exploraram prioritariamente as crenças em comum, tais como as críticas ao então presidente Michel Temer, aos candidatos da

base governista, Alckmin e Meirelles, e ao candidato Bolsonaro, tendo sido esse o ponto focal da interação. Assim, o *status* de harmonia da relação entre eles foi mantido, como previamente, pois não houve movimentos significativos para aprimorar essa relação, visto o interesse em comum de lesar a face dos adversários partilhados. Inclusive, as duas ocorrências de ironia presentes nessa troca tematizaram esses adversários políticos; num primeiro momento, Boulos, através da paródia, objetivou satirizar os candidatos governistas, explorando principalmente o riso, e, num segundo momento, Haddad ironizou a reivindicação de autoria de políticas sociais feita por seus adversários e, subvertendo-a, desvelou suas incongruências, conseguindo, ao mesmo tempo, dignificar seu aliado (Lula) e, conseqüentemente, a si e enquanto idealizadores de políticas públicas.

7.2.2.4 Em *rapport* de negligência

Como já dito, a orientação do *rapport* para a negligência, no debate eleitoral, decorre principalmente da preocupação que os candidatos têm com a própria face, dessa maneira, se a face vai estar no centro das atenções, é plausível que a função de elevação de *status*, por sua centralidade também na face, contribua de maneira ainda mais significativa nesse tipo de *rapport*. Além disso, vemos que a ironia com função de elevação de *status* contribui de maneira mais efetiva com o estabelecimento de uma relação relapsa, mesmo a face estando no centro das atenções, pois um trabalho de face positivamente orientado para si pode ser feito, mas não torna obrigatório um cuidado dissimulado com a face do oponente, sendo possível sim questioná-la.

Para demonstrar esse funcionamento da ironia, analisamos a seguir uma interação em que a ironia foi reiteradas vezes utilizada tanto para elevar o *status* do próprio ironista quanto para ridicularizar o oponente, tendo sido todas as vezes referendada pela plateia. Dessa maneira, o ironista conseguiu, com efeito, fazer-se mais importante, inteligente do que seu opositor, que, além disso, se constitui, de fato, uma figura ridiculamente ingênua, dado seu comportamento sincero diante das distorções que os usos de ironia trouxeram para a interação.

Exemplo 7.8 – Função de elevação de *status* em *rapport* para negligência

Debate Band	Bloco 3	2h40	Orientação do	Ironia:
Confronto direto: Daciolo x Gomes			rapport para negligência	elevação de <i>status</i>
01	Mediador	((câmera em plano aberto))	o var não tá previsto	
02		na organização do debate para nenhum dos senhores		
03		(.) nem para a candidata. cabo Daciolo, é sua		

04 vez de perguntar e escolher quem vai responder
05 Daciolo ((olhando para Gomes)) a minha pergunta vai para
06 o candidato Ciro (1,5) Ciro (1,5) o senhor é um
07 dos fundadores do foro de São de Paulo.
08 ((candidatos lado a lado, Gomes franze
09 sobranceiras)) o que o senhor pode falar aqui
10 para a população brasileira, pra nação
11 brasileira. sobre o plano ursal ((Gomes fala algo
12 inaudível)) o que senhor tem pra dizer (1,0) o
13 plano <ursal>, ((cabeça elevada)) união da
14 república SOCIALISTA (.) latino-americana (.)
15 tem algo a dizer pra nação brasileira?
16 Gomes ((olhando para Daciolo e rindo)) meu estimado
17 cabo, eu tive muito prazer de ((levanta
18 sobranceiras)) conhe- conhecê-lo hoje (.) e
19 ((olhar curto para lado)) pelo visto o amigo
20 também não me conhece. ((movimento breve de mãos
21 com palmas pra frente)) eu não sei o que é isso
22 (1,0) não fui fundador do foro de São Paulo e
23 acho que tá respondido ((princípio de aplausos))
24 Daciolo ((intercala olhar entre plateia e câmera)) sabe
25 sim. sabe sim. nós estamos falando aqui: de um
26 plano (.) que chama-se (.) nova ordem mundial
27 (.) UNIÃO (.) DE TODA A AMÉRICA DO SUL.
28 ((gesticula com dedo em círculo na vertical))
29 CONEXÃO DE TODA A AMÉRICA DO SUL, FAZENDO APENAS,
30 TIRANDO TODAS AS FRONTEIRAS, FAZENDO UMA ÚNICA
31 NAÇÃO (.) ((levanta sobranceira)) PÁTRIA GRANDE
32 (.) POUCOS OUVIRAM FALAR DISSO ((levanta
33 sobranceira demoradamente)) E VAI SER POUCO
34 DIVULGADO ISSO. ELES SABEM DO QUE NÓS ESTAMOS
35 FALANDO. quero deixar bem claro que no nosso
36 governo (.) o comunismo ((bate com dedo no
37 púlpito)) não vai- não vai ter- não vai ter vez.
38 MUITO BEM- DEIXAR MUITO CLARO ISSO. DEIXAR MUITO
39 CLARO TAMBÉM PRO ESTADOS UNIDOS, E PRA CHINA
40 (.) INFELIZMENTE POLÍTICOS DE NOSSA NAÇÃO ESTÃO
41 ((ainda mais alto)) DANDO NOSSA NAÇÃO (.) mas
42 aqui também não vai ter vez. eles vão disputar:
43 o segundo, e a terceira eco- melhor economia do
44 mundo, porque a nação brasileira no nosso governo

45 vai ficar entre a primeira ((inaudível))
 46 economia mundial. para honra e glória do senhor
 47 Jesus Cristo.

48 Mediador pois não, candidato Ciro Gomes
 49 Gomes ((rindo discretamente)) a democracia é uma
 50 delícia, uma beleza, e eu dei a vida inteira, e
 51 continuarei dando (.) mas ((gesticula na direção
 52 de Daciolo)) ela tem, certos custos. eu vou
 53 aproveitar esses quarenta segundos ((plateia
 54 ri)) hh. eu vou aproveitar esses quarenta
 55 segundos pra, propor três alternativas para
 56 retomar o desenvolvimento no Brasil. uma (.)
 57 aliás, são quatro, mas eu já falei uma, vou
 58 repetir. ajudarei os brasileiros, que estão aos
 59 sessenta e três milhões deles, endividados no
 60 SPC. vou ajudar a pagar a dívida e restaurar o
 61 consumo das famílias. dois (.) consertarei e
 62 apoiarei o esforço de desfazimento do cartel,
 63 que hoje cobra de quem trabalha e produz no
 64 Brasil a maior taxa de juros do MUNDO (.) na
 65 ponta. três, vou consertar as contas públicas,
 66 pra dizer de onde vem o dinheiro pra gente
 67 transformar o Brasil, ((gesticula na direção de
 68 Daciolo)) se não digo na primeira, mas na quinta,
 69 na sexta economia do mundo, que eu já vivi. e
 70 quatro, vou celebrar uma política industrial e
 71 de comércio exterior, na área de petróleo, gás,
 72 bioenergia (1,25) complexo industrial da saúde
 73 Mediador °°tempo°°
 74 Gomes complexo industrial da defesa e complexo
 75 industrial do agronegócio, começando com
 76 construção civil. eu tinha deixado um minuto pra
 77 trás lá sem usar.

78 Mediador isso é verdade, ma perdeu
 79 Gomes ((fora do plano da câmera)) °°perdeu, playboy°°
 80 Mediador perdeu, playboy. eh::::. ((plateia ri)) ((riso
 81 contido)) parafraseando o candidato, a frase foi
 82 dele.

Vemos, de início, a condução espirituosa do mediador diante de alguma reivindicação dos candidatos sobre VAR, indicando, logo, em seguida o Cabo Daciolo como o próximo candidato a perguntar e indicar quem irá responder. Daciolo indicou Gomes para responder, e, após breve pausa, iniciou afirmando que Gomes seria um dos fundadores do Foro de São Paulo (linhas 06-07), e na sequência pergunta sobre o que Gomes tem a dizer sobre o plano URSAL. Como ilustram as imagens a seguir (Figura 7.10), diante dessas colocações, Gomes reagiu demonstrando, primeiro, espanto, por ser categorizado como um dos fundadores do Foro de São Paulo (imagem à esquerda), e, em seguida, demonstrando não ter compreendido o que fora falado por Daciolo. Na imagem à direita abaixo (Figura 7.10), vemos que a incompreensão de Gomes é sinalizada por uma conjunção de sinais, iniciando com o corpo do pedetista posicionado na direção de Daciolo e uma expressão facial marcada pelas sobrancelhas franzidas, o que convencionalmente tem sido considerada uma expressão facial de incompreensão (Weil; Tompakow, 2015, p. 91; p. 167). Além disso, nota-se, nesse momento, que Gomes falou algo, embora não tenha sido possível ouvir o que foi dito (talvez microfone tivesse desligado ou o candidato tenha falado longe do microfone). Porém observando o movimento labial, deduzimos que Gomes enunciou “o quê?”, o que pode ser considerado um pedido de esclarecimento. Daciolo, então, repetiu a última sequência nominal falada, enfatizando a sigla URSAL vocalmente e explicando o sentido de tal sigla (linhas 12-14).

Figura 7.10 – Reações faciais de Gomes à pergunta de Daciolo



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 2h41m.

A resposta de Gomes foi realmente breve, com duração de 12 segundos, e iniciou com uma fórmula de endereçamento convencionalmente polida (linhas 16-17), seguindo com uma expressão acentuadora de simpatia (linha 17), mas contraposta, por sua vez, ao enunciado “pelo visto o amigo também não me conhece” (linhas 19-20), o que consideramos ter um viés

arrogante pela contraposição feita em seguida e, principalmente, pela expressão de riso que a acompanhou (Figura 7.11).

Figura 7.11 – Expressão facial de riso de Gomes durante resposta



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 2h41m21s.

Desse modo, consideramos que Gomes apresentou ao fim um comportamento tipicamente impolido, mas que foi precedido por expressões convencionais de polidez, tornando, assim, sua comunicação conflitante e possibilitando que a polidez inicial seja vista apenas como aparente e até mesmo como irônica. Em seguida, ainda com expressão de riso contida, o pedetista sucintamente negou saber o que seja “isso” (linha 21), compreendido no contexto como uma referência a URSAL, negou ser fundador do Foro de São Paulo (linha 22) e finalizou sua fala com a observação “e acho que tá respondido” (linha 23), renunciando ao seu tempo de resposta.

Consideramos que essa última colocação de Gomes parece seguir a linha semelhante à colocação de Bolsonaro no Exemplo 7.2, discutida na subseção 7.2.1.2, pois, apesar da expressiva diferença no grau de ofensa e de diretividade, ambas soam como recusas para interagir, podendo ser vistas como comportamentos impolidos. Contudo, embora a pergunta de Daciolo fosse em certa medida desagradável para Gomes, como se pôde inferir da sua fala seguinte, as condições interacionais postas até então não constituíram, de fato, um *rapport*

orientado para o desafio, pois a fala inicial do candidato do Patriota se dirigiu, sobretudo, para pedir que Gomes esclarecesse à nação brasileira o que seriam as instituições mencionadas (Foro de São Paulo e URSAL) não sendo, dessa forma, a conduta hostil de Gomes condizente com o potencial ofensivo da pergunta de Daciolo. Por essa razão, consideramos essa troca mais assimétrica do que a ocorrida entre Bolsonaro e Boulos e o aplauso, ainda que breve, após fala de Gomes feito pela plateia presente no estúdio acentuou ainda mais essa disparidade, por ser uma demonstração de apreço da conduta de Gomes, o que causou um efeito ainda mais forte de isolamento de Daciolo.

Com o olhar intercalando entre a plateia do estúdio e a câmera, ou seja, direcionando-se para o telespectador, Daciolo iniciou sua réplica contrapondo Gomes ao afirmar que o pedetista saberia sim o que é a URSAL (linhas 24-25), referente que o próprio Daciolo se dedicou a conceituar na sequência, alertando sobre o caráter secreto do tema (linhas 32-35). Em seguida, o candidato do Patriota ameaçou que “comunismo” não teria vez em seu governo (linhas 35-37), batendo com o dedo no púlpito e hesitando na pronúncia de palavras, e prenunciou ainda aos Estados Unidos e à China o rebaixamento de suas economias diante do triunfo da economia brasileira (linhas 38-46), acalmando-se concluiu com um jargão cristão recorrente na sua fala. É notório como Daciolo se mostrou bastante afetado e com um comportamento discursivo carregado de emoção, pelo tom de voz mais elevado durante quase toda sua fala, marcada ainda por gaguejos (linhas 37 e 43), pelos gestos exagerados (dedo em círculo, batida com dedo no púlpito) e pelas expressões faciais acentuadas, como ilustram as imagens a seguir (Figura 7.12).

Figura 7.12 – Reações faciais emotivas de Daciolo



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 2h41m58s; 2h42m03s.

Após sua resposta inicial bastante abreviada, soando quase uma renúncia, Gomes, diante dessa réplica, adotou um comportamento verbal mais ativo, se tornando também mais desafiador. De início, Gomes fez um comentário aparentemente elogioso sobre a democracia (linhas 49-52), mas que pareceu divergente do tema em questão, sendo dessa maneira

contextualmente inadequado. Por outro lado, antes e até mesmo durante sua fala, Gomes sustentou um riso bastante expressivo para o contexto interacional mais formal do debate, como podemos ver abaixo (Figura 7.13).

Figura 7.13 – Gomes rindo durante elogio à democracia



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 2h42m23s.

A partir dessas inadequações e considerando a primeira colocação de Gomes como um abandono do engajamento de face sustentado na interação, esse novo desvio do jogo interacional pôde novamente ser visto como o pedetista declinando de interagir com Daciolo, o que permitiria que reestabelecer a relevância do comentário sobre a democracia, inicialmente inadequado. Converge para tal compreensão o fato de que esse elogio à democracia foi sucedido, após breve pausa, por um comentário sobre os custos da democracia, durante o qual Gomes manteve ainda um sorriso, embora mais discreto, e, principalmente, posicionou seu corpo e mãos na direção do oponente, como ilustra a Figura a seguir (7.14).

Figura 7.14 – Posicionamento corporal de Gomes apontando para Daciolo



Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, 2h42m29s.

Assim, com essa conjunção de ações verbais e não verbais, julgamos que o candidato do PDT objetivou avaliar criticamente as ações de Daciolo, tendo utilizado de estratégias indiretas, particularmente a ironia, com a qual, Gomes pôde principalmente reivindicar seu perfil democrático, elevando o próprio *status*. O recurso da ironia com função de elevação de *status* continuou sendo explorado pelo pedetista ainda na tréplica, quando ele declarou textual e abruptamente sua mudança do tópico (linhas 52-54), negligenciando implicitamente o tema proposto por Daciolo. Com isso, Gomes priorizou abordar suas propostas, mas o modo como comunicou tal prioridade sugeriu que elas eram mais importantes do que os temas trazidos por Daciolo, assim, novamente Gomes engrandeceu-se e rebaixou seu oponente.

Além disso, como essa ação causou risos sutis na plateia, compreendemos que, com essa ruptura tópica, Gomes ridicularizou mais uma vez Daciolo e sua conduta irônica foi mais uma vez assentida por parte do público presente. Por fim, com um tom mais formal, o pedetista enumerou suas propostas para o desenvolvimento no Brasil (linhas 55-76), e ainda fez uma referência irônica a seu oponente (linhas 68-69), novamente para se contrapor, ao abordar proposta de sucesso econômico prometida por Daciolo como utópica. A troca interacional findou com Gomes, numa forma indireta de reivindicação, explicitando o tempo que não usou em seu primeiro turno, fato esse que o mediador confirmou, mas não assentiu a reivindicação. Assim, Gomes, em um tom jocoso, reconheceu sua perda (linha 79), o que o mediador reiterou, provocando um riso generalizado na plateia. Então, o mediador, buscando resguardar sua face,

esclareceu que a frase tinha sido do próprio candidato (linhas 80-82), encerrando, de fato, essa troca entre Daciolo e Gomes.

Podemos notar que a ironia com função de elevação de *status* se comportou de formas distintas de acordo com o *rapport*, ou seja, se o *rapport* foi mais orientado para o espectro da polidez ou da impolidez. Nas orientações para manutenção e aprimoramento, a ironia com elevação de *status* atuou para unir os dois participantes ao criticarem um adversário em comum, estabelecendo entre os participantes um vínculo de cumplicidade fundado no escarnecimento de um terceiro. Já nas orientações para a negligência e desafio o uso da ironia serviu para rebaixar o *status* do interlocutor enquanto se buscou elevar o próprio *status*, assim, estando a vítima da ironia presente, houve um tensionamento da relação entre os participantes. Contudo, na troca interacional entre Daciolo e Gomes, embora a estruturação das ocorrências irônica tenha sido mais condizente com as funções de elevação de *status* e de ofensa, os usos irônicos feitos por Gomes não foram marcados por uma intensificação da tensão, o que atribuímos aos efeitos de humor mais latentes por causa das expressões de riso observadas na plateia e, principalmente, da ingenuidade de Daciolo.

7.2.3 Ironia com função de humor

Como já discutido anteriormente, nem toda ironia causa efeitos de humor, embora a ocorrência do riso seja importante para muitos usos da ironia. Nessa mesma direção, o contexto político, marcado pela disputa de poder, tem sido caracterizado por certa seriedade e até mesmo tensão, o que pode causar a compreensão de que não haveria nele espaço para a distensão, o humor e o riso. Contudo, o debate eleitoral é uma prática discursiva que ocorre na intersecção entre a esfera política e a esfera midiática (Martino; Marques, 2022), e tem-se observado um movimento dos participantes buscarem mecanismos para descontrair as tensões típicas do universo político, a fim de tornar o debate uma prática discursiva mais aprazível para os telespectadores.

Por conseguinte, a ironia, de modo geral, se constitui como um recurso produtivo para distender uma disputa, pois possibilita que os candidatos elaborem suas críticas de uma forma indireta, mais tênue e comedida do que críticas diretas, podendo de pronto diminuir a tensão. Além disso, certas formas de construção da crítica irônica podem ocasionar prazer e efeitos de riso (Freud, 2017), o que, sobrepondo tons humorísticos ao viés crítico, alcança efeitos de deslocamento, inversão e, até mesmo, de distanciamento, mitigando de maneira mais efetiva eventuais tons conflituosos. Dessa maneira, analisamos a seguir trocas interacionais em que a

ironia explorou a função do humor, buscando compreender que mecanismos estiveram envolvidos na construção irônica e se, e como, a ironia com função de humor pôde, de fato, distensionar os conflitos no debate eleitoral.

7.2.3.1 Em *rapport* de aprimoramento

De modo geral, as ocorrências irônicas com função de humor em *rapports* orientados para o aprimoramento ocorreram nas considerações finais, que, como já dito, é um tipo de troca interacional em que os candidatos buscam estabelecer relações mais harmoniosas por ser voltada primordialmente para a audiência televisiva. Assim, podemos considerar que os candidatos ao usarem da ironia com função humorística nesse tipo de troca pareceram, de fato, objetivar os telespectadores e, principalmente, que a prática discursiva se tornasse mais agradável para o público, o que corrobora a teorização prévia de que a ironia com função humorística buscaria sobrepor à ofensa certo prazer, atenuando a agressividade além de liberar eventuais tensões.

Considerando essa retomada breve sobre a função do humor nas ocorrências irônicas, analisamos, a seguir, uma interação do tipo consideração final, em que o candidato, Alckmin, buscou orientar o *rapport* para o aprimoramento. Contudo, diante de críticas indiretas proferidas repetida e previamente pelo candidato Boulos, o pessedebista redirecionou sua conduta objetivando defender a própria face e utilizando da estratégia irônica para se contrapor, o que possibilitou que à sua crítica se sobrepusesse matizes de humor.

Exemplo 7.9 – Função de humor em *rapport* para aprimoramento

Debate RedeTV	Bloco 4	2h12	Orientação do <i>rapport</i> para aprimoramento	Ironia: humor
Considerações finais: Alckmin				
01	Mediadora 1	((câmera em plano aberto))	neste último bloco	
02			o candidato ou candidata terá a chance de se	
03			despedir e dar o seu recado (.) ao eleitor.	
04			cada um terá <u>quarenta e cinco</u> segundos para	
05			suas considerações finais.	
06	Mediadora 2		pela ordem que foi definida em sorteio com	
07			os assessores dos candidatos, o primeiro a	
08			fazer suas considerações finais é o	
09			candidato (.) <u>Geraldo Alckmin</u> . o senhor tem	
10			<u>quarenta e cinco</u> segundos.	
11	Alckmin	((olhando para câmera))	olha, quero	

12 agradecer a vocês que nos assistiram até
 13 esta ho:ra. agradecer a esta mulher
 14 guerrei:ra: (.) que é a nossa candidata a
 15 vice-presidente, a senadora Ana Amélia, uma
 16 das mais brilhantes senadoras que nos honra
 17 como companheira de chapa. an: também dizer
 18 aqui sobre os <cinquenta tons (.) do Temer>
 19 que eu acho que ((movimento com dedos
 20 sinalizando número quatro)) quarenta (.)
 21 desses tons (.) são VERMELHO. (1,0) é do PT
 22 e dos seus aliados, porque foram eles (.)
 23 que escolheram o Temer de vice da Dilma.
 24 aliás escolheram ((movimento com dedos
 25 sinalizando número dois)) duas vezes (1,0)
 26 mas trazer uma palavra aqui de esperança. eu
 27 acho que o Brasil tem pressa, né, pressa pra
 28 ter governo que funcione (.) sair desse
 29 marasmo verdadeiro (.) fazer reformas, são
 30 reformas-
 31 Mediadora seu tempo

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

Naturalmente, as considerações finais ocorreram no último bloco do debate, no caso o Debate RedeTV, segundo da corrida presidencial de 2018. Inicialmente, destacamos que Alckmin foi o primeiro candidato a fazer as considerações finais do Debate RedeTV, tendo sido essa ordenação estabelecida por sorteio, como sinalizado pela mediadora, que informou também o tempo limite para o candidato (linhas 06-10). Mantendo o olhar para câmera, Alckmin, então, iniciou suas considerações finais com um tom positivamente afetuosamente e, direcionando-se ao telespectador através do dêitico “vocês”, agradeceu-lhe pela audiência “até esta hora”, demonstrando simpatia para com o ouvinte (linhas 11-13). Além disso, o tucano agradeceu à candidata à vice-presidente de sua chapa, destacando aspectos da identidade de gênero (pelos termos mulher, guerreira, senadora, companheira) (linhas 13-17), que foram centrais durante a corrida eleitoral de 2018, em que um dos principais candidatos, Bolsonaro, foi recorrentemente exposto e criticado por declarações consideradas amplamente misóginas.

Assim, após essa prefação, Alckmin se dedicou (linhas 17-25) especificamente a se contrapor à fala sobre os “cinquenta tons do Temer”, numa referência clara ao jargão utilizado por Boulos para se referir a um grupo de candidatos no qual Alckmin foi incluído pelo

pessolista. Nesse contraponto, é notável como o tucano adotou uma postura explicitamente desafiadora, postura que decorreu principalmente da fala proferida minutos antes por Boulos, durante confronto direto com Daciolo. Nesse confronto direto entre Daciolo e Boulos, ambos os candidatos teceram críticas acentuadas sobre os demais concorrentes, e na sua tréplica, de que reproduzimos a seguir um trecho, Boulos utilizou o jargão “cinquenta tons de Temer”, caracterizou o governo Temer como o mais rejeitado da história, e definiu textualmente Alckmin como o candidato do governo Temer.

Olha, de fato, aqui nesse debate, novamente, nós vemos cinquenta tons de Temer. O governo Temer é o mais rejeitado da história do país, e aí alguns querem se afastar dele. Aliás, o Temer deu uma entrevista hoje, dizendo que o Alckmin é o seu candidato mais ligado ao governo, talvez seja o preferido, mas não o único. Muitos aqui, inclusive, ajudaram a aprovar medidas do governo Temer contra você e contra todo povo brasileiro. (Debate RedeTV, 17 ago. 2018, 2h04)

Para dar sustentação à sua fala, Boulos recorreu à entrevista dada por Temer ao jornal *Folha de S. Paulo*, no mesmo dia do debate, e na qual, de acordo com o pessolista, Temer teria declarado Alckmin como “o seu candidato mais ligado ao governo”. Na entrevista, de fato, Temer destacou a afinidade do candidato do PSDB com o seu governo, principalmente quando foi questionado por que a maioria das siglas de sua base apoiava Alckmin e não Meirelles, do seu partido, ao que respondeu “se você dissesse: ‘quem o governo apoia?’. Parece que é o Geraldo Alckmin, né? Os partidos que deram sustentação ao governo, inclusive o PSDB, estão com ele” (Boghossian, 2018, on-line). Embora haja semelhança entre a declaração de Temer e o discurso de Temer reportado por Boulos, destacamos como a versão do candidato do PSOL soou mais categórica do que a declaração do ex-presidente fora de fato. É a esse discurso de Boulos que Alckmin reagiu ostensiva e ironicamente em suas considerações finais, utilizando-o como mote para tecer críticas ao pessolista de maneira irônica.

Alckmin inicialmente retomou o jargão de Boulos “cinquenta tons do Temer”, mas o fez para invertê-lo contrapondo que “quarenta desses tons são vermelho. É do PT e dos seus aliados”, enfatizando com as mãos o número quarenta e pronunciando em voz mais alta o termo “vermelho”, cor frequentemente usada como símbolo pelo PT (linhas 17-21). Fracionando essa composição de forma majoritária para PT e seus aliados, Alckmin buscou devolver a associação ao governo Temer feita anteriormente por Boulos, e o fez com o mesmo propósito ofensivo inicialmente sustentado por Boulos e recorrendo à mesma construção chistosa usada por Boulos. Por outro lado, a construção irônica de Alckmin provocou ainda efeito de riso e humor, pois, com ela, Alckmin apontou semelhanças nas dissemelhanças, surpreendendo ao apresentar

como aliados Temer e o PT (linhas 17-25), estabelecidos numa ordem político-discursiva como adversários políticos, o que demonstrou, assim, a inconsistência e o ridículo da crítica de Boulos. Além disso, o tucano conseguiu na sua refutação notabilizar o lapso cometido por Boulos, que buscou associá-lo ao governo Temer de maneira depreciativa. Com esse revide, Alckmin pôde demonstrar como Boulos esteve inconsciente e alienado da própria condição de representante do PSOL, partido tradicionalmente aliado ao PT e cuja posição na eleição presidencial anterior (segundo turno de 2014) foi de apoio à chapa Dilma e Temer, tendo, dessa forma, responsabilidade nos “cinquenta tons de Temer”. Essa percepção burlesca pôde ainda ser inferida das expressões faciais de riso, ainda que contido, apresentadas por Alckmin durante a enunciação dessa crítica irônica (linhas 17-23), as quais representamos a seguir (Figura 7.15).

Figura 7.15 – Expressões faciais de riso de Alckmin



Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, 2h11m.

Com essa série de críticas formuladas a partir da construção irônica, Alckmin remeteu pressuposições desagradáveis sobre e a seus adversários, focalizando Boulos de modo especial, por ter sido ele o autor das críticas de que buscou se defender. Embora demonstre incômodo, o tucano buscou tingir sua crítica de algum tom risível e atribuímos esse esforço a certa consideração pelo telespectador, interlocutor presumido durante todo o debate, mas principalmente durante as considerações finais, como bem salientado, inclusive, pela mediadora da RedeTV (linhas 01-03). Tendo em conta essa estima pelo telespectador, Alckmin retornou, nos segundos finais (linhas 26-30), ao *rapport* inicial de aprimoramento, adotando posturas tipicamente polidas, como na oferta de palavra de esperança, na demonstração de preocupação com os desejos do ouvinte e na expressão de promessas, tendo, por fim, sua fala interrompida pela mediadora em função do tempo extrapolado. De modo geral, de fato, Alckmin orientou sua fala para um aprimoramento da relação com o telespectador, suspendendo apenas para defender a própria face das críticas veiculadas por Boulos, mas ainda nesse movimento tentou mitigar eventual desconforto para o telespectador, formulando sua crítica através da ironia e dotando-a com função de humor.

7.2.3.2 Em *rapport* de desafio

Uma das características mais tradicionais da ironia é de que ela atua ridicularizando alguém, o que implica, naturalmente, que com o uso da ironia o ironista estrutura uma situação hostil sobre alguém, considerada uma vítima, e que o faz diante de terceiros, cuja reação proeminente diante da ironia é a do riso, ou seja, do prazer diante da hostilidade irônica. Assim, vemos que há um vínculo entre a ironia e relações desafiadoras e que nessa relação a função do humor também pode ser encontrada, embora seja importante salientar que, em nossos dados, a função de humor dentro do *rapport* orientado para o desafio geralmente surgiu como uma sobreposição à função de ofensa, de forma que ambas coexistem na mesma construção irônica.

Por fim, ponderamos que, em muitos casos, é possível que o humor não consiga suplantar a ofensa, mas consideramos que ainda assim ele pode atuar atenuando a tensão, como veremos no caso discutido a seguir. Além disso, julgamos que vincular o humor ao uso ironia pode ser fundamental nas interações midiáticas e nas quais os participantes estão sendo observados por terceiros, pois, ainda que não amenize o teor ofensivo para a vítima da ironia, os sobretens humorísticos podem gerar na plateia impressões mais positivas do que as ofensas mais diretas.

Exemplo 7.10 – Função de humor em *rapport* para desafio

Debate SBT	Bloco 1	0h35	Orientação do <i>rapport</i> para desafio	Ironia: humor
Confronto direto: Meirelles x Daciolo				
01	Mediador	((olhando para câmera))	oitava e última	
02			pergunta deste bloco, Henrique Meirelles, do	
03			(.) MDB, por favor, candidato, sua pergunta	
04			deve ser dirigida ao cabo Daciolo.	
05	Meirelles	((câmera focaliza candidatos lado a lado))		
06		(3,0) ((intercalando olhar entre Daciolo e		
07		púlpito))	cabo (.) Daciolo, quando fui do	
08			presidente banco central, criei as condições	
09			para ((franze sobrelhas)) tirarmos	
10			<quarenta milhões> de brasileiros da pobreza.	
11			qual a <u>sua</u> proposta ((olhando para câmera))	
12			para diminuir a pobreza: no Brasil?	
13	Daciolo	((olhando para câmera))	(1,0) a democracia é	
14			muito boa mesmo. nós estamos agora diante de	
15			uma pergunta de um <u>banqueiro</u> (0,5) prum	
16			<u>soldado</u> do corpo de bombeiro. ((Meirelles ri))	

17 (0,5) ((fecha olhos rapidamente)) é muito
18 gostoso isso. ((direciona olhar para
19 Meirelles)) dizer pro senhor que hoje (.) para
20 conhecimento de todos (.) nós temos mais de
21 quatrocentos milhões na extrema pobreza. nós
22 temos mais de cinquenta milhões na POBREZA (.)
23 vivendo com quatrocentos reais. >quando eu
24 falo extrema pobreza< eu tô falando vivendo
25 com cento e quarenta reais por mês. ((olhando
26 para câmera)) sabe o que é interessante? o
27 interessante é que o senhor fez parte do
28 governo, ((fecha olhos rapidamente)) do Lula,
29 do-do- do Lula, um bom período, ((direciona
30 olhar para Meirelles)) e o senhor naquele
31 período, o senhor fez algo muito interessante,
32 muito importante pra nação. o senhor diminuiu
33 a dívida externa. ((olhar tenso)) foi
34 grandioso, hein, aquele passo. ((batidas
35 audíveis com dedo no púlpito)) só que NAQUELE
36 ANO a TAXA DE JURO (.) da dívida externa era
37 de quatro ponto cinco. o senhor pegou dinheiro
38 emprestado de-do do banco PÚBLICO UMA TAXA DE
39 DEZOITO POR CENTO. O SENHOR FEZ O BRASIL FICAR
40 ENDIVIDADO É QUATRO VEZES MAIS (.) foi isso
41 que o senhor fez. esse é o cenário que nós
42 estamos vendo no nosso país. infelizmente, o
43 que acontece é que o senhor ((olha rapidamente
44 para a plateia)) e os banqueiros do Brasil
45 ((direciona olhar para Meirelles)) ficam
46 ROUBANDO a nação e matando o nosso povo. só
47 que isso vai mudar. e eu acredito PRA HONRA E
48 GLÓRIA DO SENHOR JESUS, que no futuro bem
49 próximo o SENHOR e muitos outros vão começa-
50 vão aceitar o senhor jesus como libertador e
51 salvador da VIDA. e VÃO COMEÇAR A TRATAR O
52 PRÓXIMO da maneira que gostaria de ser tratado
53 e aí começa a mudança e a transformação (.)
54 °tira o povo da pobreza°.

55 Mediador candidato Meirelles, a réplica, trinta
56 segundos.

57 Meirelles ((intercalando olhar entre Daciolo e câmera))

58 cabo (.) ã::, se você: (1,0) continuar:
59 querendo ser candidato a presidente °nas
60 próximas eleições° você vai ter que estudar um
61 pouco mais, então, você vai descoBRIR,
62 inclusive, que eu nunca fui banqueiro, eu fui
63 ban:cário, ((movimento aberto da boca
64 tensionando olhos)) trabalhei em ban:co e
65 ((Daciolo rindo baixa a cabeça)) cheguei: a
66 uma posição de presidente do banco por mérito
67 próprio e muito trabalho. ((dedo em riste))
68 criamos sim (1,0) eh: oportunidade para ((dedo
69 em riste)) dez milhões de pessoas: (.)
70 começarem a trabalhar no governo do Lula e
71 agora (.) vamos criar ((dedo em riste)) (.)
72 DEZ MILHÕES de empregos ((movimento de mãos na
73 direção do próprio peito)) no meu governo (.)
74 nos próximos quatro anos.
75 Mediador ((olhando para púlpito)) cabo Daciolo,
76 quarenta e cinco segundos.
77 Daciolo ((olhando para câmera com braços apoiados no
78 púlpito)) só tem um jeito do povo voltar a
79 trabalhar: (1,0) ((dedo direito em riste e
80 outro braço apoiado no púlpito)) nós tivemos
81 um período maravilhoso pra nação brasileira
82 que foi de dois mil e seis a dois mil e dez.
83 foi um momento que (.) o governo federal, a
84 união ((movimento de mão direita para baixo))
85 INVESTIU (.) EM INFRAESTRUTURA E SANEAMENTO de
86 nosso país. ((postura levantada e olhar
87 direcionado para Meirelles)) FOI NO MOMENTO DO
88 PAC. ALGUMA COISA ESTAVA ACONTECENDO
89 VERDADEIRO. NESSE MOMENTO A MÁQUINA OXIGENOU
90 (.) E ATÉ MESMO OS EMPRESÁRIOS PRIVADOS
91 COMEÇARAM A COLOCAR DINHEIRO, FOI UM MOMENTO
92 DE CRESCIMENTO. INFELIZMENTE o senhor agora,
93 junto com o senhor Temer (.) no governo dele
94 agora, entrou com as reformas (.) <O QUE MUDOU
95 A REFORMA PRO POVO BRASILEIRO?> o senhor
96 entrou com uma reforma trabalhista, SÓ TIRANDO
97 TUDO do povo, entrou com teto de gastos ar::
98 ACABANDO COM O POVO du- durante vi-vi- vinte

99		anos. ((intercala rapidamente olhar para
100		plateia)) quero dizer que vou revogá-los. vou
101		REVOGAR e ((retorna olhar para Meirelles com
102		cabeça levantada)) <u>vamos fazer o crescimento</u> e
103		o povo vai <u>sair dessa lama</u> e ((olhando para
104		câmera)) nós vamos pegar todos os corruptos e
105		vamos <u>prender</u> . vamos guardar os verdadeiros
106		bandidos e vamos tirar o deles e botar pro
107		povo.
108	Mediador	((olhando para câmera)) muito bem, muito
109		obrigado e encerramos o primeiro bloco.

Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, s. p.

Essa troca interacional entre Meirelles e Daciolo dialoga estreitamente com o confronto direto entre Daciolo e Gomes ocorrido no Debate Band, que analisamos anteriormente no Exemplo 7.8, e acaba por validar de modo bastante claro a interpretação irônica que apresentamos a respeito do comportamento comunicativo de Gomes. No confronto direto entre Meirelles e Daciolo, destacamos que Meirelles dirigiu sua pergunta compulsoriamente a Daciolo, pois, como o Debate SBT estabeleceu como regra que todos os candidatos deviam participar igualmente de cada um dos blocos e Meirelles foi designado por sorteio a ser o último do bloco a perguntar, restou-lhe apenas Daciolo como possibilidade de interlocução.

De início, observamos que Meirelles se concentrou em desenvolver um trabalho elogioso voltado para a própria face, assim, intercalando o olhar entre o adversário e o próprio púlpito, mencionou sua atuação como presidente do Banco Central, no governo Lula, e reivindicou ter criado condições e feito prosperar a vida de quarenta milhões de pessoas, realçando com a fala mais pausada a quantidade de pessoas impactadas, para evidenciar a grandiosidade dos efeitos alcançados durante a sua gestão (linhas 07-10). Esse tipo de introdução autoelogiosa foi comumente usada por Meirelles, tendo sido discutida anteriormente no Exemplo 7.6, durante o confronto direto entre Meirelles e Dias, e com ela o emedebista buscou principalmente tecer um quadro em que fizesse sobressair suas habilidades, recorrendo, para tanto, a seu vínculo com o governo Lula. Após essa introdução, Meirelles questionou ao candidato do Patriota qual a proposta para diminuir a pobreza no Brasil (linhas 11-12), direcionando o olhar para a câmera e não para o Cabo Daciolo, o que compreendemos como uma pista de contextualização do *rapport* de Meirelles orientado para o público e seu pouco interesse na resposta de Daciolo.

Daciolo, por sua vez, após breve pausa e direcionando o olhar para a câmera, iniciou sua resposta (linhas 13-14) parafraseando ironicamente a fala, também irônica, proferida por Gomes durante confronto direto com Daciolo, analisado no exemplo 7.8. Vimos, na subseção 7.2.2.2, que com essa frase Gomes objetivou rebaixar o *status* de Daciolo e deslegitimá-lo na sua atuação política e democrática. Tendo em vista o intervalo de quase dois meses entre a fala de Gomes e a reação de Daciolo, consideramos que esse movimento discursivo do candidato do Patriota foi tardio, mas ainda assim representou uma reação à ofensa que lhe foi infligida por Gomes, com a qual Daciolo pôde demonstrar ter compreendido a ironia a seu respeito e pôde subvertê-la para atacar a seus oponentes. Consideramos que essa reação de Daciolo foi, de certa forma, inesperada, tendo em vista que, na ocasião em que Gomes proferiu essa ironia, entre outras, não houve qualquer reação de sua parte. Dessa maneira, a extemporaneidade da reação de Daciolo e o modo como ela foi operada, com tom de voz calmo e usando da repetição quase literal, geram efeito de riso, o que pôde ser notado, inclusive, na expressão facial de Meirelles ao ouvir a frase inicial de Daciolo.

Figura 7.16 – Meirelles rindo durante elogio de Daciolo à democracia



Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, 0h35m33s.

Figura 7.17 – Meirelles rindo durante elogio de Daciolo à democracia 2



Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, 0h35m34s.

À parte desse efeito de humor, destacamos, contudo, como a ironia operada por Daciolo objetivou ser realmente ofensiva em relação a seus adversários, especificamente Gomes. Por outro lado, é importante frisar que essa crítica irônica não representou, em momento algum, uma investida contra a democracia, pois, na sequência de sua fala, o candidato do Patriota sustentou, de fato, um discurso enaltecendo dos dispositivos democráticos, ao destacar a situação interacional de “uma pergunta de um banqueiro prum soldado do corpo de bombeiro” (linhas 14-16).

A partir dessa provocação inicial, Daciolo adotou um tom realmente desafiador com seu interlocutor imediato e, utilizando reforço de mensagem (linha 19), uma fórmula convencionalizada de impolidez, contrapôs aos dados promissores apresentados por Meirelles, na sua prefação, informações negativas sobre a pobreza. O candidato do Patriota, assim como Meirelles, usou de dados quantitativos para atestar seu ponto de vista e enfatizou com tom de voz mais alto os termos “extrema pobreza” e “pobreza” (linhas 21-22), conceituando ainda cada uma dessas categorias (linhas 23-25). Então, Daciolo prosseguiu seu discurso e, olhando para o emedebista, explicitou a relação de Meirelles com o governo Lula, em que Meirelles fez “algo muito interessante, muito importante pra nação. O senhor diminuiu a dívida externa” (linhas 30-33), usando uma fórmula de endereçamento cortês e reforçando, em seguida, a avaliação positiva com “foi grandioso, hein, aquele passo” (linhas 33-34). Contudo, é notável como Daciolo dotou sua fala com um tom tenso, particularmente pela expressão facial, como demonstra a imagem a seguir.

Figura 7.18 – Daciolo com expressão facial tensa durante aparente elogio a Meirelles



Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, 0h36m02s.

O tensionamento na expressão facial de Daciolo decorreu de alguns sinais sobrepostos, como a boca cerrada e músculos contraídos, além da conjunção de olhos salientes e regiões da testa e sobrancelhas contraídas (Weil; Tompakow, 2015). Dessa maneira, consideramos que essa expressão tensa contrastou com o discurso elogioso de Daciolo sobre Meirelles, gerando um efeito de sentido incongruente entre esses níveis interacionais. Tal contradição, contudo, foi logo desfeita, pois, em seguida, o candidato do Patriota elevou o grau de tensão, até então latente, ao criticar acentuadamente (linhas 37-41) as decisões tomadas por Meirelles e, batendo com os dedos sobre o púlpito e usando um tom de voz constantemente elevado, causou, assim, um efeito de impolidez e exaltação (linhas 34-41). Dessa maneira, constatamos que o elogio inicial de Daciolo sobre o emedebista era, de fato, apenas aparente e tinha pretensão ofensiva, ou seja, objetivou, na realidade, incorporar o discurso de Meirelles sobre sua competência administrativa (linhas 30-34) para contrapor-lhe informações que atestassem, na visão de Daciolo, a imperícia da conduta administrativa por Meirelles, tornando o elogio inicial, portanto, irônico. Então, Daciolo assumiu um comportamento abertamente impolido, ao fazer críticas acentuadas e acusações criminais sobre Meirelles, mas também estendendo-as aos “banqueiros”. Por fim, Daciolo concluiu renunciando mudanças, fundamentando-as primordialmente na sua crença de uma conversão religiosa como base para a transformação.

Durante a resposta de Daciolo, Meirelles demonstrou certa inquietação, mexendo constantemente as mãos e intercalando o olhar entre Daciolo e o próprio púlpito, mas foi

principalmente a expressão contida de riso apresentada pelo emedebista que sobressaiu na sua reação, como ilustra a sequência de imagens a seguir (Figura 7.19).

Figura 7.19 – Expressões faciais de Meirelles durante resposta de Daciolo



Fonte: Debate SBT, 26 set. 2018, 0h36m.

Consideramos essa postura risonha de Meirelles diante de críticas tão afiadas de Daciolo como uma demonstração não só de negligência, mas principalmente de escarnecimento, pois subentende-se que Meirelles não considerou tais críticas realmente ameaçadoras, provocando novamente um processo de deslegitimação de Daciolo enquanto candidato plausível. E, de fato, esse comportamento se confirmou no momento da réplica de Meirelles, que, mantendo o riso comedido, iniciou se dirigindo a Daciolo apenas por sua insígnia militar, causando um efeito de apagamento de sua individualidade (linha 58). Além disso, direcionando o olhar para Daciolo, o emedebista ponderou, através do uso de uma oração condicional (linhas 58-61), sobre a persistência do oponente em disputar a presidência, o que, a nosso ver, corrobora a compreensão de que Meirelles não prezou Daciolo como candidato de fato. Em seguida, o emedebista reforçou sua postura arrogante ao estabelecer para o candidato do Patriota a necessidade ou o dever de “estudar um pouco mais” (linhas 60-61), causando efeitos de impolidez não só pelo tom presunçoso (Culpeper, 2011a) como também pela majoração do custo para o ouvinte (Leech, 1983), além da crítica implícita de que Daciolo não havia estudado o suficiente ou ainda de que Daciolo seria insciente.

Meirelles, então, prosseguiu sua fala se dedicando a aperfeiçoar a própria face, negando as pressuposições desagradáveis feitas por Daciolo (linha 62) e, em contraponto ao atributo de “banqueiro”, atribuiu-se características simples, como ser bancário, trabalhar em banco e chegar à presidência do banco por mérito próprio e muito trabalho (linhas 62-67). Por fim, ainda empenhado no trabalho da própria face, Meirelles reiterou, com o dedo em riste, seu feito de criar dez milhões de empregos, concluindo com a promessa de criar dez milhões de empregos em seu governo, usando voz mais alta para destacar o quantitativo de empregos e o movimento das mãos para o próprio peito para reiterar o seu compromisso (linhas 71-74).

Na sua tréplica, Daciolo esteve inicialmente com o corpo apoiado sobre o púlpito e com o olhar direcionado para a câmera e esboçou propor um jeito de o “povo voltar a trabalhar” (linhas 78-79), contudo, não finalizou sua linha de raciocínio, o que pode, em certa medida, ampliar a suspeição sobre sua candidatura, já desacreditada anteriormente nas condutas de Gomes e Meirelles. Então, elevando o tronco, Daciolo redirecionou sua fala demonstrando sua visão sobre as políticas de geração de emprego do governo Lula (linhas 80-92). Consideramos que, com esse movimento, o candidato do Patriota buscou um acordo, nos termos das teorias da polidez, reconhecendo em certa medida os feitos reivindicados por Meirelles, mas principalmente pretendeu se legitimar como agente político ao demonstrar seus conhecimentos sobre a máquina pública, mencionando-os em voz alta (linhas 85-92). Contudo, esse armistício com Meirelles foi breve, pois, após esse reconhecimento positivo, Daciolo frisou a participação do emedebista no governo Temer (linhas 92-94), sendo essa relação pouco mencionada pelo candidato do MDB, que não só compartilhava o mesmo partido com o então presidente como também foi seu Ministro da Fazenda. Além disso, Daciolo fez pressuposições desagradáveis sobre Meirelles ao associá-lo a reformas descritas pelo Patriota enfaticamente como negativas, a exemplo de “tirando tudo do povo” e “acabando com o povo” (linhas 94-99). Por fim, Daciolo se comprometeu a revogar tais medidas, demarcando, assim, um posicionamento contrário ao pressuposto como o de Meirelles (linhas 100-103), e, principalmente fez ameaças genéricas de prender os corruptos e verdadeiros bandidos (linhas 104-107).

A partir dessa interação entre Meirelles e Daciolo, foi possível observar mais uma nuance da relevância da ironia nos debates, pois o uso irônico feito por Daciolo decorreu da crítica irônica da qual foi alvo anteriormente. Esses usos dialogaram ainda pela função de ofensa e de humor, embora consideremos que a motivação do riso foi distinta nos dois usos, pois, enquanto a ironia de Gomes soou risível por ridicularizar Daciolo, caracterizando-o como

disparatado e rebaixando seu *status*, o cômico na repetição de Daciolo ocorreu em duas direções distintas.

Inicialmente, analisamos que a ironia de Daciolo sobre Gomes soa risível por ridicularizar a visão do pedetista, ao reacentuar a declaração de Gomes, tornando-o, dessa maneira, o alvo do riso. Porém, essa reação tardia de Daciolo soa inesperada, não só pela extemporaneidade, mas principalmente pela postura inerte de Daciolo quando foi alvo da ironia de Gomes. Assim, essa inação diante da ofensa irônica pode ser vista como um indício de que Daciolo não havia compreendido a ironia, o que acentuaria a sua caracterização como ingênuo e, até mesmo, ilógico, sendo, desse modo, Daciolo o motivo do riso. Atribuímos também a essa visão sobre Daciolo o modo como Meirelles tratou o candidato, seja rindo, ainda que contidamente, durante sua resposta, seja sugerindo-lhe, na réplica, “estudar mais” na hipótese de “continuar querendo ser candidato”. Dessa maneira, Daciolo se torna motivo do risível justamente pela distância entre o comportamento que apresentou e a conduta que social e convencionalmente se espera de um candidato à presidência da república, causando, assim, o efeito cômico. Pontuamos, por fim, que Daciolo, na sua tréplica, apresentou uma conduta mais compatível com a situação comunicativa, focando no seu conhecimento sobre políticas públicas e não exacerbando no discurso religioso, por exemplo, do que se presume que o próprio candidato do Patriota atentou para essa discrepância, buscando atenuá-la.

7.2.3.3 Em *rapport* de manutenção

Um ponto importante para a orientação do *rapport* para a manutenção é que, nele, os participantes evitam investir contra a face um do outro, objetivando que o trabalho relacional se mantenha agradável e que haja um equilíbrio entre eles. Dessa maneira, a função do humor que a ironia pode desempenhar parece ser produtiva para esse tipo de gerenciamento do *rapport*, pois ela mascararia a crítica com gracejos e sobreporia à crítica o riso. Assim, o falante poderia satisfazer seu desejo de expressão de discordância, mas não sustentaria efetivamente uma postura agressiva, por sua fala gozar do benefício da ambiguidade, da dúvida, sendo esse um movimento defensivo, principalmente da própria face. O humor, inclusive, pode ser usado como uma forma de apontar, ainda que timidamente, estreitar a relação entre indivíduos marcadamente distantes, como veremos a seguir ao analisar como o uso da ironia com função humorística é uma tentativa de elevar um terreno em comum.

Assim, diferentemente da discussão anterior sobre a função de elevação de *status* em *rapport* orientado para a manutenção, a análise a seguir se debruça sobre a interação entre dois

candidatos cujas posturas políticas e ideológicas eram marcadamente distintas. Contudo, a relação entre eles não foi significativamente caracterizada por tensionamentos, o que atribuímos ao fato de ambos serem considerados programáticos, desempenhando, assim, um papel secundário na corrida eleitoral, e não representando, assim, um risco a ser combatido. Esse confronto direto ocorreu durante o Debate RedeTV e envolveu os candidatos Guilherme Boulos e Cabo Daciolo, tendo ocorrido durante a penúltima troca interacional do terceiro bloco, dedicado exclusivamente ao confronto direto. Nessa interação (Exemplo 7.11), podemos notar não haver mudanças significativas na relação previamente estabelecida entre Boulos e Daciolo, e consideramos que tal relação pode ser considerada harmoniosa, pois, apesar das provocações presentes, consideramos que a crítica irônica não acarreta ofensa efetivamente, como discutiremos a seguir.

Exemplo 7.11 – Função de humor em *rapport* para manutenção

Debate RedeTV	Bloco 3	1h57	Orientação do <i>rapport</i> para manutenção	Ironia: humor
Confronto direto: Boulos x Daciolo				
01	Mediador	((olhando para câmera))	o próximo candidato a perguntar é Guilherme Boulos. a quem (.) o senhor	
02			fará a sua pergunta, candidato?	
03	Boulos		só me restou o cabo Daciolo?	
04	Mediador		só o ca- cabo Daciolo. °isso mesmo°	
05	Boulos	((rindo))	então, é o cabo Daciolo.	
06	Mediador		sem dúvida ((plateia ri)) ((candidatos se deslocam para centro do estúdio)) (11,0) trinta	
07			segundos, candidato.	
08	Boulos	((câmera em plano aberto))	primeiro: (.) quero	
09			parabenizar: ((se direciona para trás na direção de Silva)) (0,2) a: você, Marina (.) por	
10			ter colocado o Jair Bolsonaro no seu lugar (0,5)	
11			((olhando para frente, direção de Daciolo e Bolsonaro)) quer mesmo ganhar no grito, e no	
12			grito não se ganha eleição, Bolsonaro. ((câmera focaliza candidatos lado a lado)) ((olhando para	
13			Daciolo)) °agora°, Daciolo: (.) e::: (.) poderia	
14			te perguntar aqui, sobre um tema que lhe é caro,	
15			a integração: latino-americana:, que você se	
16			referiu no debate passado. mas acho que interessa	
17			mais, ao povo brasileiro, nós tratarmos aqui (.)	
18				
19				
20				
21				
22				

23 de emprego. o governo Temer gerou um desemprego
24 brutal. qual a sua proposta pra resolver o
25 problema de emprego, ((apontando e se
26 direcionando para a câmera)) de quem tá nos
27 assistindo?

28 Daciolo ((olhando para câmera e com bíblia na mão))
29 população brasileira, nação brasileira (0,5) um
30 dos grandes vilões da nação são os banqueiros.
31 banqueiros têm LU-CROS EXORBITANTES, de Bilhões
32 (.) <todos os anos> dentro da nação. nós vamos
33 re:duzir (.) impostos e reduzir: juros. isso é
34 um fato verdadeiro. a partir desse momento,
35 você entra com investimento, porque dinheiro é
36 o que mais tem no país. NÃO ACREDITEM quando
37 falem que tem CRI-se ((plano de câmera aberto))
38 financeira na nação brasileira, porque >não
39 existe crise financeira na nação brasileira<.
40 então nós vamo investir com o dinheiro que
41 EXISTE na nação: (.) vamos preparar os nossos
42 jovens, colocando (.) a educação (.) ciências
43 (.) tecnologia (.) inovação (.) institutos
44 federais e vamos caminhar e levar todos pro
45 mercado de trabalho. e quero dizer e deixar bem
46 claro. na primeira semana (.) vamos adorar o
47 senhor. na segunda semana (.) haverá um
48 pronunciamento e vai ser (.) todos os
49 empregados do Brasil (.) comparece na unidade
50 militar mais próxima da <sua residência>.

51 Mediador tempo, cabo Daciolo (1,0) quarenta e cinco
52 segundos para <a sua réplica>, candidato

53 Boulos ((olhando para câmera)) nós vamos criar o
54 programa levan:ta Brasil. com o levanta Brasil
55 (.) nos primeiros ((sinaliza com dedos número
56 dois)) dois anos de governo, nós vamos gerar
57 (.) SEIS MILHÕES de empregos, entre empregos
58 diretos e indiretos. com o investimento em
59 ((movimento de enumerar com dedos))
60 infraestrutura, saneamento básico, saúde,
61 educação e moradia. através dessa cadeia de
62 investimentos, nós vamo criar o meu bairro,
63 minha vida, porque não basta dá um teto pras

64 pessoas. é preciso dar dignidade (.) levando
 65 junto com a moradia, também a creche, a escola,
 66 a UBS e tudo aquilo que as pessoas precisam. e
 67 com isso, a gente ((movimento de enumerar com
 68 dedos)) vai atender duas necessidades das
 69 pessoas. de um lado, gera-se emprego. ((plano
 70 de câmera aberto)) do outro lado, serviço
 71 público de qualidade, que nosso povo precisa.
 72 esse é o caminho, pra tirar o Brasil da crise.
 73 Daciolo ((olhando para câmera e com bíblia na mão)) o
 74 problema da nossa nação chama-se GESTÃO. gestão
 75 (.) e política pública. eu quero dizer a você
 76 que tá me ouvindo (.) cidadão brasileiro, povo
 77 brasileiro. você tem direito (.) à educação (.)
 78 à saúde (.) à ALIMENTAÇÃO (.) ao trabalho (.)
 79 ao transporte, ao lazer: (.) à previdência
 80 social, que é SUPERAVITÁRIA. >não acreditem
 81 quando fala que tem déficit da previdência,
 82 porque não tem<. ((apontando com mão para
 83 câmera)) ESSES SÃO OS TEUS DIREITOS (.) e o
 84 ((movimento da mão em direção ao próprio
 85 peito)) meu dever ((plano de câmera aberto)) é
 86 proporcionar isso tudo pra você. e nós vamos
 87 proporcionar. e toda a população que tá na
 88 extrema pobreza (.) nós vamos cuidar de você
 89 (.) o bolsa família vai permanecer. temos mais
 90 de catorze milhões de brasileiros na na extrema
 91 pobreza, e cinquen- mais de cinquenta milhões
 92 de brasileiros na pobreza. você vai ser tratado
 93 com dignidade, porque vai entrar o investimento
 94 no Brasil.
 95 Mediadora ((câmera em plano aberto)) os dois candidatos
 96 podem continuar aí no centro do nosso estúdio
 97 porque agora é a vez do candidato cabo Daciolo
 98 perguntar e quem deve responder é
 99 obrigatoriamente é Guilherme Boulos

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

Novamente, percebemos como a ordenação para realizar a pergunta é um fator fundamental para os candidatos, pois a maioria dos debates, visando o tratamento igualitário dos participantes, preconizou que todos deveriam participar, perguntando e respondendo a

questões, na mesma proporção. Assim, localizado na parte final do bloco, esse confronto direto entre Boulos e Daciolo restringiu ao candidato do PSOL as possibilidades de diálogo, sendo-lhe obrigatório formular a pergunta para o candidato do Patriota, ao que atribuímos, inclusive, o riso do pessolista (linha 06). Boulos, antes de elaborar sua pergunta a Daciolo, fez um preâmbulo parabenizando diretamente Silva “por ter colocado o Jair Bolsonaro no seu lugar” (linhas 10-13), numa máxima de aprovação, e, inclusive, reposicionou-se no centro do estúdio, ficando de costas para Daciolo e as câmeras, a fim de reverenciar a candidata da Rede. Seguindo ainda nesse tema, mas, dessa vez, dirigindo-se para frente, Boulos endossou as críticas feitas a Bolsonaro minutos antes por Silva, mencionando o nome do candidato do PSL apenas no fim de sua colocação (linhas 14-16).

Consideramos que essas colocações iniciais suscitaram a impressão de que a interação com Daciolo não era prioritária para Boulos, o que se confirma, inclusive, no modo frustrante como ele introduziu sua pergunta. Ao se direcionar para Daciolo, Boulos fez uma breve hesitação e aventou a possibilidade de perguntar sobre um tema considerado importante por Daciolo, a “integração latino-americana” (linhas 18-21). Contudo, na sequência, Boulos negou a Daciolo essa possibilidade quando, falando em nome do povo brasileiro, declarou ser mais importante abordar a questão do emprego (linhas 21-23), o que representou, implicitamente, uma discordância de Boulos com Daciolo sobre o que seriam temas relevantes.

Além do viés contestador, por demarcar discordância, é possível inferir dessa introdução um tom irônico, inicialmente pela incongruência entre o reconhecimento da importância do tema para o interlocutor e a recusa imediata em abordá-lo, gerando uma quebra de expectativa impulsionadora de interpretações adicionais. Nessa direção, consideramos que Boulos ao aludir a abordagem, no debate anterior, do tema da integração latino-americana (linhas 19-20), tratando-a, inclusive, como um fato corriqueiro, reiterou essa circunstância risível sobre Daciolo, principalmente por, naquela ocasião, esse tema ter sido um mote da ridicularização de Daciolo, como discutido no Exemplo 7.8. Dessa maneira, é possível compreender esse comportamento de Boulos como, em certa medida, endossando e legitimando a trama irônica contra Daciolo, operada anteriormente por Gomes, considerando-o igualmente uma construção irônica. Contudo, avaliamos que, com esse uso, Boulos não pretendeu realmente ofender o candidato do Patriota, embora a aresta afiada da ironia ainda possa ser sentida, mas sim objetivou desfrutar da repercussão que circundou o confronto direto entre Daciolo e Gomes, se destacando na disputa discursiva do debate pelo gracejo reapresentado ao telespectador. Após essa insinuação irônica, o candidato do PSOL introduziu, de fato, sua pergunta, fazendo uma

crítica ao governo Temer (linhas 23-24) e questionando, por fim, ao candidato do Patriota a proposta para resolver o problema de emprego do telespectador (linhas 24-27).

Daciolo, como de costume, manteve o olhar direcionado para a câmera, priorizando, assim, sua fala para o telespectador, ao qual se referiu, de início, com o vocativo “população brasileira, nação brasileira” (linhas 28-29). Então, o candidato do Patriota teceu críticas e fez pressuposições desagradáveis genéricas sobre os banqueiros, os quais caracterizou como “vilões da nação”, destacando com tom de voz mais elevado e pronúncia desacelerada certas sequências linguísticas usadas como argumentos dessas críticas (linhas 29-32). Na sequência (linhas 32-45), Daciolo se dedicou a fazer promessas, propondo reduzir impostos e promover investimentos, especificamente na área da educação formal para o mercado de trabalho (linhas 40-45). Daciolo suspendeu esse tom propositivo apenas quando advertiu, através do uso de uma forma verbal no imperativo negativo, a inexistência de crise financeira na nação brasileira (linhas 36-39), e cuja articulação vocal, em tom alto e pausas enfáticas, gerou um tom alarmante. Por fim, Daciolo, que havia segurado em uma das mãos uma Bíblia, recorreu explicitamente ao discurso religioso (linhas 46-47), mas concluiu com uma proposta excêntrica alocando em unidades militares as ações de emprego (linhas 48-50).

A apresentação de propostas para a geração de empregos também foi o eixo central da réplica de Boulos, que se dedicou integralmente a detalhar soluções para a questão, como programas de habitação e oferta de serviços públicos, nos quais se concentrariam os investimentos. Essa conduta com foco em propostas demonstrou que Boulos voltou sua atenção para o telespectador, sinalizada também pelo olhar focado na câmera, mostrando-se, então, coerente com a opinião emitida, durante a pergunta, de que o tema do desemprego seria o tema que mais interessaria ao povo brasileiro (linhas 21-23). Dessa maneira, Boulos não fez nenhuma investida na direção de Daciolo, fosse para desafiar ou aprimorar a relação com ele, apresentando, na realidade, um comportamento discursivo condizente com o propósito geral do debate e dedicado a tema importante para o telespectador. Além disso, o candidato do PSOL sustentou outras ações discursivas simpáticas ao telespectador, como o uso do nós inclusivo, incorporando na sua atuação o ouvinte, entre outros atores, e uma exposição clara, recorrendo até mesmo a suportes cognitivos, como a enumeração e gestos com as mãos, para auxiliar o entendimento do ouvinte.

Assim como na sua resposta, Daciolo priorizou, na tréplica o diálogo com o telespectador, olhando para a câmera e direcionando explicitamente o discurso para a audiência: “a você que tá me ouvindo, cidadão brasileiro, povo brasileiro” (linhas 75-77). Por conseguinte,

o candidato do Patriota informou ao telespectador os direitos aos quais ele faria jus (linhas 77-80), evidenciando preocupação com os desejos do ouvinte, e se comprometeu a proporcionar tais direitos, reiterando seu compromisso com o movimento de uma das mãos na direção do próprio peito e com uma ênfase sonora na paráfrase “nós vamos proporcionar” (linhas 83-87). Consideramos que o comportamento de Daciolo nesse turno, em relação aos anteriores, foi mais equilibrado, apresentando maior excitação apenas no gaguejo durante a citação de dados sobre a pobreza no Brasil (linhas 88-92) e na expressividade da voz e gestos ao alertar, após citar o direito à previdência social, aos ouvintes a inexistência de déficit da previdência (linhas 80-82).

Sobre esse confronto direto entre Boulos e Daciolo, observamos que os candidatos conduziram suas falas principalmente para os telespectadores, assim, eles não priorizaram a interação um com o outro, mas também não tenham exatamente se dedicado para aprimorar o *rappor*t com o telespectador. Dessa maneira, refletindo sobre o vínculo entre eles, consideramos Boulos e Daciolo não representaram um para o outro uma ameaça, tampouco se constituíram como aliados, fazendo com que o vínculo entre eles fosse marcado por certa moderação. Nessa troca interacional especificamente, os candidatos não recorreram a agressões e exaltações, de qualquer ordem, persistindo, então, um tom de preservação dos arranjos interacionais anteriores, o que nos fez considerar que esse *rappor*t esteve orientado para a manutenção. Além disso, sobre a ironia, identificamos uma única ocorrência (linhas 19-20), que foi feita por Boulos no seu primeiro turno e cuja função mais evidente foi a de humor. Por essa razão, inclusive, presumimos que com esse uso irônico Boulos tentou principalmente gracejar sobre o tema, para associar-se a ele em função da popularidade que teve no debate anterior, tornando pontual o uso da ironia nesse confronto direto e não tendo impactado significativamente a relação entre os envolvidos.

7.2.3.4 Em *rappor*t de negligência

Vimos anteriormente trocas interacionais (Exemplos 7.4 e 7.8) em que o *rappor*t foi orientado para a negligência principalmente pela preocupação que os candidatos tiveram com a própria face, sem, no entanto, ser possível que eles pudessem agir de maneira a aprimorá-la. Aqui, no uso da ironia com função de humor, assim como nas funções de controle emocional e elevação de *status*, novamente vemos uma centralidade no trabalho de face, contudo, com o humor se busca, principalmente, parecer espirituoso, ou seja, bem-humorado. Embora saibamos que se construir como espirituoso atue também na elevação de *status*, categorizamos os usos de ironia a seguir como tendo a função de humor, pois com eles não se estabeleceu uma

comparação entre o ironista e sua vítima tampouco tendo o intuito rebaixar a posição dos oponentes. Assim, reiteramos como a relação entre as diferentes funções da ironia e os impactos causados no trabalho de face é uma questão de nuance, principalmente tendo em vista a sobreposição de funções e os efeitos de matização.

Para discutir melhor tais nuances, propomos uma análise de uma troca interacional do tipo pergunta institucional em que o uso da ironia, embora crítico, teve como função principal causar efeitos de humor, abordando sua discordância de maneira mais graciosa. Dessa maneira, o ironista conseguiu comunicar seu olhar crítico sobre a visão do oponente e, além disso, se mostrou mais espirituoso, ao usar na expressão dessa discordância um registro exagerado, como vemos a seguir.

Exemplo 7.12 – Função de humor em *rapport* para negligência

Debate Band	Bloco 2	2h04	Orientação do	Ironia:
Pergunta institucional: Bolsonaro x Gomes			rapport para negligência	humor
01	Mediador	vamos para mais uma pergunta do jornalista		
02		Fabio Pannunzio, Fabio:		
03	Jornalista	((olhando para baixo)) pergunta pro candidato		
04		Jair Bolsonaro, com: comentário de Ciro Gomes.		
05		((intercala olhar entre candidatos e câmera))		
06		o Brasil é um país de educação indigente. o		
07		Brasil tem: um quadro:: <u>segundo a OCDE</u> , eeh		
08		que é <u>caótico</u> , além de crítico. ((direciona		
09		olhar para candidatos)) nós gastamos aqui no		
10		ensino fundamental três mil e oitocentos		
11		dólares por aluno, por ano. isso é menos de		
12		metade do que gasta a média dos países da OCDE.		
13		compensação gastamos <u>muito</u> com o sistema		
14		universitário, que tá <u>falido</u> . quero saber como		
15		é que o senhor vai enfrentar esse problema eh::		
16		se há alguma perspectiva de inversão (.) dessa		
17		dessa::: desse desses investimentos. qual é a		
18		proposta?		
19	Bolsonaro	((intercala olhar entre jornalista e câmera))		
20		a pirâmide, realmente, Pannunzio, tem que ser		
21		<u>invertida</u> . se gasta muito pouco (0,25) levando-		
22		se em conta o que se gasta (.) no ensino		
23		superior, gasta muito pouco no ensino básico.		

24 (0,5) e você pode ver (.) tem escolas foram
25 militarizadas, por nossa polícia militar,
26 especial (0,5) Goiás e Amazonas. bem como temos
27 os colégios militares. nessa semana mesmo eh:::
28 o jornal Correio Brasiliense publicou que (.)
29 quatro estudantes (0,5) foram aprovados em
30 Harvard, <estudantes do colégio militar de
31 Brasília>. as escolas militarizadas, Ciro
32 Gomes, eu tive numa delas, no Amazonas (.) e
33 ela foi construída eh::: num local, perto de
34 uma de uma comunidade muito pobre e violenta.
35 então, a hierarquia e disciplina entrando na
36 escola, ah o percentual dessa de es- dessa
37 garotada que consegue acesso ao nível superior
38 é <MUITO ACIMA das demais escolas eeh públicas
39 e particulares de todo estado do Amazonas>.
40 então hierarquia (.) e disciplina, no meu
41 entender, têm que se fazer presente. o que
42 aconteceu ao longo do tempo? retiraram a
43 autoridade do professor <em sala de aula>.
44 ((inaudível)) hoje em dia pesquisas da APEOSP,
45 ((hesitante)) ape- APEOSP, aqui em São Paulo,
46 né (.) pesquisa recente (.) diz que setenta por
47 cento dos professores já foram agredidos
48 FÍSICA ou moralmente por parte de alunos ou
49 pais de alunos. então eu entendo que
50 reestabelecendo a autoridade, invertendo (0,25)
51 essa pirâmide de gasto, nós podemos atingir o
52 objetivo final que é dar uma educação de
53 qualidade para a garotada do Brasil.
54 Gomes ((olhando para câmera)) setenta e sete das cem
55 melhores escolas básicas do Brasil (0,5) são
56 ((olha rapidamente para Bolsonaro)) no meu
57 ((olhando para câmera)) estado, no Ceará, e é
58 um dos estados mais pobres do país. de cada
59 ((movimento com dedos sinalizando número
60 quatro)) quatro alunos do ensino médio no Ceará
61 (.) um já está em escola (.) profissionalizante
62 em tempo integral, que é um legado (.) de Leonel
63 Brizola, que é do meu partido, de: Anísio
64 Teixeira, de Darcy Ribeiro. e nós vamos

65 universalizar. ((intercala olhar entre câmera
66 e Bolsonaro)) e o Ceará mesmo juntando a
67 iniciativa privada ganha QUARENTA de cada cem
68 vagas do ITA. (0,3) que é o vestibular mais
69 difícil- ou do IME, instituto militar de
70 engenharia, Jair. ((rindo)) e isso nós não
71 precisamos botar a lei do chicote brabo, dentro
72 hh das escolas. ((cessa riso)) evidente que
73 concordo que é preciso:: respeitar os
74 professores, que há muita demagogia nesse
75 assunto, mas o que resolve mesmo, se me permitir
76 dois segundos, ((direciona olhar para câmera))
77 é a mudança do padrão de ensino. substituir o
78 decoreba, por ensinar o aluno a-a- a pensar (.)
79 e reforçar o orçamento. sem reforçar o
80 orçamento, não há educação que preste.

81 Mediador ((câmera foca Bolsonaro, que ri)) agora sim,
82 candidato Bolsonaro ehh <lhe cabe mais quarenta
83 e cinco segundos>.

84 Bolsonaro ((olhando para Gomes)) Ciro, reconheço, cê
85 falou, realmente o Ceará existe isso, até
86 porque começou lá atrás, com: um: jovem, né,
87 formado pelo ITA, ele levou isso pra lá e vocês:
88 eh: em parte acolheram isso daí. ((direciona
89 olhar para câmera)) agora, tenho conversado com
90 (.) meus colegas do alto comando do exército.
91 alguns (0,25) estão de acordo, em havendo
92 meios, nós devemos fazer SIM <um colégio
93 militar (.) em cada estado> cuja capital não o
94 tenha. ((olha rapidamente na direção do
95 mediador)) aqui em São Paulo, Boechat,
96 ((direciona olhar para câmera)) pretendemos
97 fazer o maior colégio militar, da do BRASIL, no
98 Campo (.) de Marte. ((direcionando olhar para
99 Gomes)) agora (.) a questão do chicote (0,5)
100 ((rindo)) não existe, Ciro, me desculpa aqui,
101 mas não existe, tá, nenhum pai, nenhuma mãe
102 quer tirar o filho de lá e ((cessa riso)) eu
103 conversei com muitos, fui a Anapólis também,
104 fui lá no a:. no estado de Manaus, nenhum pai
105 quer tirar filho de lá e a fila: é enorme.

106	entendo que com hierarquia e disciplina e
107	((rindo)) sem chicote chegaremos lá.

Fonte: Debate Band, 09 ago. 2018, s. p.

Inicialmente destacamos que, por ser uma pergunta institucional, a conjunção dos candidatos a interagir foi definida pelo jornalista responsável pela formulação da pergunta, que, no caso, indicou para responder o candidato do PSL e, para comentar, o candidato do PDT. O jornalista alternou o olhar entre a direção dos candidatos e a direção da câmera, demonstrando a dupla orientação do seu *rappor*t, e introduziu o tema da sua pergunta ao descrever o quadro da educação brasileira como “caótico” e “crítico”, atribuindo de maneira enfática essa caracterização à OCDE (linhas 07-08). Então, fixando o olhar na direção dos candidatos, seguiu apresentando informações sobre educação, mais precisamente os valores investidos no ensino fundamental, e vagamente os comparou com o gasto no sistema universitário, destacando sonoramente esse gasto como “muito” e o sistema universitário como “falido” (linhas 13-14). Por fim, o jornalista questionou a Bolsonaro qual a proposta (linhas 17-18), mas antes expressou seu interesse em saber como Bolsonaro “vai enfrentar esse problema” e se haveria perspectiva de inversão desses investimentos (linhas 14-16). Ponderamos que, com essas informações contextuais, o jornalista expôs, em certa medida, sua visão sobre o tema abordado, o que, por sua vez, poderia induzir a resposta e o comentário dos candidatos, mas não impactaria, na nossa visão, a legitimidade da pergunta, tendo em vista que, realmente, o jornalista pretendeu oportunizar aos candidatos e aos telespectadores a discussão sobre o tema.

A resposta de Bolsonaro, inclusive, iniciou ratificando nossa compreensão de que, na sua fala, o jornalista havia apresentado sua visão, pois o candidato do PSL, ao enunciar “a pirâmide, realmente, Pannunzio, tem que ser invertida” (linhas 19-21), direcionou sua fala nominalmente para o jornalista e, com o uso do adverbio “realmente” incidindo sobre toda a sentença, demarcou sua apreciação positiva sobre a proposição, que é inclusive uma paráfrase de parte da fala anterior de Pannunzio, atuando como um modalizador cuja significação é de ênfase do conteúdo proposicional (Castilho, 2000, p. 156). E, de fato, se consideramos as declarações prévias do jornalista de que: “gastamos aqui no ensino básico [...] menos de metade do que gasta a média dos países da OCDE” (linhas 11-12), “gastamos muito com o sistema universitário” (linhas 13-14) e “se há alguma perspectiva de inversão... desses investimentos” (linhas 16-17), é plausível que Bolsonaro tenha compreendido essas asserções como uma linha de defesa da inversão da pirâmide de recursos, o que justifica que o candidato do PSL use o “realmente” ao asseverar que a pirâmide tem que ser invertida (linhas 20-21). Além disso,

destacamos que o enunciado seguinte de Bolsonaro (linhas 21-23) consistiu novamente em parafrasear as informações já apresentadas pelo jornalista. Assim, do ponto de vista do trabalho relacional, concebemos que esses enunciados iniciais de Bolsonaro atuaram como estratégias de polidez, ao expressar concordância e afirmar um terreno em comum.

A partir de então, Bolsonaro conduziu sua resposta abordando o tema das escolas militarizadas, uma de suas bandeiras de campanha, destacando as qualidades positivas dessas escolas, particularmente o desempenho superior dos alunos quando comparados a alunos de outras escolas (linhas 27-31 e 35-39). Com esse tema, Bolsonaro objetivou principalmente explorar seu vínculo com a instituição militar, através dos termos “nossa polícia militar” (linha 25), “colégios militares” (linha 27), “estudantes do colégio militar de Brasília” (linhas 30-31) e “escolas militarizadas” (linha 31). Assim, o candidato do PSL operou nesse momento um trabalho de face elogioso pontual, mas que foi intensificado na sua tréplica, como veremos a seguir. Por fim, destacamos ainda que, na sua resposta, Bolsonaro pôde abordar uma de suas principais críticas no campo da educação, especificamente a retirada da autoridade do professor, defendendo sua tese com pesquisas quantitativas da APEOESP (linhas 44-49) e propondo como solução o reestabelecimento da autoridade junto com a inversão da pirâmide de “gasto” (linhas 49-53). Com essa seleção lexical para referir o tópico central da pergunta, Bolsonaro privilegiou um sentido de “aquilo que se despendeu em dinheiro; despesa, dispêndio” (Michaelis, 2023, on-line), em detrimento do termo “investimento”, como “aplicação de capital com o objetivo de obter lucros” (Michaelis, 2023, on-line), que também tinha sido utilizado pelo jornalista (linha 17), sugerindo com essa escolha um processo de referenciação (Koch; Marcuschi, 1998) desses recursos como desperdícios.

No seu comentário, Gomes também se dedicou a fazer um trabalho de face autoelogioso, principalmente por iniciar e dedicar grande parte de sua fala para elencar dados positivos sobre a educação no Ceará, seu domicílio eleitoral (linhas 54-70). Durante esse inventário positivo, Gomes associou, inclusive, figuras importantes da educação nacional, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, a seu partido (linhas 62-64), finalizando com dados de aprovação de estudantes do Ceará em instituições militares, ocasião em que se dirigiu nominalmente a Bolsonaro, chamando-o pelo primeiro nome (Jair) (linhas 66-70). Após essa série de resultados positivos e aproveitando a menção a Bolsonaro, Gomes redirecionou sua fala para se contrapor a seu oponente e, apoiando-se nos dados citados anteriormente, discordou sobre o papel da militarização das escolas como solução para o problema da educação básica. Porém, o candidato do PDT utilizou, para tanto, de um registro exagerado (linhas 70-73) ao referir a

militarização como “lei do chicote brabo”, o que juntamente com a expressão de riso apresentada durante a enunciação dotou essa fala de um tom de humor.

Por outro lado, consideramos que essa fala de Gomes é uma ocorrência irônica, pois é nítido que essa fala teve um teor crítico, principalmente por ser a expressão de uma discordância, contudo, o pedetista utilizando de um registro jocoso justapôs um tom inadequado, gerando indiretamente uma incongruência com objetivos críticos. Inclusive, Gomes tentou adiante minimizar essa discordância, enunciando “evidente que concordo que é preciso respeitar os professores” (linhas 72-74), contudo, o pedetista utilizou o vocábulo “respeito”, que não coincide em significação com os termos “autoridade” e “hierarquia” usados por Bolsonaro, demarcando, desse modo, diferenças de posicionamento. Por fim, direcionando o olhar para a câmera, Gomes tornou essa divergência explícita ao enunciar “mas o que resolve mesmo” (linha 75) e apresentou, de fato, sua proposta para resolver o problema apresentado pelo jornalista durante a pergunta, enfatizando sonoramente e com repetição a necessidade de reforçar o orçamento, o que julgamos ser um contraponto à ideia de inversão de pirâmide sustentada por seu oponente.

Após a indicação do mediador, Bolsonaro iniciou sua tréplica também se referindo ao oponente pelo primeiro nome (Ciro) (linha 84), o que foi uma forma de tratamento de Gomes comum, tendo sido adotada também por outros candidatos. Então, o candidato do PSL, ao mesmo tempo que buscou um acordo “reconhecendo” o que Gomes falou, atribuiu a “um jovem né formado pelo ITA, ele levou isso pra lá” (linhas 84-87), podendo se conceber o pronome “isso” como referindo as aprovações no ITA e IME, mencionadas por Gomes, e essa ação discursiva de Bolsonaro como redirecionando o reconhecimento dessa iniciativa para o ex-aluno do ITA, ou seja, um militar. Como já sinalizado, essa evocação a figuras militares foi constante durante as falas de Bolsonaro, que, nessa tréplica, buscou se associar ao prestígio de personalidades militares, ao relatar, com o olhar fixo para a câmera, conversa “com meus colegas do Alto Comando do Exército”. O candidato do PSL, inclusive, declarou que alguns desses colegas estariam de acordo em construir colégios militares em cada estado (linhas 89-94), o que enunciou pausadamente, concluindo com a promessa da construção do maior colégio militar no Campo de Marte (linhas 95-98). Por fim, voltando-se para Gomes, Bolsonaro se contrapôs à crítica do pedetista e, rindo, negou a existência da lei do chicote, seguindo com um pedido de desculpas, numa estratégia de prefaciação, visto que a discordância é potencialmente impolida. Concluindo, o candidato do PSL reforçou sua visão positiva sobre as escolas

militarizadas e seu entendimento da hierarquia e disciplina como soluções para resolver o problema da educação, gracejando sobre a inutilidade do chicote (linhas 106-107).

Já discutimos, anteriormente, que nem toda ironia alcança ou pretende alcançar efeitos de humor e riso, embora esses efeitos sejam importantes para a experiência social da ironia, pois funcionam como indícios de ratificação da crítica irônica, podendo unir aliados ao ironista e/ou isolar ainda mais o alvo da ironia. Esse efeito ficou mais nítido no Exemplo 7.8, em que Gomes ao ironizar Daciolo provocou um riso expressivo na plateia, não sendo recorrente esse funcionamento nos exemplos analisados nessa subseção 7.2.3. No entanto, notamos aqui outro efeito da ironia com função humorística, o de justamente sobrepor e mascarar o viés crítico e cortante inerente ao fenômeno irônico ao registrá-lo de modo pouco convencional. Nessa direção, com a ironia humorística, os candidatos puderam comunicar suas críticas ao mesmo tempo que chamaram atenção para a própria linguagem, desautomatizando-a e aprazendo, em certa medida, a si e aos interlocutores. É nessa direção que Alckmin (Exemplo 7.9) e Daciolo (Exemplo 7.10), ao inverterem as críticas que lhe foram imputadas, provocaram efeitos de riso – no caso de Alckmin, visível na própria face, e no caso de Daciolo, visível na face de Meirelles, seu interlocutor imediato. Contudo, consideramos que os candidatos não objetivaram mascarar o teor ofensivo ao tingir sua enunciação de humor, pois estruturaram suas ironias a partir do recurso de menção ecoante, tornando inequívoco os seus alvos. Assim, compreendemos que, na realidade, a sobreposição do humor à crítica irônica objetivou muito mais um trabalho engrandecedor da própria face perante o público, o que esteve presente, inclusive, nos usos humorísticos da ironia feito por Boulos (Exemplo 7.11) e por Gomes (Exemplo 7.12), em que, apesar da crítica latente, o teor ofensivo foi mínimo, sobressaindo o efeito de riso.

7.2.4 Ironia com função de ofensa

Regularmente a ofensa é assinalada como a função mais comum e inerente à ironia em razão da aresta avaliadora e do caráter crítico típicos desse recurso. Contudo, os estudos sobre a (im)polidez têm demonstrado que o modo como um ato comunicativo é realizado influencia substantivamente nos seus efeitos de (im)polidez, e, aqui, enfatizamos que as comunicações irônicas são ainda mais suscetíveis a avaliações mais instáveis (Culpeper; Haugh; Sinkeviciute, 2017), por causa da sua circunlocução. Por outro lado, sabemos que o debate eleitoral, ao se estruturar na disputa por um dos cargos mais importante da administração pública nacional, é marcado por uma natureza altamente competitiva. Nessa direção, visando a vitória, é essencial que os candidatos busquem conquistar novos eleitores e seus votos e, para tanto, se torna

necessário não só enfatizar as próprias virtudes, mas principalmente minar a imagem positiva dos opositores, o que gera, naturalmente, tensões e conflitos.

Isto posto, reiteramos que, em nossos dados, foi notável como os candidatos recorreram à ironia com função ofensiva frequentemente, tendo ocorrido em quase 48% das interações, o que demonstra que os próprios participantes julgaram a ironia como uma estratégia adequada para esse tipo de propósito comunicativo. De fato, estudiosos sobre a ironia têm apontado que sua estruturação ambígua permite articular ações de ataque e de autoproteção, o que a torna um recurso interessante em contextos considerados opressivos pelo ironista (Booth, 1983). Dessa maneira, discutimos, a seguir, em cada uma das orientações de *rappports*, trocas interacionais em que a função ofensiva da ironia foi central para o desenvolvimento da interação, tornando ainda mais clara e agressiva a crítica irônica. Analisamos, portanto, os aspectos linguísticos mobilizados para alcançar esse efeito ofensivo, como os participantes reagiram diante da ofensa e, conseqüentemente, como a ofensa impactou o gerenciamento do *rappport* entre os candidatos, atentando ainda para o modo como o ironista articulou o trabalho da própria face nesse contexto conflituoso.

7.2.4.1 Em *rappport* de aprimoramento

Já sinalizamos na subseção 6.3 que o uso de ironia foi menos frequente nas trocas interacionais cujo *rappport* foi orientado majoritariamente para o aprimoramento, contudo, prevaleceu nesse tipo de *rappport* justamente um funcionamento ofensivo da ironia. Atribuímos essa recorrência da função ofensiva à ampla participação, como um todo, da ironia com usos ofensivos, presentes em quase 48% das trocas interacionais irônicas. Contudo, ponderamos que, nos casos de *rappport* orientado para o aprimoramento, esses usos mais agressivos não determinaram o tom do trabalho relacional e apareceram de maneira pontual. Nessa direção, apresentamos abaixo uma troca interacional do tipo considerações finais em que se recorreu à ironia com função ofensiva, mas cujo *rappport* foi orientado predominantemente para o telespectador, objetivando estabelecer com ele uma relação harmoniosa, ou seja, predominando uma orientação do *rappport* para o aprimoramento.

Exemplo 7.13 – Função de ofensa em *rappport* para aprimoramento

Debate Record	Bloco 4	3h21	Orientação do <i>rappport</i> para aprimoramento	Ironia: ofensa
Considerações finais: Meirelles				
01 Mediadora ((olhando para câmera)) agora um minuto para o				

02 candidato Henrique Meirelles, por favor.
 03 Meirelles ((olhando para a câmera)) boa noite a todos::
 04 (.) obrigado: (0,5) pela audiência (1,0)
 05 programação eleitoral (0,5) tem sido um ringue
 06 (0,5) ((movimento com as mãos para laterais))
 07 todos:: (.) brigando (.) contra todos.
 08 ((movimento de mão esquerda para lateral
 09 esquerda)) ((levanta sobrancelhas)) tivemos
 10 aqui hoje até um pouco de delírio. mas: (.) a
 11 minha briga é outra. eu quero brigar por
 12 empreg- emprego, renda e dignidade. eu já
 13 mostrei ao longo da minha vida (.) que o que
 14 interessa é RESULTADO. e é isso: que juntamente
 15 com meu candidato a vice-presidente, Germano
 16 Rigotto, vamos oferecer ao Brasil. eu vou usar
 17 a confian::ça que eu (.) conquistei (.)
 18 dirigindo uma instituição e: trabalhando no
 19 mundo inteiro (.) para trazer emprego,
 20 crescimento e renda para o Brasil. isso é o que
 21 interessa. não interessa aos brasileiros (.)
 22 simplesmente (.) ver essa guerra. ((movimento
 23 vertical com mãos fechadas)) o que interessa
 24 aos brasileiros é paz, crescimento (.) e renda
 25 pra todos.

Fonte: Debate Record, 30 set. 2018, s. p.

Como nos outros debates, as considerações finais do debate Record ocorreram na parte final do ajuntamento e a ordenação das contribuições dos participantes foi determinada por sorteio prévio, sendo comunicada oportunamente pelos mediadores. Assim, nesse debate, Meirelles foi o último candidato a enunciar suas considerações finais, tendo direcionado constantemente o olhar para a câmera, o que demonstrou a seleção do telespectador como interlocutor privilegiado e uma orientação de sua fala para a audiência, razão pela qual o candidato do MDB dedicou predominantemente seu trabalho relacional para aprimorar o *rappor*t com esse telespectador. Nessa direção, Meirelles iniciou agradecendo a todos pela audiência, adotando um tom cerimonioso (linhas 03-04), mas logo em seguida se dedicou a fazer pressuposições desagradáveis sobre os demais participantes, caracterizando a programação eleitoral como um ringue (linhas 05-07) e insinuando ter havido nesse debate até um pouco de delírio (linha 10).

Observando o modo como essas colocações do candidato do MDB foram construídas, é possível lhes atribuir efeitos irônicos, pois elas pretenderam ser depreciativas, mas direcionaram vagamente as críticas a seus alvos. A crítica dissimulada ocorreu em razão do tom inadequado que o emedebista adotou para expressar sua visão sobre os fatos censurados, usando de registros exagerados na caracterização da disputa como “ringue” e do comportamento de outros candidatos como “delírio”. Consideramos que o registro exagerado usado por Meirelles soou deslocado frente ao contexto discursivo, dotando sua fala de uma incongruência relevante. Assim e dada a circunstância interacional, foi possível identificar que, com essa inadequação, Meirelles buscou ridicularizar os comportamentos dos oponentes, ofendendo-os indiretamente. Destacamos, especificamente o segundo enunciado irônico proferido por Meirelles, que soou ainda mais irônico por ser possível indicar que a ofensa foi dirigida especificamente para Daciolo. Isso porque a fala de Meirelles foi feita imediatamente após as considerações finais do candidato do Patriota, cujo comportamento comunicativo, notadamente no debate Record, exacerbou na exploração do discurso religioso. Assim, dado o comportamento destoante de Daciolo em relação às expectativas comportamentais do debate eleitoral e dada a localização sequencial da crítica irônica, consideramos que, ao aludir ao “delírio”, Meirelles caracterizou criticamente o comportamento do candidato do Patriota, tornando-o, portanto, o alvo da crítica do emedebista, cujo teor ofensivo foi intensificado por causa do caráter contundente da aresta irônica.

Por outro lado, as ofensas do candidato do MDB se restringiram a essas duas ocorrências discutidas acima, após as quais ele prosseguiu reorientando sua fala a fim de aprimorar sua relação com o telespectador. Então, Meirelles se contrapôs ao comportamento censurado nos outros candidatos e operou um trabalho elogioso sobre a própria face, com o qual destacou que sua briga seria “outra” e que sua natureza aguerrida seria por “emprego, renda e dignidade” (linha 12). Retomando seu foco em resultado, que enfatizou sonoramente (linha 14), o candidato do MDB estabeleceu suas promessas de “trazer emprego, crescimento e renda para o Brasil” (linhas 12-21) e explicitou quais seriam os interesses dos brasileiros (linhas 20-25), concluindo suas considerações, assim, com o tom harmonioso utilizado no início de sua fala.

A partir dessa fala de Meirelles, é possível reafirmar que as considerações finais foram trocas interacionais direcionadas para o telespectador e, dessa forma, foram fortemente inclinadas à orientação do *rapport* para o aprimoramento, como já discutido na subseção 6.3.1. Contudo, isso não impossibilitou que os candidatos destinassem parte de seu tempo para expressar discordâncias e que adotassem pontualmente comportamentos desafiadores,

utilizando as discordâncias, inclusive, como gancho para ações autoelogiosas seguintes. Ainda nessa direção, o uso de ironia, embora infrequente, foi estratégico para que os participantes pudessem comunicar suas críticas de maneira indireta. Assim, por um lado, a ironia possibilitou que os candidatos ofendessem seus oponentes, mas, por outro, dada sua natureza velada, atenuou o grau de agressividade e, principalmente, não comprometeu a orientação mais ampla do *rapport* para o aprimoramento, razão pela qual ainda tenha sido um recurso explorado nesse tipo de gerenciamento da relação.

7.2.4.2 Em *rapport* de desafio

Sinalizamos, na subseção 7.1, que a orientação para o desafio foi o tipo de orientação do *rapport* mais recorrente dentro das interações irônicas e que a ofensa foi a função da ironia mais recorrente também em nossos dados. Dessa forma, consideramos que discutir o uso de ironia em uma troca interacional orientada para o desafio nos parece analisar o uso prototípico da ironia dentro do universo dos debates presidenciais de 2018. Dessa maneira, buscamos, a partir da análise a seguir, demonstrar primordialmente que aspectos interacionais nos permitiram estabelecer distinções entre o uso da ironia como estratégia crítica e o uso da ironia como estratégia crítica com função ofensiva, especificamente. Para tanto, analisamos um confronto direto ocorrido entre Bolsonaro e Silva, em que, embora o uso da ironia tenha sido exclusivo do candidato do PSL, a orientação do *rapport* para o desafio foi sustentada por ambos os candidatos, tendo a candidata da Rede recorrido a outras estratégias discursivas para causar ofensa a seu adversário.

Exemplo 7.14 – Função de ofensa em *rapport* para desafio

Debate RedeTV	Bloco 3	1h53	Orientação do <i>rapport</i> para desafio	Ironia: ofensa
Confronto direto: Bolsonaro x Silva				
01	Mediadora	((câmera em plano aberto))	agora eu peço (.) que	
02			o candidato Jair Bolsonaro faça próxima	
03			pergunta, escolha a quem irá perguntar,	
04			candidato.	
05	Bolsonaro	((se dirige para centro do estúdio))	°°quem tá	
06			faltando aí?°°	
07	Mediadora		o senhor pode perguntar pa:ra: (0,5)	Guilherme
08			Boulos (0,25) Marina Silva e cabo Daciolo (2,0)	
09	Bolsonaro	((câmera em plano aberto))	Marina Silva	

10 Mediadora ((câmera em plano aberto)) cabo Daciolo. por
11 favor.

12 Mediadora ((câmera em plano aberto)) ah Marina Silva,
13 perdão, entendi errado. Marina Silva, ((Silva se
14 dirige para centro do estúdio)) então, pode
15 voltar (0,25) °ao estúdio° (3,0)

16 Bolsonaro ((câmera em plano aberto)) primeiro, quero
17 deixar bem claro quando aqui cheguei .hhh havia
18 um púlpito .hhh que ninguém ia ocupar ((câmera
19 focaliza candidatos lado a lado)) ((olhando para
20 câmera e com ar de riso)) aquele espaço, mas
21 tava escrito Luís Inácio Lula da Silva. então
22 junto à: (.) direção (.) fiz questionamento,
23 quero agradecer (0,25) a RedeTV (.) por ter
24 retirado o púlpito do Lula. não podemos dar espaço
25 aqui: (.) pra um bandido condenado por corrupção
26 (.) eh:: frequentar (.) esse debate, mesmo que
27 seja virtual. ((olhando para Silva)) senhora
28 Marina Silva. armamento. eu sou favorável que o
29 cidadão de bem tenha <posse de arma de fogo>
30 (1,0) a senhora concorda com isso ou não?

31 Silva ((olhando para Bolsonaro)) não (3,0) ((câmera em
32 plano aberto)) ((candidato centralizados)) antes
33 eu queria te dizer uma coisa, °Bolsonaro°. você
34 disse que a questão (1,0) dos salários menores
35 para as mulheres (.) é uma coisa que a gente não
36 precisa se preocupar, porque já está na CLT (2,0)
37 só uma pessoa que não sabe o que é que significa
38 uma mulher::, ganhar um salário menor do que um
39 homem e::: (1,0) ter as mesmas capacidades (.)
40 a mesma competência (.) ((câmera focaliza
41 candidatos lado a lado)) ((olhando para
42 Bolsonaro)) e ser a primeira a ser demitida.
43 ser:: (.) a última a ser promovida. e quando
44 vai, numa fila de emprego, pelo simples fato de
45 ser mulher (.) não é aceita. então, não é uma
46 questão de que não precisa se preocupar:, tem
47 que se preocupar SIM. porque quando se é
48 presidente da república, a gente tem que fazer
49 cumprir o artigo quinto da Constituição Federal.
50 que diz que NENHUMA MULHER DEVE SER

51 DISCRIMINA:DA hh, <não fazer vista grossa> hh,
52 dizendo que não precisa se preocupar. ((câmera
53 em plano aberto)) precisa se preocupar SIM. um
54 presidente da república tá LÁ pra combater
55 <°injustiça°>.

56 Mediadora sua réplica, candidato (1,0)

57 Bolsonaro ((câmera em plano aberto)) temos aqui uma
58 evangélica que defende o plebiscito pra aborto
59 (.) e pra maconha (.) e quer agora defender a
60 mulher- ((câmera focaliza candidatos lado a
61 lado)) ((olhando para Silva)) você não sabe o
62 que é uma mulher, Marina, que tem um filho (1,5)
63 <jogado no mundo das drogas>. cê não sabe o que
64 é isso, pra você defender o plebiscito (.) nesse
65 sentido. ((câmera em plano aberto)) ((Silva mais
66 próxima fisicamente de Bolsonaro)) <eu defendo
67 a mulher>, inclusive eu defendo a castração
68 QUÍMICA para (.) ((câmera focaliza candidatos
69 lado a lado)) ((olhando para Silva))
70 estupradores> [esta]-

71 Silva [você]

72 Bolsonaro [nã, nã, não. ((câmera focaliza
73 candidatos lado a lado)) ((olhando para Silva))
74 a senhora não pode me interromper. cê não pode-
75 a senhora não pode me interromper (1,5) a senhora
76 não pode me interromper.

77 Mediadora só um minuto, candidato

78 Bolsonaro ((câmera focaliza candidatos lado a lado))
79 ((olhando para Silva)) e no tocante à arma de
80 fogo (.) eu defendo SIM (.) que a mulher,
81 inclusive, caso queira, a mulher de bem (.)
82 ((câmera em plano aberto)) a mulher preparada,
83 que tenha a posse de uma arma de fogo dentro de
84 casa (.) pra se defender se assim, ela o desejar

85 Silva ((câmera em plano aberto mostra manutenção de
86 posições)) você acha que pode resolver tudo no
87 gri:to, na violência (1,5) ((câmera focaliza
88 candidatos lado a lado)) ((olhando para
89 Bolsonaro)) nós somos mães (.) nós educamos os
90 nossos filhos. a coisa que uma mãe mais quer (.)
91 é ver um filho ser educado pra ser um cidadão de

92		bem. e você fica ensinando pro nosso jovem que
93		tem que resolver as coisas é na base do grito,
94		Bolsonaro. você é um <u>deputado</u> . você é <u>pai de</u>
95		<u>família</u> (0,5) VOCÊ UM DIA DESSE PEGOU A MÃOZINHA
96		DUMA CRIANÇA (.) e ensinou como é que se faz pra
97		atirar. você sabe o que a bíblia diz-, sobre
98		ensinar uma criança. <ensina a criança no
99		caminho em que deve andar (.) e ATÉ QUANDO FOR
100		GRANDE (.) NÃO SE DESVIARÁ DO CAMINHO>. é esse
101		o ensinamento que você quer dar ao povo
102		brasileiro:. <e (.) numa democracia o estado é
103		LAICO>.
104	Bolsonaro	((câmera em plano aberto)) leia o livro de Paulo
105	Mediador	((aplausos na plateia)) ((câmera em plano
106		aberto)) pedimos que (.) o auditório, por
107		gentileza, não se manifeste (.) °por favor°.
108		(1,0) ((câmera focaliza jornalista)) ((olhando
109		para câmera)) reiteramos (.) que após a justiça
110		negar a participação do candidato do partido dos
111		trabalhadores do debate o < <u>nono púlpito foi</u>
112		<u>retirado por decisão</u> > da maioria das
113		<u>candidaturas</u> . a única objeção foi (.) do
114		candidato do PSOL, Guilherme Boulos.

Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, s. p.

Para começar, destacamos que consideramos ter sido essa uma das interações irônicas mais ofensivas dentro dos dados provenientes dos debates presidenciais de 2018, não só pelas ofensas proferidas, mas principalmente pelo modo como os envolvidos reagiram a tais ofensas. Assim, de início, é notável como a seleção de interlocutor foi novamente um ponto importante para a dinâmica do confronto direto no debate eleitoral, pois, dentre as opções apresentadas pela mediadora, Bolsonaro escolheu Silva, preterindo Boulos, com quem já tinha tido conflitos marcadamente agressivos, e Daciolo, com quem teve anteriormente interações cordiais.

Julgamos que Bolsonaro escolheu Silva motivado pela já mencionada disputa de votos, tendo em vista que ambos os candidatos estiveram associados a um eleitorado identificado como “evangélico”. Inclusive, a identidade evangélica de Silva já tinha sido alvo de suspeição por Bolsonaro em interação anterior, durante o confronto direto entre Bolsonaro e Daciolo, discutido nesse trabalho na subseção 7.2.2. Por essa razão, esse confronto entre Bolsonaro e Silva tematizou primordialmente as pautas de costume, iniciando com o candidato do PSL

questionando sobre posse de arma de fogo, seguindo com o tema da equidade de gênero proposto por Silva e findando, de fato, com a discussão sobre o que é ser evangélico, iniciada por Bolsonaro e concluída por Silva.

Antes, contudo, Bolsonaro iniciou sua fala fazendo pressuposições desagradáveis e críticas acentuadas sobre outro candidato, o ex-presidente Lula, cuja candidatura estava até então em processo de análise junto às instâncias jurídicas, razão pela qual o púlpito estava disposto, mas o candidato do PT não compareceu. Bolsonaro, inclusive, dedicou a esse tópico maior parte do tempo para elaborar a pergunta, relatando a presença “de um púlpito que ninguém ia ocupar” (linhas 16-20) e seu questionamento junto à RedeTV (linhas 21-22), a quem agradeceu ter retirado o púlpito (linhas 23-24), justificando sua posição com críticas exacerbadas e insulto sobre o candidato do PT. Além do tempo despendido nessa controvérsia, Bolsonaro demonstrou certo contentamento em relatar essa situação, notável pelos suspiros e principalmente pela sua expressão de riso, como ilustra a imagem a seguir (Figura 7.20).

Figura 7.20 – Esboço de riso de Bolsonaro durante menção à ausência de Lula



Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, 1h53m43s.

Concluída essa polêmica, Bolsonaro se dirigiu a Silva usando de um pronome de tratamento e mencionando seu nome e sobrenome, sinalizando com a conjunção desses elementos de deferência um tratamento reservado em relação à candidata. Então, o candidato do PSL indicou brevemente “armamento” como o tema a ser discutido e expressou pausadamente seu posicionamento favorável à “posse de arma de fogo” (linhas 28-30) e

questionou a Silva se concordava com “isso”, apresentando a questão do tipo sim ou não, o que consideramos ser já uma pergunta desagradável. A candidata da Rede, por sua vez, respondeu à pergunta de Bolsonaro aridamente, apenas com um “não” (linha 31), demarcando a discordância com seu interlocutor. E à essa resposta breve, seguiu-se uma pausa significativa, de três segundos, após à qual Silva desviou o tópico proposto por Bolsonaro para confrontar-lhe abordando o tema da paridade salarial entre homens e mulheres, dedicando ao tema todo o seu turno de resposta. Inclusive, avaliamos que, durante sua resposta, Silva demonstrou um envolvimento emocional expressivo, o que atribuímos, inicialmente, ao fato de a candidata ter sido, no primeiro bloco desse debate, alvo de pressuposições desagradáveis de Bolsonaro, durante o confronto direto com Daciolo, analisado anteriormente na subseção 7.2.2.

Assim, interpretamos que a conduta conflituosa de Silva nesse momento foi uma retaliação a seu interlocutor, pois, ao desviar o tópico, ela aludiu à fala de Bolsonaro sobre desigualdade de gênero no mundo do trabalho. Nessa direção, o desafio foi intensificado por Silva evidenciar a posição negligente de seu oponente sobre o tema, quando citou, nas linhas 33 e 36, quase literalmente a fala de Bolsonaro no início desse mesmo bloco em confronto direto com Meirelles: “Oh senhor Henrique Meirelles, na CLT já está garantido à mulher ganhar igual homem, desde que a diferença de tempo de serviço entre um e outro não seja superior a dois anos, já tá garantindo na CLT, não temos que nos preocupar com isso” (Debate RedeTV, 1h34). Contudo, destacamos que esse recurso da citação não foi uma estratégia irônica, pois, introduzido pelo discurso reportado direto, ele não apresenta viés dissimulado nem tampouco foi o recurso pelo qual Silva comunicou sua crítica.

Desse modo, diante de citação tão literal, Bolsonaro não pôde negar sua posição, o que Silva aproveitou para o deslegitimar por não saber o que significa as experiências vividas por mulheres (linhas 33-45). Nessa direção, a candidata detalhou tais experiências ressaltando a equivalência laboral entre homens e mulheres, em que enfatizou sonoramente os termos “mesmo” (linhas 39-40), mas também destacando o tratamento desfavorável às mulheres (linhas 42-45). Com essas ações discursivas, Silva demarcou que seu *rapport* com Bolsonaro esteve orientado para o desafio, de modo que se contrapôs veementemente à posição omissa do oponente, repetindo seu desacordo três vezes (linhas 45-53). Além disso, durante sua fala, a candidata apresentou certa irritação, que pôde ser observada pela sua fala de articulação tensa, pelo tom de voz mais alto (linhas 50-51 e 53), pela fala ligeiramente mais rápida (linhas 33-36 e 45-46), alternada com trechos estrategicamente mais lentos, como na ênfase da linha 51 e na

pronúncia da palavra “injustiça” (linha 55), cujo tom ligeiramente mais baixo suscita efeitos de desconforto e desânimo (Culpeper, 2011b, p. 151).

Na réplica, Bolsonaro iniciou fazendo uso da ironia, ao caracterizar Silva como uma evangélica que defende plebiscito para aborto e maconha (linhas 57-59), o que seria incongruente diante de um quadro de expectativas de que pessoas evangélicas sejam *a priori* contrárias a aborto e maconha (Oliveira, 2008). Essa construção contraditória sobre Silva já havia, inclusive, sido explorada por Bolsonaro em confronto direto anterior, com Daciolo, que analisamos aqui na subseção 7.2.2. Com essa incongruência, Bolsonaro objetivou não só ofender a identidade religiosa de Silva, como também desacreditá-la enquanto defensora das mulheres, principalmente pelo enunciado “e quer agora defender a mulher” (linhas 59-60). Foi essa linha argumentativa, inclusive, que Bolsonaro manteve, pois, em seguida, ele vedou a Silva saber o que é uma mulher (linhas 61-64), o que operou uma deslegitimação da candidata também em sua identidade de gênero. Após breve suspensão da fala, o candidato especificou essa mulher como tendo “um filho jogado no mundo das drogas”, para criticar sua oponente em relação à defesa de plebiscito de maconha (linhas 63-65). A transmissão do debate nesse momento foi feita em plano aberto e, tendo em vista que, no início da réplica, o plano aberto havia exibido os candidatos igualmente afastados, atentamos que, em relação à posição inicial, Silva se deslocou sensivelmente em direção a Bolsonaro, como ilustra o conjunto de imagens a seguir (Figura 7.21). Dessa maneira, consideramos que esse avanço da candidata ocorreu durante essa réplica e, dado o contexto agressivo, ele pode ser visto como uma ação ostensiva da candidata em relação a seu oponente.

Figura 7.21 – Posicionamento de Bolsonaro e Silva no início e no meio da réplica



Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, 1h55m.

Feita essa observação, retornamos à fala de Bolsonaro, que pausadamente declarou “Eu defendo a mulher” (linhas 66-67), com que reparou sua face da crítica inicial de Silva (linhas 37-47), e pôde preparar o contexto para apresentar suas propostas para transtornos que afligem as mulheres. Enquanto Bolsonaro citava sua proposta de castração química para estupradores (linhas 67-70), Silva novamente investiu contra o oponente sobrepôr sua fala à dele. Bolsonaro, então, reagiu repetindo veementemente que ela não poderia interrompê-lo (linhas 72-76), embora a candidata já tivesse suspenso sua interrupção. A mediadora ainda interveio, mas, como o turno já havia sido devolvido, o candidato do PSL continuou sua fala reafirmando sua posição favorável ao armamento, justificando-a especificamente para a autodefesa feminina (linhas 78-84).

Mantendo-se próxima a Bolsonaro, Silva novamente se dedicou a maximizar a discordância, fazendo de início pressuposições desagradáveis sobre o oponente ao caracterizá-lo como uma pessoa violenta (linhas 86-87). Então, Silva recorreu ao pronome “nós” de maneira inclusiva, buscando representar e se aproximar do grupo social “mães”, que lhe fora negado anteriormente por Bolsonaro (linha 89). Assim, a candidata operou um trabalho de face positivo, se associando a esse grupo e reivindicando para esse grupo características consensualmente agradáveis, como a ação de educar e o desejo de ver o filho ser educado para ser cidadão de bem (linhas 90-92). Mais uma vez, ao trabalho elogioso da própria face, seguiu-se uma representação danosa sobre o oponente (linhas 92-97), contudo, Silva intercalou as

críticas e as pressuposições desagradáveis sobre Bolsonaro (linhas 92-94 e 94-97) com a sua identificação enquanto “deputado” e “pai de família”, sendo esses termos enfatizados vocalmente (linhas 94-95). Embora essa estratégia pareça equilibrar o ataque, na realidade, analisamos que a justaposição da crítica com os papéis sociais intensificou a ofensa, pois evocou as normas sociais e expectativas comportamentais associadas a esses papéis sociais e, então, demonstrou como a conduta de Bolsonaro relatada por Silva contrastava negativamente com essas normas e expectativas.

Por fim, a candidata da Rede retornou à discussão religiosa, questionando retoricamente se Bolsonaro “sabe o que diz a Bíblia sobre ensinar uma criança” (linhas 97-98). Já pelo contexto conflituoso seria possível interpretar que essa pergunta de Silva pretendia ser desagradável para o oponente, mas, além disso, a questão ocorreu logo após Silva relatar que Bolsonaro teria ensinado uma criança a atirar (linhas 95-97), dotando sua fala de um tom de voz elevado e de uma postura acentuadamente crítica. Com efeito, na ação seguinte, a candidata confirmou ser sua pergunta uma estratégia de impolidez, pois, ao responder à pergunta, Silva citou versículos bíblicos (linhas 98-100), cujo conteúdo evidenciava a repercussão dos ensinamentos durante à infância, o que tornou essa citação bíblica, portanto, um argumento de autoridade de cunho religioso crítico a essa conduta de Bolsonaro. Essa investida de Silva se mostrou, de fato, bastante efetiva, pois foram evidentes as reações emocionais desagradáveis que provocou em Bolsonaro, como ilustra o conjunto de imagens abaixo (Figura 7.22), apresentadas em sequência cronológica a partir da imagem do canto superior esquerdo.

Figura 7.22 – Expressões faciais e corporais de Bolsonaro durante crítica de Silva



Fonte: Debate RedeTV, 17 ago. 2018, 1h56m.

De início, reiteramos que nossa análise se baseia nos registros audiovisuais feitos e transmitidos pelas emissoras em mídias de comunicação em massa, como televisão e internet, sendo, dessa maneira, a análise limitada ao registro tal como foi divulgado. Aqui, observamos os candidatos a partir do busto e, ainda assim, pudemos notar que certas expressões corporais de Bolsonaro indicativas de algumas emoções, como a inclinação sutil do tronco para trás, indicando afastamento e rejeição (Weil; Tompakow, 2015, p. 65; p. 139), e os indícios de movimento de passar os braços na frente do tronco, indicando defesa (Weil; Tompakow, 2015, p. 142-142). Essas são expressões corporais frequentemente associadas a ações autoprotetoras (Weil; Tompakow, 2015), de modo que, ao apresentá-las, Bolsonaro demonstrou estar se protegendo, do que se conclui que ele se sentiu ameaçado, sendo contextualmente a fala crítica de Silva o risco mais evidente. Além disso, vemos um movimento expressivo de lábios; num primeiro momento, o candidato parece pressioná-los, inicialmente com a língua e depois um lábio contra o outro, sinalizando interdição na fala (Weil; Tompakow, 2015, p. 152), em seguida, notamos um tensionamento do maxilar de Bolsonaro, o que reforça a ideia de interdição, principalmente da interdição de uma agressão (Weil; Tompakow, 2015, p. 183). Silva, por sua vez, apresentou articulações vocais amplas, além de tensionamento da área dos olhos e, na parte final, o movimento de apontar na direção de Bolsonaro.

Concluimos, a partir dessa discussão, que, embora a ironia seja notada como um recurso de crítica e tenha uma aresta bastante afiada, nem sempre o vetor da ofensa estará estritamente

vinculado à crítica irônica. Dessa maneira, nesse confronto direto entre Bolsonaro e Silva, podemos observar que o uso da ironia feito pelo candidato do PSL foi realmente ofensivo, mas a reação de sua oponente, mesmo não tendo recorrido à estratégia irônica, articulou de maneira mais efetiva as críticas, investindo em estratégias diversas de ofensa, como críticas, pressuposições desagradáveis, deslocamento em direção ao oponente, ato de apontar e a construção contrastante entre o comportamento do oponente e o decoro do seu cargo etc., tendo sido, portanto, efetiva na pretensão de causar ofensa.

7.2.4.3 Em *rapport* de manutenção

Nas interações orientadas para o espectro da polidez, ou seja, para a manutenção e o aprimoramento, a função ofensiva da ironia foi menos frequente, o que consideramos ocorrer em razão de esse tipo de uso da ironia estar fortemente associado a estratégias de impolidez e, como tal, não ser facilmente neutralizado (Culpeper, 2011b, p. 113). Dessa maneira, presume-se que os interactantes, ao objetivarem aprimorar ou a manter o *rapport*, se abstenham de usar a ironia com função ofensiva ou ainda recorram a essa estratégia de maneira pontual, de forma que o uso ofensivo não suplante as demais ações e estratégias acionadas para promover a harmonia entre os interactantes.

De fato, em nossa investigação sobre o papel da ironia como estratégia de (im)polidez nos debates presidenciais de 2018, pudemos constatar que, nas trocas orientadas para o aprimoramento ou a manutenção, os usos ofensivos foram pontuais e a aresta afiada da ironia nesses casos foi direcionada primordialmente para terceiros. Assim, nas interações em que o interlocutor foi o próprio telespectador-eleitor, caso das considerações finais e de alguns tipos de perguntas institucionais, vimos que o falante objetivou primordialmente aprimorar o *rapport* com esse interlocutor, como demonstrado e discutido nos Exemplo 6.1, 6.2, 6.4 e 7.12. Portanto, nesses casos, o alvo da ofensa irônica foi direcionado para outra figura do panorama político, principalmente para os demais candidatos envolvidos na disputa. Já, nos casos em que dois candidatos estiveram envolvidos, ou seja, alguns tipos de perguntas institucionais e confrontos diretos, a aresta afiada da ironia alvejou um terceiro, cujo traço marcante foi ter sido um desafeto compartilhado entre os participantes, que buscaram se aliar através da e para a ofensa irônica.

Nessa direção, para discutir o funcionamento ofensivo da ironia em *rapport* de manutenção, analisamos um confronto direto ocorrido entre Haddad e Boulos durante o terceiro bloco do Debate Globo. Advertimos que já nos debruçamos anteriormente sobre uma conjunção

agradável entre Haddad e Boulos, no Exemplo 7.7, de forma que retomaremos apenas brevemente algumas observações sobre a relação prévia entre eles, que nos parecem importantes para a análise. Como já dito, Haddad e Boulos se reconhecem como pertencentes ao mesmo espectro político e, dessa maneira, consideramos que eles estruturaram suas ações interacionais de modo a não atacar um ao outro, evitando, assim, danos para o campo político de que fazem parte, principalmente pelo risco do sentimento antipetista que pairava no contexto político de 2018. Por outro lado, mesmo reconhecendo a vinculação ao outro, ambos os candidatos buscaram destacar os próprios aspectos positivos, priorizando a própria face, e, por essa razão, não tiveram exatamente uma conduta altruísta um com o outro. Nesse sentido, a ironia com função ofensiva teve uma participação singela nessa interação, e com ela foi possível a Boulos ofender de forma segura seus adversários, por considerá-los, inclusive, como desafetos partilhados com Haddad, como veremos a seguir.

Exemplo 7.15 – Função de ofensa em *rapport* para manutenção

Debate Globo	Bloco 3	1h38	Orientação do rapport para manutenção	Ironia: ofensa
Confronto direto: Haddad x Boulos				
01	Mediador	((câmera em plano aberto))	o próximo candidato a	
02			fazer pergunta (.) tema livre (.) é Fernando	
03			Haddad do PT, ((câmera focaliza mediador)) a quem	
04			eu peço por favor que se dirija aqui ao púlpito.	
05			(1,5) e o candidato (1,0) deve escolher a quem	
06			vai dirigir sua pergunta.	
07	Haddad	((câmera em plano aberto))	ao Guilherme Boulos.	
08		((Boulos se desloca para centro do estúdio))		
09		(10,0) ((câmera alterna planos abertos e		
10		fechados e candidato intercala olhar entre		
11		câmera e Boulos)) Guilherme, você (.) como eu, é		
12		professor (1,0) vive do seu salário (1,0) tem		
13		orgulho da sua profissão (1,0) e muitas vezes é		
14		incompreendido por pessoas que ganharam dinheiro		
15		<u>muito fácil</u> (.) no Brasil. (1,5) eh:::: qual que		
16		é a sua proposta (.) para o ensino médio do país?		
17		((olhando para câmera)) porque eu sinto que o		
18		ensino médio (.) é o que exige <u>mais:: atenção</u>		
19		por parte, do poder público, porque foi a etapa		
20		de ensino que meno- menos reagiu (.) aos		
21		estímulos que foram dados.		

22 Boulos ((câmera em plano aberto)) nós temo que retomar
23 investimento em educação pública no Brasil,
24 Haddad. ((câmera focaliza candidato)) ((olhando
25 para câmera)) isso passa, em primeiro lugar (.)
26 por REvogar: a emenda constitucional noventa e
27 cinco, que congelou investimentos, inclusive em
28 educação e saúde, pelos próximos vinte anos no
29 Brasil. nós vamo revogar ela. retomando o
30 investimento, é possível cumprir o plano
31 nacional de educação e ((olhando para Haddad))
32 investir o custo-aluno-qualidade inicial, que
33 prevê (.) CINQUENTA BILHÕES ((olhando para
34 câmera)) (.) pra o ensino básico no Brasil,
35 equipando as escolas, inclusive com wi-fi (.) em
36 todas as escolas, criando as condições pra que
37 os professores ganhem um salário digno e tenham
38 plano de carreira. isso é essencial. nós temo
39 que fazer um debate também ((olhando para Haddad))
40 sobre currículo. ((olhando para câmera)) a
41 reforma do ensino médio, feita pelo governo
42 Temer, que tirou a filosofia, tirou a sociologia,
43 ela é uma reforma, que tira o pensamento crítico.
44 >nós precisamos (.) revogar essa reforma porque
45 ela foi feita sem discutir com ninguém< e (.)
46 mexer no currículo, porque escola (.) não pode
47 ser para formar os nossos jovens ((olhando para
48 Haddad)) apenas pra fazer uma prova no fim do
49 ano. ((olhando para câmera)) tem que ser (.) pra
50 formar para a vida (.) e por isso os grandes
51 temas têm que ir para o currículo (.) inclusive,
52 a questão de gênero, diversidade sexual e
53 racismo. ((olhando para Haddad)) isso tem que
54 ser debatido desde as escolas, porque quando não
55 se debate, gera preconceito, e o preconceito (.)
56 estimula o ódio e a intolerância. é isso que nós
57 vamo fazer, no ensino médio brasileiro.

58 Haddad ((olhando para câmera)) (2,0) Guilherme, você
59 sabe, cê acompanhou (.) eh fez parte dessa luta.
60 nós abrimos as portas da:: das universidades pros
61 jovens (0,5) dois milhões de bolsas concedidas
62 pelo prouni. dobramos as vagas nas universidades

63 federais. multiplicamos (.) o financiamento
64 estudantil (.) sem fiador (.) para que o pobre
65 pudesse ter acesso. mas temos um gargalo no
66 ensino médio que precisa ser corrigido. qual é a
67 nossa proposta? as escolas (.) de ensino médio
68 no Brasil (.) as melhores (.) públicas e privadas
69 (.) elas são as federais. as públicas federais.
70 e nós espalhamos:: essas escolas federais, por
71 todo o país (.) só eu ((aponta para próprio
72 peito)) inaugurei duzentas e catorze escolas de
73 ensino médio federal. nossa proposta (.) é que
74 essas escolas sejam o <padrão de referência do
75 ensino médio dos estados>. noventa por cento da
76 matrícula é estadual, não é federal. nós queremos
77 apoiar essas escolas estaduais (.) a partir da
78 experiência EXITOSA (.) dos institutos federais,
79 das escolas militares e das escolas do sesi e do
80 senai.

81 Boulos ((olhando para câmera)) olha, Haddad (.) eh::
82 em relação ao ensino superior que você mencionou
83 (.) de fato é importante ter ampliado vagas na
84 universidade (.) e ter feito programa de cotas.
85 ((olhando para Haddad)) agora (0,5) nós temos um
86 problema aí. hoje, vai mais dinheiro pra o FIES
87 do que para a universidade pública. nós temos
88 (.) é que criar mais vagas na universidade
89 pública e criar um modelo de transição. porque a
90 unidade pública tem pesquisa, tem extensão, tem
91 ciência. esse dinheiro que hoje vai para a
92 universidade privada (.) tem que ir pras
93 públicas, inclusive fazer uma auditoria, porque
94 ele (.) tem uma verdadeira caixa- preta aí (.)
95 dos grandes grupos de ensino eh::: privados
96 educacionais. ((olhando para câmera)) agora você
97 mencionou um tema no início da sua resposta, da
98 sua pergunta, que eu queria colocar aqui. eu (.)
99 com muito orgulho (.) faço parte do movimento
100 que luta por moradia. dos sem-teto (.) de pessoas
101 que todo fim do mês têm que fazer a dura escolha,
102 ((aponta na direção da câmera)) como muitos que
103 tão nos assistindo, entre pagar aluguel (.) e

104	botar comida na mesa. para mim, <u>esse é um orgulho</u>
105	<u>ENORME</u> , estar ao lado dessas pessoas. eu ando
106	com <u>sem-teto</u> (.) eu ando com <u>sem-terra</u> (.) eu só
107	não ando com <u>sem-vergonha</u> .

Fonte: Debate Globo, 04 out. 2018, s. p.

Destacamos, de início, que o Debate Globo teve uma dinâmica mais rígida, ao sortear em certos blocos os temas a serem abordados e os participantes a interagir, assim, vemos novamente Haddad selecionar Boulos para responder a sua pergunta cujo tema foi livre. Outro aspecto a ser apontado é que, ao interagirem, os candidatos se deslocaram ao centro do estúdio e a transmissão televisiva do Debate Globo, assim como o Debate RedeTV, intercalou planos abertos e fechados, tornando variável a observação dos candidatos. Dito isso, notamos que, durante sua pergunta, Haddad intercalou o olhar entre o oponente e a câmera, demonstrando uma atenção duplamente orientada, além disso, o petista recorreu a fórmulas convencionais de polidez, destacando a identidade profissional partilhada entre eles (linhas 11-15), com o que reivindicou um terreno em comum e um pertencimento ao mesmo grupo social. Essas informações de cunho pessoal foram mobilizadas por Haddad de maneira oportuna, pois ele questionou a Boulos qual a proposta para o ensino médio (linhas 15-16) e, assim, com essa introdução, pôde reputar a si e a seu interlocutor como especialistas em educação. Com esse movimento o petista realçou a face de ambos, mas demonstrou ainda mais atenção à sua face, pois fixou o olhar para a câmera ao expor sua visão sobre o tema abordado, priorizando, portanto, sua atenção para o telespectador.

Boulos, por sua vez, dedicou sua resposta a criticar e ameaçar revogar as medidas adotadas pelo então presidente Michel Temer, inicialmente, condenando a redução de recursos para serviços públicos (linhas 22-29), e, em seguida, criticando a reforma curricular (linhas 38-49). Após expressar cada uma dessas críticas, o candidato do PSOL contrapôs suas propostas, justificando a necessidade de mais recursos financeiros (linhas 29-38) e ainda a importância de uma reforma curricular (linhas 49-57), demonstrando preocupação com os desejos do telespectador. Tal atenção ao telespectador foi demonstrada, inclusive, no olhar majoritariamente direcionado para a câmera, pois apenas pontual e brevemente Boulos intercalou o olhar na direção de Haddad, justamente para enfatizar pontos negligenciados pela gestão petista (linhas 30-34, 38-40 e 46-49), numa postura sutilmente negligente com Haddad.

Na réplica, Haddad seguiu uma estratégia semelhante à de Boulos, ao demonstrar suas propostas para o problema do ensino médio (linhas 66-80), dedicando a essa ação maior parte

de sua fala. Antes, contudo, Haddad adotou novamente, em sua réplica, estratégia de polidez com seu interlocutor, ao reivindicar um terreno comum com ele sobre “essa luta” (linhas 58-59). Inicialmente, o referente “essa luta” é apresentado de maneira indefinida, sendo construído por Haddad em seguida ao enumerar seus feitos enquanto ministro da educação do governo Lula (linhas 60-65). Durante sua fala, Haddad olhou diretamente para a câmara, demonstrando que sua atenção esteve direcionada para a audiência, a quem buscou informar sobre seus feitos. Dessa maneira, a reivindicação inicial de terreno em comum se apresentou como uma estratégia de Haddad para cooptar a concordância de Boulos sobre a referência positiva que construiu sobre si. Isso nos faz considerar que, com o uso da fórmula de polidez, Haddad não visou, então, aprimorar o *rapport* com Boulos, mas sim buscou realçar a própria face e respaldar-se na concordância presumida do interlocutor, sendo, portanto, uma ação de manutenção do *rapport*, pois também não incorreu em ações negativas sobre Boulos, não sendo possível categorizá-la como negligente.

Na sua tréplica, por fim, Boulos reagiu a essa busca de concordância de Haddad reconhecendo a importância da ampliação de vagas (linhas 81-84), mas, com o olhar para o petista, discordou do petista ao criticar o maior volume de recursos destinados ao programa FIES do que às universidades públicas (linhas 85-96), o que pôde ser visto como um desafio em relação a Haddad, não só por ter sido responsável por esses programas, mas principalmente por ter os enaltecido anteriormente (linhas 61-65). Contudo, Boulos reservou os instantes finais de sua fala (linhas 96-107) para retomar explicitamente a apreciação feita por Haddad sobre sua identidade (linhas 96-98), sinalizando, com essa retomada, a importância desse tópico, principalmente por versar sobre sua face. Com isso, Boulos pôde elaborar um trabalho elogioso da própria face, enfatizando sonoramente seu orgulho de pertencer ao movimento de luta por moradia e, comparando-se a “muitos que tão nos assistindo” (linhas 102-103), pôde incluir o telespectador e demonstrar sua preocupação com os desejos dele, realçando positivamente sua imagem. Ademais, nessa retomada, o candidato do PSOL pretendeu principalmente se contrapor a alguns adversários, pois, ressaltando andar com sem-teto e sem-terra, só não andar com sem-vergonha (linhas 106-107), Boulos evocou usos anteriores desse bordão, que, como discutimos no Exemplo 7.4, tem um tom irônico. Como já apontamos na análise da subseção 7.2.1.4, Boulos, com esse bordão, iniciou afirmando determinados predicativos sobre si, mas quebrou a sequência afirmativa ao negar sua associação com sem-vergonha. Essa quebra soa inadequada, mas, associando essa inadequação ao contexto de antagonismo da disputa eleitoral, podemos reestabelecer sua relevância e compreender que, com ela, Boulos buscou

indiretamente contrapor seus atributos positivos (andar com sem-terra e sem-teto) aos atributos negativos dos seus adversários (andar com sem-vergonha), fazendo pressuposições desagradáveis sobre eles.

Concluindo, analisamos, a partir dessa interação entre Haddad e Boulos, que, de fato, a presença da ironia é um recurso módico nas trocas interacionais voltadas para a manutenção do *rapport*. Apesar de ser um confronto direto, de modo geral, notamos que os candidatos não investiram efetivamente contra a face um do outro e priorizaram ações discursivas que pudessem realçar a própria face, adotando majoritariamente ações que mantiveram a harmonia pré-estabelecida entre eles. Além de realçar sua face, Haddad, em razão de sua posição na corrida presidencial, recorreu a estratégias com as quais angariasse o apoio de Boulos. Por sua vez, o candidato do PSOL se dedicou na sua resposta e tréplica a censurar ações do governo, usando de tom ofensivo nas críticas ao governo Temer, mas nas críticas ao governo Lula, representado na troca por Haddad, introduziu sua crítica com um acordo parcial, atenuando, portanto, a ofensa, o que consideramos ser uma postura para preservar a relação prévia entre com Haddad, marcada por aliança e harmonia.

7.2.4.4 Em *rapport* de negligência

Como já advertido anteriormente, a orientação do *rapport* para a negligência apresenta características num primeiro olhar semelhantes aos aspectos da orientação para a manutenção, pois em ambas o envolvimento não é uma prioridade para os participantes, que evitam estabelecer relação harmoniosa, mas também não parecem pretender danificar a relação e, principalmente, o outro. Já sinalizamos também que isso é ocasionado, no caso do debate eleitoral, pela preocupação que os candidatos têm com a própria face, tendo sido esse o aspecto relacional mais priorizado mais recorrentemente nas trocas interacionais orientadas para o desafio.

Analisamos a seguir uma troca interacional do tipo pergunta institucional ocorrida entre Meirelles e Gomes, que foram indicados pelo jornalista para responder e comentar à pergunta, respectivamente. Num primeiro olhar, tínhamos considerado que o *rapport* nesse diálogo entre Meirelles e Gomes havia sido orientado para a manutenção, tendo em vista as ações iniciais de Gomes frente ao contexto desafiador instaurado pela pergunta do jornalista. No entanto, reexaminando as ações apresentadas pelos candidatos, vimos que, na realidade, ambos adotaram condutas favoráveis à própria face, sendo esse o caso inclusive da ação inicial de Gomes em defender a face de Meirelles, como elucidamos na análise a seguir (Exemplo 7.16).

Exemplo 7.16 – Função de ofensa em *rapport* para negligência

Debate TV Gazeta	Bloco 2	0h32	Orientação do rapport para negligência	Ironia: ofensa
Pergunta institucional: Meirelles x Gomes				
01	Mediadora	((olhando para câmera)) e a próxima pergunta		
02		será feita pelo âncora do jornal da Gazeta,		
03		Rodolfo Gamberini, que indica o candidato a quem		
04		vai perguntar e escolhe (.) qual (.) vai fazer		
05		o comentário. trinta segundos, Gamberini, para		
06		a pergunta.		
07	Jornalista	((intercala olhar entre Meirelles e púlpito))		
08		minha pergunta é pro candidato Henrique		
09		Meirelles, com comentário do candidato Ciro		
10		Gomes. senhor Meirelles, o senhor tem		
11		investimentos em dólar nas Bermudas, paraíso		
12		fiscal (.) usado (.) frequentemente (.) para		
13		lavagem de dinheiro e evasão fiscal. a Odebrecht		
14		por exemplo (.) tinha uma conta nas Bermudas,		
15		usada para corromper políticos brasileiros,		
16		Eduardo Cunha(0,5) também tinha um trust como o		
17		senhor tem (0,5) não sei pra que fins. o seu		
18		investimento (.) um trust como já disse, é		
19		legalizado. aparece até: com um nome muito		
20		singelo (.) de <u>sabedoria</u> (.) na sua declaração		
21		de imposto de renda. a minha pergunta é (.)		
22		[o senh-]		
23	Mediadora	[ok, can]didato		
24	Jornalista	((franze testa na direção da mediadora)) sen-		
25		(2,0) a minha pergunta é ((olhando para		
26		Meirelles)) o senhor acha <u>moralmente</u> correto um		
27		presidente de um banco central, de algum país,		
28		ministro da fazenda de qualquer país, do Congo		
29		ou da Dinamarca, ter investimen[tos]		
30	Mediadora	[ok]		
31	Jornalista	em moeda estrangeira (1,0) num paraíso fiscal?		
32	Mediadora	((olha rapidamente para candidato)) Henrique		
33		Meirelles: um minuto e meio pra resposta		
34	Meirelles	((olhando para câmera)) esta: informação é uma		
35		informação:: equivocada. <o que: exis:te é:: uma		
36		<u>fundação</u> (.) com finalidade <u>exclusi::va:</u> de		

37 aplicar recursos em educação (0,25) no Brasil
38 (.) eh depois: eh que eu falecer. e (0,25) grande
39 parte da minha herança vai ser fei^ota^o: ah:: um:
40 vai ser feita uma doação pra essa fundação (.)
41 que vai aplicar apenas no Brasil para interesse
42 dos brasileiros> e melhorar (.) o máximo
43 possível a educação do Brasil. isto está
44 declarado no imposto de renda ((olha rapidamente
45 na direção do jornalista apontando mão)) e há
46 uma outra gran::de: hh falsidade nisso em dizer
47 que:: hhh a minha fortu::na tá aplicada lá. não
48 (.) é um pequeno valor, declarado: na receita
49 federal, o que existe sim, de novo, é: um
50 testamento em que diz que uma boa parte, vai
51 ficar para a >aplicação em educação<. <e:: o que
52 importa é que tudo o que já fiz foi com o suor
53 do meu rosto> (.) trabalhei duro, sempre paguei
54 todos os impostos. essa fundação foi constituída
55 lá porque eu morava no exterior, presidia (.) lá
56 um grande banco e:: deixei pra voltar ao Brasil,
57 pra ajudar o país. e lá (.) a fundação vai
58 [atrair]
59 Mediadora [certo]
60 Meirelles recursos de outros investidores.
61 Mediadora ((olhando para púlpito)) seu comentário, Ciro
62 Gomes. trinta segundos
63 Gomes ((olhando para câmera)) fui colega do Meirelles,
64 e tenho um apreço e respeito por ele, ele não é
65 uma pessoa desonesta, ((movimento de mão
66 apontando para próprio peito)) no tudo o quanto
67 eu sei. mas o Brasil (.) permite de uma forma
68 absolutamente i-mo-ral que ((aponta na direção
69 de Meirelles)) ele, que comandou a autoridade
70 monetária, que vigia a taxa de câmbio, que vigia
71 a taxa de juros, mas junto com ele, os
72 brasileiros abastados, o baronato do Brasil,
73 mantém mais de <QUINHENTOS BILHÕES> de dólares
74 no estrangeiro. ((levanta as sobancelhas))
75 san::gran::do esse país:, que trabalha e
76 produz. isso não pode mais continuar.
77 Mediadora ((olhando para Meirelles)) Henrique

78		Meirelles::, trinta segundos.
79	Meirelles	((olhando para câmera)) °pois não° (1,5) é
80		importante que: o telespectador hhh seja bem-
81		informado ((movimento rápido com as mãos))
82		porque senão nós ficamos desinformando e
83		enganando (.) com declarações bombásticas
84		etcetera. o importante (.) é que tudo: o que
85		((Gomes balança cabeça em concordância)) ganhei,
86		ganhei com o suor do meu rosto, trabalhando, no
87		setor privado, ((franze a testa)) ao contrário
88		(.) de muita gente aqui, que fez um patrimônio
89		só trabalhando no setor público. eu não (.)
90		trabalhei, tudo declarado. e (0,25) dediquei
91		depois uma boa parte da minha vida [a:]
92	Mediadora	[cer]to
93		trabalhar para o povo brasileiro.

Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, s. p.

Nesse caso, num primeiro momento, é nítido como o jornalista em sua contribuição intencionou que sua pergunta fosse desagradável para Meirelles, principalmente por ter apresentado ações anteriores à pergunta que objetivaram desafiar o *rapport* com o emedebista. Embora alguns participantes institucionais apresentem condutas mais provocativas, consideramos que esse tom geralmente é evitado pelos atores institucionais, pois essas ações podem ser vistas como infringindo o tratamento isonômico aos candidatos, o que é uma qualidade arriscada para o papel imparcial da instituição jornalística, devendo, pois, ser evitada. Por outro lado, ponderamos que essa classe de pergunta pode ocorrer e pode ser vista, inclusive, como legítima, pois materializa um papel que o jornalismo institucional assume principalmente no âmbito político, qual seja, o de confrontar e fiscalizar a conduta de atores políticos. No início da formulação da pergunta, o jornalista informou que Meirelles possuía contas em paraísos fiscais, fazendo pressuposições desagradáveis sobre esse tipo de ação ao associá-la a crimes financeiros (linhas 10-13). Nessa direção, julgamos que as informações apresentadas em seguida reforçaram o tom desafiador (linhas 13-17), pois o jornalista citou outros atores políticos a terem essa conduta, nominalmente o ex-deputado Eduardo Cunha e a empresa Odebrecht, sobre a qual advertiu usar esse recurso para corromper políticos (linha 15).

Embora o jornalista tenha contextualizado o tema minuciosamente, foi apenas no trecho final dessa introdução que ele informou textual e especificamente sobre a legalidade da conta de Meirelles (linhas 17-19). Mas a essa informação sobrepôs um tom irônico, destacando que

esse investimento fora intitulado na declaração de imposto de renda do emedebista como “sabedoria”, enfatizando vocalmente o termo (linhas 19-21). Ao iniciar, de fato, sua pergunta, o jornalista foi interrompido pela mediadora (linha 23), numa postura também incomum, ao que ele, inclusive, reagiu franzindo a testa, sinalizando, dessa forma, reprovação. Retomado o turno, o repórter, direcionando o olhar para o candidato, questionou-lhe se ele achava “moralmente correto” uma autoridade política e monetária de qualquer país ter investimento em moeda estrangeira num paraíso fiscal (linhas 24-29 e 31). O termo “moralmente” foi enfatizado sonoramente e, tendo em vista que as informações arroladas anteriormente pelo repórter apontavam principalmente para condutas criminosas, consideramos que ele, com essa pergunta, objetivou, na realidade, desvelar o absurdo do comportamento de Meirelles, sendo essa uma pergunta irônica com função ofensiva. Destacamos, por fim, que, embora o jornalista tendo sido interrompido pela mediadora numa sinalização sobre o fim de tempo para elaborar a pergunta (linha 23), ele prosseguiu excedendo sua fala listando retoricamente países (linhas 27-29). Com isso, analisamos que o repórter buscou enfatizar a função pública dos cargos mencionados, finalizando, de fato, sua fala apenas quando novamente a mediadora interveio (linha 30). Após a indicação da mediadora, Meirelles fixou o olhar para a câmera, mas intercalou breve e pontualmente o olhar na direção do jornalista, como representamos na imagem a seguir (Figura 7.23).

Figura 7.23 – Meirelles intercalando olhar entre câmera e jornalista



Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, 0h34m.

Dessa forma, enquanto o olhar para a câmera indicou claramente o telespectador como o interlocutor privilegiado, a oscilação do olhar na direção do jornalista possibilita alguns quadros interpretativos. Assim, se, por um lado, podemos entender que com essa olhada Meirelles buscou monitorar o representante institucional, por outro, é possível considerar esse olhar furtivo como uma estratégia para não manter contato visual direto com o repórter, sendo essa postura evasiva respaldada, inclusive, por Meirelles impessoalizar a discordância com o repórter (linhas 34-35 e 46). Consideramos que essa postura poderia ser motivada tanto pelo receio de que esse contato acentuasse o teor ofensivo de sua reação quanto pelo constrangimento e desestabilização, num misto de proteção e medo.

De uma forma ou de outra, fica nítido como a fala do jornalista impactou Meirelles, que, embora inicialmente tenha contestado a informação exposta pelo jornalista, ainda assim dedicou todo o seu turno para se explicar sobre os fatos arrolados por ele (linhas 34-58 e 60). Ainda nessa direção, destacamos que a fala de Meirelles se caracterizou por um padrão prosódico vacilante, ao apresentar simultânea e abundantemente hesitações, pausas e prolongamentos vocálicos. Dessa maneira, tendo em vista o contexto desafiador instaurado pela pergunta do jornalista, julgamos que esse padrão prosódico foi elucidativo dos ânimos do emedebista, sendo possível interpretar esses sinais como expressões dos sentimentos de perturbação e constrangimento que acometeram Meirelles a partir dessa pergunta.

Além disso, outros traços da construção textual da resposta de Meirelles corroboram para essa compreensão de que o emedebista pareceu, de fato, desestabilizado pelas pressuposições desagradáveis feitas pelo jornalista. Alguns desses sinais foram mais pontuais, como a descontinuidade sintática (linhas 38-40) ocorrida junto com as hesitações, sugerindo certa desorganização do projeto discursivo. No entanto, outros indícios foram mais estruturantes, comprometendo, inclusive, a inteligibilidade da fala do candidato, como algumas características presentes na construção do referente “contas em paraísos fiscais”. Um primeiro ponto importante foi que Meirelles incorreu em contradição, quando, ao defender a lisura e a moralidade do investimento delatado pelo jornalista, argumentou que os dados sobre esse investimento estariam declarados no imposto de renda (linhas 43-44), mas, em seguida, o emedebista justificou sua transparência evidenciando que a finalidade moral desse investimento estaria indicada em seu testamento (linhas 49-51).

Essa contradição, contudo, não nos parece tão problemática, pois consideramos que Meirelles buscou nesse segundo momento (linhas 49-51) retificar a informação inicial (linhas 43-44). Isso porque, em função dos vários termos (fundação, recursos, grande parte da herança,

doação, entre outros) listados no início dessa fala (linhas 35-44), não foi possível recuperar o referente do pronome “isto”, tornando, portanto, inexacto que elemento estaria declarado no imposto de renda. Ademais, as informações até então disponíveis não permitiram estabelecer com clareza como o sentido instaurado no trecho anterior a “isto” (linhas 35-44), em que Meirelles expôs basicamente a destinação dos investimentos para a educação, se associaria ao dado introduzido por esse pronome, “declarado no imposto de renda”; o que nos faz conceber que a declaração das linhas 49 a 51 é uma retificação dessa construção referencial inicialmente problemática.

Por fim, destacamos que um último aspecto textual ilustrativo da animosidade de Meirelles foi a descontinuidade temática, o que corrobora com o que já sinalizamos acima sobre o projeto de dizer de Meirelles soar desestruturado. Nessa direção, sinalizamos que, de início, o candidato do MDB, preteriu a pergunta do jornalista, à qual não respondeu, por ter priorizado se defender das pressuposições desagradáveis imputadas pelo repórter. Portanto, o tema da moral, destacado vocalmente pelo jornalista, não foi contemplado pelo emedebista, indicando uma ruptura temática. É possível que essa omissão tenha sido estratégica, contudo, a inconstância temática também foi relativa aos temas abordados pelo emedebista. Dessa maneira, após divergir brevemente do jornalista, Meirelles focou em explicar o que seria a fundação “sabedoria” (linhas 35-51), porém, na sequência, pronunciando prolongadamente o conector “E” (linha 51), o candidato introduziu um novo tópico, dedicando-se ao trabalho elogioso da própria face (linhas 51-54). Esse trabalho de face foi rapidamente interrompido, pois o candidato retornou ao tópico anterior sobre a “fundação” (linhas 54-58 e 60), mas não o articulou ao trabalho de face desenvolvido até então. Nesse retorno ao tema inicial e concluindo sua resposta, Meirelles justificou a constituição da fundação nas Bermudas no fato de que ele morava no exterior, presidindo um grande banco, o que poderia, inclusive, ter sido aproveitado pelo candidato para relacionar os dois temas.

Na sequência e após sinalização da mediadora, Gomes fez sua contribuição conforme previsto na dinâmica da pergunta institucional, ou seja, comentando a pergunta e a resposta dos outros participantes. De início, Gomes usou de estratégias convencionais de polidez, demonstrando simpatia, apreço e respeito pelo oponente (linhas 63-64), e, além disso, divergiu da pressuposição desagradável feita pelo jornalista, afirmando que Meirelles não seria uma pessoa desonesta (linha 65), dispensando, então, com o adversário um trabalho de face inicialmente elogioso. Gomes, logo em seguida, delimitou sua afirmação benéfica à face de

Meirelles a “tudo o quanto eu sei”, reforçando essa referência pessoal ao apontar na direção do próprio peito (linhas 66-67).

Concluindo, o pedetista redirecionou seu comentário, abordando o tema da moralidade desse tipo de conduta, como proposto na pergunta do jornalista. Assim, Gomes fez críticas acentuadas à legislação, explicitando que o “Brasil permite de uma forma absolutamente imoral” (linhas 67-68) esse tipo de prática, mas também censurou Meirelles e brasileiros abastados por manterem “quinhentos bilhões de dólares no estrangeiro”, enfatizando sonora e veementemente o montante desviado e o dano causado, “sangrando esse país” (linhas 73-75). Por fim, consideramos que, listando as atribuições de Meirelles enquanto presidente do Banco Central e ministro da Fazenda (linhas 69-71), Gomes objetivou enfatizar o conflito de interesses nos quais o adversário esteve envolvido, dirigindo-lhe, portanto, uma crítica. Por outro lado, Gomes estendeu essa prática de manter dinheiro no estrangeiro, operada por Meirelles, a um grupo social mais amplo, “os brasileiros abastados, o baronato do Brasil” (linha 72), o que consideramos ser uma generalização que poderia atenuar a reprimenda feita antes.

Um aspecto central dessa fala de Gomes residiu justamente na observação feita logo após a defesa da face de Meirelles (linhas 65-67), em razão dos impactos que teve para o trabalho relacional. Por um lado, é possível entender que, com essa observação, Gomes explicitou os limites de seu conhecimento sobre o adversário, mas, a partir desses limites, se comprometeu com sua avaliação positiva sobre Meirelles, reforçando seu compromisso ao movimentar a mão ao próprio peito, e teria orientado, dessa forma, o *rapport* com Meirelles para o espectro da polidez. Por outro lado, no entanto, essa circunscrição pôde ser compreendida como uma sinalização de que a afirmação positiva sobre Meirelles foi feita sob determinadas condições, além das quais a declaração poderia não ser assegurada. Nesse quadro interpretativo, portanto, esse comentário de Gomes funcionaria como uma ressalva, que lhe preservaria, diante da opinião pública, sobre situações desagradáveis posteriores, e, sendo um condicionante da apreciação de Gomes sobre Meirelles, desencadearia também a impressão de desconfiança, o que indicaria uma orientação do *rapport*, para o espectro da impolidez.

Com essa discussão, gostaríamos de frisar que o trabalho relacional e, conseqüentemente, o gerenciamento do *rapport* são radicalmente dinâmicos, situados e podem ser subjetivamente enviesados. Dessa forma, os quadros interpretativos discutidos acima não são excludentes, tampouco exaurem os sentidos que podem emergir dessa interação. Pelo contrário, esses sentidos podem coexistir e se sobrepor, desafiar a univocidade e possibilitar, inclusive, um contexto em que se atribua a essas construções arestas irônicas. Aqui, como já

sinalizado, fundamentamos a investigação a partir de pressupostos, teóricos e metodológicos, da Análise da Conversação e Sociolinguística Interacional, sendo de particular importância para nossas análises as pistas explicitadas na interação que indicam os sentidos atribuídos pelos interactantes às ações em fluxo. Por essa razão, essas possibilidades de interpretação foram apontadas para que possamos relacioná-las de modo mais oportuno adiante.

Ao proceder a sua tréplica, Meirelles, já de início, demonstrou certa irritação, pela expiração audível (linha 80) e pelo ritmo mais acelerado da fala (linhas 79-84) quando comparado ao ritmo apresentado pelo próprio candidato em outras ocasiões dos debates. Além disso, direcionando-se para a câmera e alertando sobre a importância de o telespectador ser bem-informado, o emedebista justificou seu alerta recorrendo a uma pressuposição desagradável genérica de que “nós ficamos desinformando e enganando, com declarações bombásticas” (linhas 79-84). O uso do pronome nós de modo inclusivo na formulação dessa pressuposição pode soar como uma estratégia de mitigação, pois incluiria o falante na atividade desagradável e minimizaria o custo para o outro. Contudo, Meirelles precisou que essas ações de desinformar e enganar seriam realizadas através de declarações bombásticas, do que, dado o contexto sequencial, pode-se subentender que o candidato aludiu à censura feita, segundos antes, por Gomes de maneira enfática (linhas 73-75), sendo sua fala, portanto, uma crítica indireta ao pedetista. Concluindo, Meirelles se concentrou no trabalho elogioso da própria face e destacou sua trajetória profissional no setor privado. Foi possível observar, através do registro e da transmissão audiovisual dos candidatos, que Gomes, durante esse trecho específico da fala de Meirelles, balançou a cabeça na vertical, que reproduzimos a seguir (Figura 7.24), e com isso demonstrou concordância e corroborou o apreço demonstrado a Meirelles anteriormente.

Figura 7.24 – Gomes balança cabeça expressando concordância com Meirelles



Fonte: Debate TV Gazeta, 09 set. 2018, 0h36m.

Seguindo o trabalho de face autoelogioso, Meirelles se contrapôs também à “muita gente aqui que fez um patrimônio só trabalhando no setor público” (linhas 85-89), estabelecendo uma comparação com os outros candidatos. Nessa comparação, Meirelles justapôs à ação de trabalhar no setor público o advérbio “só”, o que pode sinalizar uma atuação restrita ao setor público, mas também pode implicar uma depreciação desse tipo de vínculo laboral. A última interpretação pode ser respaldada no fato de que, logo após, Meirelles renegou esse vínculo, ao enunciar “Eu não”, e reiterou sua distinção, ao afirmar “Trabalhei” (linha 90), insinuando, no limite, que os outros do setor público não trabalharam. Desse modo, essa fala de Meirelles funcionou como uma pressuposição desagradável sobre o elemento “muita gente aqui”, com o qual consideramos que o emedebista se referiu a outros candidatos, mais particularmente a Gomes, que atuou prioritariamente no setor público, como agente político (deputado, prefeito e governador), e como agente administrativo (procurador, secretário e ministro) e, principalmente, a quem Meirelles já havia dirigido uma crítica anteriormente.

Embora sejam sutis, é possível notar que essa troca interacional entre Meirelles e Gomes foi permeada por algumas provocações, contudo, consideramos que, apesar disso, as ações apresentadas pelos candidatos orientaram o *rapport* predominantemente para a negligência. Argumentamos que a contribuição inicial do jornalista, apresentando uma contextualização carregada de pressuposições desagradáveis sobre Meirelles e formulando uma pergunta irônica, se constituiu como a ação mais ofensiva dessa troca, principalmente pelo impacto emocional causado em Meirelles, como discutido acima. A reação de Meirelles a essa investida se restringiu basicamente a restaurar a própria face, que foi duramente atacada pelo representante institucional, provocando no candidato sentimentos como raiva e perturbação. Inclusive, atribuímos a esse fato a nossa percepção de que a resposta de Meirelles pareceu inicialmente descoordenada, fazendo com que o candidato não tenha contemplado o questionamento do jornalista tampouco tenha ordenado o seu discurso de maneira estratégica, incorrendo até mesmo em contradições.

Diante desse contexto desfavorável a Meirelles, Gomes buscou inicialmente lhe mostrar solidariedade, mas com isso não prescindiu da própria face, apresentando, inclusive, ações para resguardá-la. Para tanto, o pedetista delimitou parte de sua ação positiva com Meirelles a seu nível de ciência (linhas 66-67) e julgamos que com isso ele pôde manejar ações que realçassem a imagem positiva que reivindicou para si. Para Gomes, um aspecto central de sua imagem ao longo do debate, mas principalmente nessa troca, foi o traço de coleguismo, que ele, inclusive, sinalizou no início de sua resposta. Assim, por um lado, Gomes realçou sua imagem de colega

generoso, que, mesmo se sabendo não onisciente sobre todas as condutas do adversário, sustentou seu comprometimento com ele e demonstrou, dessa forma, estar envolvido com Meirelles, em que confiava. Por outro lado, no entanto, o candidato do PDT destacou sua postura de confiar no colega, mas a condicionou ao seu nível de conhecimento; dessa forma, Gomes demonstrou estar envolvido com Meirelles, mas ter ressalvas.

Além do caráter amistoso, outros dois aspectos da face puderam ser realçados por Gomes na sua fala: sua conduta de se posicionar e sua índole justa e imparcial. Mesmo diante de pressuposições desagradáveis apresentadas pelo repórter, Gomes, ao demonstrar solidariedade com Meirelles, comunicou ao público, principalmente aos eleitores do emedebista, que sua conduta firme e que não se esquivaria de se posicionar, mesmo diante dos limites de sua percepção, que o pedetista explicitou buscando se prevenir de situações embaraçosas posteriores, sobre as quais poderia alegar insciência, mas não covardia. Além disso, mesmo realçando coleguismo, Gomes não se furtou de apontar as falhas de Meirelles, especificamente por ter investimentos em paraísos fiscais “sangrando esse país”; assim, Gomes evidenciou que não permitiria que o apreço a Meirelles influenciasse seu julgamento e que seria, portanto, justo e imparcial.

A despeito da ressalva (linhas 66-67) e da crítica à prática de investimentos em paraísos fiscais (linhas 67-76), é indubitável que, em seu comentário, Gomes expressou afeição a Meirelles, tendo reforçado esse alinhamento voltado à polidez quando, durante a tréplica do adversário, expressou concordar com ele ao balançar a cabeça. Já vimos que, com essas ações divergentes, Gomes se ocupou primordialmente da própria face, negligenciando, dessa forma, o *rappor*t com Meirelles. No entanto, em sua tréplica, o candidato do MDB reagiu especificamente para a fala de Gomes, apresentando, inclusive, uma conduta marcada por forte teor crítico ao pedetista, tanto por classificar suas declarações como bombásticas quanto por apontar de forma depreciativa sua atuação restrita ao setor público. Dessa forma, parece-nos que Meirelles focalizou a ressalva e a crítica feitas por Gomes e lhes atribuiu exclusivamente o sentido de serem expressões de desconfiança e ofensa, o que justificaria sua postura desafiadora em relação a Gomes, mesmo que indiretamente. Por fim, a divergência entre as intenções sustentadas nas ações de Gomes e as reações de Meirelles, como discutida nessa análise, nos comprova como o trabalho relacional e o gerenciamento do *rappor*t são entidades dinâmicas, razão pela qual se torna imprescindível observar nas ações sustentadas e nas pistas deixadas pelos participantes que sentidos eles atribuem à interação em fluxo e à relação construída a partir dessa interação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito central refletir de que formas a ironia verbal atua como uma estratégia discursiva em contextos conflituosos, discutindo como, nos debates presidenciais de 2018, os participantes recorreram à ironia para realizarem seus objetivos interacionais e que impactos os usos irônicos provocaram em termos de (im)polidez, através da análise do gerenciamento do *rapport*. Dada a natureza situada e interacional dos fenômenos, nossa abordagem teve viés indutivo e interpretativo e a análise se dedicou aos aspectos interacionais dos debates, ao modo como a ironia foi utilizada e aos efeitos de (im)polidez provocados pelos usos irônicos, aplicando, inicialmente, ferramentas quantitativas e, em seguida, discutindo qualitativamente alguns dados do *corpus*. A partir das análises, constatamos que a ironia atuou principalmente como estratégia para crítica e ofensa, estando associada a situações conflituosas, mas também desempenhou outras funções interacionais, ocasião em que auxiliou os interactantes particularmente no trabalho de face.

Diante desses achados de nossa investigação sobre o papel da ironia nos efeitos de (im)polidez nos debates presidenciais, pudemos compreender certas características interacionais dos debates eleitorais. Consideramos que o uso preferencial da ironia enquanto estratégia discursiva resultou dos objetivos que os participantes, sobretudo os candidatos, traçaram para o debate presidencial enquanto parte de disputa eleitoral. Pois, sendo uma estratégia crítica, a ironia permitiu que os candidatos danificassem e atacassem a face dos oponentes, mas também que construíssem a própria imagem de forma positiva, em razão da capacidade da ironia de sobrepor funções e tingir a crítica. Assim, os usos irônicos estiveram, em nossos dados, vinculados à (im)polidez e ao trabalho de face de forma ambivalente, o que nos levou a atribuir essas dinâmicas interacionais distintas à dupla interlocução que o debate, enquanto evento midiático, instaura.

Então, vimos que, constituídos entre a comunicação política e o entretenimento, os debates são planejados previamente como um diálogo de e entre candidatos para ser apreciado pela audiência, ocasionando formas diversas de trabalho relacional e orientação do gerenciamento do *rapport*. Foi notável, então, como, no aqui-e-agora do debate, os participantes são impelidos a interagirem uns com os outros, mas que esse diálogo consistiu em uma encenação direcionada à audiência, interlocutor privilegiado da ação comunicativa. Logo, os candidatos precisaram conduzir suas ações e, conseqüentemente, gerenciar o *rapport* tendo em vista esses dois níveis de interlocução, resultando em orientações do *rapport* entre extremos.

Além disso, notamos que os debates apresentaram recursos interacionais específicos para esses fins, que identificamos aqui como confrontos diretos, para as trocas entre os candidatos; perguntas institucionais, para as perguntas das instituições midiáticas para os candidatos; e considerações finais, para a fala solene dos candidatos para a audiência. Argumentamos que essas estruturas interacionais e sua propensão a tons mais ou menos cordiais foram influenciadas pelos objetivos midiáticos, particularmente aqueles advindos do universo do entretenimento, em que o debate é um duelo e os candidatos são rivais. Esse funcionamento observado em nossa análise é relevante diante do impacto que os debates eleitorais têm ao serem transmitidos midiaticamente, impacto, inclusive, potencializado pela transmissão via internet, por causa do efeito de arquivamento. Dessa maneira, apontamos que a importância de pesquisas futuras que analisem esses aspectos dos debates descritivamente, pois permitiriam estabelecer um quadro comparativo entre diferentes debates eleitorais e compreender a dimensão da interrelação entre tendências midiáticas, aspectos estruturais e funcionamento interacional dos debates.

Diante dessa organização interacional, vimos que, nos debates presidenciais de 2018, a orientação do *rapport* para o desafio prevaleceu nos confrontos diretos e, por outro lado, a orientação do *rapport* para o aprimoramento foi majoritária nas considerações finais. Portanto, consideramos que o modo como os debates são constituídos e organizados pode influenciar as formas de interagir dos participantes, inclusive impactando o uso de ironia, o recurso à ofensa e, conseqüentemente, os efeitos de (im)polidez. Além disso, foi notável como a ironia foi mais abertamente utilizada pelos candidatos durante os confrontos diretos, confirmando a visão recorrente nos estudos sobre a ironia de que ela possui uma aresta crítica e um teor ofensivo latente, além de confirmar a tendência dos confrontos diretos para o conflito.

Nessa direção, apontamos que esses achados confirmam a concepção, frequente no senso comum e também em estudos de comunicação política, de que os debates são construídos discursivamente como um duelo entre os candidatos, apresentados, por sua vez, como rivais, principalmente diante dos objetivos eleitorais que associam o debate à competição, à disputa e à polêmica. Assim, sabendo que os debates se constituem entre o jornalismo político e o entretenimento, ponderamos que a audiência midiática assistiu aos debates para se informar sobre esses candidatos, como atores e rivais políticos, mas também se divertir diante dessa disputa. Desse modo, consideramos que as situações de conflito nos debates são esperadas e, até certo ponto, legitimadas pela natureza conflituosa dos debates, o que permitiria formular as críticas diretamente. Porém, foi expressivo como, em nossos dados, os candidatos recorreram

à ironia para causar ofensa, estando presente em quase metade das interações conflituosas dos dados analisados.

Atribuímos essa opção pela ironia à sua capacidade de ofender através da ridicularização, provocando eventual divertimento e riso, aspectos importantes dado o vínculo do debate com o entretenimento, o que caracteriza as situações de conflito nos debates como ocorrências de impolidez exploradora. Além disso, a ironia também permitiu aos candidatos elaborarem o trabalho de face, permitindo que outras nuances se sobrepusessem à crítica irônica, especialmente o caráter de autocontrole e superioridade, movimento crucial para que os candidatos atingissem seus objetivos eleitorais. Portanto, vimos que nos debates os candidatos tiveram como objetivos tanto danificar a imagem dos oponentes quanto construir de forma positiva a própria imagem, sendo a ironia uma estratégia produtiva para esses fins.

Assim, a fim de compreender que características do texto irônico permitiram esse funcionamento, apoiamos-nos nas principais perspectivas de estudo sobre ironia, explorando as reflexões sobre seus aspectos estruturais e funcionais. Vimos que fingimento e indiretividade têm sido apontados amplamente como traços responsáveis dessa dinâmica evasiva da ironia. Nessa direção, sinalizamos a ironia como uma estratégia preferencial para formular críticas em situações que os falantes consideram a formulação direta arriscada ou inconveniente. Pois, sendo indireta, a crítica irônica é compreendida através de implicatura, o que requer do interlocutor uma postura mais ativa e permite ao ironista, se julgar oportuno, questionar a interpretação irônica acionada pelo interlocutor e, até mesmo, desautorizá-la, tornando-a uma questão de mera atribuição.

Outra característica ironia apontada como relevante para sua atuação ambivalente foi a sua capacidade de sobrepor funções interacionais distintas, como elevação de *status*, controle emocional, humor e, principalmente, ofensa. Atentamos para as funções da ironia particularmente, pois notamos que, embora o efeito autoprotetor da indiretividade seja apontado como propulsor do uso de ironia, os debates presidenciais se constituem práticas discursivas em que o dissenso é esperado e legitimado e a crítica é tolerada e, em certa medida, até normalizada. Dessa forma, comunicar diretamente a crítica não seria arriscado nem inconveniente, o que tornaria o uso de ironia irrelevante, feito apenas por adorno. Porém, em nosso *corpus*, o uso de ironia foi expressivo, estando presente em metade dos dados, e seus efeitos na interação foram significativos, pela ofensa decorrente da aresta crítica constitutiva da ironia e pela realização e sobreposição de demais funções irônicas. De fato, a função ofensiva foi majoritária em nossos dados, o que era esperado tendo em vista a aresta crítica estruturante

da ironia e o caráter polêmico dos debates eleitorais. Foi notável ainda a participação, em nosso *corpus*, das funções de elevação de *status*, confirmando o caráter competitivo do debate, e de humor, sinalizando a associação do debate ao universo do entretenimento.

Por outro lado, ponderamos que as funções da ironia, inclusive a ofensa, foram tratadas como efeitos de sentido construídos na interação pelos interactantes, tornando necessário investigar como os envolvidos em uma interação particular avaliam suas ações, principalmente em termos de ofensa, ponto central da natureza da ironia e objeto de estudo das teorias da (im)polidez. Nesse sentido, foi de grande valia as reflexões sobre os processos envolvidos em demonstrar estima ou causar ofensa propostas pelas teorias da (im)polidez. Um primeiro ponto que destacamos dessas reflexões e que versa sobre a ironia foi a compreensão das teorias iniciais da polidez de que a ironia seria uma estratégia de polidez, pois o interlocutor para acionar a implicatura irônica precisaria partilhar com o ironista determinados conhecimentos e valores. Assim, na interpretação irônica, essa partilha seria explicitada e demarcaria o pertencimento desses interactantes a um mesmo grupo, sendo a ironia, então, um recurso de socialização. Contudo, ponderamos, junto com estudos sobre ironia, que, ao mesmo tempo que inclui certos sujeitos, a ironia atua excluindo outros, especificamente os alvos de sua aresta crítica e aqueles inabilitados para compreendê-la.

Nessa direção, algumas reflexões sobre o caráter ofensivo da ironia têm sido incorporadas paulatinamente nos estudos (im)polidez, principalmente aqueles dedicados às estratégias indiretas, denominadas também de mensagens mistas, de causar e/ou mitigar atos ofensivos. Contudo, os estudos sobre ironia, lidando com sua ambiguidade constitutiva, precisam reconhecer a complexidade do fenômeno irônico, em que fica mais nítido como os interactantes podem ter visões distintas sobre um mesmo comportamento ou, ainda, podem não ter certeza sobre como enquadrar o comportamento potencialmente irônico em questão, o que se mostra uma contribuição importante da pesquisa sobre ironia para os estudos de (im)polidez. Por outro lado, os estudos de (im)polidez focalizam de modo bastante claro os efeitos interacionais que determinados fenômenos discursivos têm, observando particularmente os impactos sobre como os indivíduos se sentem e que emoções experenciam, o que se torna interessante para a investigação sobre a ironia num viés interacional, sobretudo pela visão amplamente difundida de que a ironia provoca respostas emocionais.

Dessa forma, dois aspectos abordados nas teorias da (im)polidez foram de particular importância para nossa investigação sobre a ironia e seus efeitos interacionais de (im)polidez nos debates presidenciais. O primeiro foi a noção de *face*, por sua relevância para os debates,

que se apresentam como espaço para os candidatos construírem sua imagem positiva e ainda investirem contra a face uns dos outros. Pudemos notar, então, que, além da crítica, a ironia desempenhou um papel importante no trabalho de face, por possibilitar que o ironista sobrepusesse funções à crítica irônica, tingindo-a com outras funções, especialmente humor, controle emocional e elevação de *status*, e atenuasse eventualmente o teor ofensivo de seu discurso. Assim, o ironista pôde explorar o humor da ironia, construindo uma imagem de si como espirituoso e bem-humorado, ou ainda pôde demonstrar sua sagacidade ao apontar, através da ironia, as contradições dos adversários, explorando, então, a função irônica de elevação de *status*. Além disso, a ironia, em sua função de controle emocional, foi importante como um recurso de distensão para que os candidatos lidassem com situações adversas, ao subvertê-las e redimensioná-las, podendo, então, moderar sua resposta e se mostrar equilibrado.

O segundo aspecto foi a noção de trabalho relacional, que abordamos aqui através do conceito de *rapport*, pois nos permitiu visualizar como a ironia, de fato, atuou para os interactantes gerenciarem suas relações diante da disputa e da necessidade de comunicar suas críticas. Além disso, foi importante abordar a relação entre os interactantes, pois é um indicativo de como eles se veem, impactando sensivelmente como compreendem suas ações, o que se constitui, então, um parâmetro para o processo avaliativo dos comportamentos em termos de (im)polidez. Visualizamos, então, que o uso de ironia esteve vinculado a situações conflituosas, pois maior parte das interações irônicas estabeleceram um *rapport* orientado para o desafio e a negligência e também foi majoritário o uso de ironia durante os confrontos diretos, um tipo de troca interacional concebida pelos próprios participantes como propensa ao conflito. Sabemos, no entanto, das limitações dos achados de nossa pesquisa, por se limitarem aos debates presidenciais, marcados pelo dissenso; por isso, consideramos importante o desenvolvimento de pesquisas futuras a fim de investigar, em outros contextos de uso, o papel da ironia no estabelecimento de relações. Por outro lado, argumentamos que nas trocas interacionais dos debates, cujos engajamentos de face se mostraram mais equilibrados, isto é, perguntas institucionais e considerações finais, a ironia não foi um recurso tão expressivo, e nesses casos os seus usos se vincularam principalmente a orientações do *rapport* de viés polido, como manutenção e aprimoramento, o que surge como um indício do vínculo da ironia com a impolidez.

Ainda, a ironia, ao acontecer através de construções linguísticas que, mesmo inadequadas e contraditórias, continuam relevantes no contexto interacional, impõe ao interlocutor que reestabeleça o sentido e partilhe, portanto, a responsabilidade. Assim, incitado

a tomar parte no jogo irônico, indo além do dito, o interlocutor precisa mobilizar conhecimentos prévios e acionar implicaturas, particularmente a de que o ironista, com seu jogo discursivo, objetiva expressar sua aresta crítica, o não dito irônico, enfim, o interlocutor é incitado a atribuir ironia. Além disso, a ironia, especificamente em sua função de humor, se constitui como uma estratégia eloquente para causar ofensa, pois o riso eventual provocado pela ironia pode ser interpretado como aprovação da crítica irônica, ou seja, o interpretador, ao rir da ironia, parece compactuar com a crítica irônica, o que amplifica e potencializa, então, seu teor ofensivo. O uso de ironia otimizou os efeitos interacionais, pois com ela os candidatos puderam comunicar suas críticas indiretamente, protegendo-se de eventuais retaliações, causar efeitos de riso, apazendo e angariando a audiência e se construir como superiores e autocontrolados, evidenciando aspectos positivos de suas faces.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rodrigo. **À sombra do poder: bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff**. São Paulo: Leya, 2016.

ARISTÓFANES. **As nuvens**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

ARUNDALE, Robert. Face as relational and interactional: a communication framework for research on face, facework, and politeness. **Journal of Politeness Research**, v. 2, n. 2, pp. 193-216, 2006.

ATTARDO, Salvatore. Irony As Relevant Inappropriateness. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. p. 135-170.

BARRETO FILHO, R. R. **Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook**. 2019. 268 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BARRETO FILHO, R. R.; NEVES, H.; BARROS, K. S. M. Impolidez em textos on-line no Facebook: análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa. **Calidoscópico**, v. 17, n. 3, p. 433-452, 5 jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/cld.2019.173.02>. Acesso em: 19 set. 2019.

BARROS, K. S. M. Estratégias de (im)polidez em interações acadêmicas virtuais. **Revista da ALED**, v. 8, n. 1, pp. 65-76, 2008.

BARROS, Kazue S. M. de. Marcas de interatividade em gêneros acadêmicos. **Veredas (Online)**, v. 16, p. 46-58, 2012.

BATISTA, H; NORONHA, A. Instrumentos de autorregulação emocional: uma revisão de literatura. **Avaliação psicológica**, v. 17, n. 3, pp. 389-398, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v17n3/13.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

BERGSON, Henri. Politeness. **Journal of French and Francophone Philosophy** – Revue de la philosophie française et de langue française, v. 24, n. 2, pp. 3-9, 2016.

BLAS-ARROYO, José Luis. **Políticos en conflicto: una aproximación pragmáticodiscursiva al debate electoral cara a cara**. Berna: Peter Lang, 2011.

BLUM-KULKA, S. The metapragmatics of politeness in Israeli society. In: WATTS, R.; IDE, S.; ENLICH, K. (org.). **Politeness in Language: studies in its history, theory and practice**, Berlin: Mouton de Gruyter, 1992, pp. 255-280.

BOGHOSSIAN, Bruno. Quem o governo apoia? Parece que é o Alckmin, né?, diz Temer. Folha de São Paulo. São Paulo, 16 ago. 2018. Notícia, on-line. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/quem-o-governo-apoia-parece-que-e-o-alckmin-ne-diz-temer.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BOOTH, Wayne. **The Empire of Irony**. The Georgia Review, v 37, p. 719-737, 1983

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 59-73.

BOUSFIELD, D. **Impoliteness in Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

BRASIL, **Lei nº 9504**, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. Brasília, DF, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language usage**. New York: Cambridge University press, 1987.

CARPANEZ, Juliana. Ataques recentes colocam violência política na rotina do brasileiro. UOL. São Paulo, 12 out. 2018. Notícia, on-line. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/12/odio-agressao-ataque-violencia-politica-eleicoes-2018-bolsonaro-haddad.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

CASTILHO, Ataliba. O modalizador realmente no português falado. **Revista Alfa**, n. 44, pp. 147-169, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4203>. Acesso em: 13 out. 2023.

CHAMBERS, Ross. Irony and Canon. **Profession**, p. 18-24, 1990.

CINTRA, Liliane. **Construção e usos de ironia em propagandas e romances**. 89 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) UFPE. Recife. 2011.

CLARK, Herbert; GERRIG, Richard. On the Pretense Theory of Irony. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. p. 25-34.

COLSTON, Herbert. On Necessary Conditions for Verbal Irony Comprehension. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007a. p. 97-134.

COLSTON, Herbert. Salting a Wound or Sugaring a Pill: The Pragmatic Functions of Ironic Criticism. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007b. p. 319-338.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado de grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. **Journal of Politeness Research – Language, Behaviour, Culture**, vol. 1, n. 1, pp.35–72, 2005.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness: Using Language to Cause Offence**. New York: Cambridge University Press, 2011b.

CULPEPER, Jonathan. Politeness and impoliteness. In: AIJMER, Karin; ANDERSEN, Gisle (eds.). **Sociopragmatics** – volume 5 of Handbooks of Pragmatics. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011a. pp. 391-436.

CULPEPER, Jonathan. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOUSFIELD, Derek; LOCHER, Miriam A. (ed.). **Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. pp. 17-44.

CULPEPER, Jonathan; HARDAKER, Clarice. Impoliteness In: CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Daniel (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017. pp. 199-226.

CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; SINKEVICIUTE, Valeria. (Im)politeness and mixed messages. In: CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Daniel (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017. pp. 323-356.

CUNHA, Gustavo Ximenes; BRAGA, Paloma Bernardino. O comentário metadiscursivo como estratégia argumentativa em debates eleitorais. **EID&A**, Ilhéus, n. 12, pp. 101-118, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1173/1082><http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1173/1082>. Acesso em 17 out. 2022.

DEWS, Shelly; KAPLAN, Joan; WINNER, Ellen. Why Not Say It Directly? The Social Functions of Irony. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. pp. 297-317.

EELLEN, Gino. **A critique of politeness theory**. Manchester: St. Jerome, 2001.

ERICKSON, F. Qualitative methods. In: LINN, R.; ERICKSON, F. **Quantitative methods. Qualitative methods**. Research in teaching and learning – volume 2. New York: MacMillan Publishing Company, 1990. pp. 77-194.

FERREIRA, Lucas; KURTZ, Adriana. De Trump a Tiririca: a formação de ícones midiáticos e seu impacto na política. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2017, 18, Caxias do Sul-RS, **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: INTERCOM, 2017. On-line. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0625-1.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

FRASER, B.; NOLEN, W. ‘The association of deference with linguistic form’, **International Journal of the Sociology of Language**, vol. 27, pp. 93-111, 1981.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

G1. Datafolha para presidente: 67% dizem que participação dos candidatos em debates é ‘muito importante’ e 23% afirmam que mudariam o voto por causa deles. **G1**. s.l. 18 out. 2018b. Notícia. On-line. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numericos/noticia/2018/10/18/datafolha-para-presidente-67-dizem-que-participacao-dos-candidatos-em-debates-e-muito-importante-e-23-afirmam-que-mudariam-o-voto-por-causa-deles.ghtml>. Acesso em 17 jul. 2023.

AZEVEDO, André Luiz; TRIGUEIRO, André; MARTINS, Marco Antônio. Jair Bolsonaro afirma que não vai a debates no segundo turno. **G1**. Rio de Janeiro, 18 out. 2018a. Notícia. On-line. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.ghtml#:~:text=Jair%20Bolsonaro%20afirma%20que%20n%C3%A3o,no%20Rio%20de%20Janeiro%20%7C%20G1>. Acesso em 17 jul. 2023.

G1 – BRASÍLIA. Programas jornalísticos de TV são principal fonte de informação sobre candidatos a presidente, diz Datafolha. **G1**. Brasília, 11 set. 2018b. Notícia. On-line. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/programas-jornalisticos-de-tv-sao-principal-fonte-de-informacao-sobre-candidatos-a-presidente-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 17 jul. 2023.

GARCEZ, Pedro de M.; BULLA, Gabriela da S.; LODER, Leticia L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A.**, v. 30, n. 2, pp. 257-288, 2014.

GARFINKEL, H. As propriedades racionais das atividades científicas e do senso comum. In: GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. p. 330-348.

GASTO. In: Michaelis. s.l.: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=gasto>. Acesso em 20 out. 2023.

GIORA, Rachel; FEIN, Ofer. Irony: context and salience. In: GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. pp. 201-216.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 11-15.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. pp. 13-50.

GOLDNADEL, Marcos. Pragmática. In: ROMERO, M.; GOLDNADEL, M.; RIBEIRO, P.; FLORES, V. **Manual de linguística: semântica, pragmática e enunciação**. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 67-141.

GRICE, Paul. Further notes on Logic and conversation. In: GRICE, P. **Studies in the way of words**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989. p. 41-57.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL Marcelo (org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística – Vol. 4: Pragmática**. Campinas: Editora da Unicamp, 1982. p. 81-103.

GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Editora AGE, 1998. p. 98-119.

GURILLO, Leonor; MARIMÓN, Carmen; PADILLA, Xose; TIMOFEEVA, Larissa. El proyecto GRIALE para la ironía en español: conceptos previos. **ELUA**, v. 18, p. 231-241, 2004.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

HANKS, William. O que é contexto? In: HANKS, W. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. pp. 196-203.

HAUGH, Michel. Face and Interaction. In: HAUGH, M.; BARGIELA-CHIAPPINI, Francesca. **Face, Communication and Social Interaction**. London: Equinox, 2009. pp. 1–30.

HOLMES, Janet; SCHNURR, Stephanie. Politeness, humor and gender in the workplace: negotiating norms and identifying contestation. **Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture**, v. 1, n. 1, pp. 121–49, 2005.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Minas Gerais: UFMG, 2000.

INVESTIMENTO. In: Michaelis. s.l.: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/investimento/>. Acesso em 20 out. 2023.

JACOB, A.; BUENO, L. O modelo didático do gênero debate eleitoral. **ReVEL**, v. 18, n. 17, 2020, p. 343-376. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/fa2c81bf1f40e3b981ad8c36a3556206.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2013.

KISS, Anca. Irony and the face(s) of politeness. A linguistic approach to contemporary political discourse. **Annals of the University of Craiova, Series Philology. Linguistics** 2015, v. 1, n. 2, pp. 323-336, 2015.

KOCH, Ingedore; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, v. 14, n. especial, pp. 168-190, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402/28869>. Acesso em 28 out. 2023

LAKOFF, Robin. **Talking Power: The politics of language in our lives**. Glasgow: Harper Collins, 1990.

LAKOFF, Robin. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. **Papers from the ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**, v. 9 n. 1, 1973. pp. 292-305.

LEECH, Geoffrey. **Principles of Pragmatics**. New York: Longman, 1983.

LEIGHTON, Stephen. Politeness and Aristotle's Account of Virtue. In: XIE, Chaoqun (ed.). **The Philosophy of (Im)politeness**. Cham (Suíça): Springer, 2021. pp. 197-212.

LEVINSON, Stephen. A implicatura conversacional. In: LEVINSON, S. **Pragmática**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020, pp. 121-207.

LODER, Leticia. O modelo de Jefferson de transcrição: convenções e debate. In: LODER, Leticia; JUNG, Neiva. **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. pp. 127-161.

LOCHER, Miriam; WATTS, Richard. Politeness theory and relational work. **Journal of Politeness Research**, v. 1, pp. 9-33, 2005.

MAIA, Gustavo. Bolsonaro decide não participar de novos debates com adversários. **UOL**. Presidente Prudente. 22 ago. 2018. Notícia. On-line. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/22/bolsonaro-decide-nao-participar-de-novos-debates-com-adversarios.htm>. Acesso em 17 jul. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. Enunciado. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 195-197.

MARCHEZI, Natalia. **A manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face**. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.

MARCUSCHI, L. A. Coerência e cognição contingenciada. In: MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. pp. 13-30.

MARCUSCHI, L. A. **Produção de texto, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, Girllayne. Ironia em perspectiva interacional. In: BARRETO FILHO, Ricardo; NEVES, Herbertt. **Análise da interação verbal – Festschrift para Kazue Saito Monteiro de Barros**. Campinas: Pontes Editores, 2022, pp. 63-77.

MARQUES, Girllayne G. B. S. **Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias**. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MARQUES, Girllayne; BARROS, Kazue Saito M. de. Ironia como atividade política em interações on-line. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, vol. 14, pp. 366-385, 2020.

MARQUES, Girllayne; BARROS, Kazue Saito Monteiro de; COSTA, Marcelo. Ironia e (Im)polidez em tempos de eleição: um estudo a partir de compartilhamento na página Folha de S. Paulo na rede social Facebook. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIA, 6, 2015,

Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: [http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/Ironia%20e%20\(im\)polidez.pdf](http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/Ironia%20e%20(im)polidez.pdf).

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. **Política, cultura pop e entretenimento: o improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Três hipóteses sobre as relações entre mídia, entretenimento e política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, pp. 137-150, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá; ALEIXO, Tayra Carolina. Usos do entretenimento como estratégia de visibilidade política na página da prefeitura de Curitiba no Facebook. **Rumores**, v. 10, n. 20, on-line, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268348445.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

MILLS, Sara. Discursive Approaches to politeness and impoliteness. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Ed.). **Discursive Approaches to Politeness**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011, pp. 19-56.

MIOTTI, Charlene. **Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio**. 2010. 215 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MUECKE, David. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NICOLAU, Jairo. **Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2012.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

NICOLAU, Jairo. Os quatro fundamentos da competição política no Brasil (1994-2014). **Journal of Democracy em Português**, v. 6, n. 1, p. 83-106, 2017.

NOLETO FILHO, P. **Mídia e política na imagem do Congresso**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. (on-line). Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18759/midia_politica_noleto.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 out. 2023.

O'DRISCOLL, Jim. Face and (im)politeness. In: CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Daniel (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017. pp. 89-118.

OLIVEIRA, G. A constituição hegemônica de um imaginário evangélico no Brasil: um estudo sobre as transformações das identidades e práticas religiosas a partir da teoria do discurso de

Laclau e Mouffe. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32, 2008, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/64188542/Paper%20-%20Gustavo%20Oliveira%20-%20GT34.pdf>. Acesso em 15 out. 2023.

PAVARINI, G.; LOUREIRO, C.; SOUZA, D. Compreensão de emoções, aceitação social e avaliação de atributos comportamentais em crianças escolares. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 24, n. 1, pp. 135-143, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/yJMDvZkxkQmsbFNtfMfHRNj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

QUINTILIANO. **Instituciones oratorias**. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal, 2010.

RIBEIRO, Alexandro et al. Violência eleitoral recrudescu no segundo turno. **A Pública**. s.l. 12 nov. 2018. Notícia, on-line. Disponível em: <https://apublica.org/2018/11/violencia-eleitoral-recrudescu-no-segundo-turno/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

RODRÍGUEZ-ANDRÉS, Roberto. El ascenso de los candidatos outsiders como consecuencia de las nuevas formas de Comunicación Política y la desafección ciudadana. *Comunicación y Hombre*, n. 12, p. 73-95, 2016. Disponível em: <https://portalderevistas.ufv.es/index.php/comunicacionyhombre/article/view/191/190>. Acesso em 23 nov. 2023.

SARGENTINI, Vanice; REIS, Geovana. Da falsa harmonia à fala franca: as agressões verbais em campanhas eleitorais presidenciais. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 66, el. 13984, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/8JLnDFjVD6Lfg3VGr34mgxN/>. Acesso em 20 out. 2023.

SEARLE, J. What is a speech act? In: STANTON, R. **Perspectives in the Philosophy of Language: A Concise Anthology**, 2000, p. 253-268.

SEIXAS, Netília. **Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil**. 2006. 271 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SPENCER-OATEY, Helen. Rapport Management Model. In: TRACY, Karen; ILIE, Cornelia; SANDEL, Todd (ed.). **The International Encyclopedia of Language and Social Interaction**. London: Wiley & Sons, 2015. pp. 1286–1291.

SPENCER-OATEY, Helen. (Im)politeness, face and perceptions of rapport: unpacking their bases and interrelationships. **Journal of Politeness Research**, v. 1, pp. 95-119, 2005.

SPENCER-OATEY, Helen. Conceptions of social relations and pragmatics research. **Journal of Pragmatics**, v. 20, pp. 27-47, 1993.

SPENCER-OATEY, Helen. Conceptualising ‘the Relational’ in Pragmatics: Insights from Metrapragmatic emotion and (Im)politeness comments. **Journal of Pragmatics**, v. 43, pp. 3565-3578, 2011.

SPENCER-OATEY, Helen. Face, (Im)Politeness and Rapport. In: SPENCER-OATEY, Helen (ed.). **Culturally speaking: culture, communication and politeness theory**. London; New York: Continuum, 2008. pp. 11-48.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance: Communication and cognition**. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1995.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. On verbal irony. **Radical Pragmatics**, Cole, p. 295-318, 1981.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação – exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Editora AGE. 1998. p. 120-141.

TERKOURAFI, Marina. Beyond the micro-level in politeness research. **Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture**, v. 1, n. 2, pp. 237–62, 2005.

TRACY, Karen. Facework and (im)politeness in political exchanges. In: CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Daniel (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017. pp. 739-758.

TSELIKA, Aikaterini. Irony as an impoliteness tool: an exploration of irony’s intentionality, cancellability and strength. **Athens Journal of Philology**, v. 2, issue 2, p. 89-108, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013e [1926]. p.131-156.

WATTS, Richard. Linguistic politeness and politic verbal behaviour: reconsidering claims for universality. In: WATTS, R.; IDE, S. EHLICH, K. (ed.). **Politeness in language: studies in its history, theory and practice**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 43-70.

WATTS, Richard. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

WODAK, R.; CULPEPER, J.; SEMINO, E. Shameless normalisation of impoliteness: Berlusconi's and Trump's press conferences. **Discourse & Society**, v. 32, n. 3, pp. 369-393, 2021.

XENOFONTE. **Banquete e Apologia de Sócrates**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2008.